This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at http://books.google.com/

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

M
1895

DOMI MINA
NUS TIO
ILLU MEA

Taylor Institution.

H. 194.

M
1895

DOMI NUS ILLU MINA TIO MEA

Taylor Institution.

H.194.

27B e 7 a 19

M
1895

DOMINUS ILLUMINATIO MEA

Taylor Institution.

H. 194.

MISCELLANEA
CURIOSA, E PROVEITOSA,
OU
COMPILAÇAÕ,
Tirada das melhores Obras das Nações Eſtrangeiras;

*Traduzida, e ordenada por *** C. I.*

Turpe eſt ignorare quod omnibus ſcire convenit.
Ariſt.

TOMO IV.

LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

MDCCLXXXII.

Com Licença da Real Meza Cenſoria.

MISCELLANEA CURIOSA, E PROVEITOSA.

CARTA AO EDITOR.

SENHOR FRANCISCO ROLLAND.

A NOSSA amizade defculpará, que eu o haja de aconfelhar, fem V. m. me pedir confelho. Porém hum dos effeitos da boa amizade confifte em dar aos amigos confelhos uteis, e proveitofos. E como ifto he para utilidade da Patria, tambem, como amador da minha Patria, devo promover de todo o modo que poffo, tudo quanto puder concorrer para o defabufo, augmento, e perfeiçaõ defta Naçaõ, que em todos os tempos tem brotado Homens em todas as Artes, e Sciencias, que deraõ brado nas Nações eftranhas, e na noffa. Os noffos Livros tem fido bem acolhidos de todos os Reinos, faõ bufcados de todas as Nações. Deixe gritar os noffos máos, ou fuperficiaes Patricios, que nós naõ temos Livros bons. He o melhor final, de que naõ tem lido coufa alguma, nem os conhecem. Naõ ha dúvida, que nós temos muitos Livros, em que nenhuma outra coufa fe acha fenaõ puerilidades, quimeras, e falfidades.

dades.

dades. Mas com tudo ainda neſtes meſmos ſe encontra muita couſa boa; em huns a linguagem; n'outros a Eloquencia, e em muitos a Verdade, e a Politica. Se nós fizermos a differença de Seculos a Seculos, acharemos eſtas bellezas. Até em Politica, de que nos accuſaõ de naõ termos nada; ha muita couſa, donde ſe podem tirar grandes utilidades. Se agora olharmos para o Seculo paſſado veremos, que hum Monarca com hum coraçaõ taõ grandioſo como o Senhor D. Joaõ V. ſe affadigou em extremo para conſervar a noſſa boa litteratura, creando huma Real Academia, querendo revocar do eſcuro eſquecimento, em que eſtavaõ as Bellas Letras, as Mathematicas, a Filoſofia, e as Sciencias naturaes, e a Medicina. Mas quando ſe traçavaõ os planos, ſe determináraõ as ordens, ſe fulmináraõ contra taõ bons, e uteis Eſtabelecimentos aquelles raios, com que a ignorancia, e o fanatiſmo coſtuma embaraçar todo aquelle eſtabelecimento, que he util. Nós que ſabemos a Hiſtoria dos tempos, conhecemos muito bem os motivos, e o que aconteceo. A continuada moleſtia, e a apreſſada morte de hum taõ Bom, e Grande Monarca, cortou em agraço a raiz da depurada Litteratura. Mas toda eſta ſcena totalmente mudou de face, com as ſabias, e proveitoſas providencias, com que o Senhor Rei D. Joſé I. de glorioſa memoria, reſtituio a noſſa Litteratura ao ſeu antigo eſplendor, fazendo reviver nos ſeus dias a sã Litteratura, com que ennobrecêraõ a eſte Reino os Oſorios, os Andrades, os Gouveas, os Barros, os Camões, os Sás, os Albuquerques, os Menezes, os Reſendes, os Teives, cujos reſpeitoſos nomes duraráõ, em quanto durar o Mundo, naõ ſó no noſſo Conti-

nente,

nente, como ainda nas Nações estranhas.

Bem escusado he hoje o dizer nada a respeito do que experimentamos no ditoso Reinado da nossa Fidelissima Soberana, nós vemos, que esta Senhora naõ só quer conservar todo o bem, que os seus Soberanos Predecessores fizeraõ, mas augmentar, reformar, e estabelecer tudo, de maneira, que possa fazer a esta Naçaõ feliz, e affortunada.

Eu estimo estas boas fórmas, e idéas, e tambem o zelo, com que muitos bons Portuguezes se tem esmerado em querer desabusar, e augmentar a nossa Litteratura, e introduzir neste Reino todas aquellas Maximas, com que os Homens se illuminem, e augmentem os seus pensamentos. Assim tenho visto franqueadas muitas Obras, que nos servem de muita utilidade. Destas tem apparecido as suas traducções, que utilizaõ muito aquelles que ignoraõ as linguas, em que as Sciencias, ou Artes, ou Historia estaõ. O certo he, Amigo, que aquelle Paiz, aonde todos lem, e ainda o mesmo Povo, he o mais polido, mais religioso, e mais obediente aos Soberanos. A razaõ, porque as Nações barbaras prohibem a liçaõ, e a applicaçaõ ás Artes, e Sciencias, he para que os seus Póvos naõ conheçaõ nunca o erro em que estaõ, a má, e pessima Religiaõ que seguem; e elles possaõ impunidamente commetter quantos despotismos quizerem. A ignorancia faz, com que se naõ conheçaõ as diversas Jerarquias das pessoas. No paiz civilizado, e sabio naõ se desattende a ninguem. Conhecem-se os Homens. Estimaõ-se os Grandes, respeitaõ-se os Nobres. Saõ obedecidos os Magistrados. Ama-se a Patria. Se naõ temêra ser notado de querer os-

tentar

tentar erudiçaõ em huma Carta, eu lhe referiria factos acontecidos em algumas Nações, onde a ignorancia tem sido a causa de immensas desordens, e muitos Monarcas perdêraõ felicissimas occasiões de se assomarem sobre as outras; porque muitas vezes ouvíraõ vozes ignorantes, que lhes gritavaõ aos ouvidos o contrario do que lhes era proveitoso. Naõ só o dizem as Estrangeiras Historias, como a nossa mesma.

Ora com razaõ V. m. deve ter hum lugar distincto entre os bons Portuguezes, porque tem tido o desejo de introduzir neste Reino Obras uteis, já reimprimindo os nossos bons Authores, já mandando traduzir todas aquellas Obras, que pódem servir de illustrar a quem naõ tiver maiores conhecimentos. Outro podéra ser, que naõ lhe importasse senaõ a sua conveniencia, ou interesse. Pois muitas das suas Obras nem todos as quereráõ comprar, porque muitos mais querem daquellas Obras, que só sirvaõ a corromper os costumes, do que a fazellos, e a tornallos melhores, e deste modo se expoem a ter o seu dinheiro empatado. Mas eu naõ posso deixar de lhe dizer, que he incomparavel a idéa, que teve da Composiçaõ desta *Miscellanea*. Aqui se encontra com o util, e com o deleitoso. He huma Obra, que para todos serve. Como V. m. se lembrou de que nella entrasse tudo o que póde concorrer para illuminar aos Homens, tecendo-a com passagens sobre Artes, Sciencias, Mecanica, e tudo o que póde ser conveniente para a vida já Civil, já Christã, estou certo, que terá dos outros taõ bom acolhimento, como em mim tem achado. E lhe peço naõ esmoreça na continuaçaõ de semelhante composiçaõ. Porque estes Livros

vulgarmente se espalhaõ, todos os quereráõ, e á proporçaõ que se lem, talvez que os Homens se vaõ desabusando, e recebendo uteis impressões. Peço-lhe como Amigo, que nella introduza sempre ou Dissertações, ou Tratados ainda sobre a lingua Portugueza, sobre Eloquencia, sobre Poetica. Ou algumas Composições vulgares em prosa, ou em verso. Este tem sido o methodo observado em todas as Nações; porque nestes pequenos Tratados muitas vezes apparecem cousas, que com difficuldade se acharáõ em grandes Tratados, naõ importa que os estilos sejaõ differentes; naõ deve só ter aquelles lugares, que o Author traduzio, mas tambem todas aquellas Composições, que alguns Portuguezes lhe remetterem a V. m. para que as publique. E tambem algumas Criticas feitas a alguns objectos, com tanto que sejaõ modestas, doutas, judiciosas, e politicas, que naõ tenhaõ o ar satyrico, que naõ demonstrem os Authores das Obras, que dellas se naõ conheça, nem pela mais leve sombra a pessoa. Mas estas convem que sejaõ feitas só a vicios dominantes em geral, e nada em particular. Pois vivemos em huma Monarquia, somos civís; deixemos este terrivel uso para os Paizes livres, e faltos de Religiaõ, e naõ approvemos nunca semelhante methodo, que merece summa attençaõ dos Tribunaes, que devem vigiar pelo socego do Estado; dos Magistrados que os regem; pelas pessimas, e perniciosas consequencias, que traz comsigo a solta, e desenvolta mania, com que muitos Homens, que sem vida, nem officio, nos entulhaõ as ruas da Cidade; descompondo os mais graves Cidadãos de Athenas, em petulantes, errados, e indignamente chamados Sonetos, Decimas, e Tro-

vas.

vas. Contra os quaes clamaõ as Leis Civís, as Politicas, e as Naturaes, e em todas as Nações tem sido affrontosamente castigados os seus Authores. Desejára que nesta nossa Naçaõ todos se persuadissem desta verdade, e que amiudadamente se prégasse, e escrevesse contra semelhante abuso. Porque prejudicando isto muito ao augmento das letras, arruina muitas vezes os mais uteis estabelecimentos politicos, e até, Amigo do coraçaõ, temo, e assusto-me só de contar, de dizer.... até o mesmo sagrado, e respeitavel Throno muitas vezes naõ escapa, e os seus Ministros. E porque acontece naõ se castigarem aquelles, que vivem eternamente, e que se sustentaõ com o satyrizar descomposta, e erradamente aos outros; sendo membros inuteis da República.

Quanto deve ser louvado o amor, com que V. m. e outros tem procurado o illuminar aos outros, buscando aquelle methodo, com que todas as Nações civilizadas da Europa se tem aperfeiçoado, e augmentado. Rogo-lhe que me vá mandando todos os Tomos que forem sahindo, e que observe o methodo que lhe aconselho. Hoje podemos todos concorrer affoutamente para o bem da Naçaõ. Pois ao exemplo dos Reis todos os mais se moldaõ. Os nossos Monarcas desvelaõ-se pela pública utilidade, e querem que nós saibamos, que nos enriqueçamos, que mais, e mais nos civilizemos. O seu Ministerio tem os mesmos sentimentos. Nós o vamos experimentando. A Naçaõ está cheia de Ministros sabios, de Religiosos illuminados, de Tribunaes zelosos do bem da Naçaõ, de Fidalgos que se interessaõ pela Patria, e hoje temos huma porçaõ, que sahíraõ da nossa Universidade, que pódem seguramente com-

competir com os grandes Homens do Seculo de quinhentos. Tudo nos he util. E até V. m. sendo Estrangeiro no nascimento, em lugar de querer lucrar com os generos da sua Naçaõ, e naõ lhe importar nada desta Naçaõ, pelo contrario, só o que quer he o que nos possa aproveitar, e instruir aos que naõ tiverem maiores luzes; se bem que a sua *Miscellanea* para todos he conveniente. Nesta Universidade tem tido boa acceitaçaõ. Desejarei que me dê as suas determinações, e mande-me sempre o seu Catalogo de Livros, para me ir refazendo, já que cheguei a tempo de me aproveitar, e eu sou, e serei

De V. m.

Coimbra 10 de Julho de 1780.

Amigo muito venerador do C.

J. A. de V. M. e M.

P. S. Naõ esqueça mandar-me todas as Traducções do Capitaõ Manoel de Sousa, como saõ:

Tratado das Obrigações da Vida Christã, em 2 Vol.

Imitaçaõ da SS. Virgem, em 12.

Modo de fomentar a Industria do Povo, em 8.

Bom Lavrador, e Boa Lavradora.

A Traducçaõ da Historia de Portugal por la Clede, se já estiver impressa.

PRO-

PROGRESSO DA NAVEGAÇAÕ,

E Commercio depois do descobrimento da Bussola.

NO tempo de Thales, Aristoteles, e Plinio, se conhecia a virtude attractiva da pedra iman, ignorava-se porém o seu maior prestimo, que he a de apontar sempre hum dos seus lados, e sempre o mesmo, para hum dos Polos, quando se acha livremente suspensa. A pezar de todas as indagações dos Sabios, naõ se sabe precisamente a época, nem o Author deste descobrimento: Nunca soubemos o nome de quem inventou a Bussola, e a agulha tocada no iman, nem quando se começou a usar della na navegaçaõ; blazonaõ os Chinas de terem conhecido a sua prática tres mil annos antes do nascimento de Nosso Senhor no reinado do Imperador Ouangti. Vossio, Thevenot, e o Padre Martini saõ desta opiniaõ, quando confessaõ, que aquelles Póvos se servem deste instrumento de hum tempo immemorial. Até se lê no Padre Martini (Hist. da China L. IV.) que 500 annos antes de Jesu Christo o Imperador Ching fez presente a hum Embaixador d'huma maquina, que se alinhava ao meio dia, e que dirigia os viajantes no seu caminho. Mas o Padre Kirker (L. III. Cap. VI. de Art. magn) he contra esta opiniaõ.

Os Francezes tambem pertendem arrogar a si a honra deste descobrimento. Citaõ para isto alguns versos de hum Poeta Provençal, chama-

do Guyot de Merville, que vivia em 1181, e que com o nome de Marinette, ou pedra dos Marinheiros, parecem inculcar a Bussola. Accrescentaõ em confirmaçaõ do seu sentimento, que a flor de lis, symbolo proprio da Naçaõ Franceza, serve ainda hoje de apontar o Nórte no quadrante das Bussolas. Habeis Filosofos quaes saõ Muschembroeck (diss. sobre o iman) attribuem esta invençaõ ao Veneziano Marco Paulo, e Dechales (de navig. L. III. de pix. magnet) conta, que segundo alguns Escritores este navegante deo a conhecer na Europa a agulha tocada, quando voltou de China. Até os mesmos Alemães, e Inglezes aspiraõ á gloria de que se trata. Os primeiros se fundaõ na authoridade de Goropio e os ultimos citaõ por fiador Sturmico, que diz que o Franciscano Inglez Rogero Bacon foi o primeiro que inventou a Bussola. Seguraõ outros Authores que este segredo foi achado pelos fins do 13 Seculo por Flavio, ou Joaõ Gioia, natural de Almafi, no Reino de Napoles.

Naõ nos compete dar sentença nesta questaõ célebre, mas sómente devemos advertir que naõ ha próva certa da existencia da Bussola antes do anno 1400, ou 1411, que he a éra em que os Portuguezes começáraõ a descobrir o novo Mundo com este instrumento: esta he a época d'huma notavel revoluçaõ na navegaçaõ dos Europeos: animou ella os Venezianos, e Genovezes a continuarem o vantajoso commercio, que faziaõ nas escallas do levante, e os Póvos do Nórte, que muito tempo antes tinhaõ formado a célebre Sociedade Anseatica, se dispozeraõ desde entaõ para viagens de longa duraçaõ.

A prosperidade, e a riqueza das Nações com-

commerciantes, principalmente dos Venezianos despertárao a emulaçaõ, ou talvez a inveja do Infante de Portugal D. Henrique, Filho terceiro de D. Joaõ I. Este Principe valente, e naturalmente inclinado a grandes emprezas, formou o designio de abrir novo caminho para as Indias, pelo qual chamasse ao seu Reino o Commercio de Veneza. Com esta tençaõ buscou as instrucções geograficas, que lhe eraõ necessarias, e naõ lhe permittindo a ancia, com que se aplicava, demorar-se mais tempo, despachou em 1415 dous Navíos, que partíraõ de Tercanabal, Cidade do Reino do Algarve, com ordem de correrem as Costas Occidentaes da Africa, e reconhecerem o Paiz. Chegados os Portuguezes ao Cabo Bojador encontráraõ na ponta deste promontorio huma corrente muito rápida, e naõ se affoutáraõ passar ávante. Joaõ Gonçalves, e Tristaõ Vaz descobriraõ em 1418 a Ilha de Porto Santo: a da Madeira em 1419, e ultimamente em 1432 Gilannes Lancelote dobrou animosamente o Cabo Bojador: estes successos alentáraõ as esperanças dos Portuguezes, e os inclináraõ a dar-se cada vez mais á navegaçaõ, de sórte que em 1445 descobriraõ a Ilha de Arguim, e de Cabo Verde.

Naõ posso deixar de fazer hum reparo importante para segurar aos Venezianos a honra do descobrimento das Ilhas de Cabo Verde, que alguns Escritores tem diligenciado tirar-lhes. Para este fim huns poem este successo 12 annos mais cedo, e o attribuem a Denis Fernandes: outros o fixaõ seis annos mais tarde, e o imputaõ a Antonio Noli: he certo, que este descobrimento se deve a Luiz de Mosto, Filho de Joaõ de Pol. (vejaõ-se as Relações das viagens de Luiz de

Mos-

Mosto escritas por elle mesmo, e inxeridas no Novus Orbis.) Este cavalleiro Veneziano anciofo de gloria, e de riquezas veio a Portugal de idade de 22 annos, e se embarcou em 1455 sob os auspicios do Principe Henrique em huma caravella que este lhe deo, mas quasi esquipada á sua custa. Fez se á vela a dous de Março, e navegando até Gambia além de Cabo Verde, reconheceo varios Paizes, e varios Póvos, antes ignorados: quando se recolheo, Henrique lhe deo todas as próvas de estima; e affecto: e desejando o nosso navegante fazer segunda viagem a Gambia se associou com Antonio Uso de Maro, cavalleiro Genoves, que antes encontrou na altura de Cabo Verde, e tornou com elle ao Mar no 1 de Maio do anno seguinte. Henrique lhe deo huma Caravella, para os acompanhar. Deo-lhes hum grande temporal á vista de Cabo Branco, que durou tres dias, e duas noites, e os lançou para as Ilhas de Cabo Verde, que ainda naõ eraõ conhecidas: reconhecêraõ elles sinco, huma foi chamada Boa Vista por Luiz de Mosto para memoria de alegria, que teve de a encontrar pela primeira vez: á outra se pôz o nome de Sant-Iago em memoria deste Santo, cuja festa se celebrava em Portugal no dia em que delle partíraõ. Elle deixou a relaçaõ do seu descobrimento, e das mais circunstancias da sua viagem, peça muito mais preciosa por ser o mais antigo monumento, que nos resta dos primeiros descobrimentos dos Portuguezes. M. Toscarini, a quem a litteratura Portugueza deve tamanhas obrigações prometteo dar próvas do facto, de que tratamos, e de restabelecer o credito, que a emulaçaõ pertende roubar ao seu Compatriota.

Tor-

Tornando aos Portuguezes : o conhecimento das Costas Occidentaes da Africa , naõ fez mais do que augmentar o desejo, que tinhaõ de abrir caminho para as Indias. Porém huma Costa, que nunca acaba , cujos limites pareciaõ apresentar-lhes huma barreira invencivel : por ventura no Reinado de Joaõ II. no anno de 1486 Bartholomeo Dias descobrio o famoso Cabo, que termina a Africa pela parte do Meio Dia, chamado o Cabo da Boa Esperança

Joaõ II. tivera ao seu serviço o célebre Christovaõ Colombo, Genovez, Homem que a huma grande intrepidez unio os creditos do primeiro Geografo, do mais habil Marinheiro do seu tempo. Este tinha reconhecido os erros das Cartas de Ptolomeo , que das Terras incognitas poem termo á Africa , e fundado em conjecturas muito verosimeis, se persuadio que havia hum caminho para chegar ás Indias mais facil , do que o que entaõ se tentava : communicou as suas idéas com o Rei D. Joaõ , e lhe offereceo huma Carta na fôrma do seu systema , porem este Principe naõ fez caso da sua opiniaõ , os Genovezes , e Inglezes recusáraõ igualmente as suas propostas.

Colombo recorreo a Fernando Rei de Castella, que depois de estar longo tempo indeciso condescendeo por fim com as suas importunações. Partio o nosso Nautico do Porto de Palos no mez de Setembro de 1492 com tres Navios muito mal esquipados; hum valor menos intrepido, que o seu soçobraria com infinitas difficuldades , que experimentou nesta viagem , tanto do Mar , como dos ventos, e das pessoas , que o acompanhavaõ , que se revoltáraõ muitas vezes contra elle ; mas venceo todos estes obstaculos sem se

des-

desviar do caminho, que tinha apontado. Com tudo em vez de chegar á China, que era o principal termo da sua viagem descobrio varias Ilhas no Oceano, e hum grande Continente, a que depois se deo o nome de Indias Occidentaes: e com isto provou ao Mundo todo no espaço de 17 mezes, que elle se naõ enganou em julgar mal das Cartas de Ptolomeo. Aportou em huma das Ilhas Lucayas, e tendo descoberto as Antilhas, Cuba, Jamaica, &c. satisfeito do successo da sua entrepreza se recolheo á Europa, trazendo em sua companhia alguns moradores daquellas Ilhas, ouro, pedraria, e outras curiosidades, que comprovassem o seu descobrimento. De passagem fez escalla por Lisboa, e comprimentou o Rei de Portugal. Vendo este Principe com seus olhos a realidade das promessas de Colombo, a quem naõ quizera acreditar, teve grande arrependimento, e fez a este Homem o recebimento, que merecia o seu prestimo. Rejeitou com horror as insinuações, que lhe fizeraõ alguns dos Fidalgos, ciosos da gloria, e vantagens da Naçaõ Hespanhola, e que o aconcelhavaõ que o mandasse matar. Aos 13 de Março de 1493 tornou Colombo a entrar no Porto de Palos. O Rei o recebeo em triunfo entre vivas de innumeravel Povo, que atroava os ares com louvores: fez depois outras viagens, que deraõ occasiaõ a novos descobrimentos, e estabelecimentos no novo Mundo.

Naõ era Colombo o unico, que ajuizava, que se podia hir ás Indias Orientaes por differente caminho, do que o que buscavaõ os Portuguezes. Sebastiaõ Filho de Joaõ Cabot, Veneziano, tinha já tido a mesma idéa, até parece, que elle foi o primeiro, que se occupou do desi-

ſignio de tentar huma paſſagem pelo Nórte. Eſte Navegante tinha talento, e experiencia igual a qualquer outro na Marinha, a que ſe tinha dado deſde os primeiros annos em huma viagem, que ſeu Pai o obrigára a fazer a Inglaterra, e depois ſe occupou conſtantemente no exercicio deſta proſiſſaõ. Communicou os ſeus projectos, e offereceo o ſeu preſtimo aos Inglezes, que os recebêraõ contentes, reconhecendo a falta, em que tinhaõ cahido, rejcitando os offerecimentos de Chriſtovaõ Colombo. Henrique VII. Rei de Inglaterra lhe deo a Capitania de huma frota em 1496, com ordem de navegar para o Nórte da America a buſcar por alli caminho para as Indias, porém o ſucceſſo naõ correſpondeo ás ſuas eſperanças; mas iſto naõ deſalentou Cabot, e inflammado do deſejo de fazer algum deſcobrimento importante, adquirio cada dia nóvos conhecimentos, e tanto credito neſte genero de eſtúdos, que o eſcolhêraõ por Chéfe de huma companhia de Commercio que ſe erigio em Londres, para paſſar ao deſcobrimento de Terras incognitas. A Naçaõ Ingleza lhe deve o progreſſo da ſua navegaçaõ, e as de mais vantagens, que daqui ſe lhe ſeguíraõ, e fizeraõ com que foſſe huma das mais ricas, e reſpeitaveis Potencias da Europa. Cabot tambem eſteve no ſerviço de Carlos V. Rei de Heſpanha, de quem foi eſtimado, e honrado; Devem-ſe eſtimar os Venezianos como huma Naçaõ, que mais tem contribuido para o progreſſo da Navegaçaõ, e pelos primeiros marinheiros que em todo o tempo tem produzido a Republica, e que tem merecido o amor, e confiança dos Principes Eſtrangeiros.

Ainda que a gloria do deſcobrimento das In-

Indias se dava inteiramente a Christovaõ Colombo, como já vimos, isto naõ embaraçou, que hum negociante Florentino chamado Americ Vespucio, que passou para lá tres annos depois delle, desse o seu nome a este vasto Continente, arrogando-se injustamente hum direito, que sómente pertencia ao que tinha dado os primeiros conhecimentos deste novo Mundo. Vespucio públicou esta Relaçaõ das suas viagens, e dos seus pertendidos descobrimentos, que dedicou a René, Rei de Jerusalem, e de Sicilia, Duque de Lorena.

Em 1519. Fernando Magalhães Portuguez tendo recebido alguns desgostos na sua Patria se foi offerecer a servir a Carlos V. para hir aos Mares da India da parte do Meio-Dia. Este Monarca attendeo ás suas propostas, e lhe deo o mando de 5 Navios, com os quaes navegou até 50 gráos de Latitude Meridional, e deo o seu nome ás terras, e estreito visinho, que descobrio: Ainda que Magalhães falleceo nesta viagem, sempre conseguio o fim premeditado: os sinco Navios da sua esquadra chegáraõ ás Molucas pelo caminho, que elle tinha seguido. O seu plano guiou Gonçalo Gomez Spinosa, e depois delle Sebastiaõ Cano; e assim se póde dizer que elle foi o primeiro, que mostrou, que se podia fazer Volta do Mundo em tres annos: este exemplo foi seguido por Drack Cavendish, e Huygens &c., que effectivamente gyráraõ todo o Mundo; e por elles se veio no conhecimento de ser a figura da terra esferica.

Os Hespanhoes, depois de terem descuberto a America, se fizeraõ pouco a pouco senhores das tres melhores, e mais ricas Provincias desta

parte do Mundo. Fernaõ Cortes no Mexico, e Perú, Francisco Pizaro no Chili leváraõ o terror com o estampido, e mortifero effeito da artilheria, incognita a estes Póvos. A Hespanha estendeo além disso o seu Imperio pelas costas, desde o Isthmo de Panama até á Orenuca, e pela nova Andaluzia, Paraguay, Ilha de Cuba, Porto-Rico, Trindade, Santa Margarita.

As riquezas, e o ouro que os Hespanhoes tiravaõ do Novo Mundo, despertáraõ vivamente a ambiçaõ de outras Nações, e as incitáraõ a que fizessem as maiores diligencias para se estabelecerem nelle. O Brazil coube em dote aos Portuguezes. Os Hollandezes tomáraõ Surinam, Paiz da America Meridional sobre a costa que lava o Rio das Amazonas, e as célebres Ilhas Curaçáo, além de outros varios estabelecimentos na nova Andaluzia. Os Inglezes se fizeraõ senhores de huma grande porçaõ da America Septentrional, da Ilha da Terra-Nova, da Acadia, Nova Inglaterra, Nova-York, que já tinha o nome de Nova Hollanda, da Pensilvania, de Meryland, Virginia, Jamaica, Bermudes, Barbadas, e mais algumas Ilhas Caraibas. Os Francezes occupáraõ a Ilha de Cayena, o Canada, Cabo Breton, e parte da Florida, a Ilha de S. Domingos, da Martinica, e muitas das Caraibas: da Ilha de S. Joaõ, e diversas terras da Nova Andaluzia, fazendo duas fortalezas na fóz, e visinhanças do Missisipi. Ultimamente os Dinamarquezes se foraõ estabelecer em huma das Celebes, e na Ilha de Saõ Thomaz. Destas terras se tiraõ pelles, azeite de peixe, tabaco, ouro, prata, esmeraldas, assucar, cacáo, perolas, baonilha, &c.

Ao mesmo tempo que os Hespanhoes dilata-

vaõ

vaõ as ſuas Conquiſtas na America, os Portuguezes cioſos dos lucros, que elles tiravaõ, e envergonhados de naõ terem ainda dobrado o Cabo de Boa-Eſperança, tornáraõ ao projecto que já tinhaõ concebido de buſcar para eſta parte huma paſſagem para as Indias.

Succedeo Manoel a D. Joaõ, e naõ teve menos empenho do que ſeu Anteceſſor de levar ao fim eſta empreza: armou tres navios, cujo mando deo ao Almirante, Vaſco da Gama; cujo valor, e experiencia pareciaõ abonar o ſucceſſo deſte grande negocio: Vaſco ſe fez á véla do porto de Lisboa em 8 de Julho de 1497, e tendo dobrado o Cabo de Boa Eſperança, deo fundo no fim de treze mezes no porto de Calicut, o mais célebre Imperio das Indias Orientaes. Eſte Almirante, e depois delle Cabral Pacheco de Almeida, e o Grande Albuquerque arruináraõ o commercio, que os Mouros de Meca faziaõ por aquellas partes, e ſe aſſociáraõ com os Principes Indios, parte por bem, e dadivas, parte por terror e violencia, e ſe apoſſáraõ das mais ricas Provincias da Aſia. Goa, Malaca, Ormúz, Dio, Cochim, Bengala, Sumatra, as Malucas, Macao, Ceilaõ, Cambaia, e Malabar foraõ tantos florões precioſos que ſe accreſcentáraõ á Coroa de Portugal.

Porém ſe os Portuguezes tendo penetrado a India pelo Cabo da Boa-Eſperança retiráraõ grandes proveitos da correſpondencia, que alli tinhaõ eſtabelecido em damno dos Venezianos, que antes delles tinhaõ eſte commercio, tambem ſe fizeraõ a ſi meſmo hum grande damno, enſinando eſte caminho ás outras Nações: o ſeu exemplo as eſtimulou com huma violenta ancia de entra-

rem em Paizes, donde vinhaõ tantas riquezas. Estas Nações indagáraõ logo algum caminho para lá chegarem, mas naõ o encontrando resolvéraõ seguir o mesmo que os Portuguezes tinhaõ aberto, do que succedeo serem aquelles privados de grande parte das suas possessões pelos Hollandezes. Aquelles Republicanos, tendo estabelecido a sua Potencia, de que ainda hoje gozaõ, sobre as ruinas de estabelecimentos fundados por outras mãos, estaõ senhores do commercio o mais florescente, cujo centro he Batavia. Esta Cidade muito bem assentada he á Capital da Ilha de Java: o Governador que alli reside he nomeado pela Companhia Hollandeza das Indias Orientaes. Além das Feitorias tomadas aos Portuguezes tem esta República huma Geral Feitoria em Ongheli, e outros estabelecimentos em Siam, na Ilha de Bronco, e na Ilha de Celebes, e outras partes.

As Indias Orientaes foraõ igualmente hum objecto de emulaçaõ para os Inglezes, Francezes, Dinamarquezes, e Hespanhoes. Os primeiros estaõ senhores de Madras na Peninsula Occidental do Indo, sem fallar de outros muitos sitios vantajosos, que occupaõ em Siam, Sumatra, na Costa de Coromandel, em Surrate, Bombaim, Mogol, &c. Os Francezes estabelecêraõ-se no Malabar, Massulipatan, e Marguri: na Costa de Coromandel tem Pondicheri, Chandernagor, &c. Os Dinamarquezes saõ senhores de Tranquebar, e os Hespanhoes possuem as Ilhas dos Larrons, e as Filippinas, chamadas assim do nome de Filippe II., Rei de Hespanha, que as conquistou. Estas Nações fazem nestes differentes sitios hum commercio dè grande lucro em ouro, prata, cobre,

pe-

pedras preciosas, drogas, e especiarias, em chitas, algodaõ, seda, e veludos.

Além destes estabelecimentos nas Indias Orientaes tem os Europeos fundado Feitorias, e Colonias em varias partes da Africa. Os Hollandezes, e Portuguezes em Guiné, no Reino de Congo, e na Cafraria. Em 1680 edificáraõ os Hollandezes no Cabo de Boa Esperança huma fortaleza de pedra, e cal, com 60 peças de artilharia, onde está hum Governador encarregado de conservar a navegaçaõ da India. Os Inglezes se apoderáraõ de Capo-Corso, e de Enjachem; e tem hum forte na Ilha de Madegascar, e hum fortim em Santa Elena. Os Francezes estaõ senhores das Ilhas de Bourbon, e Mauricia. Os Dinamarquezes tem duas fortalezas em Guiné.

Quando os Hespanhoes se estabelecêraõ, como fica dito nas Indias Occidentaes, e os Portuguezes nas Orientaes, as viagens, que fizeraõ para alargar os seus Dominios com novos descobrimentos, e conquistas deraõ occasiaõ a encontrarem-se muitas vezes os seus Pilotos, e isto suscitou grandes discordias entre estas duas Nações: consentiaõ em se repartir entre ellas o Novo Mundo, mas naõ se ajustavaõ na posiçaõ dos limites respectivos da sua jurisdicçaõ: louváraõ-se no Papa Alexandre VI. para este sentencear este singular processo, e desejandó o Summo Pontifice contentar igualmente ambas as partes, repartio o Globo Terreste em dous hemisferios por meio de hum primeiro Meridiano, que lançou pelas Ilhas dos Açores, assignando aos Portuguezes a parte Oriental, e a Occidental aos Hespanhoes, porém esta divisaõ naõ acalmou a differença: quizeraõ primeiramente mudar o Miridiano, que o Papa

ti-

tinha defignado, e determinar outro, a que chamárao Linha de demarcaçaõ. As Ilhas Molucas foraõ depois affumpto de novas difficuldades, pertendendo ambas, que deviaõ entrar na fua partilha. O motivo difto era a ambiçaõ, que dava calor a efta querela, por quanto eftas Ilhas produzem grande quantidade de efpeciarias, o que deo motivo a chamar-lhe Voffio hum pleito de Drogiftas. A difputa durou muito tempo, e os que a quizeraõ terminar amigavelmente entráraõ em difcufsões, que fó servíraõ de a enredar mais, e recorrêraõ ás armas. Os Portuguezes fendo vencedores fizeraõ defpejar os Hefpanhoes das Ilhas que eráõ motivo de conteftaçaõ; mas naõ durou muito o feu triunfo, e foraõ depois expulfos dellas pelos Hollandezes ajudados dos Indios.

Eftes immenfos Paizes naõ podêraõ faciar a fede dos defcobrimentos: pertendeo-fe navegar mais ávante, ifto he, até aos Pólos. Os Hollandezes nos fins do Seculo XVI. reconhecêraõ para a parte do Nórte a Nova Zembla no Mar branco, e a Ilha de Spitzberg: os Dinamarquezes defcobríraõ a Nova Dinamarca: e vaõ tambem a Groelandia com os Inglezes, e outros a pefcarem a balea; deftes Paizes Septentrionaes fe tiraõ oços, e oleos defte peixe, pelles, ruibarbo, e outras drogas.

Além que fe naõ penetraffe tanto para o pé do Pólo Antarctico, naõ tem deixado os Hollandezes de defcobrir para efta parte a Nova Hollanda, a Carpentana, o Paiz de Diemens, a Nova Zelandia. Em 1616 vio Jaques o Maire a ponta da Terra do fogo, que elle chamou Cabo-Horn, do nome da Cidade em que elle nafceo; os Hefpanhoes acháraõ a Nova Guiné em 1528;

e a

e a Terra de Quiros em 1606, a qual tem este nome de Fernando Quir, que a descobrio.

Estas explicações saõ bastantes para provar quaõ util tem sido aos Homens a invençaõ da Bussola: com ella he que voando os Navegantes de hum a outro Pólo tem descuberto tantas Terras, que se naõ presumia que existissem. Sabe-se que o Mundo antigo, qual o descrevem os Historiadores Gregos, e Romanos, tinha por limites o Ganges ao Levante, as Ilhas Canarias ao Poente: o progresso da Navegaçaõ, e do Commercio, que foraõ huma consequencia da invençaõ da Bussola, nos tem barateado as ricas producções dos Paizes mais remotos, e nos tem notavelmente augmentado os humanos conhecimentos, e os moveis da Industria grangeáraõ novo vigor. Hoje temos noticia de todos os meios, que pódem conduzir para chegar á sua perfeiçaõ a sciencia da Marinha, e todos os Paizes do Universo podem estabelecer entre si huma correspondencia reciproca, e huma communicaçaõ de bens naõ interrompida.

MEMORIA

Acerca das qualidades, e uſo dos Salgueiros, e o melhor modo de os cultivar.

Differentes eſpecies de Salgueiros, e ſuas qualidades.

O SALGUEIRO dá-ſe nos lugares humidos, e creſce com muita preſteza: he vulgar nos noſſos Climas, onde vulgarmente naſce pelas ribas dos rios, nos prados, e terras pantanoſas: ha poucas arvores, que engroſſem taõ depreſſa, e que deitem tamanha cópia de ramos, quando encontraõ boa terra, e as ſuas boas qualidades o fazem ſer das mais uteis á ſociedade, que uſa delles em muitas couſas.

Ha varias caſtas de Salgueiros: o mais notavel he o vermelho, e o branco, que em certas Provincias lhe chamaõ impropriamente macho, e femea: tambem ſe pódem diſtinguir duas, ou tres eſpecies, conforme as ſuas manchas tem mais ou menos porçaõ das ſuas primeiras.

A principal qualidade do Salgueiro vermelho, ou macho he de ſer mais flexivel, mais ſeguro do que o branco, ou femea, que quebra mais facilmente quando ſe uſa delle. O vermelho tem muita analogia com o vime vermelho, as ſuas varas ſaõ em maior quantidade que as do branco, e cada vara tem maior número de filhos, o que faz com que os ſeus ramos naturalmente naõ ſe-

jaõ

jaõ nem taõ grossos, nem taõ direitos no mesmo espaço de tempo que o Salgueiro branco; mas havendo cuidado de o mondar, e de alimpar os troncos, entaõ se fazem taõ bons, como os brancos.

Principaes usos para que serve o Salgueiro.

O MAIOR uso que se faz dos Salgueiros, e dos seus troncos he para varas para os tornos dos torneiros, arcos para pipas, e tanchões para vinhas: os pequenos ramos flexiveis saõ bons para cestos. Os arcos de Salgueiro naõ duraõ tanto como os de Castanheiro: os tanchões de Salgueiro saõ tambem sujeitos a apodrecerem na terra mais depressa do que os de castanheiros, mas saõ melhores que os de Carvalho, principalmente para enramar os damasqueiros.

O corpo, ou tronco do Salgueiro apodrece, e se faz oco, tanto que começa a fazer-se velho: sustenta-se na cortiça, e nem por isso rebenta com menos vigor grande numero de varas: mas quando o corpo ainda está saõ, e que he grosso se faz delle barris, e serve para guardar farinha, ou tambem para se mandarem para fóra, e he muito bom para conservar frutas seccas, azeite, manteiga, e cousas de gordura. Como este páo he muito esponjoso de sua natureza, conserva as farinhas, e frutas mais seccas do que as outras especies de barrís, e naõ poem sabor aos licores, ou toucinhos, que tem dentro, e he summamente leve para se transportar. Como a madeira he branda, comprimindo-se as aduelas humas contra as outras naõ deixaõ entrar o ar de fóra, nem

sa-

ſahir os licores de dentro, que os faz eſtimàdos para eſte uſo. Naõ ſuccederia o meſmo com os licores eſpirituoſos, como ſaõ o vinho, a agua-ardente, e outros mais. Como eſte páo tem os póros abertos, paſſariaõ por elles as partes mais ſubtís, e ſe perderia o licor.

Tambem ſe fazem do tronço deſtas arvores barris de tres peças ſómente, huma que faz á ſua roda, e duas os dous fundos: ha inſtrumentos de propoſito para iſto com que ſe cavaõ eſtes pequenos barris: daõ-lhe ordinariamente de 8 até 15 polgadas de comprimento, e de 6 até 9 de diametro, para poderem ſervir para ſe beber por elles, como por huma cabaça.

O buraco para ſe encher, e vaſar eſtá em ſima do barril no ſitio onde ſe poem o ſuſpiro nos barris ordinarios: neſte ſitio ſe adelgaça a groſſura do madeiro de ſórte, que fique em pòlgada, e meia, e ſe faz eſte buraco bem redondo com huma verruma, ou com hum ferro quente, quando o barril eſtá acabado; e ſe lhe poem hum arco de ferro, que ſe dobra, com duas virolas, que ſe leva facilmente; a groſſura da madeira em todo o mais he de 8 para 9 linhas como tambem a do fundo.

Para fazer entrar o fundo no jabro do barril ſe faz aſſim. Tendo-ſe jabrado em roda, eſtando a madeira ſecca ſe cortaõ os fundos juſtos pelo interior do barril medido com o jabro, o qual deve ter duas linhas de fundo: depois ſe ajuſta o fundo pelo jabro obrigando-o a entrar por força, e como ha cuidado de os fazer alguma couſa maiores do que a entrada do jabro, entraõ com cuſto, e quando eſtaõ dentro para fecharem como he conveniente, he util ferver o barril em

hum

hum grande caldeiraõ d'agua; fervendo assim se encolhe á roda, e os fundos se encolhem muito pouco do seu comprimento, e largura, e ficaõ apertados, só com a roda do barril mais seguro do que com arcos.

Mas como o barril quando secca aperta ainda mais, he conveniente tirallo do caldeiraõ antes, que os fundos entrem de todo no jabro, porque seccando acabaõ de entrar, e de se meterem bem. Naõ havendo este cuidado succederia, que os fundos forçando o jabro, obrigariaõ a madeira em roda a rachar; e quando seccasse naõ prestaria o barril. Quando se querem fazer esta casta de barris, he a melhor madeira a de salgueiro; e como o salgueiro vermelho he mais flexivel do que o branco deve-se preferir.

De todos os vasos de que se póde usar para levar aos Jornaleiros as suas bebidas, principalmente quando trabalhaõ no campo, e para os pobres viajantes em quanto andaõ peregrinando nenhum he mais commódo do que estes barris. Naõ quebraõ, como as garrafas de vidro, de barro, e ainda as chamadas cabaças. O sol naõ faz nesta madeira o mesmo effeito, que em outro, seccando-a, e quando se ferve em agua, e quando he todo de huma peça na fôrma, e segundo os gyros naturaes da arvore, de sórte que estes barris nunca deixaõ rever o liquido, que se mette nelles. Todas estas vantagens os fazem muito commódos.

Da Cultura ordinaria do Salgueiro.

TEMOS dito, que esta arvore se dava bem ao longo dos rios, e nos terrenos aquaticos, em que commummente se cultivaõ. O methodo de a plantar, e cultivar he muito simples. Tomaõ-se varas verdes do Salgueiro, de renovo de tres, ou quatro annos quando muito, e se escolhem de duas boas polgadas de diametro, ou de 5, ou 6 polgadas de circumferencia. Faz-se na terra hum buraco com huma estaca, que se crava a malho na profundidade de 2 pés. Poem-se a vara neste buraco, depois de lhe ter aguçado a ponta para poder chegar ao fundo. Esta operaçaõ se faz no principio de Março antes, que a seve esteja inteiramente em movimento, e acaba-se enchendo o buraco de terra secca, e bem esfarellada, que se aperta hum pouco com o cabo de hum páo.

Se estes novos arbustos estaõ expostos a serem roidos dos gados, se cortaõ do comprimento, que fiquem de 9 pés sobre a terra, de sórte, que devem ter onze comprehendido o que fica enterrado. Por este methodo naõ lhe poderáõ chegar os gados a roer as varas, que rebentarem no fim della: depois disso se cercaõ de cardos, e espinhos, que se lhe ataõ em roda para os salvar dos gados, e ainda dos rapazes, e sem este cuidado se naõ conservaria nenhum, porque com o brincar dos rapazes, e rossamento dos gados se abalariaõ antes de lançarem raizes, ou se rossariaõ antes de criar cortiça: mas quando engrossaõ alguma cousa já naõ ha que temer.

He reflexaõ essencial, que se deve fazer sobre

bre este methodo de plantar os Salgueiros, que pondo-os assim em hum buraco feito com huma estaca he raro que muitas se naõ percaõ, como succede a todas as arvores, que pegaõ de estaca, e que se plantaõ por este theor. A razaõ he clara. Como he necessario, que tenha ao menos tres polgadas de diametro, se o terreno, em que se planta he compacto, e apertado de sua natureza, quando a estaca abre o buraco, o faz ainda mais denso, porque aperta a terra para toda a parte, e comprimindo-a toda faz huma massa dura, que com a mais leve secca se faz impenetravel ás raizes tenras da nova arvore, que se planta: he o que serve de maior obstaculo para pegar em terreno sujeito a seccar com grandes calores.

A experiencia, que tenho destes obstaculos faz com que eu sempre antepuzesse o servir-me para esta operaçaõ de huma grossa verruma de ferro, semelhante á com que se abrem os batoques das pipas: esta verruma deve ser mais comprida, e mais grossa para fazer o furo de dous pés de fundo com tres polgadas de diametro. Servindo-se deste instrumento para plantar quasi que ha certeza, que todos os pés peguem, se se escolhem boas varas, e bem sãs. Ordinariamente se mettem as varas destinadas para isto, e molhaõ em tinas, ou foços cheios de agua desde que se cortaõ, até que se plantaõ para entreter nelles a acçaõ da seve, e impedir, que naõ sequem.

Ma-

Maneira de fazer hum Salgueiral.

A MAIOR parte dos que querem plantar hum campo de Salgueiros, cortaõ efte campo em valas de 6 pés diftantes huns dos outros, e plantaõ os Salgueiros pela borda deftes valos. Efte methodo ainda que muito ordinario naõ he bom, fe o terreno he alagadiço fecca o que fica entre os dous valos; mas fecllo-haõ demaziado no tempo dos calores, naõ tendo mais do que hum pequeno efpaço de hum foço a outro naõ podem as arvores achar fubfiftencia, e murcharáõ: Por outra parte a agua, que eftiver no fundo da vala apodrecerá, e fará muito ruim effeito. Por outra parte os Salgueiros com feis pés de diftancia fe empecem huns aos outros, e eftaõ muito proximos para darem bons troncos.

Pelo que para bem deve-fe dar a eftas arvores doze para quinze pés de diftancia para toda a parte. Por efte meio fe elevará a cabeça na altura de 8, ou 9 pés, e lançará boas varas; mas fe fe quizerem plantar Salgueiros em modo de latadas de modo, que o pé das arvores naõ fe levantem da terra mais do que hum, ou dous pés, nefte cafo fe metteráõ as eftacas diftantes fómente fete, ou oito pés para que poffaõ affogar mais as hervas, que nafcem entre ellas: he neceffario feguralla com hum bom valado, para que os gados naõ venhaõ paftar dentro ao fitio plantado, porque podendo chegar-lhe o gado, tudo deftruiriaõ.

Se o terreno he muito alagadiço, he neceffario cortallo com valos, para efcorrer a agua, mas eftes valos naõ devem eftar mais perto de

30 pés huns dos outros. Se semelhante terreno se podesse lavrar sómente duas vezes no anno na Primavera, e com meio pé de fundo para destruir as hervas ruins, os Salgueiros seriaõ mais fermosos, e dariaõ mais frutos.

Cortaõ-se ordinariamente os troncos do Salgueiro todos os tres annos, e se corta bem ao res toda a cabeça, se se quer que dure mais. Mas o primeiro anno no mez de Maio se lhe devem tirar todos os renovos, que naõ saõ bons, e naõ deixar em cada vara mais do que os que se querem criar, para que sejaõ melhores, e que se regula pelo vigor do pé, e fertilidade do terreno. Quando os pés estaõ proximos huns dos outros se deixaõ menos do que quando estaõ remotos, e se proporciona sempre o número de varas ao que tem força o tronco para criar. No Inverno seguinte se mondaõ estas varas o mais que podem, e as pequenas varas, que se cortaõ tanto do pé, como das varas servem para cestos, ou para atar as vides. Molhaõ-se tambem em agua, quando se quer usar dellas, e com este trabalho produzem bem os Salgueiros, e daõ boa renda.

Estas arvores se pódem plantar nas margens dos rios, e foços: mas como se deve sempre considerar que a renda principal de hum prado consiste na herva, que cria, he necessario naõ multiplicar muito os Salgueiros: a herva naõ cresce nem taõ bem, nem em tanta abundancia debaixo destas arvores, como em outra parte: nem tem taõ bom sabor, e geralmente os gados naõ gostaõ de pastagem que cresce á sombra. O lucro que hum Salgueiro póde dar he quasi perdido se o do prado he menor por isso: mas como nos pra-

dos

dos he util haver ſombras, para a ellas ſe abrigarem os gados do Sol, devem antepôr-ſe os ſalgueiros ás outras arvores, porque fazendo menós damno, ſaõ de melhor renda, e mais regular.

Melhor methodo de cultivar os Salgueiros para lhes tirar lucro.

O METHODO mais favoravel de cultivar o Salgueiro, para que dê conveniencia, naõ he o de os plantar nos prados, e terrenos aquaticos, mas em terras lavradias, cujo fundo he pingue, e hum pouco barrento. Se ſe plantaõ pelas orlas das peças, e ſe poem mui diſtantes entre ſi produziráõ muito principalmente ſe ſe eſcolhem os vermelhos; os arcos, que ſe fazem delles ſeraõ melhores, e mais fortes do que os de Salgueiros de terra que ſe naõ lavra.

Hum pé de Salgueiro aſſim cultivado, no fim de 20 annos póde produzir todos os tres annos 50 varas boas, ao menos de ſeis para ſete polegadas de circuito cada huma: Cortaõ-ſe eſtas varas do comprimento de nove pés para fazer arcos de toneis, e o que fica ſerve para tanchões de vinha, e cada hum dá no comprimento dous bons tanchões, o que dá hum cento por cada pé. A maior parte das varas ſe rachaõ em quatro, ou em tres, ou em duas para ſe fazerem os arcos: o que produz ao menos 150, que valem ao menos doze vintens, ou tres toſtões.

Logo cada arvore produz ſó em arcos tres toſtões, ſem contar os tanchões, e mais ſobejos para as deſpezas: Logo em cada anno rende cada arvore hum toſtaõ, o que naõ he pouca couſa.

sa. Vi huma terra de arvores plantada de Salgueiros em doze pés de distancia huns dos outros, que estes huns annos por outros produzia quasi trinta varas. Isto rendia por geira de 250 pés de arvores quasi mil molhos, sem contar os tanchões a dous vintens cada molho. Pelo que semelhante terreno póde render a seu dono, sendo bem cultivado, dez moedas de renda todos os tres annos, ou 16000 réis cada anno. Mas para esperar semelhante renda he necessario que o terreno seja bem fecundado pelo nateiro de algum rio, e sitio humido, que se fabrique duas, ou tres vezes no anno: havendo semelhantes terrenos sujeitos a inundações, como he vulgar nos sitios visinhos a grandes rios, ou nas Ilhas que elles formaõ, aconselhára eu, que antes se plantassem estas de Salgueiros, do que se fizessem prados, cultivando-os pelo modo que deixo ensinado, o que daria hum lucro certo.

PLANTAÇAÕ DOS CARVALHOS.

O PÁO de Carvalho he em muitas partes hum forte baluarte contra as invasões dos inimigos; o Parlamento de Inglaterra devia cuidar em ter sempre bom provimento para servir de bom uso no caso de precisaõ; mas ha poucos annos a esta parte que nisto tem havido o maior descuido, e por cada cem arvores, que se cortaõ, se planta huma. Talvez que os Proprietarios sejaõ como hum certo Homem de quem se lê, que elle de-

sejava, que a posteridade podesse fazer em seu favor alguma cousa para o obrigar a trabalhar para ella. Na Provincia de Suffolk ha muitos milheiros de geiras de terras, que naõ daõ mais de quatro chelins de aluguel por anno, e que se se plantassem de matas daríaõ os melhores Carvalhos de todo o Reino. Supponhamos que se obrigassem todos os Proprietarios a plantar arvores, sinco geiras de terra em cada cem que possuem, e o mesmo á proporçaõ em todas as herdades de mais de 30 geiras: sería hum meio seguro de nunca faltarem materiaes para a construcçaõ dos navios, ao mesmo tempo que naõ fazendo disto caso, he muito provavel que a falta de Carvalhos venha algum dia a causar ruina, ou ao menos seja para os Inglezes causa de ruins effeitos. He verdade que muitas pessoas naõ podem perder a renda das suas terras, ainda quando fosse menor, todos os annos; porém estes pobres forcejem a favor do público cortar alguma cousa pelo seu luxo ordinario, e naõ duvido que assim possaõ contribuir para a execuçaõ de systema taõ util.

O methodo de plantar melhor he deixando descançar a terra por hum Veraõ, e pelo mez de Janeiro semear, o melhor que poder ser quatro alqueires de bolota em cada geira. No terceiro, ou quarto anno se alargaõ as plantas, arrancando o que está nascido até que fiquem em tres pés de distancia humas das outras. Déz annos depois da sementeira se arrancaõ segunda vez, e talvez outros déz annos depois se ponhaõ na largura, em que devem ficar; quero dizer, que se cortem, de modo que as arvores que ficaõ distem 20, ou 25 pés para toda a parte, sem lhe

cor-

cortar ramo algum, porque o menor golpe lhe impede ò crefcimento. Eu naõ efpero que ifto fe pratique, mas tenho a fatisfaçaõ de trabalhar por fer util á minha terra: talvez feriaõ do meu projecto, mas confolar-me hei mais de naõ ter motivo de intereffe peffoal, nem afpiro a elogios,

RECEITA

Para dar á feda hum amarello côr de palha.

TOME-SE pedra hume, e desfaça-fe, e esfregue-fe muito bem, e depois fe ponha a ferver para cada libra de feda huma libra de urucû, por outro nome *achiotl*, e deixe-fe affentar o licor por hum quarto de hora: lance-fe depois em hum vafo baftantemente grande para a quantidade de feda huma baftante porçaõ de barrella, e de agua clara, e esfregue-fe muito bem a feda: torne-fe a encher a caldeira de agua, e ponha-fe a feda a ferver huma hora, e depois de lhe facar o licor torcendo-a, e tendo-a eftendido em varas, fe prepare outra barrella mais fórte do que a primeira, e molhe-fe a feda até que fique em boa côr.

PARA TINGIR LÃ, OU LINHO DE ROXO,

Que naõ desbote.

TOME-SE hum arratel de ſal tartaro, meio arratel de pedra hume, duas onças de Fernambuco, e meia onça de ſalitre: ferva-ſe tudo junto, e depois de o deixar esfriar alguma couſa, metta-ſe-lhe o que ſe quer tingir, e deixe-ſe eſtar quatro horas, em que ſe deve conſervar quente a tinta, mas de ſórte que naõ ferva; depois ſe tire a lã, ou linho, e ſe esfregue bem, e ponha a ſeccar.

RECEITA

Para fazer huma caldeira de tinta azul, com varias obſervações ſobre o modo de uſar della para tingir ſeda, ou lã.

ENCHA-SE o caldeiraõ de agua, ponha-ſe a ferver, e deite-ſe-lhe barrilha: depois de ferver algum tempo deite-ſe-lhe duas ou tres punhadas de farellos, e torne-ſe a pôr a ferver por hum quarto de hora, e cubra-ſe; e depois ſe tire do fogo, e deixe-ſe aſſentar.

Moa-ſe o anil de ſórte que fique taõ fino, como farinha, e ſe lhe lance em ſima a barrel-

la,

C

la, que se ensinou assima, mecha-se, e deixe se descançar, e depois se lance na caldeira a barrella clara: Lance-se outra provisaõ desta barrella sobre o pé, e mecha-se tudo, e quando estiver assentado se lance na caldeira: Torne-se a fazer o mesmo até se lhe sacar todo o anil.

DA LAVAGEM DA ROUPA BRANCA.

ENTRE todos os objectos, que pertencem á economia, nenhum ha de maior importancia no governo de huma casa, como a lavagem, nem que mereça mais attençaõ. Todos conhecem a grande utilidade da roupa branca, e tem-se feito taõ necessaria, que se naõ póde escusar, ou seja para a meza, ou para a cama, ou para vestir. Todos assim pobres, como ricos necessitaõ della, tanto pequenos, como grandes, sem excepçaõ de pessoa, de sórte que hoje he entre nós huma das principaes despezas; e com effeito conservando o corpo asseado concorre muito para a saude: serve de adorno, e he huma parte dos nossos enfeites, por fim o seu uso he taõ geral, que he positivamente proveitoso ensinar-lhe o melhor methodo de a lavar para ficar asseada, e fazer com que se naõ estrua tanto, como de ordinario succede. Tendo examinado com ponderaçaõ os differentes methodos, usados em varios Paizes, me tenho habilitado para os cotejar entre si, e julgar qual he o melhor, com a ajuda da experiencia, e da razaõ, que saõ os mais seguros guias para

nos conduzirem a hum juizo ajustado sobre todas as cousas; porém o uso, e as práticas inveteradas formaõ no público, principalmente entre Mulheres huma preoccupaçaõ, que naõ he facil de vencer: Com tudo como a maior parte dellas saõ curiosas de saber, e sempre indagaõ novos meios de se aperfeiçoarem no que he vulgar, a esta casta de pessoas curiosas, e intelligentes, he que eu convido a fazer experiencias, mórmente sendo simplices, e de facil execuçaõ.

Se se quer lavar roupa fina, e pouco suja, e ao mesmo tempo naõ a estragar convém fazer o seguinte. Primeiramente passalla por huma pouca de agua com pouco sabaõ para a humedecer: quando ahi estiver tempo sufficiente para que possa estar bem embebido o sabaõ, se porá em hum cesto sem a torcer, nem espremer-lhe a agua: Arrumar-se-haõ as peças humas sobre outras em camadas iguaes. He de notar, que o cesto naõ deve ser muito fundo, basta que a roupa tenha de altura dous palmos, e meio, pelos motivos, que depois diremos. Far-se-ha a barrela de boa cinza de madeira nova, isto he, que naõ tenha sido de navios. A cinza de carvalho he muita boa, mas a melhor de todas he a de arvores fructiferas. Antes de usar destas cinzas se devem peneirar por hum crivo, ou peneira para ficar limpa de todos os carvaõzinhos, pedaços de madeira, ou casca, que ponhaõ nodoa na roupa. De qualquer qualidade que sejaõ as cinzas saõ muito melhores quando se recozem segunda vez no forno, mettendo-as tanto, que se tira o paõ, e queimando alguns molhos de lenha, se póde ser he util lançallas quentes em hum grande caldeiraõ, em que se tenha agua meio fervendo. A de-

dofe de quafi hum quarto de cinzas de agua, que tem. Ferve-fe tudo junto, com muito vagar 3, ou 4 horas. Feita a barrella fe tira de fima do fogo, e fe deixa affentar, depois do que fe vafa limpa inclinando-a fobre outro vafo. Deita fe a barrella fobre a roupa, que eftá no cefto, e fe lhe lança quantidade, que bafte para ficar bem enfopada, e a barrella a cubra por fima da altura de quafi duas polgadas. Deixa fe efcoar efta barrella por entre a roupa, e fahir pelo fundo por hum canudo, que a conduz a huma caldeira, que eftá fobre o fogo ahi perto: infenfivelmente fe vai aquecendo gradualmente efta barrella, e depois fe torna de novo a lançar fobre a roupa, e affim fe continúa aquecer efta barrella a medida, que fahe do cefto; mas nunca he bom deixalla ferver; porquê o nimio calor em vez de defpegar a porcaria, e materias untuofas, como faz o calor moderado, gafta a roupa, porque entaõ os faes das cinzas, mettendo fe muito pela contextura das fibras lhe daõ huma côr parda, e queimaõ a roupa. Pelo que convém obfervar com muita attençaõ, que a barrella, que fe côa do canal naõ venha taõ quente, que fe lhe naõ poffa foffrer dentro a maõ. Por efte modo fe coará a barrella oito, ou nove horas fucceffivas ao menos, mas com hum calor igual, como tenho advertido.

Depois fe deixará a roupa mettida nefta barrella quente por outras oito horas fechando-lhe a fahida, e cobrindo-a para fe naõ esfriar. Tendo a roupa eftado bem trefpaffada fe tira quente, e fe vai lavando em agua bem limpa, e que fendo poffivel naõ efteja de todo fria. A agua de rio he melhor. Convem ter reparo em naõ bater mui-

to com a roupa , contentando-se com a esfregar levemente entre as mãos , ou sobre huma taboa liza , que as lavandeiras devem ter diante de si, e esfregando-a de tempos a tempos em agua clara , e torcendo a levemente cada huma das vezes para lhe espremer a agua suja , até que se veja sahir agua clara; e entaõ se estenderá a roupa no chaõ ao Sol sobre hum prado, cuja herva esteja limpa , e durante o dia se salpicará com agua muitas vezes, ou regará com hum regador, quando for secando; e se voltará duas , ou tres vezes de sima para baixo. O Sol , e esta agua acabaráõ de lhe dar o lustroso , e huma grande brancura. Para este fim deve a roupa andar tres dias exposta ao Sol , e ao sereno podendo ser; mas bastará ao Sol , dobra-se meia secca , e depois se engomma.

Esta operaçaõ , como acabamos de vêr naõ he magica : muitas pessoas a fazem quasi sem discrepancia; mas se naõ conseguem , que a sua roupa tenha huma alvura , que a faz distincta, he porque naõ attendem ás miudezas , que eu acabei de prescrever. Por exemplo naõ saõ escrupulosas na escolha das cinzas , e muitas vezes naõ conhecem quanto humas saõ melhores do que outras ; se ellas saõ fortes basta menos porçaõ , isto he deve-se deitar maior quantidade de agua segundo a fortaleza das cinzas, pois se tem muita força os seus saes se mettem pelas fibras do linhò , e deixaõ nellas a côr da barrella : pelo contrario sendo as cinzas muito fracas naõ pódem os saes absorber tambem as partes unctuosas das nodoas, e nunca a roupa fica branca. Se as cinzas naõ fossem escolhidas , e preparadas pelo fogo, do modo , que acabamos de dizer, os

saes
e

faes que ellas contém naõ fe foltaraõ facilmente, nem produzirão taõ bom effeito. Por fim fe naõ fe cuidar em confervar hum calor moderado tudo fe deitaría a perder; e fe a barrella fe lhe naõ deffe tempo de embeber a roupa, e penetralla por toda a parte, ficariaõ alguns lugares mal lavados, em que ficaria a porcaria ainda ao lavar. He o que fuccede quando fe poem na cuba huma grande porçaõ de roupa; porque filtrando a barrella, que a enfopa por hum demaziado montaõ de roupa, perde a fua força, e virtude antes de chegar ao fundo, de fórte, que a roupa, que fica no inferior naõ experimenta a fua acçaõ. Para remediar efte inconveniente ufaõ as lavadeiras pôr na cuba entre as camadas de roupa fina outras de cinzas, que involvem feparadamente em pannos groffeiros, como o de que fazem rodilhas: mas efte methodo fómente fe póde foffrer quando fe lava roupa groffa, e naó he bom nem para roupa fina, nem para a que fe quer lavar com primor. A experiencia próva bem, que a roupa fina, que fica immediatamente debaixo deftas cinzas nunca toma boa alvura, pois á medida, que a barrella vai penetrando a camada, defprende os faes, que entaõ fazem grande impreffaõ na roupa, que fe enfopou primeiro: Efte mefmo inconveniente fuccedería a qualquer barrella quando eftiveffe muito fórte de cinzas. A maior parte dos que ufaõ difto obfervaõ pôr no fundo da cuba, e debaixo da camada das cinzas toda a roupa mais groffa, e a fina a poem na parte fuperior, julgando que com efte methodo remedeaõ bem a defigualdade da barrella, com tudo o máo eftado em que fe acha a roupa quando a entregaõ próva bem, que he máo metho-

thodo misturar a roupa fina com a grossa. Com effeito largando a roupa grossa na barrella huma parte da porcaria, que se lhe tira a communica á roupa fina, que nunca he taõ bem branqueada, como quando se poem á parte em pequena quantidade.

Se recommendo, que se molhe primeiro a roupa em agua de sabaõ antes de se metter na cuba he, porque estando esta agua repartida por toda a roupa, prepara caminho á barrella, que a deve penetrar; e porque o sabaõ, que alli se acha adoça alguma cousa o primeiro effeito dos saes acres das cinzas, e contribue muito para despegar o unctuoso á medida, que se aquece a massa da roupa pouco a pouco com hum calor moderado, e penetrante, que opera em todas as partes sem as cançar. O tempo que proponho empregar em toda esta operaçaõ, como tambem o de o deixar ficar no calor com toda a barrella dentro mettido na cuba naõ he muito; e he para que os saes da barrella tenhaõ bastante tempo para penetrarem tudo, e fazerem o seu effeito. Por este meio, que prescrevo de levar a roupa ainda quente ao rio para, ou lavalla em agua, que esteia morna podendo ser, como está no Estio, principalmente dando ao Sol tempo de a aquecer, me persuado, que se lhe tira muito melhor a porcaria, e que naõ tem depois a roupa necessidade de ser taõ torcida, como torcem commummente as lavadeiras, que a rasgaõ ás pancadas no batedouros, e á força de a esfregarem para supprirem os defeitos da barrella Convenho que entaõ lhe ponhaõ hum pouco de sabaõ, mas como se poem frio sobre a roupa, naõ lhe fica pegado mais do que hum instante,

e naõ

e naõ tem tempo de produzir algum effeito, e com tudo o esfregar da pedra a moe mais do que tudo.

Ao contrario pelo methodo, que fica ensinado, e de que usaõ em varias terras, o Sol, e agua clara daõ hum lustre, e huma alvura perfeita á roupa, quando ha cuidado em a regar tanto, que vai seccando, e voltalla para toda a parte ao menos por dous dias no tempo bom. Na India naõ ha outro methodo de lavar roupa se naõ a de a pôr simplezmente ao Sol regando-a com agua morna: he preciso com tudo confessar, que o clima deste Paiz he mais quente, que o nosso, e que o Sol tem lá mais força: mas na Hollanda, que naõ he Paiz quente se poem a roupa ao Sol, e se rega precisamente do mesmo modo que fazem ás teas, que se curaõ. Antes que se faça isto á roupa, se passa como disse por huma barrella, feita pelo theor que apontei, e quando a roupa está branca como neve, se passe, para a fazer mais lustrosa, por agua que tem huma leve tintura de anil, e se deixa enxugar hum pouco, e meia secca se engomma; e assim a sua roupa sempre he a mais alva, e aceada: pelo contrario o methodo geralmente usado por todas as lavadeiras de Pariz nunca dá taõ bom branco á roupa, e logo a rompem, e gasta absolutamente. Confesso que nas Provincias ha muitas Mãis de familias, que poem mais cuidado na lavagem da sua roupa, porém a maior parte tem ruins principios, quaes acabei de condemnar, ou fazem tudo com muita imperfeiçaõ; por mais que desejem acertar; pelo que me persuado que leráõ com gosto as minhas observaçõe; e que naõ deixaráõ de se aproveitar dellas;

las; que he o unico fim, com que as publiquei: até convido as pessoas, que usarem deste methodo para que informem o Público do seu exito, e o seu exemplo servirá de convidar os outros a fazer o mesmo, e a aproveitarem a utilidade deste methodo, que assim se fará mais universal.

METHODO

De fazer variar na producçaõ das flores.

EM 1674 apresentou Mr. Ray á Sociedade Real de Londres hum Discurso sobre os differentes especificos das plantas, que publicou na Historia desta Sociedade Mr. Thomaz Brich, Secretario da Academia, do qual se extrahio o que se segue:

Tendo o célebre Mr. Ray feito muitas reflexões curiosas sobre a variedade das flores, e dos fructos, continuou assim o seu Discurso: „ Porém como esta variedade de flores he muito „ estimada pela sua belleza, e buscada pelos cu„ riosos em razaõ da sua raridade, e a dos fru„ tos naõ satisfaz menos o palladar do que he „ grato á vista a variedade, sería util que se co„ nhecesse certamente a maneira de se poder fa„ zer com que estas plantas produzissem esta va„ riedade. Primeiramente. Hum bom meio de „ aperfeiçoar as plantas, e fazer com que as flo„ res saiaõ dobradas, he transplantallas a miudo. Lauremberg diz, que elle experimentou muitas vezes este methodo nos cravos, e que os singellos transplantando-os primeiro na Primavera, depois

na

no Outono, e outra vez na Primavera ſeguinte, e naõ os deixando criar flores em todo eſte tempo, conſeguio darem flores dobradas. Em ſegundo lugar o meio para variar a côr de huma flor he regalla unicamente com agua tinta da côr de que querem ſeja a flor. Recommenda Lauremberg eſta experiencia em muitos lugares do ſeu Livro *de Horticul.* L. I. C. XXXI. § V. : e além diſſo no Cap. XIX. § X., e no Cap XIII. § VI preſcreve aſſim o methodo de o fazer. Encha-ſe hum vaſo da fórma, e grandeza que quizerdes de terra pingue ſecca ao Sol, ou pineirada: plantai lhe hum pé, ou tronco de planta, que dê huma flor branca (pois ſómente eſtas ſe pódem tingir,) e naõ a regueis ſenaõ com agua tinta de vermelho, ſe quereis que as flores ſejaõ vermelhas, e por eſte methodo ſe lhe daráõ as outras côres. Regue-ſe com eſta agua aſſim córada duas vezes no dia pela manhã, e de tarde, e cubra-ſe de noite, de modo que naõ receba orvalho de noite, nem de manhã pelo eſpaço de tres ſemanas; e diz, que ſahiráõ as flores tintas naõ bem da côr, com que ſe regaõ, mas de outra côr, que arremede eſta, e da ſua côr natural.

O meio mais ſeguro, e mais facil de ter flores de varias caſtas, tanto na côr, como na multiplicidade, he ſemear a ſemente das plantas, cujas flores ſe querem variadas, em terra boa, e que ſeja differente da que era natural a eſtas plantas quando eraõ bravias: pois ſe ſemeais a ſemente de cravos ſingellos por exemplo em bom terreno, entre hum grande número que daõ flores ſingellas ſe acharáõ algumas dobradas, e algumas de diverſa côr da planta mãi; e depois as podeis multiplicar por enxerto, e plantadas. As

plan-

plantas mais proprias para variarem assim semeando-se saõ cravos, pés de cochixo, anemonas, colombinas, orelhas de urso; cravinas, gouveiros amarellos, primaveras, tulipas, açafraõ, garrafas azuis, marguеritas, hepatitas, e violetas.

MÁQUINA

Para aprender a Arte de espartejar.

HUMA das Artes mais uteis para a conservaçaõ da vida dos Homens he a dos partos: pelo que tudo quanto se encaminha a aperfeiçoalla he preciso naõ sómente aos que querem fazer disto profissaõ, mas tambem aos que existem, e a quantos devem existir, se isto fosse possivel. Md. *le Boursier du Coudrai*, Mestra Parteira, recebida em S. Cosme, commovida das desgraças, que succedem na Campanha, por ignorancia das Mulheres, que se intromettem a serem Parteiras, trabalhou por instruir estas Mulheres grosseiras, e mal instruidas nas suas obrigações, de que até ignoraõ os primeiros elementos. O seu zelo fez, com que inventasse huma Máquina, em que podesse fazer palpaveis as suas Lições, e sobmetter aos olhos, e ás mãos os principios de huma theorica, que os espiritos broncos naõ poderiaõ perceber sem ajuda Compoem-se esta Máquina do ventre de huma Mulher com as Vertebras, osso Sacro, e Coccix. Poem-se-lhe huma matriz facticia com o seu Orificio, seus ligamentos, e o canal chamado Vagina, entre a bexiga, que está

tá por diante, e o inteſtino recto, que fica pela parte poſterior. Metteo-ſe-lhe hum feto de eſtatura natural com as juntas aſſás flexiveis para poder tomar varias poſições: as pareas com as ſuas membranas, e a demonſtraçaõ das aguas, que ellas encerraõ: o cordaõ Ubilical compoſto das ſuas duas arterias, e da vea, deixando metade murcha, e outra metade inchada para em certo modo imitar o cordaõ de hum feto morto, e de hum feto vivo, em que ſe conhece o bater dos vaſos, que o compoem. Accreſcenta ſe o modelo da cabeça de hum menino ſeparada do tronco, cujos oſſos do craneo paſſaõ huns ſobre os outros. Por meio deſta Máquina pódem os aprendizes manobrar, vendo o modo com que ellas operaõ, e antever todas as poſſiveis poſições, em que a criança ſe póde apreſentar.

Md. le Bourſier mandou imprimir as ſuas lições com o titulo de *Compendio da Arte de Partejar em que ſe daõ os preceitos para ſe praticar com fructo: Obra muito util ás novas Parteiras, e geralmente a todos os que. Aprendem eſta Arte, e que deſejaõ fazer ſe nella habeis:* em Pariz em caſa da Viuva de la Guette em 1759. As ſuas lições bem que claras, agradaõ pela ſua ſimplicidade. Se ellas foſſem mais indagadas, mais ponderadas, mais cheias de explicações miudas, naõ teriaõ outro fim mais do que o de inſtruir as peſſoas, que tem acanhado entendimento. Baſtaría apreſentarlhes idéas claras, ſenſiveis, e proporcionadas ás forças da ſua percepçaõ. A noſſa Authora ſatisfez plenamente eſte objecto confeſſando, que deve a maior parte deſtes conhecimentos ás ſábias lições que lhe deraõ ſobre a Arte dos Partos MMr. Aſtrue, Precopio, e Petit no amphitheatro das eſ-

escólas de Medicína. Se naõ temessemos escandalizar os leitores melindrosos citariamos com o exemplo o modo com que Md. Boursier expoem os factos com precisaõ, e o que diz dos abortos, e dos partos naturaes, e dos partos laboriosos: porém contentar-nos-hemos com copiar o Capitulo, em que ella falla da ligadura do cordaõ Umbilical. Esta materia póde-se melhor abranger dentro nas raias da decencia, bem que nos naõ persuadamos, que seja indecente o instruir os Homens ácerca do modo, e maneira com que nascem, e da maneira, com que se póde salvar a vida a mil infelizes, que a perdem antes de a conhecerem, e sentirem. Muito mais indecente he conservar-se na ignorancia.

Quando a criança se apresenta, convém naõ puchar por ella com muita violencia: He taõ necessaria esta precauçaõ, que se succedesse, que o cordaõ fizesse huma, ou duas voltas no pescoço, ou em outra parte, puchando assim pela criança, se poderiaõ desprender de repente as pareas, e excitar huma perda de sangue consideravel. Tambem se poderia causar huma volta da matris, puchando o seu fundo para o orificio no caso, que as pareas estivessem muito adherentes. Arriscar se-hia por fim a quebrar o cordaõ junto ao placenta, o que faria a operaçaõ muito difficil, obrigando entaõ a metter a maõ na matris para fazer a separaçaõ: muitas vezes os cordões mais grossos quebraõ mais facilmente, que os delgados.

Tendo sahido a criança, se aproximará da parte da Mãi com a reflexaõ de que naõ lhe fique o naris para baixo para, que se naõ suffoque, ou naõ engula o que sahe da Mãi nesta oc-

casião: retirar-se-ha depois, e se porá de costas, ou melhor de ilharga: quando com o chorar tiver dado sinaes de vida, se lhe atará o cordaõ voltando duas, ou tres vezes o fio, que se apertará bem para prevenir alguma hemorrhagia, que podería acontecer naõ havendo esta precauçaõ, e que poderia ser capaz de causar a morte á criança, o que se tem visto succeder, mas tendo tambem cuidado em naõ apertar demasiado para o naõ cortar, ou occasionar dores muito vivas, que muitas vezes saõ causa de convulsões, como *Viardel* diz que víra.

Feita esta ligadura do cordaõ para se certificar se está bem apertada basta, depois de a ter cortado enxugar o extremo com hum panno, e examinar se sahe alguma cousa: se elle ressuma alguma cousa he signal de que naõ está bem apertado, e entaõ convém apertar mais; e deve-se ter como próva de estar o cordaõ bem apertado o naõ rever cousa alguma.

A distancia da ligadura ao embigo deve ser quando muito dous dedos atravessados; far-se-ha outra ligadura tres dedos atravessados da primeira, e cortar-se-ha o cordaõ entre ambas: alguns aconselhaõ antes de cortar o cordaõ, que se faça terceira ligadura immediatamente sobre a primeira para prevenir a hemorrhagia, que naõ deixaria de succeder se esta primeira ligadura viesse a alargar-se.

Já disse, que convinha cortar o cordaõ entre as duas ligaduras, para dar a conhecer a necessidade de ligar a porçaõ do cordaõ, que corresponde ao plancenta ainda pegado á matriz; porque a sahida do sangue, que corre pela veia umbilical poría a Mãi em perigo, se lhe naõ mo-

motivasse a morte. Lemos na Obra de Mr. *Nerq* primeiro Cirurgiaõ do Hotel Dieu de Pariz huma carta, que lhe communicou Mr. *Aubert* Cirurgiaõ da mesma Cidade, que próva a necessidade desta ligadura. Chamáraõ este Cirurgiaõ para acodir a huma pessoa, que tinha encoberto a sua prenhez á sua familia: chegado o termo em que devia parir foi accommettida de noite, e lhe chegáraõ as dores sem ter quem lhe valesse mais do que hum irmaõ, que acodio aos gritos, que dava com as dores. Pasmado de ver huma criança, que immediatamente lançou, bem que ficasse embaraçado pegou em hum fio, e atou o cordaõ perto do embigo, e cortou por sima da ligadura, e se retirou sem saber que lhe restava mais, que fazer. Passado pouco tempo vendo-se a disgraçada rapariga notavelmente desfallecida gritou, que morria, o que obrigou o irmaõ a chamar Mr. *Aubert*, que achou-a parida nadando no seu sangue. Feito o exame achou o placenta prezo ao fundo da matriz, e o cordaõ sem ligadura, pelo qual já se tinhaõ vasado dous, ou tres quartilhos de sangue. Atando este Cirurgiaõ o cordaõ cessou logo a perda de sangue, e a parida se vio livre de perigo.

Feitas estas ligaduras se entregará a criança a huma pessoa intelligente, que a embrulhe em hum panno quente, e a enfache.

Se a criança antes da primeira ligadura désse sinaes de debilidade, se cuidará em a fortificar pondo-lhe á róda do cordaõ, sobre a cabeça, peito, e ventre pannos molhados em vinho quente, ou Agua Ardente, ou sería bom deitar lhe algumas pingas destes licores na boca, ou nariz.

Tambem alguns aconselhaõ chegar cebola

pi-

pizada ao pé dos narizes da criança, para ella receber aquelle cheiro. Quando com estes expedientes tornaõ a recobrar-se as forças, o que se conhece pelo bater das arterias umbilicaes, que se conhecem por todo o comprimento do Cordaõ, ou com pequenos suspiros entresachados de soluços, ou por fim com o choro, se disporáõ para fazer a primeira ligadura, e depois a segunda para cortar entre ambas o cordaõ.

Fez Mr. *le Boursur* neste lugar tres observações de Mr. *De la Motte* no *seu Tratado sobre os Partos* para mostrar quaõ arriscada he a ligadura muito apertada do cordaõ, como se deve remediar isto, e o que convém fazer ao que foi sacado por força. Assim he que une os exemplos aos preceitos; Obra que he muito util para os discipulos, que desejarem ter as noções simplices, mas necessarias na Arte de Partejar.

METHODO

Para fazer huma caldeira de tinta azul, com muitas observações sobre o modo de usar della para tingir seda, e lã.

TOME-SE meio alqueire de cinza de hera bem peneirada: faça-se huma barrella com tres baldes de agua do rio, ou de chuva; metta-se em hum barril, e accrescente-se-lhe dous punhados de semeas de trigo, duas onças de herva ruiva, duas onças de tartaro branco, reduzido a pó fino;

hum arratel de barrilha, e meio arratel de anil pizado: mecha-se tudo por quatorze dias successivos de doze em doze horas, até que o licor tinja bem o dedo de azul: entaõ está capaz de se usar delle. Quando está prompto deve-se mecher todas as manhãs, e depois se cobre.

Quando a seda está capaz de se tingir, lava-se primeiro em huma barrella nova, e morna; esprema-se depois, e molhe-se na caldeira: podereis dar-lhe o fundo de côr que quizerdes, tendo-a mais, ou menos tempo suspensa na tintura.

Quando tem tomado a côr, que se pertende, trocei a seda, e esfregai-a em hum barril cheio de huma barrella clara, que esteja já apparelhada: lavai-a depois, e batei-a em agua limpa, e depois pendurai-a a seccar.

Quando a côr da caldeira tem enfraquecido torne-se a encher com a barrella, mas se a achais nimiamente fraca suppri isso deitando-lhe meio arratel de barrilha, e meio arratel de herva ruiva, hum punhado de semeas de trigo, huma punhada de tartaro branco, deixai-a assim estar oito dias, em que remechereis esta materia todas as déz horas; e por este methodo póde a côr servir mais outra vez.

METHODO PARA TINGIR A LÃ.

TOME-SE huma quarta de anil, meio arratel de barrilha, huma quarta de herva ruiva, e tres punhados de borras: ferva-se tudo por meia hora, e depois se deixe assentar: pize-se o anil

com

com eſta barrella em hum vaſo de cobre, e lance-ſe tudo em huma caldeira velha de anil, ou em huma caldeira nova de paſtel, e paſſadas vinte e quatro horas póde-ſe uſar de côr.

AVISO ECONOMICO

Para conſervar o toucinho, porco chacinado, preſuntos ſem criar ranço.

A CARNE de porco he taõ eſtimada em toda a parte, principalmente ſalgada, que mereçe ter lugar neſte Livro, pois ſerve de grande parte da ſuſtentaçaõ da gente do campo, ainda a mais abaſtada. Eſte Artigo pareceo taõ importante, que ſe tem adoptado o methodo de a ſalgar para ſe conſervar muito tempo, e comer-ſe em todas as Eſtações do anno. Porém naõ he eſte alimento unicamente applicado aos camponeos, em certo modo he neceſſario nas Cidades, naõ havendo banquete em que elle ſe eſcuſa. O toucinho he o tempero dos noſſos guizados, e com elle ſe lardeaõ as gallinhas, e toda a qualidade de caça, e a chacina tambem he parte dos pratos de cozinha, e delles ſe fazem varios pratos, que guarnecem, e temperaõ muitos outros. Todo o Mundo ſabe quaõ eſtimados ſaõ os preſuntos para hum banquete, e até delles ſe fazem paſteis, e outros muitos pratos, mas para ſe aproveitar eſta carne convém, que ſe conſerve algum tempo em ſal, e que depois ſe ſeque bem para poder durar; naõ faremos por hora reflexões ſobre

o me-

o methodo de ſalgar a carne de porco, as peſſoas do campo tem eſſas noticia diſto, e pódem-ſe confiar nellas: o que advertimos he unicamente para conſervalla depois de ſalgada: os camponeos ſatisfeitos com a primeira operaçaõ naõ ſe adiantaõ a mais, e ſuccede que o toucinho depois de eſtar algum tempo guardado, como tambem o preſunto, e mais carne ſalgada toma hum ſabor de ranço, que igualmente offende o cheiro, e o paladar. Pertendemos atalhar eſte ruim goſto, cou'a ſummamente facil; baſta pôr cuidado, e naõ alterar em nada o methodo ordinario.

O uſo he, depois de tirar a carne da ſalgadeira polla a ſeccar ao ar: para iſto ſe pendura no tecto da caſa, ou em grandes chamminés, para que, principalmente os preſuntos, ſeccando-ſe tomem hum certo ſabor de fumo, que naõ he depois deſagradavel. Naõ condemno eſte uſo, convém fazer iſto ao menos até eſtar bem ſecco tudo; mas que ſuccede entaõ? A gente do campo ſe contenta com eſta operaçaõ: crem que naõ tem mais, que fazer, e deixaõ tudo aſſim expoſto ao ar até, que lhes pareça tempo de o venderem, ou gaſtarem. Mas depois ſe paſſar tempo reſulta hum grande inconveniente. O ar operando com grande violencia no toucinho, e preſuntos, ſaca-lhe primeiramente as particulas aquoſas, e a humidade, que os poderia corromper: depois tendo ſecado as partes ſuperficiaes pucha, e ſaca tambem as partes mais delicadas, e ſubtis da gordura, e das carnes, o que deſtroe, altera, e chega a corromper algum tanto a ſuperficie, faz com que contraha máo ſabor, a que chamaõ ranço. Ora eſte goſto he taõ intoleravel, que

em

em vez de dar ſabor nos temperos, o commu-nica a todas as viandas em que ſe bota: e dei-ta tudo a perder. Os preſuntos rançoſos naõ ſe pódem comer, e nem os pódem atúrar palada-res os menos delicados.

Baſta hum pequeno cuidado para acautelar eſte inconveniente. Tem nos enſinado a experien-cia, que depois de ſe tirarem os preſuntos, tou-cinhos, e mais carnes das ſalgadeiras, he neceſſa-rio ſegundo o methodo ordinario ſeccallos ao ar pendurados, ou ſeja no tecto da caſa, ou em chamminés: mas tanto, que eſtiverem bem ſec-cos, para o que baſtaõ 15 dias, ou quando mui-to tres ſemanas, ſe devem tirar, e naõ os deixar mais tempo ao ar. Entaõ mettaõ-ſe em hum to-nel de vinho, que eſteja bem limpo, e para que as peſſas fiquem ſeparadas humas das outras met-te-ſe-lhe entre ellas feno do melhor, e mais ſec-co, que ſe achar; pois ſe for de máo goſto, ou humido poderá apodrecello, e communicar-lhe o máo, ou bom cheiro. Iſto feito tende cuidado em cobrir bem tudo de feno, e fechai exacta-mente o tonel, e mettei-o em hum lugar freſco, ou na adega. O toucinho, e o preſunto ſe con-ſervaráõ muito bem dous, ou tres annos ſem ranço; o que merece attençaõ. He verdade, que os camponezes pouco delicados naõ os offende o goſto do ranço, vi, que muitos ſe riem do meu methodo; embora ſigaõ o ſeu ordinario, mas como a maior parte da gente abomina eſte chai-ro deteſtavel a elles offereço eſte methodo de o evitarem.

AVI-

AVISO ECONOMICO

A respeito das Arvores em geral.

HE cousa muito ordinaria quando se arrendaõ fazendas, ou quintas, assignar aos Rendeiros, ou Caseiros certas arvores, cuja ramagem se lhes deixa cortar para lenha; este methodo tem seus inconvenientes: Vou mostrar quaes elles saõ, e apontar os meios de os evitar, e depois direi que utilidades se podem aproveitar deste uso.

As arvores que se plantaõ pelas extremas das courellas, nos lados dos fossos, ou valas em ar livre, crescem ordinariamente mais depressa, porque se aproveitaõ dos fabricos, e estrumes, que se deitaõ nas terras, e da liberdade do ar, que gozaõ sem lhes ser embaraçado por algum lado, mas he tambem innegavel que as suas raizes, e a sua sombra prejudicaõ muito ás plantas, que crescem debaixo, e visinhas. Se saõ carvalhos, choupos, faias, ou outras arvores corpulentas, as suas raizes se estendem pelo campo a mais de quarenta palmos em redondo, e ordinariamente destroem quanto alli se cultiva, e naõ póde crescer bem, mas sempre fica languido. Este inconveniente se naõ póde remediar se naõ usando neste terreno de esterco mais forte; mas entaõ isto he comprar em certo modo o producto, que se colhe de mais. Com tudo convem confessar, que as arvores saõ muitas vezes uteis para abrigar da violencia dos ventos, e fazer amparo aos grãos contra o rigor dos invernos, mas pa-

para que incommodem menos convém pollas pelos caminhos, e sómente pela orla. Neste caso tiraõ grande parte da sua nutriçaõ do terreno do caminho, servem de ornato á estrada, e saõ muito cómmodos aos passageiros. Ha, todavia outro inconveniente, e he que se saõ arvores de fructo como nogueiras, castanheiros, e ainda carvalhos, os seus fructos estaõ aventurados a serem roubados pelos passageiros, que os apanhaõ, e destroem as arvores, o que faz com que os Senhorios tirem daqui pouco fruto. Por outra parte isto he muitas vezes causa de grandes disputas, embaraços, e muitas vezes de demandas. Para atalhar pois semelhantes inconvenientes, naõ se deviaõ plantar pelas bordas dos caminhos mais do que arvores da especie daquellas de que saõ uteis as folhas, e madeira, como saõ amoreiras brancas, choupos, que tem a folha muito larga. Todos sabem o uso, que tem as amoreiras brancas; varias das nossas Provincias Meridionaes já tem experimentado o proveito, que dellas se tira para sustentar bichos de seda; esta mesma folha querendo, poderia tambem servir para sustentar o gado, e augmentaria notavelmente o leite ás vaccas: a amoreira branca tem de mais a virtude de se lhe poder colher as folhas duas vezes no anno, sem prejudicar á arvore. Naõ succede o mesmo com os choupos, que se naõ póde colher a folha senaõ huma vez no anno, menos que naõ seja no mez de Outubro, quando está inteiramente madura. Quanto ao fructo da amoreira póde-se dar aos porcos, que gostaõ muito delle, como tambem ás gallinhas, que o comem bem, e engordaõ. Assim por todas as razões se deve antepôr a amoreira ás outras arvores, para se plantarem

rem

rem á bórda dos caminhos. Hum bom economico deve reſervar as arvores de fructo para as plantar no interior dos campos, ou latadas das vallas, onde ficaõ mais defendidas dos paſſageiros

De todas as arvores nenhumas ha que tenhaõ mais abundancia de folhas, que ſejaõ melhores para os gados, como os choupos. Naõ ha alimento melhor que eſte para engordar o gado, e fazer com que as vaccas tenhaõ abundante, e bom leite: mas a ſezaõ em que ſaõ melhores, he depois da ſeve de Agoſto; pois refreſca muito toda a caſta de animaes. Pódem ſe juntar querendo na Primavera quando ſaõ tenras, e dar-ſe aos porcos com huns poucos de farellos amaſſados em agua fria, quanto baſte para os humedecer. Iſto fará muito bem a eſtes animaes, e principalmente ás mãis quando criaõ os filhos, pois eſte alimento faz com que tenhaõ abundancia de leite. Tirada a primeira folha naõ ſe deve tornar a bolir na arvore até ao fim do mez de Setembro, ou principio de Agoſto, tempo em que as folhas eſtaõ maduras, pois de outra ſórte lhe fariaõ muito damno. Naõ ſe deve duvidar que a primeira colheita das folhas prejudique muito ás arvores, e embarace que os ſeus ramos naõ creſçaõ tanto, no caſo, que as peſſoas encarregadas deſte trabalho naõ tenhaõ cuidado em naõ arrancar os olhos dos extremos dos ramos: com eſta precauçaõ em vez de damnar aos ramos creſceráõ melhor, e eſta operaçaõ fará nas arvores o meſmo effeito, que faz o arrancar as varas inuteis que produz a vinha.

Appareceo no Jornal Economico do mez de Fevereiro de 1759 huma memoria ſobre a folha da acacia; a quem o Author faz hum grande elo-

gio,

gio, e inculca como huma especie de maravilha: eu me persuado que esta folha tenha todas as propriedades, que se lhe attribuem, mas duvido que seja melhor que a do ormeiro: o certo he, que a acacia produz muito pouca folha em comparaçaõ do ormeiro, que as cria largas: bastas, e em muita quantidade. Quanto á madeira todos conhecem ambas as arvores, e sabem que se usa com mais utilidade da do ormeiro. A flor da acacia, que naõ he boa senaõ para galantaria, e pelo cheiro suave que tem, póde muito bem ter lugar nas visinhanças de huma quinta: quanto a mim he o maior fructo, que se póde tirar da acacia, mas eu naõ ponho difficuldade em dicidir, que o ormeiro deve antepôr-se-lhe como tem mais folhas, dá mais sombra, e as lamedas ficaõ por este motivo mais formosas.

Todo o Proprietario que quer criar arvores na orla das suas terras, para ter lenha, deve antepôr o ormeiro, e a amoreira branca a todas as outras arvores, e fará bem plantar estas arvores déz, ou dezoito palmos distantes entre si, se o terreno he bom, para que os ramos toquem huns nos outros, e formem hum abrigo capaz de amparar da violencia dos ventos Nórtes, que incommodaõ muito os campos.

As arvores naõ se devem decotar por sima, se querem que engrossem, cresçaõ, e durem muito: he experiencia constante, que as que saõ decotadas pela cabeça duraõ pouco, naõ engrossaõ taõ depressa, como as outras, e estaõ sujeitas a apodrecerem pelo golpe da cabeça, e naõ tardaõ em lhe succeder. O ormeiro, e o choupo, e quasi todas as arvores começaõ a arruinar-se por aqui: a agua, que se detém no sitio das cica-

trizes,

trizes, penetra até ao amago da madeira, e alli se congela no Inverno, e pouco a pouco vai lavrando todos os annos a podridaõ, e come a arvore até ao fim do tronco: nunca se deve soffrer, que os trabalhadores cortem a cabeça, antes pelo contrario convém deixallas subir quanto quizerem, ainda quando se lhes decotaõ os ramos, se lhes devem deixar alguns na cabeça para fazer hum ramalhete. Os ramos que deitarem de distancia em distancia pelo comprimento do pé naõ seraõ menos formosos do que cortandolhes a cabeça: e a arvore toda engrossará mais. Tem-se reparado que esta especie de decote, que se dá ás arvores todos os tres annos, cortandolhes os ramos para queimar, embaraça que ellas engrossem, e consequentemente que naõ cançaõ tanto o terreno, como aquellas a quem se naõ decotáraõ: taes saõ as arvores, que nascem descobertas ao vento, e que se deixaõ crescer á sua vontade, pois estas ultimas fazem maior sombra do que as outras, prejudicaõ mais ás plantas, que debaixo dellas se cultivaõ, e naõ se póde bem colher a folha.

Nunca se deve juntar a folha das arvores tenras no primeiro anno, menos que naõ esteja madura, e quando os renovos estaõ fortes, e já naõ brotaõ: o mesmo se deve dizer do segundo anno, em que he necessario esperar pelo mez de Setembro depois da segunda seve.

Quando se quizerem cortar os ramos destas arvores espere-se pelo mez de Setembro, ou se quizerem pelo principio de Outubro: e far-se-haõ feixes com os ramos, e folhas juntas: mas por-se-haõ algum tempo a seccar antes de se fecharem nos tilheiros, e fornos. No Inverno se de-

sa-

ſataráõ eſtes molhos, e ſe metteráõ ſucceſſivamente no curral dos carneiros, ou das vaccas. Eſtes animaes preferiráõ eſte alimento ao melhor feno, e ſabe-ſe, que as vaccas, que uſaõ delle daõ muita copia de leite. Geralmente todas as arvores, que eſtaõ ſujeitas a hum decote regular engroſſaõ menos, que as que o naõ tem: vede as arvores de que fazem latadas comparadas com as da meſma eſpecie, que creſcem livres, e que differença ſe lhes naõ conhece na groſſura. O meſmo ſuccede com as arvores, que ſe cultivaõ nos jardins para ornato, e que todos os annos ſe cortaõ os renovos, e ramos para lhes dar boa figura; eſtas arvores quaſi, que naõ engroſſaõ, e ſempre ficaõ anãs, mais ou menos conforme a quantidade de madeira, que ſe lhes corta, e principalmente no tempo da ſeve. Eſta obſervaçaõ ſe confirma ainda mais com os matos em que ſe mette o gado, que os roem á medida, que rebentaõ, ainda que eſtes animaes ſó comem as folhas, e extremidades dos ramos; eſtas arvores naõ engroſſaõ, nem creſcem taõ bem: logo de todos eſtes exemplos reſulta, que ſe quizermos boas arvores, e que creſçaõ bem em pouco tempo deve-ſe-lhes tirar poucos troncos, e ſómente aquelles, que pódem prejudicar á arvore embaraçando-ſe que creſça a competente altura, pois quanto mais fórtes ſaõ os ramos, mais ſe alongaõ as raizes, e mais terreno occupaõ para tirar delle ſuſtento capaz de as nutrir.

N'huma palavra as raizes das arvores creſcem ſempre proporcionalmente á força dos ramos; pois he conſtante obſervaçaõ, que ſe huma arvore he groſſa, e nunca ſe lhe cortáraõ ramos, convém acautelar cortarllos todos juntos, e ſería

o meio

o meio de as fazer apodrecer depressa. As raizes, que estaõ na terra puchaõ a si a mesma quantidade de seve, que se acha detida, e fica estagnada pela falta de orgãos proprios para os receber, e preparar; assim esta seve he obrigada a retroceder para as outras partes do tronco, e faz vaos esforços para sahir por alguns gomos, que ficáraõ. A cortiça dura, e inflexivel obstrue todos os canaes, impede a circulaçaõ livre da seve, e faz com que a arvore, e raizes seque. Assim cada vez, que se cortaõ ramos ás arvores succede o mesmo em parte. As raizes, destinadas para proverem da seve estes ramos recebem seguramente huma alteraçaõ sensivel, que muitas vezes as faz seccar, e he o que pude notar em varias occasiões. O decote regular, que annualmente se faz ás arvores pomiferas, ás vinhas. &c, tem estas arvores em hum certo acanhamento, que as embaraça de se estenderem como fariaõ sem isso: Ora como estas arvores tem menos raizes, e estas raizes saõ mais delgadas, e curtas, pelo costume em que se puzeraõ de se decotarem, cançaõ menos o terreno, do que as que se criaõ com toda a liberdade, e consequentemente se tira o proveito de se dar no mesmo terreno fructos, e outras plantas ao mesmo tempo. Com tudo esta vantagem bem ponderada nem sempre he tamanha, como persuadem, porque nisto naõ fazem mais do que perverter a ordem das cousas, e em lugar de huma só producçaõ se conseguem duas, ou tres, as quaes pelo que produzem naõ valem mais todas juntas do que valia huma só. Pelo contrario tenho reparado muitas vezes, que os fructos cultivados em hum terreno, onde se naõ cultiva outra cousa, e em que

ha

ha cuidado de tirar todas as hervas ruins, eraõ mais formosos, mais sãos, e em maior quantidade; do que he bem simples a razaõ: As arvores tem aproveitado toda a substancia, que achárаõ na terra, e a tem passado aos seus troncos, e fructos, ao mesmo tempo, que quando se lhes tira meios de chupar esta nutriçaõ, ou ao menos de appropriar a si, com o decote dos ramos, e cultivando no mesmo terreno, e na sua visinhança outras plantas, produzem muito pouco, daõ fructos mal acondicionados, e em pouca quantidade. Estas observações bastaõ para fazerem comprehender ás pessoas, que querem empregar-se na Agricultura, nunca se deve com pretexto de aproveitar todo o terreno accumular, em certo modo, as plantas humas sobre outras, se querem, que sejaõ bem succedidas algumas das suas producções. He muito mais util conservallas em distancia competente humas das outras a fim de que naõ se embaracem o crescimento humas a outras. Por exemplo: as arvores de qualquer especie, que se supponhaõ, saõ summamenmente nocivas nos campos, que se destinaõ para sementeira, e os trigos sempre produzem muito pouco, e necessariamente sahe mais miudo, mais ralo, e muitas vezes enferrujado, e amadurece mais tarde, tanto porque as raizes das arvores absorvem toda a substancia da terra, que teria sido util ao trigo, como porque os troncos lhe fazem sombra, que embaraça o aproveitarem a influencia favoravel do ar, e do calor do Sol. Semelhantemente tambem as arvores assim postas naõ pódem chupar a si sós os succos da terra; e o seu fructo he peco, e cahe boa parte antes de sazonar-se, nem ainda de chegar a sua gran-

de-

deza natural; de fórte, que as arvores, e grãos perdem em razaó reciproca do que hum lucra fobre outro. Succede algumas vezes, que ambos percaõ tudo quando ha annos de fecca, nos quaes a terra fica em inacçaõ, porque os fuccos naõ tem fido humedecidos, e em eftado de fervirem, pelas chuvas. Efte ruim methodo merece maior cenfura nas vinhas, em que vemos, que vinheiros avidos, e incapazes de fólido difcurfo plantaõ tudo entre as cepas, como faõ alcaxofas, favas, grãos, e outras plantas de femente, que pela maior parte faõ vorazes, e cançaõ notavelmente o terreno onde crefcem; e com ifto fazem hum grande damno ás vinhas, impedindo tambem o dar-fe-lhes fabrico a tempo competente. Por fim tem-fe experimentado, que obrando affim, depois de haver trabalhado muito fe achaõ com pouco, e ruim fructo. E porque fe naõ haõ de todas eftas coufas cultivar feparadamente humas das outras, e conter-fe querendo a menor porçaõ de vinha para refervar hum pedaço livre, em que fe planta tudo o mais. Vêr-fe-hia, que tudo fe cultivaría muito melhor, e daria mais fructo. Na maior parte das hortas fuccede o mefmo; quafi todas eftaõ cheias de arvores, e de legumes, que prendem humas com outras, feria melhor repartir o terreno, e que fe deftinaffe a fua porçaõ para cada efpecie particular, exceptuando fómente os muros, que devem encher-fe de arvores em latadas por caufa de bem expoftas; mas nunca aconfelhára, que fe plantaffem arvores em fitios deftinados para legumes Imitem-fe os famofos hortelãos, que trazem legumes aos noffos mercados: o feu terreno nunca o embaraçaõ com arvores de efpecie alguma, e affim as fuas plan-

tas

tas saõ muito melhor cultivadas, e taõ perfeitas: os que se applicaõ á Agricultura deveriaõ imitar com todo o cuidado taõ bom exemplo, e pôr todas as arvores fructiferas em pomares feitos de proposito; mas o antigo costume prevalece, a sua ignorancia os conserva sempre nos mesmos erros, e raras vezes se emendaõ, pelo que nem os seus fructos, nem os seus legumes desempenhaõ as suas esperanças; apenas os cobrem das despezas: torno a repetir: a terra naõ tem mais do que huma porçaõ de materia nutritiva, que he limitada conforme a boa, ou ruim qualidade do terreno, ou dos estercos, que se lhes lançaõ. Se se carrega de trabalhos, e se quer obrigar a produzir muitas cousas juntas, repartirá entre estas differentes cousas a nutriçaõ, que tem; e esta repartiçaõ será tal, que huma ha de necessariamente padecer o que a outra lhe houver tirado. Estas as reflexões, que todo o curioso de Agricultura deve fazer, porém difficilmente se persuade, que he impossivel tirar da terra mais do que tem tirado da influencia do Ceo, e da qualidade de estercos com que se estruma.

EXTRACTO

De huma Differtaçaõ intitulada : Reprefentaçaõ da maneira, por que o Commercio, e liberdade Civil fe fuftentaõ reciprocamente, *o qual levou o premio em Cambridge em* 1755, por William Hazeland.

OBSERVA o Author como huma maxima incontestavel, que poder deve fempre de neceffidade feguir a propriedade. Quem fe recordou já mais de fazer hum eftabelecimento legal, quando o Soberano he o unico Proprietario? Convém que concedais ao vaffallo o feu lar, ou alguma coufa que elle avalíe como propria, para fe lhe poder infpirar zelo pela Patria, ou fazer com que comprehenda qual he a conftituiçaõ de hum Eftado. A riqueza do vaffallo he quem naturalmente contrapeza a potencia arbitraria de hum Eftado. Ora a riqueza he o que refulta particularmente do Commercio, as vantagens do Commercio eftaõ immediatamente difperfas entre os Vaffallos induftriofos, que formaõ a porçaõ a mais indigente de toda a fociedade. Sufcite entre elles hum intereffe pecuniario, huma nova propriedade, de que elle he unico Creador; exalte o humilde vaffallo a merecer a attençaõ de feu Soberano orgulhofo, e repartindo por hum grande número os inftrumentos do póder, e huma difpofiçaõ para ferem livres. Com tudo os Grandes naõ fe affuftaõ, vendo que fe fufcita efte rival; mas encantados dos apuramentos, e do bonito

de

de huma maneira de viver á moda introduzida pelo Commercio, e vendo-se elles mesmos ricos alternadamente pelo augmento das rendas naturaes do Paiz, alentaõ, e sustentaõ o amigo da liberdade, que algum dia ha de dar o fatal golpe á sua Potencia. Huma addiçaõ continuada de riquezas communicada igualmente a todos os differentes estados da vida Civil, deve pôr em pouco tempo este montaõ de qualidades na mesma esteira, e chegar as fortunas dos Cidadãos áquellas raias de igualdade taõ difficil de conseguir, e a que se avisinhaõ todas as guardas mais seguras da liberdade.

O Commercio córta o caminho a Conquistas estrangeiras, e á usurpaçaõ domestica; pois com o grande augmento de fortunas nacionaes, e pela multidaõ de braços, que occupa, e que estaõ dispostos a servirem ao Público, faz a mais forte barreira contra as hostilidades, que se poderiaõ temer de fóra: he semelhantemente interessado essencialmente em crear, e entreter hum habito de industria, que he huma disposiçaõ a mais ciosa de sustentar as suas regalias, e a mais encontrada á tyrannia. Este effeito que produz o Commercio he huma fortissima objecçaõ contra os monopolios, que encerrando nos cofres de poucos os vastos fructos de hum largo Commercio, pertendem destruir o equilibrio de propriedade, que o Commercio essencialmente fundamenta. O peor he que como esta enorme riqueza naõ se junta senaõ por hum effeito de poder exclusivo, de que o Governo armou estas Sociedades, os Membros provavelmente estaraõ dispostos em toda a occasiaõ a abrir os seus immensos thesouros a favor dos que os sustentaõ, de sorte

que segundo este uso o Commercio vem a ser huma máquina arriscada de politica de Estado, directamente armada contra a liberdade. Semelhantes estabelecimentos saõ a respeito do interesse do dinheiro alguma cousa parecidos a estas instituições Gothicas, a respeito das propriedades das terras, as quaes ainda subsistem na maior parte dos Paizes da Europa, e que adjudicaõ huma grande herança a hum só herdeiro, excluindo talvez huma numerosa serie de parentes, que por este meio ficaõ necessitados, e dependentes de hum grande Senhor de familia; ao mesmo tempo que hum Commercio livre, e franco, destribuindo igualmente o patrimonio entre todos os filhos, enriquece huma posteridade inteira, sem dar a alguem modo de arruinar, e opprimir os demais.

REFLEXOES

Sobre o sentido da vista, e modo com que se faz a visaõ.

O ORGAÕ, com que se opera o sentido da vista he hum telescopio extremamente perfeito, que transmitte os objectos completamente até ao fundo do olho.

Este orgaõ tem exteriormente huma defensa nas pestanas, que he huma protuberancia de pelle sustentada por musculos por baixo da testa, guarnecida de cabellos fortes, dispostos regular, e ordenadamente, e que desce para baixo por meio dos musculos frontaes, e outros, de sorte que

faz

faz sombra ao olho, quando a luz he demasiada: depois de ter cumprido esta funcçaõ se torna a levantar pela inserçaõ do musculo frontal, delgado, e carnoso, debaixo da pelle contínua, em huma cabeça tendinosa preza ao craneo; a qual cabeça sendo de figura quadrangular, he puchada para traz pelo musculo occipital. O abaixar das sobrancelhas serve tambem para exprimir a inquietaçaõ da alma, assim como por outra parte a sua elevaçaõ denota que a alma está tranquilla, e socegada. Contribue mais a sobrancelha para abrigar os olhos do suor, poeira, e insectos, que sem ellas cahiriaõ nos olhos.

As palpebras estaõ postas como defezas mais proximas do olho: as rugas da pelle, que he brandamente estendida depois da do rosto occupaõ grande espaço, e estaõ dobradas com a substancia cellular posta entre a chapa, ou plano exterior, e interior, sendo entaõ este ultimo huma membrana Vascular delicada, e consequentemente de côr vermelha, estendida diante do globo do olho. Esta continuaçaõ da pelle he recoberta por toda a parte, onde se une immediatamente á cornea. A palpebra superior he grande, e muito movel, a inferior he mais pequena, e mais obedece ao movimento das outras partes, do que se move por força particular, que lhe seja propria. Os nervos, que daõ sensibilidade ás palpebras saõ numerosos, e tem origem no primeiro tronco da quinta par, e verosimilmente tambem da segunda; estaõ guarnecidos de arterias, que nascem das arterias temporaes, e de outras da face.

Para que as palpebras se podessem fechar melhor, tem cada huma dellas huma especie de ar-

arcada cartilaginosa na Orla, que se encontraõ entre si: esta arcada he delicada, de huma figura lunar, adelgaçada para fóra, e serve de impedir, que a palpebra fique inverrugada quando se levanta, ou abaixa.

A elevaçaõ da palpebra superior se fórma por hum musculo chamado por este uso elevador. Tem origem na dura mater, no lugar, em que se separa do nervo optico, e vem acabar no periosto da orbita. A palpebra superior se abaixa por hum musculo orbicular, que he largo; e delgadamente lançado em roda da orbita, por baixo da pelle das palpebras até aos angulos do olho, que servem como do ponto fixo a este musculo. O mesmo musculo serve tambem de levantar a palpebra inferior; e por meio disto a cobrir o olho por tal modo, que nem a poeira, nem a luz possaõ entrar nelle, em quanto se dorme. A palpebra inferior se abaixa por meio de duas fibras inseridas na palpebra superior; por fim para, que os angulos exteriores das palpebras naõ podessem roçar huma contra o outro, e offender, ha ordens de pello por fora de differente comprimento, e sahem das bordas das palpebras, onde cruzando huns, e outros fazem sombra: estes pellos servem tambem para tirarem a confusaõ da vista, excluindo os raíos estranhos, ou muito dispersos, quando necessitamos de ter huma distincta representaçaõ de hum objecto.

A fim de que roçando as palpebras huma pela outra senaõ prendaõ entre si estaõ guarnecidas de huma ordem de cellulas, que deitaõ hum linimento brando, o qual se mistura, e dissipa com a materia das lagrimas.

Mas

Mas o perpétuo roçado das palpebras, que sobem, e descem contra o globo do olho, se embaraça pelo humor, que se distilla, chamadas lagrimas, que tambem conserva a flexibilidade das membranas, e da cornea, e serve de affugentar todos os insectos, e mais corpusculos agudos. Forma hum licor salino, e transparente, que se póde evaporar, e que nunca cessa de se espalhar pela superficie anterior, mas nunca corre pelas faces abaixo se naõ quando por alguma causa se une maior quantidade. A separaçaõ das lagrimas se augmenta com huma contracçaõ mais frequente do musculo orbicular, que succede ou seja por irritaçaõ, ou por alguma paixaõ de tristeza, por cuja causa saõ as lagrimas obrigadas a correr com abundancia por toda a superficie do olho, que lavaõ, e alimpaõ.

O globo do olho, rigorosamente assim chamado, chato pela parte posterior, e mais longo, do que largo, está situado na cavidade d'huma orbita de osso, que he quasi de huma figura conica. Mas sendo esta cavidade maior do que o proprio olho, o sobejo está cheio por toda a parte de hum unto muito molle, que cerca o globo do olho, a fim de poder encher a sua Orbita, e ao mesmo tempo haver alli hum movimento livre.

O olho começa por hum nervo consideravel chamado nervo optico cujos envolvedouros com a sua expansaõ formaõ, e compoem tambem as do mesmo olho: este membro entra na orbita hum pouco inclinado, e se insere no globo do olho, naõ pelo meio, mas hum pouco mais visinho ao angulo da parte do naris.

Chegado o nervo ao olho, depoem a chapa in-

interior da dura mater, e sendo esta mais extensa, e vindo a ser mais espessa fórma o primeiro envolvedouro do olho, chamado selerotica. A outra chapa exterior da dura mater quando se separa da primeira forma o periosto da orbita, porém a pia mater, que neste nervo he muito notavel, e cheia de vasos, se extende de si mesma como antes, e fórma á selerotica hum forro delgado, e de cór escura. A parte medullar interior, que resta do nervo continuado dessde o cerebro, mas dividido em filamentos pela substancia cellulàr, por esse primeiro recolhido, e contrahido em huma figura conica branca, e apertada, depois do que se estende de novo sobre a membrana interior do olho, onde fórma a retina.

Geralmente a selerotica he branca, aspera, e cheia de vasos: junta a natureza da pelle, e tem huma figura esferica, mas compressa, e chata por diante, e de maior espessura por de traz. Á parte anterior deste globo cortada circularmente está preza obliquamente huma porçaõ de huma esféra mais convexa, ou mais pequena, transparente, e composta de muitas chapas cheias de hum humor claro, e de vasos transparentes. Esta parte que he inteiramente sensivel, e quasi circular se chama cornea. Esta membrana penetra a luz, e entra no olho. Ante a parte anterior, e a achatada da selerotica, e tambem diante da cornea, se encontra a conjunctiva, que tambem he solta de cada huma das palpebras, e intimamente unida com huma substancia cellular, que lhe he propria, e que se póde inchar: está cheia de vasos parte vermelhos, e em parte continuaçaõ destes vasos vermelhos.

A

A choroide no seu principio he hum circulo branco, que termina a substancia do novo optico na parte, em que a retina, e arteria central sahem para se estender, e a penetraõ de muitos buraquinhos: daqui se estende para dentro da selerotica, á que está concentricamente adherente por huma substancia cellular, e por muitos vasos, que entraõ da choroide na selerotica. Quando esta membrana se estendeo até ao sitio, em que começa a cornea transparente, se une alli mais exactamente á selerotica por huma substancia cellular, e sahindo dahi quasi circularmente, e tomando differente caminho fórma huma especie de sinuosidade chamada orbitacillar; isto he, que o envolvedouro que antes se estendia esfericamente, agora está circularmente suspensa no arco da cornea, donde he huma porçaõ circular parallela, que está solta, e destacada de modo que fórma hum buraco, que se chama a menina. A parte interior desta orla redonda se chama iris, e a posterior uvea por causa da sua cór.

Atraz da uvea, sahindo do mesmo circulo, com que a choroide, e selerotica se unem entre si, se levantaõ fachas espessas, que se estendem desde a choroide, igualmente riscada de vasos parallelos dispersos por baixo, e que estaõ unidos com especies de pediculos delgados, e desligados como barbas das penas, na retina, cobertas por toda a parte de huma pintura negra, e que apartando-se na fórma de hum annel furado se estendem por sima do humor vitreo, e se unem por fim á capula da lenta crystallina, e se chamaõ ligamentos ciliares.

Porém sendo a retina verdadeiramente huma

con-

continuaçaõ da ſubſtancia do nervo optico, depois ſe oſtenta em huma esfera concentrica com a choroide, extremamente delicada, e quaſi de huma conſiſtencia aquoſa, que a couſa mais leve póde diſſolver; e abraça immediatamente o corpo vitreo. Mas huma vez eſtendida a retina até aos ligamentos ciliares, ſegue o meſmo caminho que elles, fazendo dos ſeus ramos, e das ſuas pequenas arterias hum eſteio, e hum arrimo para elle no ſeu caminho, até a lenta cryſtallina, e na capſula da qual ſe prende, e ſe ſe crem as obſervaçõens de alguns Anatomicos, ſe eſtendem pela ſua ſuperficie.

Eſtes envolvedouros que cercaõ o olho, e ſe ſuſtentaõ humas, e outras, do meſmo modo que as cebolas, e outras raizes bulboſas, daõ ao olho huma figura esférica, e comprehendem communmente os ſeus humores, dando-nos eſte nome a tres ſubſtancias, das quaes a primeira he hum corpo ſólido, a ſegunda hum corpo molle, e a terceira hum liquido: a primeira ſe chama humor vitreo, e he contheudo em huma membrana delgada, tranſparente, que lhe pertence, de hum tecido cellular, em cujos intervallos ſe contém hum licor mui cryſtallino, hum pouco mais denſo do que a agua, que ſe evapora inteiramente com o calor, aſſim como humor aqueo, cuja natureza naõ perde facilmente, ainda nos velhos mais decrepitos.

O ſegundo chama-ſe humor cryſtallino, e fica em huma cavidade na parte anterior do vitreo, e atraz da uvea: a figura deſte humor, ou lenta he compoſto de duas porções ellipticas convexas; da qual a anterior he mais chata do que a poſterior: ſua eſtructura he de chapas con-

cen-

centricas, que se succedem humas ás outras, e compostas por fibras tambem igualmente figuradas, e ajustadas. Entre as folhas, ou chapas crystallinas se contém tambem hum licor transparente, que nos velhos amarellece. Esta lenta inteira se contém em huma camiza, forte, espessa, e elastica de huma membrana trasparente, que por detraz he dobrada pela uvea, e sustentada pelas continuações ciliares prezas nelle. Ha tambem hum circulo cellular, que cerca a lenta, e he formada por duas folhas da membrana vitrea, das quaes a anterior está pegada á lenta por hum grande circulo, e a interior continúa por detraz da lenta, do mesmo modo que a capsula, por cuja causa se fórma hum espaço, que em razaõ da convexidade parece hum annel.

O terceiro chamado humor aquoso he extremamente claro, e fluido; e está situado em hum pequeno espaço de huma figura triangular curvilinea entre a lentesinha uvea, e a crystallina, e em huma casa maior entre o iris, e a cornea.

Tendo assim considerado a anatomia do olho, passemos ao exame do modo, com que se opera a visaõ por meio deste orgaõ. A luz he huma materia, que ou he, ou se approxima muito á do fogo, extremamente fluida, ou subtil, que penetra todos os córpos os mais duros, sem que alguma distancia, ou separaçaõ faça a menor alteraçaõ no seu movimento, que se move com velocidade taõ pasmosa; que chega do Sol a nós no espaço de 16 minutos, e meio. A luz, que temos na nossa athmosphera, provem ou do Sol, cujo corpo parece ter virtude de despedir para nós em linhas rectas a materia de luz, que se espalha em redondo, ou procede de qual-

quer

quer outro ponto igneo, ou corpo luminoso, de que os raios se estendem para todos os pontos de huma porçaõ esférica, de modo que cahem sobre as superficies de todos os córpos, donde torna a reflectir para os olhos por angulos iguaes ao da sua incidencia, de sorte que fazem visiveis, e da mesma côr os córpos, donde elles reflectem para os nossos olhos.

Prova-nos com bastante evidencia a experiencia, que a luz se compoem de raios em linha recta, quasi naõ tem grossura fysica alguma, com tudo que cada hum destes raios pódem ser separados em outros muitos raios de especie mais pequena, mas permanentes, e immudaveis. As propriedades conhecidas destes raios saõ, que todos juntos fazem hum raio de luz branca: que cortado pelas pequenas superficies dos córpos, se subdivide em raios de côr vermelha, que saõ os mais constantes, permanentes, e duros, e menos refrangiveis. Seguem-se os laranjados, amarellos, verdes, azul, e indigo, ou roxo: de todos estes raios estes saõ sempre os mais fracos, e mais refrangiveis, á medida, que estaõ mais remotos na ordem dos raios vermelhos. A sombra he occasionada de huma falta nos raios reflexos; estes raios primitivos, sendo diversamente combinados com a sombra formaõ toda a variedade de côres, logo as côres que parecem proprias. e particulares aos córpos, vem de que as pequenas superficies das suas particulas sólidas constituentes, que lhes limitaõ os póros, e vasios, refletem, ou separaõ, conforme a differença da sua espessura, densidade, &c. os raios de luz, de modo, que enviao ao olho mais côr de huma certa especie, do que de outra, ao mesmo tempo que a maior

par-

parte dos raios, que restaõ, se perdem pelos póros da substancia com multiplicadas reflexões, de fórte que as particulas mais fortes, e mais densas reflectem huma côr branca, depois as que tem mais densidade, e grandeza huma côr vermelha, até que ultimamente as superficies mais pequenas reflectem a côr roxa. Córpos opacos saõ os que retém os raios de luz na sua substancia, sem permittirem que a penetrem alguns, o que parece provir da grandeza, e multiplicidade dos póros, aos lados dos quaes he attraida a luz; cujos póros estaõ cheios de alguma materia, que tem virtude de refrangibilidade, differente de que a luz experimenta nas partes do mesmo corpo.

Os raios, que cahem obliquamente sobre a superficie dos liquidos de differente densidade penetraõ experimentando huma mudança na sua direcçaõ, ou seja affastando-se, ou inclinando-se diversamente da linha perpendicular, e he o a que se chama refracçaõ. Geralmente quanto mais denso he o meio, mais se dobraõ os raios para a perpendicular, exceptuando unicamente os liquidos inflammaveis, que por huma particular propriedade attrahem mais para a perpendicular, no que naõ seguem a proporçaõ da densidade do liquido.

Os raios, que atravessaõ o ar com pouca divergencia, cahindo fóra do ar em hum corpo mais denso, assim quebraõ, que se vem a unir em hum ponto a que chamaõ foco; e este ponto sempre cahe no raio do eixo, que he perpendicular á superficie. Donde succede, que he permanente, e inalteravel, de fórte, que o foco dos raios, que passaõ do ar a huma esfera de agua, dis-

diſtará o ſimidiametro da esfera, e em hum globo de vidro diſtará huma quarta parte do diametro, mas em huma lenta convexa de vidro, que he huma porçaõ de esfera, e o menos 30 gráos igualmente convexa, ſerá o foco igualmente diſtante hum ſimidiametro, de modo todavia, que os raios ſe naõ encontraráõ em hum ſó ponto em hum pequeno circulo.

Logo os raios de luz, ou ſejaõ direćtos, ou inclinados, cahem de tal modo ſobre a tunica cornea do olho, que formaõ hum cone muito agudo entre o ponto luminoſo, e a membrana, ſobre que ſe eſtendem. A baſe deſte cone ſerá a ſuperficie da cornea, e o vertice no ponto luminoſo, de modo que todavia, que ſem algum erro ſenſivel, ſe poderáõ conſiderar todos os ráios deſte cone como entre ſi parallelos. Entre eſtes ha alguns raios, que refleƈtem para traz da cornea, ſem nunca lhe penetrarem a ſuperficie, a ſaber todos os que cahem ſobre eſta membrana por hum angulo maior de 40 gráos, e os outros raios, que entraõ na cornea com angulos muito grandes, mas menores, do que os precedentes, e cahem entre a tunica uvea, e os lados da lentilha cryſtallina ſe perdem na tintura negra, que cobre a uvea, e os proceſſos ciliares; mas naõ cahem na ſuperficie da lenta mais do que os raios, que entraõ na cornea em pequenos angulos, ou em angulos, que quando muito naõ paſſaõ de 20 gráos. Por eſte meio todos os raios ſaõ excluidos, que a potencia refrangivel dos humores do olho naõ pode concentrar, ou reunir na retina, e ſem os quaes pintariaõ o objeƈto muito grande, e por modo confuſo.

Conſequentemente os raios mais delicados,

que

que chegaõ assim á cornea espessa, que tem maior densidade do que a agua, e forma o segmento de huma esfera, experimentaõ assim maior poder de refracçaõ, e passaõ por ella com hum gráo mais consideravel para a perpendicular, a saber huma quarta parte; porém os raios, que cahem com pouca convergencia sobre o humor aqueo, que he muito pequena quantidade, e quasi semelhante á agua, naõ fazendo nelle foco em razaõ de estar muito proximo ao humor corneo, caminhaõ quasi parallelamente, ou ao menos com pouca convergencia para a superficie adjacente visinha da lenta transparente, ou crystallina, porque a sua divergencia foi consideravelmente emendada pelo poder, e refracçaõ, que tem a cornea. Além disso sendo a cornea convexa, e huma porçaõ de esfera mais pequena do que a da selerotica, recebe, e une maior número de raios, de que uniria se fosse mais chata, e tivesse menor superficie.

A virtude refractiva da lenta crystallina, que he maior do que a da agua, facilmente se comprehende reparando no seu excesso de dureza, de densidade, ou de pezo, que por algumas experiencias certas, se julga igual á potencia refrangivel do diamante, de sórte, que faz o angulo de refracçaõ, metade menor do que o da incidencia; seguindo outras experiencias, se se compara esta lenta com o vidro, a sua refracçaõ será hum pouco menor, a saber de gráo, e meio: e por isto nesta lenta, e principalmente na sua parte posterior, que he muito convexa, os raios convergeráõ muito entre si, e passaráõ dahi ao humor vitreo.

Este humor vitreo he mais denso, do que

a agua,

a agua, pois que lançado nella vai ao fundo; mas he mais raro do que o cryſtallino, e continúa a inclinar os raios para a perpendicular, até que formem em hum olho ſaõ, vindo os raios do ponto da viſaõ diſtincta ſe concentraõ em huma parte muito pequena da retina, onde pintaõ huma imagem do objecto donde partíraõ, porém ás aveſſas; porque os raios ſe cruzaõ neceſſariamente. O modo com que ſe pintaõ aſſim as imagens dos objectos ſe póde vêr fazendo experiencias com hum olho artificial, quando ſe tira a parte poſterior da ſelerotica, e ſe lhe poem hum pedaço de papel para ſe pintar o objecto: porém a imagem, como nós vemos ſe pinta ſobre o lado exterior, que vem do nervo optico, dentro nos termos do eixo viſual; de modo todavia, que naõ he hum ſó ponto; mas tem ſeus gráos de largura, pois que vemos muitos objectos juntos, cujas imagens devem achar-ſe em diſtinctos pontos do campo pintado. Aqui conhece-ſe hum objecto mais diſtincto, porque chegaõ os raios mais perpendicularmente; porém muitas vezes ſuccede, que eſte ponto de viſaõ naõ caia ſobre o meſmo lugar nos dous olhos.

Porém como as preciſões da vida humana requerem, que hum objecto differente ſe pinte na retina, naõ ſómente pelos raios, que vem de huma certa diſtancia, mas tambem veroſimilmente pelos raios, que vem de partes muito differentes mais, ou menos remotas, para eſte fim fez a natureza movel a lenta, pois ſem eſte movimento naõ veriamos os objectos muito remotos, nem os muito proximos aos olhos, do meſmo modo, e ſó muito confuſamente; conſeqnentemente a demaſiada divergencia, qual he

he a dos objectos nimiamente proximos aos nossos olhos he emendada pelo movimento da lenta, que se affasta mais da retina, de modo, que leve o foco dos raios divergentes á mesma retina, quando de outro modo viriaõ a cahir atraz do olho, porque sendo determinada a virtude refrangivel do olho, a que reunir o foco dos raios, que vem da distancia de tres pés, de modo, que vá cahir perfeitamente na retina, naõ será capaz de unir no mesmo ponto os raios, que vem de huma distancia de tres polgadas; e quanto mais divergentes forem os raios, mais longe se hiraõ encontrar no fundo do olho, se se naõ unem por huma potencia de maior refrangibilidade.

Porém os raios, que partem de objectos muito distantes, e que consequentemente pódem julgar-se parallelos, se encontraráõ antes da retina no corpo vitreo, e se tornaráõ a separar conforme a natureza dos raios do ponto da uniaõ, como se fora o corpo luminoso: para remediar isto se affasta para o crystallino para traz da cornea, chegando-se á retina, para que os raios, que vem juntos de certa distancia cahir na lenta, possaõ tambem juntar-se na retina em certa distancia proporcionada.

O espirito naõ sómente recebe pelo orgaõ da vista huma representaçaõ da imagem do objecto impresso na retina; e transportado dahi ao commum deposito das sensações, ou assento da alma, mas tambem ensina pela sua experiencia propria varias cousas, que o mesmo olho realmente naõ vê; e outras mais, que a alma considera, e interpetra, e que conhece serem muito differentes do que parecem á vista. Primeiramente julga da grandeza de hum objecto pe-

pelo angulo optico cortado, como a base do hum triangulo entre a cornea, e como a ponta de hum cone entre o objecto radioso. Daqui provem, que os objectos muito proximos parecem grandes, e os remotos muito pequenos.

Póde-se applicar a estes principios a virtude dos Microscopios, que nos represent.õ os objectos tanto maiores quanto a distancia do foco da lenta, ou vidro multiplicador he menor do que a distancia da visaõ distincta, ao mesmo tempo, que realmente naõ parecem maiores, mas sómente mais luminosos: daqui vem, que a alma os julga maiores, ou mais proximos.

Verosimilmente a força da luz visual he proporcionada ao mesmo angulo na luz do dia exterior, e a multiplicidade, ou número de raios, junto á pequenhes do lugar, que occupaõ na retina, faz com que os objectos visinhos pareçaõ mais brilhantes, e os objectos remotos os mais obscuros, ou tambem se hum objecto remoto apparece brilhante com a sua propria luz, o espirito o affigura consequentemente como grande, ou como visinho, ou ambas as cousas juntas.

O sitio do objecto remoto, que aparece no olho se julga pelo concurso de duas linhas tiradas do centro do olho para, que se cortem, ou unaõ no espaço, que fica entre o ponto em que o objecto appareçe visivel no olho direito, e o mesmo ponto no olho esquerdo, se estas duas linhas se naõ cruzaõ huma a outra em algum lugar, representaráõ o objecto duplicado, ou se se encontraõ huma a outra entaõ julgamos o sitio do objecto no ponto da intersecçaõ: Mas quanto á distancia naõ a podemos vêr, e julgamos unicamente pela diminuiçaõ da sua grandeza já conheci-

ci-

cida, como tambem pelo angulo, que fica entre os dous eixos opticos, juntamente com a debilidade da luz, e pallidés, ou desbotamento da imagem, que vem do objecto comparado tudo com os córpos intermedios, cuja distancia já nos he conhecida: mas ultimamente mostrado tem a experiencia, que todas as cousas, que naõ saõ fundadas na infallivel sabedoria do Creador, mas que sómente assentaõ no juizo, que os Homens fazem pelas suas debeis luzes, muitas vezes enganaõ, e saõ sujeitas a erro.

Assim a convexidade, ou protuberancia de hum corpo naõ he cousa, que se percebe; porém nós julgamos logo pela nossa experiencia, por termos conhecido, que hum corpo convexo ao tacto, causa huma certa modificaçaõ, ou habito na luz, e na sombra, e por esta razaõ he, que os microscopios desmentem, e perturbaõ o juizo transpondo, ou mudando as sombras.

A situaçaõ visivel das partes de hum objecto apparece a mesma ao espirito, que faz o seu juizo, e a que elles tem naturalmente no objecto, e naõ a posiçaõ voltada com que se pintaõ na retina. Mas he certamente huma faculdade natural, ou innata aos olhos a de representar ao espirito os objectos em situaçaõ recta, todas as vezes, que se pintaõ ás avessas na retina; porque os animaes nascidos de novo sempre vem as cousas em posiçaõ direita, e nunca se enganaõ buscando suas Mãis; e tem-se reparado, que os Homens, que nascêraõ com cataractas, vem tudo na sua natural situaçaõ, sem usarem do tacto, e sem precederem antecedentes experiencias.

Ha huma cousa, que assombra ao espirito, que he a circunstancia, que as sensações exte-

vióres continuaõ no efpaço de quafi hum fegundo diminuto, depois de ferem levadas por meio dos olhos até ao lugar da alma, por cujo meio fe reprefentaõ ao efpirito como objectos realmente prefentes : daqui vem a idéa de hum circulo de fogo, excitado pela rotaçaõ prompta de hum corpo luminofo : daqui vem tambem a continuaçaõ da imagem brilhante do Sol, e algumas vezes dos outros corpos, depois que fe olha para elles.

Talvez fe pergunte fe podemos vêr diftinctamente fó hum objecto de cada vez, e aquelle que fica directamente diante da retina do olho, que vê diftinctamente ? e fe o efpirito fe perfuade que vê muitos objectos, parte por caufa da continuaçaõ das idéas, que excitaõ, e parte por caufa da celeridade do movimento, que fe faz nos olhos ? A ifto refpondo affirmativamente a refpeito da vifaõ diftincta, porém fería temerario o fegurar o mefmo a refpeito da vifaõ confufa. Se me perguntaõ donde procede a cegueira, que cega a certas peffoas de dia, e outras de noite? refponderei que a cegueira nocturna he ordinaria em muitos Paizes, em Climas mais quentes, e particularmente nos velhos, que vivem debaixo do Clima, onde o Sol he muito ardente; porém a cegueira de dia he familiar aos que tem os olhos inflammados, e aos moços de temperamento aduſto, e que confequentemente tem a vifta fummamente delicada : pelo que de huma he caufa a nimia delicadeza da retina, como da outra a dureza, e infenfibilidade defta mefma retina.

Porque caufa vem os animaes de noite ? Ifto procede de huma grande menina, que fe dilata muito, de huma retina tenra, e de que a cho-

choroide brilhante reflecte muito a luz. De que procede que todos nos achamos cegos passando da luz para hum sitio escuro? he porque tendo o nervo optico padecido por causas mais fortes, se acha naquella occasiaõ menos affectado, ou posto em movimento por causas mais debeis. Donde procede a dôr que experimentamos, passando subitamente de hum lugar escuro á luz? he porque tendo-se a menina fortemente dilatado no lugar escuro, recebe de repente huma grande quantidade de luz antes de se poder contrahir, do que procede que a retina delicada, que recebe grande impressaõ com a pouca luz, sente por algum tempo huma impressaõ muito forte, ou nimiamente picante. Vemos com hum olho só, ou com ambos elles? Responde, que muitas vezes vemos com hum só, principalmente com o olho direito, mas quando usamos de ambos para vêr, vemos entraõ mais objectos, e mais distinctamente: semelhantemente distinguimos mais pontos do mesmo objecto, e julgamos melhor, e com mais certeza da sua distancia.

MEMORIA

Acerca do modo de preservar o trigo da corrupçaõ, e de o conservar.

TODOS os Lavradores sabem que os differentes nomes, que se daõ á ferrugem, servem de designar hum trigo, cujo interior se converte em pó negro, como carvaõ; mas muitos ignoraõ

raõ que efte pó negro efpalhado, cafualmente efpalhado, ou por outro cafo fobre o trigo mais faõ, e deftinado para femente, fe arruinará de fórte, que na colheita proxima fe achará todo o trigo negro interiormente. Efte importante defcobrimento fe deve a Mr. Tillet da Academia Real das Sciencias. As fuas experiencias foraõ repetidas em Trianon por ordem de Sua Mageftade, tanto para fe fegurar a communicaçaõ defte vicio, como a efficacia dos meios que os previne. Efte meio prefervativo; cujo fucceffo fe tem affáz comprovado, he o que eu communico a todos os cultivadores.

Se o graõ que fe quer femear he limpo, e fem nodoa negra, baftará lavar-fe muitas vezes na barrella que vamos defcrever.

Pelo contrario fe o graõ tem mancha negra, convém lavallo muitas vezes com agua da chuva, ou do rio, e naõ a paffar pela barrella, fenaõ quando já naõ tiver nodoa negra.

Efta barrella fe faz de cinzas de madeira nova, ifto he que naõ tenha hido á agua. Encher-fe-ha huma cuba, até aos tres quartos, e lançar-fe-lhe-ha fufficiente quantidade de agua: a da barrella deftinada para o graõ, deve fer de quatro arrateis de agua para hum de cinzas: efta proporçaõ dará huma barrella muito forte: quando eftiver coada, fe porem a aquecer; e fe infundirá ou diffolverá em cal viva, que fica branca como leite.

Cem libras de cinzas, e quatrocentos arrateis de agua daráõ huma porçaõ de barrella, a que fe une quinze arrateis de cal. Efta quantidade de barrella affim preparada bafta para hum moio de trigo, e fica muito barato.

Pa-

Para fazer uso desta barrella quente, deve o seu calor ser diminuido, de sorte que lhe possa suster a maõ. Entaõ se lhe lançará o trigo já lavado, em hum cesto, ou canastra de hum tecido compacto, que tenha duas azas altas, e se mergulhará por varias vezes nesta barrella branca, e se remecherá o graõ com as mãos, ou com huma palheta de madeira, para que fique igualmente molhada: levantar-se-ha o cesto para o deixar escoar sobre a cuba, depois se estenderá sobre taboas para seccarem mais promptameete. Encher se-ha o cesto de novo graõ, e se tornaráõ a molhar na cuba, cujo fundo se remecherá com hum pao, até passar todo o trigo.

O Lavrador póde aproveitar os bons dias, e os momentos de descanço para a sementeira proxima.

Quem quizer maior explicaçaõ póde consultar o Tratado da Cultura das terras por Mr. du Hamel, da Academia das Sciencias, &c.

As Memorias de Mr. Tillet da mesma Academia: o Compendio de Experiencias feitas por ordem de Sua Magestade em Triannon, &c. que he hum Caderno de quarenta e duas paginas impresso em Troyes, &c.

E a presente Memoria se imprimio do modo que aqui a transcrevemos, na Impressaõ Real. Ordem superior a mandou ordenar pelas Experiencias de *Mr. Tillet*, para se repartir pelas Provincias do Reino, vistos os bens que se devem esperar do uso das preparações, que alli se indicaraõ. Era mais segura para que o Ministerio podía dar a sua attensaõ pela Agricultura. Se a protecçaõ que elle concede ás instrucções, que nos daõ os bons, e sabios Cidadãos naõ bastaõ

pa-

para deſtruir de huma vez as arraigadas preoccupações dos pequenos Lavradores, pelos uſos antigos, eſperemos que os Proprietarios de grandes herdades, a quem a educaçaõ tem enſinado todos os generos ſuſceptiveis de perfeiçaõ, mandem fazer nas primeiras ſementeiras experiencias do novo Methodo, e o ſeu bom ſucceſſo inſenſivelmente perſuadirá aos camponezes menos ſuſceptiveis de reflexaõ.

QUESTÕES

Sobre a Agricultrra.

DESEJANDO a Real Sociedade de Londres approvar os conhecimentos naturaes, ſe dividio em muitas claſſes, conforme os ſeus talentos, e eſtudo a que ſe applicaõ varios membros. A claſſe deſtinada para a Agricultura começou as ſuas operações eſtabelecendo varios pontos de indagaçaões, a fim de ſe inſtruir com certeza, e ſolidez de quanto eſtá conhecido, e praticado neſte genero, e indicar as refórmas, que ſe podiaõ fazer para o futuro.

Primeira. Para Terras de lavoura.

1 CONSISTINDO as varias eſpecies de terras, de que ſe compoem a Inglaterra de terras pedregoſas, argilhoſas, areentas, de ſaibro, e marne, ou eſtando cercadas de breijos, eſpinhos, olhos de agua, de terras humidas, ou de eſter-

quei-

queiras podres como se cultivaráõ cada huma destas terras?

2 Quaes saõ as preparações particulares, que pede cada huma destas especies de terreno para produzir cada especie de graõ? Que estercos lhe convém; quando, como, e que porçaõ se lhe devem deitar.

3 Em que estaçaõ se devem fabricar? Quantas vezes, e com que instrumentos?

4 Quanto tempo devem ficar de alqueive estes differentes terrenos?

5 Como se pódem fazer fecundos os matos, e para que producções?

6 Que terreno produz o marne, e em que altura se acha: qual he a sua espessura? Qual a sua côr, em que terras se deita, e em que tempo? Quanto he necessario a cada geira? Que graõ póde criar huma terra estrumada com marne? Quantos annos lhe dura este adubo; e como se hade depois fabricar a terra?

7 Sendo o trigo a sementeira mais usada em Inglaterra, como tambem cevada, feijaõ, arros, aveia, ervilhas, favas, milho, canamo, linho, nabos: que especies se devem semear em cada terreno, e como se deve preparar; se se devem humedecer, e com que? se devem misturar-se, e com que sementes.

8 Como ha varias especies de trigo, cevada, aveia, ervilhas, favas &c. quaes saõ as que se criaõ em cada Paiz? que terreno querem? quaes daõ melhor? se cada huma dellas pede sua cultura differente, e que differença he esta?

9 Quaes saõ as observações particulares, que se devem fazer sobre o trigo, e mais sementes, que se querem semear; e quaes devem succeder humas a outras?

Que

10 Que quantidade de cada efpecie leva huma geira de terra? Em que eftaçaõ do mez, e anno fe devem femear?

11 De que inftrumentos fe deve ufar para gradar, e quebrar os torrões, e para lhe paffar o rolo por fima: em que eftaçaõ do anno?

12 Quanto dá ordinariamente em anno commum huma geira de terra: o mefmo nos annos melhores, e nos peores?

13 Quaes faõ as caufas da ferrugem, e da fujidade de trigos a que eftá fujeito até fazonar? Que meios ha para ifto fe remediar.

14 Como fe perferva das ervas ruins, bichos, infectos, paffaros, ratos, toupeiras &c.

15 Em que occafiões fe corta, ou fe lhe mette o gado, e que proveito fe tira?

16 Quaes faõ as eftações, e modo de fazer a colheita, e benificiar todos os grãos, antes que fe faquem do campo.

17 Quaes faõ os differentes modos de confervar o graõ em palha, ou fechado, ou ao ar, e prevenir os inconvenientes, como faõ ratos, humidade de chuva, e fua demafiada?

18 Quaes faõ os differentes methodos de feparar as differentes qualidades de grãos da palha, e de os joeirar?

19 Qual he o methodo, para perfervar todas as provisões de grãos dos accidentes, a que eftaõ fujeitos?

Segunda. Para as paſtagens.

1 COMO ſe devem regar os differentes terrenos de que fallamos, que ſe deſtinaõ para darem fenos, ou para paſtos?

2 Como ſe acautela o que naturalmente eſtraga os paſtos, ou prados, como ſaõ hervas ruins, muſgo, feno agro, eſpinhos, carqueja, cardos, juncos &c.?

3 Qual he o melhor methodo de ſeccar os breijos?

4 Que relva he melhor, e quaes ſaõ as ſuas eſpecies?

5 Quaes ſaõ as principaes circunſtancias, a que ſe deve attender cortando os fenos, e o modo de os ſeccar, e conſervar?

6 Que eſpecie de herva he a mais cómmoda, e a mais propria para ſe guardar; qual he a mais conveniente para os carneiros, vaccas, bois, cavallos, cabras &c.?

METHODO

De tingir ſeda de carmeſim.

PARA cada arratel de Seda ſe tome huma quarta de Fernambuco: ponha-ſe a ferver, e coe-ſe em hum vaſo, de que vaſareis a agua até, que o licor fique morno: mecha-ſe bem a Seda, que eſtiver nella mettida, tendo antes ſido preparada; e quando tiver bebido em ſi a força da côr, eſ-

pre-

prema-ſe na agua, depois de enxagoada, e ponha-ſe a ſeccar.

PARA FAZER EXCELLENTE COR ESCARLATE.

DEPOIS de ter lavado, e ſeccado a Seda, ſe toma para cada libra de Seda 4 de açafraõ; o qual ſe metterá em hum ſacço, e ſe lavará em agua limpa, até que a agua ſaia clara: tire-ſe depois do ſacco o açafraõ, aperte-ſe, e esfregue-ſe entre as mãos ſobre hum vaſo limpo. Para cada libra de ſeda ſe tomem quatro onças de barrilha, e ſe miſture com o açafraõ em iguaes quantidades, metta-ſe em hum ſacco bem atado para, que a barrilha naõ ſaia, aliás manchará a Seda: deite-ſe-lhe em ſima agua limpa, para tomar toda a força do crocus: depois tome-ſe para cada libra de Seda hum quartilho de ſumo de limaõ, que tambem ſe repartirá em duas partes, e cada metade lançareis nas duas de crocus. Depois de terdes ſeccado bem a Seda em varas, molhe-ſe por huma hora na primeira parte do licor, e torça-ſe bem, e torne-ſe a pôr a ſeccar em varas, e tendo depois preparado a outra parte do crocus, como ſe fez á parte, torne ſe a molhar a Seda continuadamente por huma hora; e depois ſe torça, e ſe ponha a ſeccar em varas á ſombra, e ficará com boa côr.

COR

COR ESCRLATE PARA A LÃ.

TOMEM-SE quatro onças de alvaiade; tres oitavas, e meia de arſenico, huma libra de tartaro queimado, e huma libra de pedra hume: ferva-ſe tudo iſto com a lã por duas horas, e depois ſe tire, e eſtenda: no dia ſeguinte faça-ſe huma tinta com duas libras de boa herva ruiva, hum quartilho de orleãs, duas onças de gurgumi, e tres onças de agua forte.

MODO DE TINGIR SEDA,

Ou algodaõ de eſcarlate com Fernambuco.

TOMEM-SE tres libras de pedra hume, tres onças de arſenico, quatro onças de alvaiade, e ponha-ſe tudo a ferver com a ſeda, ou algodaõ por huma hora: tire ſe depois, e ſe lave em agua clara: depois faça ſe huma barrella com 8 libras de herva ruiva, duas onças de ſal amoniaco: deixe-ſe mettida nella toda a noite a ſeda, ou algodaõ, e no dia ſeguinte ſe lhe dá huma fervura em agua clara, em que ſe lance huma onça de barrilha, e depois ſe lhe lance huma porçaõ de barrella, e á medida que ſe vai lançando vai a côr ſendo mais forte, por modo que ſe lhe póde dar a actividade que ſe quizer.

RE-

RECEITA

Para tingir ſeda, ou algodaõ de eſcarlate.

PARA cadá libra de ſeda, de algodaõ, de cadarço ſe tome huma onça de tartaro, meia onça de pez branco, e tudo ſe ponha a ferver em agua limpa: lance-ſe-lhe depois huma quarta de cochonilha, duas oitavas de pez, duas de eſtanho desfeito em meia onça de agua forte, e miſture ſe tudo em agua clara, e quando tiver fervido algum tempo com o pez, e tartaro, encha-ſe com cochonilha, e agua forte, e metta-ſe dentro a ſeda, ou o que ſe quer tingir, que ficará de boa côr.

Outro methodo.

TOME-SE huma onça de tartaro, meia de pós, meia de ſumo de limaõ, duas oitavas de cremor trataro, ferva-ſe tudo em agua limpa, e deite-ſe-lhe duas oitavas de gurgumi, meia onça de cochonilha, e pouco depois huma onça de agua forte, em que eſtejaõ desfeitas duas oitavas de eſtanho, e ferva-ſe niſto a Seda.

DA PLANTAÇAÕ DOS CARVALHOS.

DEPOIS de Deos, diz certo Inglez, a Plantaçaõ dos carvalhos he o mais seguro baluarte da nossa Naçaõ contra seus inimigos, pelo que deveria o Parlamento Inglez cuidar em que tivessemos sempre grande provisaõ para o que elle he necessario, mas com bem magoa minha direi, que dentro em poucos annos naõ teremos nenhum; pois por cada cem arvores, que cortaõ naõ plantaõ huma: talvez que os donos das fazendas sejaõ como hum certo Homem de quem dizem olá, que queria, que a posteridade obrasse alguma cousa a seu favor, que fosse capaz de o obrigar a trabalhar para ella. Como quer que for na Provincia de Suffolk ha milhares de geiras de terra, que naõ rendem quasi nada, e que se se plantassem de arvores, criariaõ os mais formosos Carvalhos de todo o Reino; supponhamos pois, que se obrigavaõ todos os senhorios de terras a plantarem de arvores sinco geiras em cada cem, que possuem de terra, e assim á proporçaõ em todas as herdades de mais de 30 geiras: isto seria hum meio seguro de nunca fallecerem materiaes para construcçaõ dos navios, ao mesmo tempo, que sem fazer caso disto he muito verosimil, que a falta de carvalho venha algum dia a ser a nossa ruina, ou ao menos nos traga funestas consequencias. He verdade, que a algumas pessoas faz falta esta pequena renda, que a sua terra lhe dá todos os annos, porém corraõ es-

eſtas peſſoas pouco abaſtadas com olhos no bem público pelo ſeu luxo ordinario, e eu lhes ſeguro que poſſaõ contribuir para a execuçaõ de hum Syſtema taõ util.

O methodo de plantar, que eu lhes recommendo, he deixar deſcançar a terra hum Eſtio, e pelo mez de Janeiro ſemealla o mais ſgualmente, que poder ſer de bolotas. No terceiro, ou quarto anno ſe desbaſtaráõ as que eſtiverem naſcidas, arrancando as que eſtiverem de mais, de ſórte que fiquem quatro até ſinco palmos diſtantes humas das outras. Déz annos depois de ſemeadas ſe tornaõ a desbaſtar, e talvez paſſados outros déz annos ſe poriaõ no eſtado, em que devem ficar. Quero dizer, que ſe cortariaõ as arvores, que ha de mais, de ſórte que ficaſſem as arvores com trinta, ou quarenta palmos de diſtancia para toda a parte, ſem lhe cortar ramos, porque a menor ferida he baſtante para naõ creſcer. Eu naõ eſpero que eſta minha Propoſiçaõ ſeja praticada, mas fico eu ſatisfeito para comigo meſmo de publicar couſa, que poſſa ſer util ao meu Paiz. Talvez riraõ do meu projecto, mas eu nelle nem tenho intereſſe peſſoal, nem buſco louvor.

HIS-

HISTORIA

Da circulaçaõ do ſangue, e explicaçaõ do modo, com que ella ſe faz.

O CÉLEBRE Doutor Guilherme Harvey publicou em 1628 o ſeu Tratado, que tem por titulo: *Exercitatio Anatomica de motu cordis, & ſanguinis.* Em huma eſpecie de Dedicatoria deſta Obra, dirigida ao Collegio dos Medicos de Londres, obſerva que ha muito tempo, que elle tem dado nas ſuas lições Anatomicas a ſua nova opiniaõ ſobre o moto, e uſo do coraçaõ, e ſobre a circulaçaõ, e ſó depois de ter confirmado com razões, e argumentos os mais fortes, e tello defendido contra as objecções dos Anatomicos mais habeis, he que por fim ſe reſolveo a fazella pública em hum Tratado expreſſo.

Eſte deſcobrimento da circulaçaõ do ſangue era da maior importancia para a Medicina, e foi precioſa para com todos os ſeus contemporaneos a memoria do ſeu Author. Porém como ſe diſputou loucamente, ſe a elle ſe lhe devia a honra, vamos a expôr eſte ponto. He vulgar que ſe comece taxando os Homens grandes de ſe terem enganado, e acabar ultimamente accuſando-os de plagiarios; tal foi a ſórte do Doutor *Harvey*. Muitos accommettêraõ o ſeu Livro, e quando víraõ que naõ era poſſivel deſtruir-lhe as maximas, pertendêraõ que elle naõ foſſe o Author deſte deſcubrimento, e que conſequentemen-

te naõ merecia que lhe attribuisse a gloria.

Vander Linden, que publicou huma Ediçaõ exactissima de Hyppocrates, fez todo o esforço possivel para provar que Hyppocrates tinha conhecido a circulaçaõ do sangue, e que Harveo naõ fez mais que renovar esta opiniaõ. O que elle diz em substancia he o seguinte. Hyppocrates falla em hum lugar do movimento constante, e ordinario do sangue: em outro chama ás veias, e arterias fontes da natureza humana, regatos que regaõ todo o corpo, e levaõ a vida, e diz que tanto que ellas se seccaõ morre o Homem. Diz em outro lugar, que os vasos sanguineos dispersos por todo o corpo, lhe daõ espirito, humidade, e movimento, porém que todos procedem de huma unica fonte (os vasos sanguineos) pois onde ha hum circulo naõ tem principio.

Taes saõ as passagens mais claras, que se tem produzido para provar que Hyppocrates conheceo a circulaçaõ do sangue. He certo que elle a acreditava como Hypothese, isto he, que elle suppunha que o sangue era levado por todo o corpo por hum movimento constante, e costumado, porém as seguintes reflexões demonstraõ, que naõ sabía que cousa fosse este movimento constante, e costumado, e naõ tinha achado esta circulaçaõ, que Harveo demonstrou. 1. Naõ falla da circulaçaõ do sangue no seu Discurso sobre o coraçaõ, onde anatomiza este orgaõ tanto quanto póde, e falla dos seus ventriculos, e das suas valvulas, que saõ os instrumentos immediatos, pelos quaes se faz toda esta operaçaõ. 2. Elle estava persuadido, que as orelhas do coraçaõ eraõ como folles que recebiaõ o ar para refrescar o musculo: ora ellas tem outros usos, que certamente se tem des-

descuberto, pois que ajudaõ ao coraçaõ a receber o sangue da veia cava, e da veia pulmonar: he o que naõ póde ignorar todo aquelle que sabe que o sangue circula; consequentemente Hyppocrates naõ deixaria de fazer disto mençaõ se o tivera conhecido. 3. Hyppocrates falla das veias como que recebem o sangue do coraçaõ, e levando-o a elle: este era tambem o theor ordinario de fallar de Galleno, e de todos os Antigos. Ora todo o que se sabe explicar com propriedade nunca dirá, que liquidos alguns saõ tirados de huma cisterna, como de sua fonte, por canaes que pela sua construcçaõ, levaõ os liquidos para esta cisterna. 4. Hyppocrates diz, que o sangue he levado do coraçaõ para os bofes para os sustentar sem dar outra alguma razaõ: eis-aqui ao meu parecer argumentos positivos, que provaõ que Hyppocrates nada disso sabía, e com effeito todos os Commentadores, assim antigos, como modernos, antes que o Doutor Harveo tivesse publicado o seu Livro nunca interpetráraõ as precedentes passagens da circulaçaõ do sangue: he bem provavel, que Vander Linden nunca tal imaginára, se Harveo lhe naõ suggerisse a idéa: mas elle estava resoluto a achar tudo isto em Hyppocrates, que elle tinha naõ somente como o Pai da arte de curar, mas tambem como hum Homem, cujos descobrimentos se naó podiaõ adiantar. Além de Hyppocrates nenhum dos Antigos, ou para melhor dizer seus admiradores pertendêraõ semelhante descubrimento. A respeito de Galleno todo o que quizer lêr o que elle diz do coraçaõ, e dos bofes, no seu VI. Livro de *Usu Partium*, será obrigado a confessar, que elle naõ discorre como se conhecesse as cousas desco-

bertas pelos Modernos, pelo que naõ pertendem que elle conhecesse o movimento, e circulaçaõ do sangue. Tudo isto próva mais que se Hyppocrates a conhecesse, se explica por modo taõ obscuro, que nem o mesmo Galleno o pode entender, sendo quem segundo todas as apparencias entendeo melhor o texto de Hyppocrates do que nenhum dos seus Commentadores, que escrevesse depois que a lingoa Grega, e ainda mais o *Dialecto Jonico*, deixou de ser huma lingua viva.

Pois que os Antigos naõ tem jus a taõ nobre descubrimento, naõ será fóra de proposito examinar a qual dos Modernos se deve esta gloria, pois he ponto, que tem sido varias vezes contestado bem, que sem razaõ. O primeiro passo, que se deo para este descubrimento foi achar, que toda a maça do sangue passa por entre os bofes, por meio da arteria, e veia pulmonar.

O primeiro, que disto teve idéa distincta foi Miguel Servet, Medico Hespanhol, que foi queimado por culpas de Arianismo em Genebra. Seria ventura para a Religiaõ Christã, que elle se occupasse unicamente da sua profissaõ: a sua sagacidade em materia taõ obscura, nos dá razaõ para crermos, que haveria entaõ bem justas razões para abençoar a sua memoria, pois elle claramente certifica em huma Obra intitulada *Christianismi restitutio* impressa em 1553, que o sangue passa dos bofes ao ventriculo esquerdo do coraçaõ, e naõ pela divisaõ, que separa os dous ventriculos como até entaõ se entendia.

No corpo humano, diz Servet, ha tres castas de espiritos differentes, natural, animal, e vital, que naõ saõ realmente tres, mas sómente dous espiritos separados. O vital he o que he

com-

communicado pela anastomosa das arterias ás veias, nas quaes se chama natural; logo o sangue he o primeiro: tem o seu assento no figado, e nas veias. O espirito vital he o terceiro, que he como hum raio de luz, e que tem o seu lugar no cerebro, e nervos.

Ora para entender, diz elle, como o sangue he a vida, devemos primeiramente conceber a geraçaõ substancial do espirito vital, que he composto, e alimentado pelo ar, que se respira, e pela parte mais subtil do sangue. O espirito vital tem a sua origem no ventriculo esquerdo do coraçaõ, por meio dos bofes, que contribuem principalmente para a geraçaõ: he hum espirito subtil trabalhado pela força do calor, de côr vermelha, e que tem virtude de fogo; de sórte, que he huma especie de vapor brilhante, feito da parte do sangue mais pura, e que contém em si mesmo a substancia de agua, do ar, e do fogo. Forma-se nos bofes pela mistura do ar inspirado com o sangue subtil, e trabalhado, que o ventriculo direito do coraçaõ communica ao esquerdo. Ora esta communicaçaõ naõ se faz pela divisaõ do coraçaõ, como geralmente se entende, mas o sangue subtil he com muita arte agitado em huma longa passagem por entre os bofes, e transmittido da vea arteria para a arteria venosa; e em fim na arteria venosa se mistura com o ar inspirado, e purgado pela expiraçaõ de todas as suas immundicies. Assim toda esta mistura he por fim levada pelo diastole do coraçaõ ao Ventriculo esquerdo, e entaõ he huma substancia propria para formar o espirito vital.

Ora que esta communicaçaõ, e esta separa-

ção se faça pelos boses, he o que resulta evidentemente da conjuncção, e da communicação differente da veia arteria com a arteria venosa no bofe. A notavel grandeza da veia arteria o confirma igualmente, pois que já mais teria esta forma, nem esta grossura, nem transmittiria tamanha porção de sangue muito puro do coração aos bofes, se não fora destinada para os nutrir; nem menos o coração seria de grande utilidade aos bofes, pois que o feto no utero materno se nutre de outro modo, pela estreiteza das membranas do coração, que como ensina Galleno não estão abertas até ao momento do nascimento da criança; de sórte que toda a mistura de calor, e sangue se faz nos bofes, onde ha huma transfusão da veia arteria na arteria venosa, de que Galeno nunca fallou. Realdo Colombo de Cremona foi o primeiro, que depois de Servet fez menção de cousa, que diz respeito á circulação do sangue na sua Anatomia impressa em Veneza em 1559. Sustenta tambem, que ha circulação por entre os bofes, que Servet antes delle já tinha asseverado; mas diz, que nunca algum teve noticia disto, ao menos o não tinha escrito antes delle, o que prova, que elle não copiou Servet, menos que se não queira dizer, que roubou a idéa de Servet sem querer dar delle noticia, nem do seu nome, o que faría injuria; porque nestes pontos succede muitas vezes, que differentes pessoas possão fazer as mesmas observações, sem que hajão entre si communicado os seus descubrimentos. Mas Colombo entra em mais circunstancias, pois diz, que as veias accommodão toda a massa do sangue na veia cava, que a leva ao coração; e que por este modo he condu-

duzido ao Ventriculo esquerdo, e depois de tornado a animar pelo ar se torna de novo a espalhar pela aorta por todo o corpo.

Alguns annos depois appareceo na scena Andre Caesulpin, que públicou em Veneza as suas questões Peripateticas em 1571, e depois as suas questões Medicas em 1593. Entra em maior explicaçaõ do que Colombo, principalmente examinando o modo com que as arterias, e veias se unem nas suas extremidades: o que elle pertende, que fazem abrindo os seus orificios huma da outra. Serve-se nas suas questões Peripateticas do termo circulaçaõ, que antes delle nunca fora usado neste sentido. Repara tambem, que o sangue corre nas veias, e as incha sobre a ligadura, e insiste neste facto para confirmar a sua opiniaõ. Semelhantemente se podem achar algumas idéas sobre esta materia em Constancio Varolio, que fez imprimir a sua Anatomia em 1691.

Chegou por fim o divino Harveo, a quem estava reservada a gloria deste importante descubrimento Aperfeiçoou estas nobres indicações, e outras semelhantes, de que formou huma theorica discorrida, e coherente, e na verdade util ao genero humano, e de que se recordaráõ com louvor em quanto houver molestias, que affijaõ o genero humano.

Naõ podemos deixar de reparar os gráos, porque se foi descubrindo no Mundo este descubrimento, como succede em todas as verdades abstractas sujeitas á indagaçaõ dos Homens. Hyppocratas fallou primeiro do movimento ordinario do sangue. Plataõ disse, que o coraçaõ era a raiz das veias, e do sangue, que dahi era leva-

do

do a todas as partes do corpo : Ariſtoteles tambem falla em alguns lugares das ſuas Obras do movimento de volta do ſangue, mas tudo iſto naõ era a eſſe tempo mais do que huma opiniaõ, e huma crença: era bem fundamentada, e digna de peſſoas de talento, mas como ainda ſe naõ tinha feito evidente com experiencias, taõ facilmente ſe podia negar, como defender. Servet foi o primeiro, que diſſe que o ſangue paſſava aos boſes: Colombo adiantou mais, e moſtrou o uſo das valvulas do coraçaõ, que deixaõ entrar, e tornar a ſahir o ſangue dos ſeus vaſos reſpectivos por varios caminhos, pelo que a eſtrada eſtava deſembaraçada quando veio o Doutor Harveo, e edificou ſobre eſtes primeiros fundamentos. Para lhe facilitar ainda mais eſta obra, as valvulas das veias (que foraõ deſcubertas pelo Padre Paulo Veneziano) tinhaõ ſido naturalmente deſenvolvidas, e explicadas por Fabricio Aqua Pendente; do que ſe ſeguio ficar a circulaçaõ claramente demonſtrada.

Thomas Bartolino, e Conſentino tem ſuſcitado a Harveo hum rival moderno, a reſpeito da honra do deſcubrimento da circulaçaõ no celebre Padre Paulo, de quem acabamos de fallar: mas quanto elles dizem ſe reduz a que a explicaçaõ da circulaçaõ do ſangue, qual Harveo a publicou, ſe acha em hum Manuſcripto do Padre Paulo, que ficou em poder do Padre Fulgencio em Veneza; e inferem daqui, que ſem dúvida elle o communicou a Fabricio Aqua-Pendente, que a moſtraría a Harveo, no tempo que elle eſtudava em Padua.

Mas o facto he eſte. Voltando Harveo a Inglaterra fez preſente do ſeu Livro, que ſe acabava

bava de imprimir, ao Embaixador de Veneza, que estando de caminho para Veneza o emprestou ao Padre Paulo, que para desaffogo da sua curiosidade fez alguns Extractos, que se achaõ no Manuscrito dito.

Talvez seja muito agradavel aos nossos Leitores o apontar-lhes as razões, que provaõ a circulaçaõ do sangue, e explicar por que modo se faz este operaçaõ no corpo humano.

A primeira razaõ, que demonstra a circulaçaõ do sangue he, que se se córta huma das arterias grossas de hum animal vivo, vasar-se ha em pouco tempo todo o seu sangue com força natural, de que se segue que o sangue tem huma passagem de cada parte do corpo animal a cada arteria: e se se acha que toda a massa do sangue se move nesta occasiaõ, he evidente que se devia já antes mover.

2. A grande quantidade de sangue, que sahe do coraçaõ a cada pancada para passár ás arterias, faz a circulaçaõ absolutamente necessária, porque sem isto sería necessario suppor no corpo do Homem huma porçaõ de sangue muito mais consideravel do que todas as observações, e experiencias admittem; pois ainda que os Antigos, que ignoravaõ esta circulaçaõ, tenhaõ imaginado que sahia do coraçaõ huma, ou duas gotas a cada sistole, o que elles por força deviaõ suppor, para evitar a demasiada distensaõ das arterias, que devia resultar da maior affluencia, he certo com tudo, e ainda possivel de demonstrar, que deve passar huma onça, ou mais de cada vez: Ora muitas pessoas tem calculado, que em huma hora ha sinco, ou seis mil pulsasões.

3. Ate-se com hum fio qualquer arteria, ella

la incha, e bate entre a ligadura, e o coraçaõ; mas vasia, ella fica froxa entre os ligamentos, e extremidades do corpo. Se esta arteria assim ligada se corta entre o ligamento, e o coraçaõ, continúa o sangue a correr pela ferida até morrer o animal, mas se se corta entre a ligadura, e o estremo do corpo, e por esta ferida naõ sahe grande quantidade de sangue; logo o sangue da arteria corre pelas arterias, e o seu curso he do coraçaõ para os extremos do corpo, e he o que constantemente succede em cada ponto do corpo, ou seja dentro, ou fóra. He o unico principio, e unico meio, pelo qual todo o sangue póde chegar a cada arteria, e introduzir-se nella.

4. Se se ata com hum fio algumas das veias grossas, se incha entre os extremos do corpo, e a ligadura, mas sem algum batido, e se vasa, e fica flexida entre a ligadura, e o coraçaõ: se se abre na primeira parte corre o sangue com abundancia, mas se se abre na segunda, apenas sahem algumas gotas de sangue. Logo o sangue corre com actividade de cada parte do corpo para esta veia, e o seu curso he das extremidades do corpo para o coraçaõ; das partes mais estreitas das veias para as mais largas, dos ramaes para os troncos.

Tudo quanto acabamos de dizer próva evidentemente, que todas as arterias do corpo levaõ continuadamente o sangue do ventriculo esquerdo do coraçaõ pelos troncos das arterias para os ramaes, e destas para todas as partes do corpo internas, e externas; e pelo contrario que todas as veias, exceptuando a veia porta, levaõ continuadamente o sangue dos extremos do cor-

po

po para os ramaes mais miudos, destes passa aos maiores, e em fim aos troncos, donde passa á veia cava, e por entre o sinus venoso, ou tronco desta veia, que acaba na auricula esquerda ao coraçaõ.

Quando o sangue chegou a este lugar, continúa o seu movimento, ou a sua circulaçaõ pelo modo seguinte:

Sendo as auriculas do coraçaõ grandes musculos ocós, guarnecidos de duas ordens de fibras, que terminaõ com direcçaõ contraria em dous tendões, hum dos quaes está pegado ao ventriculo direito, e o outro ao sinus venoso, e sendo ao mesmo tempo semeados de muitas, e innumeraveis veias, e arterias: o sangue pela força contrahente destas auriculas se expreme com força, e he impellido para o ventriculo direito; que por esta contracçaõ fica vasio, froxo, e disposto para o receber.

Ora se o ventriculo direito cheio assim de sangue, aperta com a compressaõ das suas fibras o sangue novo contra a abertura, o sangue das veias, que ao mesmo tempo corre, o lançará outra vez na cavidade, e se mistura com elle mais intimamente, até que levantando-se contra as ilhargas, levanta as valvulas tricuspides que estaõ juntas de tal modo as columnas carnosas, que estaõ no lado opposto, que quando estaõ inteiramente baixas naõ podem fechar os lados do ventriculo direito. Entaõ as impelle para a auricula até, que juntas fechaõ perfeitamente a passagem, e impedem ao sangue o voltar.

Pelo mesmo modo se levanta o sangue nas tres valvulas similunares, postas no extremo da outra embocadura, e que daõ passagem para as

ar-

arteria pulmonar. Feixa-as o ſangue exactamente apertando-as contra os lados da arteria, e deixa paſſagem ſómente na arteria, conſequentemente o ſangue venoſo, iſto he o ſangue de todo o corpo ſe move continuadamente fóra do ſino, ou tronco da veia *Cava*, por entre a auricula direita, e o ventriculo direito para a arteria pulmonar, e iſto formando hum gyro contínuo, e violento.

O ſangue levado por eſta arteria aos figados, e diſtribuidos pelos ſeus ramaes por toda a ſubſtancia deſta viſcera, he recebido primeiramente nas extremidades da veia pulmonar, chamada arteria venoſa, e paſſando daqui aos quatro grandes vaſos, que ſe unem he conduzido ao ſino venoſo eſquerdo, ou tronco da veia pulmonar, que pela força da eſtructura muſculoſa o impelle para o ventriculo eſquerdo, que neſta occaſiaõ eſtá a boa, e diſpoſto a recebello.

Daqui torna a ſer impellido para o ventriculo eſquerdo, que pelos meſmos meios eſtá aberto; e abrindo-ſe as valvulas mitraes o recebem no ventriculo eſquerdo, e o embaraçaõ de correr para as veias pulmonares.

Depois he obrigado a paſſar daqui á aorta, em cujo orificio ha tres valvulas ſimilunares, que tambem lhe impedem o tornar a ſahir, fechando-ſe.

Eſte o modo, com que ſe faz a circulaçaõ: todo o ſangue mandado para os boſes, e recebido na arteria venoſa, ſino venoſo, auricula, e ventriculo eſquerdo he continuadamente impellido, e obrigado a paſſar para aorta, cujas ramificações ſaõ diſperſas por todo o reſto do corpo por hum movimento violento.

A respeito do modo com que o sangue passa das arterias ás veias, para dalli ser levado ao coraçaõ ha duas opiniões differentes.

Na primeira se suppoem, que as veias, e arterias acabaõ humas nas outras, ou saõ continuadas por anastomose, ou por inosculações das suas extremidades.

Na segunda se suppoem, que as pequenas arterias capillares depoem o seu sangue nos poros da substancia das partes, para cuja nutriçaõ se gasta huma parte, e que o resto he recebido pela embocadura das veias capillares.

Deve-se confessar, que ambas estas opiniões tem bons fundamentos: porque sem a primeira sería difficil o explicar como o sangue póde voltar ao coraçaõ, taõ promptamente como torna. Além do que se concede, que he com effeito huma anastomose em alguns dos vasos mais grossos, como na arteria splenica com a veia splenica &c. de que concluem os Authores, que o mesmo succede nos vasos mais delgados, e ainda nas ramificações mas miudas nas extremidades do corpo, ainda que a vista o naõ possa alcançar porque, dizem elles, se acha geralmente, que a natureza he sempre uniforme, e consequente comsigo mesma.

Com tudo Riolan, que naõ quer admitrir a circulaçaõ, se naõ por anastomose, defende que ella se faz unicamente nos vasos maiores.

As razões, de que se servem para defender a segunda opiniaõ, saõ tiradas de que se huma parte do sangue arterial se naõ empregasse na substancia das partes naõ se poderiaõ ellas nutrir: porque o sangue em quanto he contheudo nos vasos, póde na verdade dar-lhes calor, mas naõ

nu-

nutriçaõ: naõ ſendo os meſmos vaſos nutridos pelo fluido, que lhe corre dentro delles, mas ſim pelos pequenos tubos capillares, que penetraõ as ſuas tunicas.

Logo ſe o ſangue he impellido fóra dos vaſos em maior quantidade do que he a neceſſaria para a ſua nutriçaõ he forçoſo, que o ſobejo ſeja abſorvido pelas veias capillares.

Mr. Leevenhoeck parece ter tirado todas as difficuldades neſte ponto com os ſeus microſcopios, com que deſcubrio as inoſculações, ou continuações dos extremos das veias, e arterias nos peixes, arrans &c. Mas alguns ainda duvidaõ, que hajaõ ſemelhantes inoſculações nos extremos das veias, e arterias dos corpos humanos, e dos quadrupedes: pois que os animaes, em que até agora ſe tem feito as obſervações ſaõ peixes, ou animaes amphibios, que naõ tem ventriculo no coraçaõ, e cujo ſangue commummente he frio; ao que ſe póde accreſcentar, que neſtes animaes o ſangue naõ circula com tanta rapidéz, como nos em que o coraçaõ tem dous ventriculos.

Eſta differença nos principaes orgãos da circulaçaõ, obrigou a Mr. Couper a fazer experiencias em outros animaes, cuja organizaçaõ he ſemelhante á dos Homens. Vio no *Omento* de hum gato, que o ſangue ſe movia com força por entre as inoſculações. Tambem achou o meſmo no *Omento*, e ainda mais claramente no meſenterio de hum caõ. Accreſcenta, que o extremo dos vaſos naõ he igualmente diminuido nas inoſculações dos differentes animaes.

Tem muitas vezes obſervado na cauda de hum tetardo differentes communicações entre as veias, e as arterias; por cada huma das quaes

po-

podiaõ paſſar emparelhadas dous globulos de ſangue.

Nos pechinhos, e particularmente nas pequenas anguias, o ramo de communicaçaõ he taõ pequeno, que cuſta a paſſar por elle hum globulo de ſangue no eſpaço de 3 ſegundos.

No feto a diſpoſiçaõ da ſua circulaçaõ he alguma couſa differente do que temos dito. A diviſaõ, que ſepara as duas auriculas do coraçaõ he forada com hum buraco oval; e o tronco da arteria pulmonar, hum pouco depois, que ſe ſeparou do coraçaõ, leva á aorta deſcendente hum tubo chamado canal da communicaçaõ.

Naſcido o feto ſe vai pouco a pouco fechando o buraco oval, e ſe ſecca o canal de communicaçaõ, ficando em hum ſimples ligamento.

Entendido huma vez eſte maquiniſmo, he facil de entender o ſeu uſo. Em quanto o feto eſtá encerrado na matriz, naõ tem mais ar do que a pequena porçaõ, que lhe communica a veia umbilical, e conſequentemente naõ ſe podem inchar os boſes, e deſinchar-ſe, como fazem depois, que eſtá em ar livre; e aſſim eſtaõ quaſi em inacçaõ, e ſem movimento. Os ſeus vaſos eſtaõ em certo modo cheios de ſi meſmos, e naõ admittem, que por elles circule o ſangue nem em muita quantidde, nem com liberdade.

Por eſta cauſa deſembaraçou a natureza o boſe da paſſagem da maior parte do ſangue, e fez o buraco oval, pelo qual parte do ſangue da veia cava, recebido na auricula direita, paſſa para a eſquerda, e para a embocadura das veias pulmonares, e por eſte meio ſe acha taõ adiantado no ſeu caminho, como ſe tiveſſe paſſado pelo boſe.

Ainda naõ pára aqui ; porque sendo ainda muito o sangue da veia cava , que sem o buraco oval passa da auricula direita para o ventriculo esquerdo , para passar pelos boses , para onde vai levado pela arteria pulmonar , o canal de communicaçaõ recebe huma parte desta passagem , e a vai immediatamente vasar na aorta descendente.

AVISO IMPORTANTE

Para a Agricultura , e Economia rustica.

M. J. B. Bohadsch , Conselheiro do Commercio da Imperatriz , Rainha de Hungria , e Bohemia , Professor de Medicina , e Historia Natural na Universidade de Praga : Membro da Academia de Florença , publicou hum descubrimento muito importante em huma Memoria em Alemaõ , que se imprimio em Praga em 1758. Comprehende este Papel hum methodo para se augmentar notavelmente a forragem , de que se mantém o gado. Ensina-nos a triste experiencia que o producto dos prados naõ he igual : humas vezes a secca naõ deixa medrar as hervas , outras vezes as demasiadas chuvas do Veraõ fazem , com que se perca grande parte dos fenos ; pelo que poucas cousas saõ de maior utilidade do que o methodo de remediar taes inconvenientes , e este he o fim a que se dirige o seu Papel , que elle repartio entre os seus Concidadãos.

Poucas pessoas deixaõ de conhecer a arvore

cha-

chamada *Acacia*. Os Botanicos lhe chamaõ *Pseudo Acacia*, ou *falsa Acacia* para a distinguirem da verdadeira Acacia, que sómente se cria em Climas quentes. A falsa *Acacia* de que fallamos, he originaria da Virginia, ou do Canada, o que naõ embaraça que se crie perfeitamente na Europa, principalmente nos lugares seccos, e he mui vulgar em França. Poem-se na classe das plantas leguminosas: que todas saõ proprias para sustentar o gado. O gosto das folhas da *Acacia*, e seu fructo, que he da figura de huma vagem partido em dous, mostraõ que tem sua analogia com o trevo, ervilhaca, e mais plantas leguminosas. Como esta arvore naõ he taõ vulgar em Bohemia por isso Mr. Bohadsch juntou huma estampa, na qual abrio o que he inutil copiar aqui por ser conhecida vulgarmente.

Mostrou a experiencia a Mr. B. que os gados comiaõ a folha da *Acacia* com muita vontade; esta folha he para elles hum mantimento muito agradavel, e muito mais nutritivo do que a lucerna, trevo, feno, e outras plantas, com que ordinariamente se sustentaõ. Pelo que propoem multiplicar esta arvore, até que possa haver quantidade de folhas para sustentar o gado todo o Veraõ. Por este methodo se poderá poupar o feno, e o ordinario sustento para o Inverno, e dar-lhe ainda entaõ a folha da Acacia secca, que tem o cheiro, e o sabor do melhor feno. Tambem se póde misturar esta folha com feno, ou palha picada, o que a fará mais grata aos animaes.

O que prova, que a folha da Acacia he muito nutritiva, he huma experiencia que conta Mr. B. na sua memoria. De sinco vaccas escolheo a

huma que dava menos leite que as outras; mas passados dous dias depois de sustentada com a folha da Acacia, deo mais leite do que nenhuma das outras quatro, que se continuárao a sustentar pelo modo ordinario.

A cultura da Acacia he muito facil; e nasce de semente, e tambem cresce de estaca. No primeiro caso basta semear a grã no sitio, onde se quizer fazer o viveiro, mas convem escolher terreno secco, e regar-se ha raras vezes, porque esta arvore da-se bem em sitios seccos, e altos. Para que a semente brote mais facilmente basta deitalla alguns dias de molho para abrandar, e para que a sua vagem se abra mais facilmente. No primeiro anno deita arbustos de seis para oito palmos de alto, e huma polgada de diametro: isto prova, que esta arvore cresce facilmente.

A segunda maneira de ter a Acacia he cortar as varas, ou renovos, que deitaõ as raizes das arvores velhas, e estas se plantaraõ nos sitios, em que se quizer fazer a viveiro; e quando se cortar huma arvore velha se lhe deixará na terra alguma das suas mais fortes raizes, que naõ deixaráõ de fazer huma especie de viveiro. Tendo Mr. B. feito transplantar huma Acacia de quatro annos, conseguio ter sincoenta e sete varas das varinhas, que ficáraõ enterradas, de sórte que se a arvore naõ fora transplantada, as suas raizes naõ dariaõ mais de tres, ou quatro varas. Tambem estas varas se pódem mergulhar.

Como esta arvore se dá bem em sitios seccos, o melhor será plantallas nos sitios estereis, e altos, e nos que naõ se aproveitaõ, como pelas ruas, e estradas dos lugares, nas matas, &c. Por este modo se aproveitaráõ muitos terrenos,

e se

e se supprirá a falta de prados, que ha em alguns sitios. Os Agricultores poderáõ sustentar maior número de gados, com que teraõ mais esterco pára as suas terras, e consequentemente melhor colheita. O leite, a manteiga, o queijo, a carne chegará com mais abundancia aos pobres camponezes, e com a cultura da Acacia se conseguiráõ infinidades de proveitos.

Convem unicamente observar o naõ plantar taes arvores em terras lavradias, porque as suas raizes correm, e se dilataõ muito por baixo da terra. Como a Acacia he espinosa, e tem sómente troncos tenros, se pódem colher as súas folhas com huma fouce, ou com grandes tisouras com cabos de páo.

Algumas pessoas estaõ com a preoccupaçaõ de que a casca da Acacia, que he doce como o Alcaçús he nociva pará os cavallos; com tudo elles a comem com boa vontade. Este facto parece muito pouco comprovado, visto que esta arvore naõ póde ter qualidade ruim. Pelo que nos devemos persuadir que os máos effeitos, que se imputaõ á casca da *Acacia* tem outra origem, e procederá de terem os cavallos comido outra cousa, que lhes fosse nociva: além de que nós naõ fallamos da casca, mas sómente da folha.

Esta memoria Alemã remetteo seu Author a Mr. Bernardo de Jussieu da Academia das Sciencias, e Demonstrações Botanicas no Jardim Real, qne a julgou digna de se participar ao Público.

METHODO

Para se fazerem colchões redondos.

EM varios Jornaes se tem exposto methodos de fazer enxergões com o musgo, que cresce nos páos: para se fazerem camas, e travesseiros de ar, ou vento dentro em folhas, para que a cama seja completa basta buscar algum modo para aperfeiçoar o uso dos colchões; e he necessario sobre isto expor ao Público algumas observações.

Fazem se ordinariamente os colchões de lã, crina, ou cabello, e raras vezes de algodaõ. Reputaõ-se os de lã pelos melhores, e mais sádios para o corpo, e por isso saõ os mais usados; porém todos elles como ordinariamente se usaõ tem muitos defeitos, dos quaes o principal he que quem está deitado fica sempre no mesmo lugar, ou no meio, e os extremos, cabeça, pés, e lados naõ se opprimem.

Daqui provem que a lã, ou crina, que rompem o colchaõ perde brevemente a sua elasticidade no meio, conservando-a inteira nos lados, pelo que a parte do colchaõ, que corresponde aos rins, por qualquer parte que se mude, sempre he a mesma, e consequentemente sempre he mais opprimida com o pezo do corpo, e a lã se faz mais compacta, e até o mesmo panno do colchaõ se gasta mais, do que em outra parte.

Naõ succederia tal inconveniente se os colchões

chões mudando o methodo actual de os fazer se fizessem dobrados; isto he, que tivessem dobrado comprimento do ordinario, e depois se lhes unissem as duas pontas de sórte que o panno alli ficasse cozido, e a lã se dispuzesse, e a abrisse pelo modo ordinario. Este colchaõ teria a figura de hum manguito, que rolaría sempre, e sempre ficaria dobrado no meio. Por este modo se poria na cama, e faría o mesmo effeito que dous colchões sobre outro, como se poem ordinariamente. Este colchaõ dobrado nem leva mais panno, nem mais lã do que para os dous separadamente. Quem costuma usar de hum colchaõ, e lhe quizer dar esta fórma, póde fazello mais baixo, e só tem mais despeza de panno.

A vantagem que tem he, que todas as vezes, que se fizer a cama, se póde facilmente rolar o colchaõ, de modo, que a parte, que servio debaixo do corpo, fique para os pés, ou para a cabeça, e depois se tornem a mudar, e assim se hiraõ successivamente mudando todas as partes do colchaõ, para os sitios de maior compressaõ, e trabalho. Ao mesmo tempo se póde voltar este colchaõ como se faz a hum manguito, ou a huma meia, mettendo para a banda de dentro a superficie, que estava de fóra, e alternativamente. Tambem por este modo se evita o cançar-se fazendo passar todas estas partes da nova superficie para os sitios, que pezaõ mais.

Feito, e mudado assim hum colchaõ, durará mais, e fará melhor cama, porque como todas as partes servem humas depois de outras nos sitios de mais lida, a lã, ou crina, que naõ estiver compacta, e naõ tiver passado por huma forte compressaõ, tem tempo de alger passando

a si-

a ſitios de menos fadiga, como ſuccede nas camas, que eſtaõ algum tempo ſem ſervirem. Tambem o panno ſe gaſtaria muito menos, pois paſſa ſucceſſivamente para ſitios onde tem mais compreſſaõ.

He verdade, que os que uſaõ de hum unico colchaõ fazendo-o por eſte methodo tem a deſpeza de mais panno para lhe poder dar dobrado comprimento, porém eſta deſpeza, que em ſi naõ he importante naõ ſe deve conſiderar pelas regras da apertada economia, pois naõ he occaſiaõ de poupar quando ſe trata de huma bacatella com a qual ſe conſegue a vantagem de ter melhor cama, e dar mais duraçaõ aos ſeus colchões.

Podem igualmente dobrar os colchões para os lados em vez de o dobrar pelo meio, o que faria o meſmo effeito, com tudo como entaõ naõ ſeria taõ facil poder voltallo, e a ſua orbita he mais pequena, as meſmas partes paſſariaõ mais vezes pelos ſitios de mais pezo, pelo que he melhor dobrallos pelo comprimento. A experiencia de quem uſou de ſemelhante colchaõ muito tempo certificou a bondade do methodo.

SEGREDO

Para ſacar o ouro, e prata dos galões, ſedas ſem queimallos, e ſem quebra.

DEITA SE em huma caldeira dous, ou tres punhados de cinzas de madeira nova, como ſe

faz para a barrella de louça. Dobra-se o galaõ, ou seda em hum panno bem atado: deita-se tudo nó caldeiraõ, e faça-se ferver a barrella. O fio da seda, e do galaõ se derreterá, e deixaraõ puro o ouro. Tendo a seda fervido bem de sórte, que esteja desfeita, lave-se o que está no panno com agua fria, e a seda cahirá como a lama mettida entre o ouro, e prata. Se a seda, ou fio do tecido naõ está bem desfeito torne-se a ferver.

REFLEXÕES

Acerca dos Estados dos Piratas de Barbaria.

OS Estados da Barbaria, que exercitaõ a vida de Piratas, a saber Argel, Tunes, e Tripoli, tem huma especie de Governo occasionado a grandes desordens; mas he desgraça, que estas desgraças alcancem mais alguem, pois as suas consequencias reverberaõ sobre outras Nações; porquanto todas as vezes, que succede, que os Capitães dos navios de certa força, obrigados da necessidade, ou estimulados da avareza quebraõ os Tratados, que as suas Regencias tem celebrado com as Potencias Christãs, tomando indistinctamente todos os navios, que encontraõ no caminho, seguem-se daqui grandes inconvenientes. E bem que seja de necessidade absoluta sollicitar a sua reparaçaõ, naõ he facil decidir por que modo se devem haver no seu resarcimento

Hum dos melhores meios de se instruir em

taes circunstancias he examinar qual foi o uso nos tempos passados, e o methodo mais abbreviado; para isto he hir buscar as ultimas desavenças succedidas entre elles, e outras Potencias, ponderar quaes consequencias se seguírao: com este fim recupilei os factos seguintes, de que se póde colligir, que o respeito conservado tanto tempo por elles á bandeira Ingleza, se deve ao intrepido obrar do Cavalheiro Cloudesly Stouver, no tempo em que era ainda moço, e servia ás ordens do Cavalheiro Joaõ Narborough, hum dos mais habeis Officiaes maritimos do seu tempo.

No fim da segunda guerra de Hollanda se viraõ os Commerciantes *Inglezes* muito perseguido no Mar Mediterraneo pelos corsarios Piratas de Tripoli, que sem attençaõ a varios Tratados de paz ajustados com elles, começáraõ de novo a piratear, quando a guerra se declarou, e continuáraõ até ao fim della. Tanto que Carlos II. se vio hum pouco desabafado, deo ordem a huma esquadra fórte para que fosse áquellas terras, reprimir a insolencia destes corsarios, e nomeou por Commandante della ao Cavalheiro Joaõ Narborough, que chegou na primavera do anno de 1674 diante de Tripoli, onde achou tudo bem apparelhado para os receber.

A apparencia da forças do inimigo juntas com a qualidade das suas instrucções, que o mandavaõ tentar primeiro o caminho da negociaçaõ, do que o da força o resolveo a mandar ao Rei de Tripoli huma pessoa de confiança, para lhe propor Artigos de ajuste demasiadamente moderados: pois que naõ pedia mais do que huma satisfaçaõ de tudo quanto tinha succedido; e huma segurança para o futuro.

Con-

Confiou esta negociaçaõ a Mr. Shovel, que com effeito foi a terra, e cumprio a sua commissaõ com grande zelo, porém o Rei desprezando os seus poucos annos o tratou com pouca attençaõ, e lhe deo huma reposta ambigua. Mr. Shovel voltou ao Almirante, e lhe participou algumas cousas, que tinha notado em terra. O Cavalheiro Joaõ o tornou a mandar com outra mensagem, prescrevendo-lhe as regras, que devia observar nas suas indagações, e observações. O Rei se houve ainda mais insolentemente nesta segunda vez, mas Mr. Shovel o soffreo com prudencia, e se escusou de estar mais tempo em terra.

Quando se recolheo deo ao Almirante a certeza de que era muito facil queimar os navios destes Piratas no mesmo Porto, naõ obstante as suas defezas; e por effeito desta informaçaõ na noite de 4 de Março o Tenente Shovel levando nos bateis muitas materias combustiveis, entrou ousadamente no Porto, onde se fez senhor do navio de guarda, e depois queimou hum navio de 50 peças, chamado Aguia branca: o espelho de 36, S. Clara de 24, e hum navio Francez de 20, que eraõ os que entaõ havia unicamente no Porto; e acabado isto voltou com bom successo á esquadra sem perder hum só Homem.

Espantou aos de Tripoli esta acçaõ extraordinaria, e os obrigou a pedirem com instancia a paz, a qual naõ se fez immediatamente, porque recusáraõ teimosamente resarsir as perdas, que os Inglezes tinhaõ padecido; por cuja causa o Cavalheiro Joaõ varejou a Cidade, e vendo que com isto naõ fazia nada, mandou desembarcar hum corpo de tropas, quasi vinte legoas mais longe, e queimou hum armazem de madeira, que es-

estava deputado para construcçaõ de navios. E como tudo isto naõ bastava para reduzir este Povo, se fez o Cavalheiro Joaõ á vela para Malta, e tendo se ahi detido algum tempo, voltou sobre os inimigos, a quem carregou com maõ taõ pezada, que se deraõ por felices com ajustarem a paz com as condições, que se lhe propuzeraõ.

Logo que a paz se concluio, recolhendo-se alguns corsarios ao Porto, naõ sómente a naõ approváraõ, mas chegáraõ ao excesso de deporem o Rei pela ter feito, e outra vez começáraõ a tomar os navios Inglezes como antes. O Cavalheiro Joaõ, que ainda estava no Mediterraneo avisado do que passava tornou a voltar immediatamense sobre Tripoli com 8 Fragatas, e começou a bombardear a Praça com tal violencia, que seus habitantes se deraõ por muito felices com poderem outra vez firmar a paz, castigando como mereciaõ os Authores dos ultimos insultos.

Em 1679 tiveraõ os Inglezes algumas desavenças com os Argelinos, porque estes prezavaõ os navios Iuglezes com pretexto de que naõ levavaõ passeportes em termos. Mandáraõ Joaõ Narborough com huma esquadra pedir satisfaçaõ desta injuria; o que elle fez; e por este meio se renovou a alliança com elles, por meio de ameaças; a paz todavia foi de pouca duraçaõ, pois no fim de hum, ou dous annos tornáraõ a repetir os mesmos ultrages, por cuja causa Herbert Chéfe da esquadra, Homem assáz conhecido no Mundo depois pelo nome de Conde de Torrington, passou a Argel com alguns navios, e os obrigou a darem satisfaçaõ de quanto tinha succedido, e as maiores seguranças de que para o futuro se procederia com mais circunspecçaõ.

ORI-

ORIGEM DO DINHEIRO CUNHADO.

NOS primeiros Seculos do Mundo commerceava-se com moeda, que indifferentemenre se fazia de toda a casta de materia, metal, couro, madeira, vidro, papel, fructos, conchas, caroços, o que corria como moeda geralmente. Com effeito os proprios generos foraõ a primeira moeda, e se trocavaõ huns por outros por modo de cambio: toda a difficuldade consistia em Cortes, e dividir certos generos, e a impossibilidade de se fazer sem perda obrigou os Homens primeiramente a buscarem hum final geral. Era bem natural recorrer primeiramenre aos metaes, que saõ a unica materia, que se naõ perde dividindo-os: sem fazer caso da sua tenacidade, aceio, durabilidade, e generalidade, como tambem a commodidade de se fundirem, e tornarem a pôr em huma massa de qualquer grandeza, ou pezo que ella seja.

No principio cada qual dividia os seus metaes em pedaços de varias fórmas, e pezos, conforme a quantidade que queria dar por qualquer mercadoria, ou conforme o vendedor pedia por ella, ou a quantidade em que se ajustavaõ. Para isto hiaõ ás feiras carregados de metaes á proporçaõ do que tinhaõ que comprar, e ao mesmo tempo de ferramenta para o limarem, e de balanças para o negociarem como fosse conveniente. Mas gradualmente se foi conhecendo, que era mais cómmodo levar porções pezadas, e como cumpria que os pezos fossem differentes,

con-

conforme o era o valor das differentes ſazendas, commeçárao a pôr nas do meſmo pezo o meſmo ſinal, ou figuras: pelo decurſo do tempo augmentando o Commercio do dinheiro ſe entrárao a introduzir neile fraudes tanto no pezo, como na materia, pelo que tomou conta diſſo a Authoridade pública, e daqui tiverao origem os primeiros cunhos, ou chavões, que ſe pozerao na moeda. Depois ſe ſupprio iſto com o nome dos que as cunhavao, e por fim ſe veio a cunhar nellas a effigie do Principe, data, legenda, e mais precauções para atalharem o falſificar-ſe a moeda, o que a aperfeiçoou de todo.

No tempo do Rei Ricardo I. a moeda fabricada nos Cantões Orientaes da Alemanha era muito eſtimada em Inglaterra: corria por cauſa da ſua pureza, e ſe lhe chamou Moeda Eaſterling, nome que davaõ a todos os habitantes deſtes Paizes: pouco depois alguns deſtes Homens, que ſabiaõ cunhar dinheiro chegárao a Londres para alli aperfeiçoarem a moeda, e entaõ ſe mudou o nome de Eaſterling em Sterlangs. O Rei Duarte I. eſtabeleceo hum certo titulo para o dinheiro cunhado de Inglaterra; mas naõ ſe cunhou moeda de ouro até o Reinado de Duarte III., que pelos annos de 1320, tempo em que os Eſtados de Heſpanha começárao pela primeira vez a cunhar moeda de ouro, mandou fazer muitas moedas chamadas Florenças, porque eraõ fabricadas por Florentinos; mandou depois cunhar Nobres: depois Nobres de roza, que corriaõ por ſeis shelins, oito dinheiros: meios nobres de tres shelins, quatro dinheiros, que ſe chamavaõ meias peças de ouro, e os quartos de vinte dinheiros, chamados liardo de ouro.

Os

Os Reis que se seguíraõ immediatamente mandáraõ cunhar Nobres de roza, Nobres dobrados de roza, grandes Soberanos: meios nobres de Henrique, Anjos, Shelings. O Rei Jacques I. mandou cunhar Coroas simples, dobrada, e Coroas de Bretanha: depois escudos de coroa, meias coroas, shelings, moedas de seis dinheiros, e outras de menos valor. Carlos II. converteo a maior parte das antigas especies em guinés.

A moeda ou se faz a martelo, ou de róda: todas as peças de ouro, e prata de Inglaterra se fazem presentemente na Torre de Londres por hum Corpo de Homens a que chamaõ da Moeda. Ha tambem huma casa Real de Moeda em Escocia, mas nenhuma em Irlanda. Presentemente he prohibido em Inglaterra fazet moeda de prata batida: antigamente havia em Inglaterra, como ha ainda em outros Paizes Direitos Senhoriaes, e de Braçagem, mas depois de Carlos II. naõ se tira nada nem pelo direito do Rei, nem para despezas da Fabrica, e foi regulado por hum Acto do Parlamento, que o dinheiro se cunhasse á custa do Público. Para isto se assignou huma somma, que se cóbra do direito dos vinhos, que se mettem no Paiz; pelo que todos quantos levaõ á Torre ouro, e prata se lhe troca por dinheiro cunhado, pezo por pezo; mas em Inglaterra o dinheiro he contrabando para se exportar. Como quer que seja naõ ha moeda de ouro, nem de prata pura; sempre se lhe lança huma porçaõ de liga de cobre, em razaõ da raridade daquelles metaes, e da necessidade de lhes dar maior rijeza com alguma mistura, e tambem para pagar as despezas da Fabrica, que necessariamente haõ de

ser

ser grandes ; pois de 17 de Outubro de 1713, até 20 de Março de 1726, o ouro cunhado na Torre chegou a 910595o libras, e a prata a 236325 libras 8 s. strel..

O toque do ouro em Inglaterra he de 22 quilates de ouro fino, e dous quilates de cobre, que misturados se reputa ser o verdadeiro toque do ouro. Isto he, que dividindo huma certa porçaõ de ouro fino em 24 partes iguaes, e misturando destes 22 com duas partes semelhantes de cobre, esta mistura dará o verdadeiro toque do ouro. O ouro mais puro he o que naõ perde nada do seu pezo ao ensaiar : se perde $\frac{1}{24}$ se chama de 23 quilates, fino, e tem mais hum quilate do toque, se perde $\frac{3}{24}$ tem hum quilate menos do toque, e assim á proporçaõ conforme se encontra mais, ou menos puro. Porém a perde que a prata padece no ensaiar se conta por dinheiros, e outros pezos dahi para baixo.

O cunhar da moeda em Portugal imita muito á de Inglaterra, e a moeda de hum Reino corre no outro ; mas o toque do da França he inferior ao de Inglaterra, por cuja causa naõ corre aqui o dinheiro de França.

O cunho de Hespanha he reputado por hum dos mais imperfeitos da Europa : abesteleceo-se em Sevilha, e Segovia, que saõ as unicas Cidades, onde se cunha ouro, e prata : mas do Mexico, do Perú, e das mais Provincias da America Hespanhola vem tanta quantidade de peças de a ocho, e outras moedas de ouro, e prata, que devemos confessar, que em Estado nenhum do Mundo se cunha tanta moeda de ouro, e prata, como em Hespanha.

Na

Na Russia se cunha moeda de prata nas Cidade de Petersburgo, de Moscou, de Novogood, de Tevere, e de Plescon, onde a casa da Moeda anda arrendada, e he parte das rendas da Coroa.

Na Persia todas as moedas saõ batidas: o mesmo se póde dizer de todo o resto da Asia, e America; das Costas de Africa, e tambem de Moscovia. A invençaõ do moinho ainda naõ sahio da Europa, nem he ainda universal o seu uso.

A moeda de Fés, e de Tunis he sem policia. Os ourives, os Judeos, e qualquer particular a fabríca á sua fantasia; e he o que faz o seu dinheiro summamente defeituoso, e o seu Commercio sem certeza.

METHODO

Para ter excellente semente do canhamo sem prejuizo do linho.

TODOS reconhecem a utilidade do canamo: pelo que nos he taõ preciosa a semente que elle cria, que naõ he nunca demasiado no cuidado em a escolher boa, quando se quer semear; mas esta semente tem além disso outros prestimos na economia civil. Della se faz oleo, se nutrem aves, e tem a propriedade de fazer com que ponhaõ as gallinhas, e engorde os pintos no Inverno.

Nem todos os pés do canhamo daõ semente: distinguem-se os pés femeas dos machos, e estes ultimos saõ os que tem semente. Em quasi todos

dos os Paizes em que o canhamo se cultiva he costume arrancar, ou colher logo os pés femeas ainda verdes, e deixar os machos no campo para amadrucerem. Mas fazendo esta diligencia, para, que a semente se sazone competentemente, se prejudica muito á quantidade de linho, que depois se tira deste, pés machos, que demorando-se muito na terra daõ hum fio aspero, e grosseiro, além de que o trabalho, que he necessario dar a estes pés de canhamo para lhes sacar a semente he contrario ao que requer o linho para ser brando, e flexivel.

A fim de atalhar taes inconvenientes he que aconselho o semear, e cultivar separadamente os pes de canhamo, de que se intenta sacar a semente. Achar-se-ha dobrada vantagem em os criar em hum campo de feijões, onde quasi naõ occupaõ lugar, e servem de esteio aos feijões devem semear-se distantes 5, ou 6 pés para naõ fazerem mal ás outras plantas. Se a terra he boa estes pés se levantaráõ muito, e deitaráõ folhas para os lados, que lhe daráõ a forma de hum arbusto pelos quaes treparáõ os feijões, sem lhes fazerem damno

Como os feijões pedem de tempos a tempos seu fabrico com enchada para refrescar a terra, e arrancar as hervas ruins, os pés de canhamo, que alli se semearem se aproveitaráõ deste fabrico, e cresceráõ bem, principalmente se se poder dar alguma rega ao campo. Naõ ha pedra de canhamo macho, ou que dá semente, que cultivado por este methodo naõ produza muito; mas he necessario arrancar todos os pés femeas para naõ cançar inutilmente a terra: conhecem-se, e vem-se facilmente, quando estaõ alguma cousa crescidos.

Ten-

Tendo reflectido mais de huma vez, que hum campo de feijões misturado assim de alguns pés de linho, que lhe servem de ramos, dá muito melhor os feijões; pois este legume fructifica sempre com muito mais abundancia, quando o pé tem alguma cousa por onde trepe, e naõ cahe para baixo, onde se affoga, e perde parte das suas producções. Pelo que o canhamo he de grande utilidade na falta de troncos: a semente do canhamo sempre tem mais valor, do que o feijaõ. Ha annos em que he muito rara, e consequentemente de muito valor, quando o canhamo naõ produzio bem, e he necessario tornar a semear os linhaes.

Por este methodo se póde ter muita semente de canhamo fóra das sementeiras delles: entaõ se póde escusar os destas ultimas; e todos os pés de canhamo indistinctamente machos, e femeas se pódem colher, no tempo em que estiverem sazonados para servirem, sem ser necessario fazello por duas vezes, perdendo grande quantidade de linho para aproveitar a semente.

AGUA

Para tirar toda a casta de nodoas.

LANCEM-SE em huma garrafa dous arrateis de agua da fonte bem pura, e limpa com o tamanho de huma nôs de cinzas, de borra de vinho, outro tanto de barrilha, e dous limões corados em talhada. Deixe-se fermentar tudo por

24 horas : coe-se depois, e metta-se em huma garrafa bem fechada. Molhe-se a nodoa com esta agua, esfregue-se bem, e lave-se logo com agua limpa.

MEIO SINGULAR

Com que se restituio a falla a hum doente.

HUM Homem por nome Henrique Axfort padeceo até a idade de 25 annos convulsões : depois até aos 28 teve perfeita saude, e entaõ lhe veio huma rouquidaõ, que tinha todos os sinaes de hum defluxo ordinario; porém passados 6 dias naõ sómente naõ fallava, mas nem fazia som algum. Curou-se o defluxo; mas ficou sem falla por quatro annos a pezar de todos os remedios, que lhe fizeraõ. Este Homem era muito sobrio, e nada bebédor, com tudo tendo huma tarde bebido muito cahio do cavallo quando se recolhia para casa: deitáraõ-no em huma casa no caminho, onde tendo dormido profundamente, sonhou que tinha cahido em huma caldeira de cerveja fervendo: isto lhe causou tal comoçaõ, que forcejando por chamar quem lhe accudisse gritou realmente, e recobrou de todo o uso de palavra desde entaõ, e ficou perfeitamente saõ, sem o menor embaraço para o futuro, nem a mais leve alteraçaõ na sua vóz.

RE-

REPAROS

Sobre a tinturaria de carmesim, escarlate, ou purpura.

1 A CALDEIRA deve ser de bom estanho puro, e sem materia terrestre, ou grossa.

2 Convém lançar o tartaro preparado quando a agua está tepida.

3 Se se quer tingir lã fiada, ou fabricada póde-se pôr na caldeira tanto que começa a ferver, e conservalla por duas horas.

4 Quando tem fervido tire se, esfregue-se; limpe-se a caldeira, e lance-se agua para ferver segunda vez.

5 Esta segunda fervura se faz do mesmo modo, que a primeira: depois deite-se-lhe cochonilha em pó, e depois de ter fervido bem mecha-cha-se tudo muito bem.

6 Tendo lavado bem, e limpado á seda, ou lã na primeira barrella, se metta em hum moedor, que se volta continuamente para, que as cores naõ fiquem em manchas.

7 Quando a côr está boa, tire-se a lã da caldeira, lave-se, e esfregue-se muito bem: pendure-se em huma casa, ou sitio á sombra, e de modo, que naõ apanhe poeira.

8 Convém reparar, que quando se lança agua forte na segunda fervedura, faz subir á superficie huma escuma grossa, que se deve tirar com todo o cuidado.

DISCURSO

Sobre a Educaçaõ popular dos Artistas, e seu fomento.

Traduzido do Hespanhol por F. R. I. L. e. L.

INTRODUCÇAÕ PRELIMINAR.

O AUTHOR da Natureza dotou os irracionaes de hum natural vestido, e ornato. Deo aos animaes quadrupedes, peixes, e aves todos os soccorros necessarios.

Só ao Homem, como guiado de seu raciocinio, criou nú, desabrigado, e chorando (1).

Em recompensa lhe deo huma especie de dominio, e disposiçaõ sobre os outros viventes para sua utilidade, e proveito; e hum conhecimento geral do prestimo, e utilidade, que póde tirar das demais cousas, que produz a terra.

A necessidade excitou nos racionaes a invençaõ das Artes, para acudir ao abrigo, sustento, e commodidade dos de sua especie.

Estes segundo seus caprichos, e talentos variáraõ em todos os tempos nas inclinações, nos gostos, e nas módas. (2)

Natura sequitur semina quisque sua.

Daqui tem resultado tanta diversidade nos tra-

(1) Plin. *Hist. Nat. Lib. VII. in principio.*
(2) Propert. *Eleg. IX. Lib. III.*

trajes, e adornos das Nações, reduzidas a Sociedade.

As influencias do Clima, e as producções naturaes tem sido causa em muita parte da diversidade, que advertimos; e cada dia se faz maior, á proporçaõ que os Homens se affastaõ de suas origens.

Os oleos, e tintas saõ o ornamento de muitos Póvos, a quem o Clima reparte a robustez por causa da demasiada transpiraçaõ. A próvida Natureza produz nas mesmas Regiões estes balsamos, e unguentos.

Em os Pólos frios he necessario o abrigo das pelles, que cobrem os animaes, que alli se criaõ; das quaes os despoja o Homem para com ellas soccorrer sua denudez, e reparar-se do frio.

As Artes soffrem a inconstante duraçaõ dos caprichos humanos, humas se perdem, outras se restauraõ de novo, outras se combinaõ; e todas ellas tem por objecto abrigar, sustentar, e deleitar os mortaes.

Muitas se introduzíraõ, para ser instrumentos da ambiçaõ, ou da segurança humana; isto he, para offender, ou defender-se reciprocamente.

Outras invenções se destinaõ a conduzir-nos por mar, e por terra a todas as distancias possiveis; a passar, deter, ou aproveitar os rios.

Apreciaõ-se as Artes por sua utilidade, por seu bom gosto, e por sua curiosidade, e primor.

Varía este apreço nos Homens postos em Sociedade, segundo o sexo, a profissaõ, a classe, e as idades.

A harmonia, e o deleite do *ouvido* fez inventar os instrumentos musicos; e a necessidade de

de repartir, e aproveitar o tempo, os relogios.

A gulla, e por melhor dizer a fome tem dado origem a muitas artes, e tambem tem estimulado a agricultura, ou cultura das arvores, e das hortas: tudo com o objecto de satisfazer o sentido do *gosto*.

A preparaçaõ dos aromas, e a variedade do cultivo das rosas, e dos generos cheirosos, ou a arte de *jardinagem*; a distillaçaõ de espiritos, a fábrica de tabacos se tem destinado á recrear o *olfato*.

A prodigiosa combinaçaõ das cores, e sua systematica disposiçaõ em todas as obras da arte, que outro fim tem tido, senaõ representallas mais perceptiveis á curiosidade da *vista*? E outras artes se tem esmerado em auxilialla, ou augmentalla nos objectos delicados, que por sua pequenhez, ou distancia naõ podia distinguir, e fugiaõ da sua jurisdicçaõ.

A Optica he huma Sciencia fundada neste sentido, de cujo conhecimento resultaõ muitos descobrimentos importantes aos Homens.

A pintura, e a escrita communicaõ aos presentes, e vindouros por meio daquelle mesmo sentido tudo quanto he capaz de perceber o Homem, de discorrer, ou idear.

Faltando as duas artes de pintar, e escrever, o Orbe tornaria a esquecer-se de quanto tem aprendido, e de que ainda se recorda.

Só a Esculptura com seus relevos, e letras esculpidas poderia por meio do tacto supprir a falta da vista, ainda que com mais difficuldade.

A aspereza dos metaes, e das pedras se tem rendido á arte do Homem, para receber, e dar configurações proporcionadas ao suave sentido do *tacto*.

De-

Demais o tacto he quem dá a maõ á direcçaõ de todas, ou das mais principaes manobras do Artista.

A Medicina por meio do pulso deve ao tacto toda, ou a principal noçaõ, que toma das enfermidades internas.

A Cirurgia pratíca o mesmo nas externas, ainda que póde receber algum maior descernimento antes, auxiliada da vista.

As funcções do corpo vivente já mais se entorpecem tanto, como quando a energia das fibras, e do tacto se desentoaõ.

De maneira que o tacto obra naturalmente, pelo que toca ás artes, tudo quanto o conhecimento do debuxo regula, e dirige pela imitaçaõ, direcçaõ, e correcçaõ.

Isto naõ deixa, que todos os sentidos contribuaõ ás differentes operações; mas deve dar-se ao tacto o primeiro lugar entre elles, como sentido arquitetónico, ou director quasi de todos.

A Historia Natural faz correr as selvas, e as cavernas da Terra para encontrar os especificos, com que soccorrer qualquer desórdem, que padeça o corpo humano; e todos os demais simplices, que entraõ em todas as artes, e usos. A Minaría, e a Chymica encaminhaõ ao mesmo centro suas tarefas.

Saõ mais usuaes humas Artes, á proporçaõ que sua necéssidade he geral, e alcança a todos, ou á maior parte das gentes.

Sem estas artes, e officios naõ póde passar Sociedade alguma de Homens, e a que se acha falta de seu conhecimento, ou que naõ usa bem delle para se prover, deve confessar, que he defeituosa sua situaçaõ nesta parte: ainda quando

seus

ſeus naturaes poſſuiſſem as Sciencias mais ſublimes em heróico gráo, ou as minas precioſas do Univerſo.

As operações das Artes, que occupaõ mais Homens, merecem depois a preferencía.

As de puro ornato, ainda que pareçaõ menos neceſſarias; quando ſe achaõ eſtabelecidas em hum Paiz, daõ prova da ſua applicaçaõ, e inſtrucçaõ.

As couſas de luxo, que naõ trazem á propria Sociedade utilidade alguma, devem deſterrar-ſe: tal he o uſo dos *diamantes*, que empobrece as familias, e tem hum valor de mera opiniaõ.

A arte de reduzillos a ſeu eſtado de brilhante, e a joias he util, com tanto que o conſumo ſe faça em outro Paiz! Aſſim como he proveitoſo ao boticario o cultivar, e preparar as medicinas, ainda que lhe ſería mui prejudicial ſeu uſo no eſtado de ſaude; podendo duvidar da efficacia de muitos mixtos, ainda no de enfermo.

Huma Naçaõ póde facilmente tirar lucros do luxo das demais; adoptando certas manufacturas proprias a ſi, para vendellas a outras. E ſe permanece em ſeu conſumo, menos perde na balança mercantil com o Paiz, donde traz a pedraria, e couſas chamadas de *goſto*: ſuperfluas, e ridiculas em grande parte, e prejudiciaes quando vem de fóra.

O agente, e movel univerſal da induſtria humana ſe excita quaſi ſempre pela curioſidade de ſaber em quanto á invençaõ; porém no Artiſta, depois de inventada a couſa, pelo commum he o dinheiro. (1)

Er-

(1) Propert. *Eleg. VII. Lib. III. in principio.*

Ergo sollicita tu causa, pecunia, vita es:
Per te immaturum mortis adimus iter.

He a moeda o sinal commum, e geral de todas as cousas, em que traficaõ os Póvos, e a medida das recompensas do trabalho pessoal.

O cotejo da moeda, que huma Naçaõ paga, ou saca da outra em virtude da contracçaõ, ou por outras dividas, serve a deduzir a vantagem, ou a perda, que experimenta; e sua inferioridade, ou superioridade na industria, ou agricultura.

As Sciencias tem suas artes auxiliares, como a Escritura, a Typografia, a Gravura, a Arte de fazer ponções, e matrizes; a fundiçaõ das letras, as fábricas de papel, e os materiaes da encadernaçaõ. Estas artes prosperaõ, ou minguaõ, segundo o progresso da instrucçaõ nacional, que as occupa.

Donde se se ignorasse a Musica, seriaõ inuteis as notas musicaes, e os Professores, que tocaõ os differentes instrumentos; e os que os fazem, ou affinaõ. As Imprensas de musica tambem naõ teriaõ lugar

A perfeiçaõ das Artes contribue a propagar, e facilitar os conhecimentos humanos; porque todos elles tem certa relaçaõ úniversal entre si; e occupaõ mais os Homens, e ministraõ mais modos de viver á custa dos ricos, e abastados, ou dos que necessitaõ valer-se das artes, para satisfazer seus gostos, ou suas necessidades.

Os adornos das habitações dos Homens; suas diversidades, vestidos, e moveis, de que usaõ a pé, a cavallo, ou em suas carroças, sobministraõ ás Artes differentes occupações.

Quantas dependem da Arquitectura, e Pintura?

tura? Destas duas profissões, que competem com as Sciencias na *invenção*; e sobresahem ás demais Artes na graça, e delicadeza da *execução*, e na variedade, a que se estendem.

A guerra offensiva, ou defensiva, desde que o punho, e o páo (1) naõ bastáraõ, deo principio ás armas; á tactica, á polvora, á fortificaçaõ das praças, aos baixeis de guerra, e á innumeravel porçaõ de máquinas, conhecidas na *Milicia antiga*, e *moderna*.

Á proporçaõ que as Sociedades visinhas melhoraõ estas Artes; se vê precisada a propria a adoptallas, e estabelecellas do modo o mais perfeito; ou a mendigar a protecçaõ das outras Sociedades, que succede, naõ ser constante, segura, nem duravel.

Naõ basta estabelecer as Artes, e Officios de qualquer especie em hum Paiz, ou possuillos de largo tempo. He mister hillos aperfeiçoando continuadamente em competencia das outras Nações. Quando Hespanha se descuidou desta attenta vigilancia, perdêraõ a estimaçaõ nossas manufacturas, e artefactos: tomando a superioridade as estrangeiras. Em curta progressaõ de tempo se arruinaõ as Fabricas proprias, donde naõ se melhora, nem se introduz o ensino, que falta.

Daqui nasce a primeira máxima geral de regular sólidamente o ensino dos Officios; a sobordinaçaõ dos discipulos, ou aprendizes aos seus Mestres; o estudo do debuxo; para fazer as obras proporcionadas, e correctas; o rigor, e justificaçaõ dos exames; os premios, e os auxilios necess-

(1) Horat. *Serm. Lib. I. Satyr. III. Vers.* 99, & seq.

ceſſarios aos Artiſtas: dando-lhes a eſtimaçaõ, que merecem com juſto titulo huns Cidadãos induſtrioſos, que ſaõ taõ proveitoſos, e neceſſarios no Reino.

A material ſituaçaõ das Artes naõ he indifferente, para que floreçaõ, como ſe adverte no *Diſcurſo ácerca do modo de fomentar a Induſtria do Povo.*

Nas Cidades bem povoadas ſaõ pelo commum caros os mantimentos, por cauſa do grande número de individuos, que os conſomem; e os jornaes ſóbem á proporçaõ. E aſſim em taes paragens naõ convém as fabricas ordinarias, que naõ admittem pelo ſeu infimo valor o deſembolſo de jornaes ſubidos.

Porém as finas eſtaráõ alli muito bem, e todas as de ornato, e oſtentaçaõ. Onde naõ há agua, e lenha naõ convém certas fabricas; ou he miſter abater os montes, e conduzir as aguas.

As que requerem máquinas hydraulicas devem eſtar ás margens dos rios, ou onde ha abundancia de agua.

As que neceſſitaõ de ſimples volumoſos, haõ de collocar-ſe perto do lugar, onde naſcem, ou na maior viſinhança poſſivel.

As que dependem do capricho, e moda, devem variar-ſe á proporçaõ, e eſtar em lugares ricos, ou perto delles.

Se algumas ſe perdem pelos gaſtos de adminiſtraçaõ, ſe haõ de reduzir a eſtabelecimentos populares; e deſcubrindo-ſe máquinas, ou ſegredos novos, devem-ſe buſcar a todo o cuſto.

Importa tambem muito outra máxima geral, a ſaber: o deſterrar as idéas vulgares, que tem mantido em menos apreço do que lhes correſponde os Officios, e os que os profeſſaõ.

A pobreza, e infamia deve recahir unicamente nos ociosos, e mendigos, ou naquelles Artistas, que por desaplicados, e viciosos, naõ se fazem dignos da consideraçaõ geral. (*)

Obrigado he o Governo público a proporcionar-lhes todos os adiantamentos, que se tem conseguido em outras partes; e os que nossa constituiçaõ lhes póde facilitar, sem distincçaõ de naturaes, e estrangeiros. Porque a casualidade de nascer fóra de Hespanha, naõ os ha de privar dos privilegios, que as Leis lhes concedem, e merecem. Elles trazem sua habilidade, e industria á nossa Patria; augmentaõ a sua povoaçaõ; e a muitos destes se devem Artes utilissimas, e precisas, de que sem elles careceriamos todavia.

Os Romanos introduzíraõ em Italia as Artes dos Gregos, e as fizeraõ proprias desta maneira, á força de empregar os Artifices, e Artistas de toda especie. Naõ tiveraõ a vigilancia para que os na-

(*) *Em nossas Comedias se tem infundido maximas bem prejudiciaes, e indiscretas, que conduzem a espalhar a ociosidade.*

A pobreza voluntaria he deshonra, e ainda delicto: com tudo Lopo de Vega, sem fazer esta distincçaõ, intitulou huma de suas Comedias: La pobreza no es vileza. *De donde o Povo indocto crê, que todo o pobre he honrado, e este mesmo público ouve, que o exercicio das Artes mecanicas causa deshonra: veja o cordato, se o vulgo obra consequentemente aos principios commummente recebidos; quanto prefere o ocio descansado á fagida de hum Officio penoso, e difficil de aprender, que crê o deshonra: mantendo-se na descansada pobreza, que pensa naõ lhe causar nota.*

naturaes as aprendessem, nem lhes deraõ aquella honra, e daqui resultou a decadencia de que se fallará em outra parte.

Quantas Artes, e segredos deve a Europa ás Nações Asiaticas, e quantas trouxeraõ os Arabes á *Hespanha*?

Os nomes das Artes, dos instrumentos, e das mesmas obras saõ derivadas das linguas, ou idiomas do Paiz, donde as recebemos. Todos os Homens saõ necessarios, e temidos reciprocamente. Assim o desprezallos, he falta de conhecimento politico das Nações.

Só a ignorancia do progresso, e transmigraçaõ das Artes, póde infundir em alguns idéas taõ contrárias ao bem público, e aos interesses verdadeiros da Patria.

Se outras mais Nações em troca das pessoas ociosas, e ignorantes, que temos, nos dessem outros tantos destros obreiros; parece naõ duvidariamos hum instante em acceitar huma troca taõ vantajosa. Logo dando-no-los gratuitamente, para que nos fazemos rogar tanto?

O verdadeiro estrangeiro em sua Patria he ocioso, e de grande pezo ao Estado: tanto mais insupportavel á proporçaõ que he maior o número dos inuteis.

A diversidade de idioma he tudo o que se póde objectar aos estrangeiros; porém como naõ se recebem por oradores, parece ridiculo semelhante reparo.

Todas as Nações cultas devem tratar com hospitalidade, e carinho o estrangeiro, que observando suas Leis, contribue com seu trabalho a augmentar a riqueza nacional.

Assim se pratica em Hespanha, e o tem qui-

te-

teradamente mandado Carlos III., conforme as Leis antigas do Reino, e assim se deve observar:

Tros, Rutulusve fuat.

A Policia dos Artistas, e o amelhoramento de sua Legislaçaõ municipal he o objecto deste discurso; sem desalembrar-se dos demais principios de educaçaõ, que lhes convém; e ainda do asseio, e limpeza, de que tanto se descuidaõ em os meninos seus Pais, e Mestres.

Naõ he este por certo hum assumpto indifferente; compondo este corpo de Cidadãos mais de hum terço da Naçaõ Hespanhola.

A brevidade do Tratado naõ permitte tratar dos *abusos* de cada gremio de Officios em particular, nem da correcçaõ de seus *Regimentos*.

Este ultimo pertence aos depositarios da Authoridade Pública; e a reforma dos abusos se alcançará por si mesma; reduzindo a methodo o ensino, e a profissaõ das Artes, e Officios; protegendo-os, e honrando-os, como os demais Cidadãos, por serem todos membros da mesma Sociedade: he necessaria esta consideraçaõ, para que abracem com gosto os Officios.

A fazer-se alguma differença, a vantagem deve ser a favor dos Artistas, porque suas tarefas saõ penosas, e requerem applicaçaõ, e engenho, para habilitarem-se no manejo de seus respectivos Officios, e terem sahida as suas obras.

Algumas dellas saõ taõ delicadas, e difficeis, que naõ necessitaõ menos tempo para adquirillas com perfeiçaõ, que as Sciencias mais sublimes, e especulativas.

Como se póde esperar a propagaçaõ, e arraigamento de semelhantes Artes na Naçaõ, se-

naõ

naõ concorrem ao meſmo tempo a favor de ſeus Profeſſores huma conſtante protecçaõ, e hum intereſſe, que recompenſe tantas fadigas?

O Author de huma Obra de engenho, logo que a conclue, tem cumprido com toda a ſua obrigaçaõ. A hum Artifice naõ lhe baſta hum modelo; he-lhe preciſo produzir ſua obra continuadameute, ſem ceſſar em ſua fadiga corporal, para ir tirando proveito das que imita, e vende.

As combinações eſpeculativas de alguns Artiſtas naõ cedem na tortura do engenho á reſoluçaõ dos Problemas mais difficultoſos; e muitos ſe valem da Geometria, Química, e outras Sciencias, para conſeguir bom exito.

Quantos deſcubrimentos uteis de noſſos Artiſtas ſe affogaõ, e morrem com elles; e he natural que aſſim ſucceda em quanto naõ ſe eſtabelecerem *premios* para os inventores, que os publicaõ em beneficio das artes?

Ainda os premios naõ baſtaráõ, ſenaõ ha Sociedades económicas, que julguem delles, e diſtribuaõ as recompenſas pelos benemeritos; cuidando de aproveitar, e conſervar qualquer invençaõ. Os Magiſtrados nunca teráõ baſtante tempo, para tomarem eſte cuidado contínuo do progreſſo, que adiante diariamente as Artes.

A perfeiçaõ deſtas ſó ſe póde alcançar, accumulando em fórma de inſtituições, e por claſſes taes deſcubrimentos; já melhorando os inſtrumentos, e máquinas de que neceſſitaõ os Artifices; a preparaçaõ dos metaes, e materiaes, que empregaõ em ſuas operações; e finalmente pelo acabado, e viſtoſo das peças, que ſahem da maõ, e do laboratorio do Artiſta.

Ha Officios auxiliares, cujo adiantamento in-

flue

flue confideravelmente nos demais.

Huns daõ facilidades, como he a composiçaõ do aço, que conduz a melhorar os instrumentos de muitos Officios. (*)

Outros sobministraõ materiaes novos, como a folha de Flandres, e o lataõ; cujos materiaes se deveraõ á meditaçaõ, e ás indagações quimicas.

A tëmpera dos metaes, que entraõ nas peças de hum relogio, mereceo em Inglaterra a Harrisson hum premio consideravel com o fim de auxiliar a navegaçaõ por este meio.

As Artes admittem tambem outra divisaõ, ou imitaõ a Natureza; e entaõ he mister seguilla exactamente, como faz o Estatuario, ou o Pintor, guiado pelo debuxo, e o mesmo succede ao que coordina todas as producções, que constitúem o todo, ou parte da *Historia natural*, para representallas ao vivo.

Outras Artes, e Officios deveraõ sua origem a huma nova combinaçaõ dos objectos; e he o que se chama invençaõ, e saõ as mais sujeitas a alterações, e modas.

As primeiras se empregaõ em observar as propriedades dos mesmos objectos, de que se valem os mesmos Artistas, para se servirem delles em suas composições; como succede com todos os materiaes das Artes, e Officios, destinados a preparallos.

As pelles devem curtir-se, ou preparar-se segundo os seus destinos. Ha tempo preciso para ef-

(*) *Deve-se a D. Joaõ* Dulling *o descubrimento do melhor aço, que se fabrica em. Santo Ildefonso, e que seria conveniente propagar.*

eſtas operações; e ſe ſe dilata, ſe apodreceráõ eſtes materiaes, por ſe deſcuidar, ou ignorar o modo de preparallos. Se ſe omitte alguma das demais operações, que a experiencia, e a Arte julga neceſſarias, o meterial ſahe de pouca Lei, e o público he enganado, porque dura menos.

O meſmo ſuccede com todos os materiaes flexiveis, e de fiação, de que ſe formaõ os tecidos, para lhes dar as varias, e ſucceſſivas operações, que neceſſitaõ, e lhes ſaõ proprias.

Os metaes requerem para ſua effuſaõ, e preparaçaõ operações conſtantes, para naõ perderem ſua ductibilidade, e applicaçaõ ás Artes reſpectivas; ou para tranſmutallos, ou miſturallos com outros metaes, ou ligações.

As materias duras, como as pedras, e madeiras, naõ carecem de propriedades, que lhes ſaõ eſpeciaes, para ſaber dar-lhes antes de applicallas aos Officios, que as lavraõ, e pollas em obra; e muitos deſtes generos ſaõ preciſos aos tintureiros.

As cores vem da extracçaõ, ou miſtura de muitas producções dos tres Reinos vegetal, mineral, e animal. Naõ he menos variavel a ſua combinaçaõ. Merece a devida attençaõ, para que floreçaõ as manufacturas, e abundem todas as primeiras materias, aproveitando-as do proprio Paiz com preferencia.

O teixo por exemplo he huma arvore, que dá excellente madeira, e ſerve aos tintureiros. Aqui poucos uſaõ delle para as tintas; e depende do atrazamento da Hiſtoria Natural (*) em Heſpanha.

(*) *El-Rei tem eſtabelecido hum Gabinete debai-*

Todas as meias cores saõ pelo commum factícias, e devem sua variedade a huma multidaõ de observações, reguladas pela Arte.

Os córpos diáfanos, ou transparentes naõ saõ de menos uso; nem se aperfeiçoaráõ sem contínua applicaçaõ, e experiencia.

Que número de Officios encerraõ as preparações destes, e outros materiaes das Artes, e Officios! Sem estudo, e raciocinio, como se poderáõ chegar ao estado, que hoje tem, e quanto falta ainda, para ter apurado esta prodigiosa quantidade de operações, e combinações fysicas, químicas, e metallurgicas, que ainda ha para fazer?

Sem discurso, e sciencia nada disto se podería ter reduzido a Systema, e ordem. Como poderiaõ adiantar-se estas operações sem regras constantes, que a prática certificou; e as quaes só as havia antes descuberto a casualidade, ou o estudo sagaz do Filosofo, do Naturalista, ou do Químico?

Sem dúvida he mais glorioso achar, e descubrir estas combinações, que buscallas com fadiga, e contínuo trabalho. Porém ao público maiores vantagens lhe resultaõ dos Artistas, que aprendêraõ depois a copiallas com exactidaõ, ou que as aperfeiçoáraõ á custa de experiencias racionadas; porque estes ultimos as apromptáraõ, e expedíraõ para o uso commum dos Homens.

Quem poderá dar, nem negar preferencia a algum destes officios; que se empregaõ em pre-

pa-

---

xo da direcçaõ de D. Pedro Franco de Avila, que será monumento permanente da protecçaõ de Sua Magestade para os conhecimentos uteis.

parar as primeiras materias das artes; nem olhar com desprezo a huns Cidadãos, que incessantemente se occupaõ em taõ uteis trabalhos; sem os quaes careciaõ de energia as Artes; faltando a materia sobre que se deve obrar com acerto, e utilidade do Público?

O objecto a que estes materiaes se applicaõ, nem a qualidade delles mesmos naõ diminuem a estimaçaõ dos obreiros. Qualquer differença entre elles sería hum paradoxo politico, ou huma sofistería, produzida por genios superficiaes, e charlatãos.

Se o ouro he de mais valor, mais util he ao Genero Humano o trabalho das ferrerias, que sacaõ da mina por virtude da effusaõ bem regulada, hum metal necessario, para sobministrar instrumentos para todos os usos da guerra, agricultura, officios, habitações, e dos particulares.

He hum erro politico entrar em taes comparações de preferencia, que em Hespanha tem influido muito a desviar as gentes de algumas Artes, como succede em as de *curtir pelles*, que saõ mui poucas, á proporçaõ dos muitos couros em pello, e outras pelles de Hespanha, e das Indías, que sahem sem serem curtidas pela preoccupaçaõ, de que esta Arte naõ he taõ honrosa como outras.

As Leis prohibem extrahir do Reino semelhantes pelles, sem adobar, ou curtir: com o saudavel fim de dar esta occupaçaõ a nossos curtidores.

A vulgaridade vem ao encontro do progresso dos curtidos, desacreditando este Officio pela sua palavra, e a hum grande número de familias,

que exercitariaõ utilmente esta honrada profissaõ; e agora vivem na ociosidade, sem occupaçaõ, com que se mantenhaõ.

Este mesmo damno se experimenta em detrimento de outras Artes, e Officios, naõ menos uteis, e necessarios: só porque alguns Escritores á sua fantasia tem desacreditado as especies de trabalho, que lhes parece, com razões verdadeiramente desprezíveis: oppostas ao espirito das Leis, e inteiramente contrárias ao bem commum.

Os Regimentos de muitos gremios, e córpos tem adoptado o mesmo modo de pensar, com geral prejuizo da Naçaõ, e tem excluido de certas Corporações, e Communidades o apreço de certos Officios, e ás vezes de todos.

Se se achassem razões fundadas de *utilidade*, e conveniencia pública, para sustentar semelhante modo de discorrer; merecería desculpa seu empenho. Mas como em nada disto tem dado origem a taes exclusões o bem público; está clamando todo Homem honrado, e cordato, que se trate de desterrar taõ prejudiciaes paralogismos.

A distinçaõ de Nobres, e de Plebeos he de constituiçaõ: as demais devem considerar-se a beneficio das Artes, honrando-as quanto possivel for.

Em outros Paizes prevalece mais o amor á ganancia, e á commodidade, e ninguem se deixa seduzir destes erros políticos: em Hespanha naõ bastaõ taes estimulos, se a estimaçaõ, e devido apreço naõ acompanhaõ as suas operações.

Os Officios, que reduzem a manufacturas as primeiras materias, que ficaõ referidas, e outras

quaes-

quaesquer descubertas, ou que se vaõ descubrindo; estaõ sujeitos ás mesmas opiniões vulgares; e em todos deve acudir a Legislaçaõ, e o conceito commum das gentes a estimular indifferentemente todo o genero de applicaçaõ honesta; dando lhe a estimaçaõ devida.

O contrario he pedir impossiveis a huma Naçaõ taõ honrada como a nossa.

As Artes, e Officios em Hespanha, disse mui bem para o caso D. Joaõ de *Butron*, (1) que mais necessitaõ de protecçaõ, e fomento; sobejando engenhos mui felices, para exercitallos.

Seráõ mais brilhantes, faceis, e lucrosas outras especulações scientificas, e abstractas para seus Authores. A mim me parece mais util na ordem civil ao Genero Humano a invençaõ das agulhas de cozer: instrumento de tanto uso, qne deve preferir á Logica de Aristoteles, e a hum grande número de seus Commentadores, que tem sido em Hespanha mais communs, que as Fábricas de agulhas: esquecidas quasi em Cordova, onde florecêraõ por alguns Seculos, e agora saõ menos estimadas as que alli se fazem todavia.

Tem sido grande erro de Política o excitar questões sobre a preferencia das Artes, e dos Officios: distinguindo a huns com o dictado de *Liberaes*, e a outros com o de *Mecanicos*. (*) Daqui

(1) *Butron* Discurso sobre a Pintura no fim, *alli. Finalmente nossa Hespanha necessita de amparos, de premios, de protecçaõ; naõ de engenhos.*

(*) *Veja-se o Diccionnario da Academia Hespanhola na palavra* Mecánico, *em que explica o modo commum de pensar sobre os Officios do Reino.*

qui se passou a fazer outra distinçaõ de Officios baixos, e humildes; dando a alguns o nome de Nobres. Estas denominações voluntarias, e mal digeridas, tem excitado repetidas emulações, e foraõ em parte motivo de que muitos abandonassem as Artes, ou dissuadissem seus filhos de continuarem nellas, contra outra maxima geral de fazer indirectamente hereditarios os Officios nas familias para que os amem, e aperfeiçoem.

Os Juris-Consultos Hespanhoes tem publicado Tratados inteiros debaixo do Systema odioso, que fica referido; e agora só se fallará das duas Obras, que saõ as mais conhecidas. A primeira he a citada de D. Joaõ de *Butron*, intitulada: *Discursos*

„ Mecánico: *se applica regularmente aos Offi-*
„ *cios baixos da* República, *como Çapateiro, Ferreiro,*
„ *e outros, e assim se differençaõ os Officios em me-*
„ *cánicos, e Artes liberaes.* „

Esta distincçaõ ainda que arbitraria, e opposta aos verdadeiros principios, tem sido recebida, e propagada geralmente; e devia o Padre Feijoó collocalla entre os Errores comunes, *que reprehende em seu* Theatro. *E assim he necessario, que todo amante de Naçaõ a dissuade em seus escritos, e conversações.*

Acaso a Legislaçaõ deveria interessar sua Authoridade, para fazer alguma declaraçaõ honorofica a favor da industria gremial dos Artistas: explicando algumas Leis, e Decretos tirados do Direito Romano, que apoiaõ a opiniaõ vulgar: como se fez a favor do Commercio *com tanta razaõ, para animar as gentes a fazello por grosso; que he o verdadeiro tráfico. A admissaõ aos Officios da República he huma justiça, que naõ se lhes deve negar.*

cursos à favor de la Pintura, impressa em quarto em Madrid, anno de 1626, no tempo de Filippe IV., cujo Soberano estimou, e conhecia per si mesmo esta utilissima profissaõ, e o debuxo, com que se recreava algumas vezes.

Naõ censuro as boas, e excellentes razões, com que aquelle Escritor recommenda o Debuxo, e a Pintura; porque na verdade defende huma causa taõ justa, que apenas ninguem póde contradizella, sem risco de passar por ridiculo.

Era bastante extensa sua leitura, e dá no fim de sua Obra mui boas noticias de varios célebres Professores das Artes, assim antigos como modernos; e entre elles muitos Hespanhoes, desde o Reinado de D. Fernando, e Dona Isabel até o de Filippe IV., em que escreveo sua Obra Apologetica da Pintura.

O que nella reparo he a demasiada extensaõ de seus elogios em desabono das outras Artes, e Officios; presentando-os debaixo de hum aspecto exclusivo de pouca estimaçaõ, e decencia pelo que toca a seus Professores

Os que escrevem em tom apologetico, e declamatorio, se apossaõ demasiado de sua materia, e de ordinario cahem em exaggerações. A Pintura, Arquitectura, e Escultura saõ taõ simples, nobres, e uteis Artes para a commodidade dos Homens, para memoria delles, e celebraçaõ de seus cultos, que só se podem exercitar por Homens sábios de grande engenho, que conheçaõ a antiguidade, e os primores da Arte. Pelo que tenho por inutil tecer o panegyrico de Profissões taõ dignas, e raras, que só careceraõ de apreço, quando naõ sejaõ excellentes os que as professaõ,

Ti-

Tinha escrito antes de Butron sobre o mesmo assumpto o Licenciado Gaspar *Gutierrez de los Rios*, tambem Professor de Direito, que imprio em Madrid anno de 1610 huma Obra em quarto intitulada: *Noticia geral para la estimacion de las Artes; y de la manera en que se conocen las liberales de las que son mecánicas, y Serviles: con una exôrtacion à la honra de la virtud y del trabajo, contra los ociosos; y otras particulares para las personas de todos estados.*

Ha muita Doutrina, e erudiçaõ nesta Obra; e della quasi tem tirado nesta parte os Escritores da Arte as melhores noticias.

Os tres primeiros Livros da primeira parte se reduzem em persuadir a utilidade das *tres Artes*; e no quarto próva igualmente a honra, e estimaçaõ da Agricultura, com o desejo de animalla, e recommendalla ao Conde Duque *de Lerma*, Ministro de Filippe terceiro.

A segunda parte he huma *exhortaçaõ ao trabalho*, dirigida a todas as classes; e a fez *Rios* no que he compativel com a verdadeira distincçaõ dellas, e seu decoro.

Se se considera bem o contexto desta Obra, se achará ser escrita com fins rectissimos; mas na eleiçaõ dos meios se adverte huma contradicçaõ nas suas mesmas razões, e principios. Pois no fim (1) attribue *Rios* com fundamento o atrazamento das Artes, e o Officios á pouca estimaçaõ, que delles já se fazia aos principios do Seculo passado na nossa Hespanha; e cahe no proprio er-

(1) Rios *na exhortaçaõ ao trabalho*. §. 10. *pag.* 339.

erro indirectamente, apoiando a visaõ da opiniaõ vulgar.

,, Finalmente os que trabalhaõ (assim o con- ,, fessa Gaspar *de los Rios*) deixaõ suas Artes, e ,, Officios, por se verem desprezados pelos ocio- ,, sos, e naõ taõ virtuosos, como elles. ,,

Esta falta de estimaçaõ he huma consequencia do systema de reduzir a liberaes, e a nobres hum certo número de Artes; appellidando as outras *inferiores*, ou *baixas*, como as chamava o mesmo *Rios*; dando-lhes o nome de *mecánicas*, em hum sentido que naõ tem a palavra: a que corresponde o de *prácticas*. Porém se se considera a cousa com attençaõ, ainda pelos mesmos principios do Author, se acha, que o Debuxo (1) he o que dá a bondade, e o apreço ás Artes, e Officios; ou practicos, ou especulativos.

Neste genero de Artes vãs seriaõ as theoricas, que se naõ podessem reduzir a uso, e práctica.

Está pois taõ longe, de que o nome de *práticas* cause descredito ás Artes, que tal opiniaõ, se a adoptassem as Nações industriosas, sería o mesmo, que desterrallas do Mundo.

E como o Desenho seja absolutamente necessario quasi em todas ellas, para imitar, ou para inventar; segue-se, que sendo em parte prácticas as Artes, inclusas a Pintura, Escultura, e Estatuaria; e estando todas as Artes, e Officios debaixo da indispensavel direcçaõ do debuxo; todos os Professores, e Artistas devem estimar se, á proporçaõ, que cada hum medra na sua profis-saõ

---

(1) *Veja-se o citado Rios no* Lib. III. Cap. 6. pag. 138, *e Seg.*

ſaõ, e ao conhecimento geral do Debuxo, applicavel a ſeu Officio: como que exercitem ſcientificamente as operações, conteúdas na ſua extenſaõ, ſe ſabem pelas regras, e com verdadeiro enſino ſua Arte: no que agora padecem grande atrazamento noſſos Artiſtas, por naõ terem tido quem os guiaſſe deſde ſeus primeiros principios.

Todos os argumentos a favor do ſyſtema de Gaſpar dos Rios ſaõ equivocos, e pouco ſólidos, ſe ſe exceptua o do Debuxo; e entre ſi peleijaõ, e diſcordaõ.

No Livro IV. trata o meſmo Eſcritor de defender a nobreza da Agricultura, e ſe ſerve de razões bem differentes das allegadas nos tres primeiros, naõ podendo negar-ſe, que a cultura dos campos ſeja obra corporal, e manual, que requer ainda menos èſtudo, e regras, que a maior parte dos Officios Mecánicos, ou praćticos, os quaes preciſaõ abſolutamente dellas.

Donde ſe collige; quaõ importuna ſeja a diſtincçaõ de Artes Liberaes, e Mecánicas; como ſe foſſe poſſivel eſcrever, ou imprimir hum Livro ſem o mecaniſmo da Eſcritura, ou da Typografia.

Eu naõ quero deter os leitores em referir por menores as razões, de que ſe vale Rios: ainda que conheço ſeu bem intencionado zelo, e que ſe deixou levar de modo de diſcorrer do Seculo, em que vivia.

Melhores ſaõ os fundamentos, em que apoia ſua exhortaçaõ ao trabalho, ſem exceptuar alguma das claſſes: fallando com Cavalleiros, Fidalgos, Plebeos, e Mulheres das referidas gerarquias; fazendo a maior invećtiva contra a ocioſidade (1).

Se-

(1) *Rios* na ſua exhortaç. §. 4. pag. 290, traz

Sejaõ embora tidos como Mecánicos, e servís aquelles Meſtres, que obraõ ás cegas no ſeu Officio, ſem regra nem direcçaõ do Debuxo, porque eſtes verdadeiramente, ainda que ſe occupem na meſma Pintura, naõ devem gozar do conceito, e eſtimaçaõ de Pintores, como o reflectíraõ Franciſco Pacheco, D. Antonio Palomino, e outros.

Meu

---

hum Dialogo *entre a applicaçaõ ao trabalho, e a ocioſidade, que he digniſſimo de ſe expôr aos leitores por extenſo; he tirado de Xenofonte* no Tratado dos Ditos, e Feitos de Socrates, Liv. II., *e diz aſſim:*

Contenda entre o trabalho, e a ocioſidade.

Dizem que Hercules ſendo já mancebo, quando os de ſua idade com a luz de razaõ que tem, daõ moſtras de ſe encaminharem ao vicio, ou á virtude, que haõ de ſeguir; ſahio da Cidade, e ſe aſſentou em hum lugar apartado, e ſó, mui imiginativo ſobre qual dos dous caminhos elegeria, ſe o da ocioſidade, ou o do trabalho. Pareceo-lhe que ſe chegavaõ a elle duas grandes, e bem diſpoſtas Mulheres: huma dellas honeſta, e de nobre aſpecto; o corpo adornado com huma limpeza natural; os olhos vergonhoſos, e toda a ſua figura cheia de caſtidade, e veſtida de branco: e a outra cheia de muitas carnes, e brandura; a côr branca, e vermelha: toda a ſua figura parecia ſer mais artificioſa, que natural; os olhos buliçoſos, e abertos: veſtida de tal modo, que parecia taõ formoſa, que muitas vezes ſe punha a mirar a ſi meſma, e conſiderava ſe havia alguem quem a viſſe, e algumas via, e notava a ſua propria ſombra. Chegando já perto de Hercules, a primeira andava

Meu intento neste discurso he excitar a quantos professaõ as Artes, e Officios em Hespanha, para que se appliquem ao Debuxo, e exercitem os Officios respeitosos debaixo de suas regras, simmetría, e proporções.

Taes Artistas debuxantes verdadeiramente se comprehendem entre as Profissões honradas, ou de-

---

sempre da mesma maneira, com o mesmo passo; e a outra querendo adiantar-se, e tomalla pela maõ, correo para Hercules, e lhe disse: Considero-te, Hercules, que estás duvidando, qual dos dous caminhos has-de seguir. Se tu me amas, e me segues, levar-te-hei a hum mui deleitavel, e facil caminho, onde gostarás de tudo o que deleita, e dá contentamento, vivendo sem trabalho algum. Naõ terás cuidado algum das guerras, nem de outras occupações; mas sim considerarás em os manjares, e bebidas, que te agradem: em receber, e gostar tudo o que deleita a vista, o olfacto, e o tacto. E tendo satisfeito todos estes desejos com grande gosto, considerarás em como poderás dormir com summa suavidade, e terás tudo isto sem trabalho algum. Se alguma vez temes, que te faltará o cabedal com que se alcançaõ estes gostos, naõ terás necessidade de trabalhar, nem de cançares o espirito, nem o corpo, para achallo; antes te aproveitarás do que os outros trabalhaõ, e naõ porás a maõ em cousa alguma de que naõ tire proveito, e ganancia: porque a todos os meus amigos, que me seguem, lhes he licito aproveitarem-se de todo o que puderem. Tendo Hercules ouvido isto, lhe disse: mulher, que nome he o teu? Respondeo, meus amigos chamaõ-me Felicidade; *e os que me aborrecem, me chamaõ* Maldade, *e* velhacaria. *A tempo que dizia isto, chegou-se a elle a ou-*

decentes; applicando com utilidade as Regras a toda a casta de manobras.

Estou já antevendo huma réplica, que faráõ os defensores da frouxidaõ, aindaque por fortuna naõ espero se atrevaõ; censurando como tarefa importuna, a que tanto se recomenda neste *Discurso*, que os Artistas Hespanhoes geralmente ha-

---

tra mulher, e lhe disse: Eu tambem, Hercules, dirigo para ti os meus passos; porque conhecendo a teus Pais, e considerando teu natural engenho nos estudos, espero que seguindo o meu caminho, e Doutrina, amarás a virtude, e exercitarás todas as obras boas, e virtuosas, fazendo-me mais honrada, e illustre. Naõ te enganarei começando pelos deleites, mas contar-te-hei com verdade, qual seja a natureza, que deraõ os Deoses a todas as cousas. Nenhuma das que saõ boas, e virtuosas deraõ os Deoses aos Homens sem trabalho, e diligencia: Se queres que os Deoses te favoreçaõ, serve-os: Se queres que teus amigos te amem, has de lhes fazer bem; se desejas que alguma Cidade te honre, aproveita de algum modo a esta Cidade: se queres ser admirado em toda a Grecia pela tua virtude, cuida em fazer bem a toda a Grecia: Se queres que a terra te dê frutto, cultiva-a: se queres ser rico contratando em cavallos, trata delles: se desejas ser augmentado pela Guerra, e livrar da escravidaõ teus amigos, e fazer escravos teus inimigos, aprende as Artes militares de quem as sabe, e exercita-te nellas para saberes usar dellas: se queres ter força no corpo, sujeita-o á alma, e exercita-o nos trabalhos, e suor. Sorrindo-se entaõ a Maldade (como disse Prodico) disse-lhe: Entendes quaõ largo, e aspero caminho te conta esta Mulher para os deleites? eu por mais fa-

hajaõ de aprender o Debuxo, e affadigar-se em hum estudo taõ difficil. Allegaráõ, que até aqui as tem exercido com acerto, sem necessidade de aprendello precisamente.

Oxalá provassem a verdade de todos os extremos da réplica. Sería hum privilegio especial de nossa Naçaõ poder exercitar perfeitamente às Ar-

---

cil, e breve caminho te levo a felicidade. Ao que respondendo a virtude, *e* trabalho, *lhe disse: ó desaventurada, quaes saõ os teus bens, ou que cousa te póde parecer suave? Pois naõ encaminhas nenhuma de tuas cousas a este fim, nem esperas ter desejo do que he suave: se antes de desejar, estás satisfeita: antes de ter fóme, comes; e antes de ter sede, bebes. E para comer com deleite, buscas exquisitos cozinheiros, e para beber da mesma maneira, tens varios, e preciosos vinhos. No Estio andas buscando neve por todas as partes: para dormir com suavidade, naõ só te contentas com cama molle, mas tambem pões almofadas sobre almofadas, e travesseiro sobre travesseiro. Naõ desejas o somno por teres trabalhado, senaõ porque naõ tens que fazer: exercitas as torpezas, e lascivas de todos os modos, sem que o corpo as queiras: práticas com os mesmos Homens o que obras com as Mulheres. Nesta fórma ensinas a teus amigos, passando a noite em torpezas, e gastando o melhor do dia em dormir. Sendo immortal, te despedíraõ os Deoses, e te affrontáraõ os Homens virtuosos. Nunca ouviste teus elogios, que he o mais agradavel, que se póde ouvir. Quem te acreditará dizendo tu alguma cousa, ou tendo necessidade? Quem te soccorrerá? quem tendo juizo, quererá ser do número de teus amigos? que sendo moços se fazem fracos, e debeis de corpo; e na ve-*

Artes, ſem ter o trabalho, que outras tem em aprender todas as partes, de que conſtaõ ſeus principios.

Sem dúvida ſe enganaõ taes protectores da ocioſidade. Noſſos maiores eraõ avantajados no Debuxo, como ſe vê no correcto de ſuas Obras, e na invençaõ de muitas máquinas importantes ao pro-

---

lhice ſe tornaõ loucos, e gaſtando a mocidade na frouxidaõ, e regalos, na velhice andaõ quebrantados com mil afflicções, achaques, e enfermidades: e envergonhados do que fizeraõ, naõ lhes dá menos cuidado qualquer couſa que fazem como aquelles, que tem gozado na mocidade de todos os goſtos, reſerváraõ para ſua velhice todos quantos pezares ha. Porém eu eſtou com os Deoſes, favoreço os Homens virtuoſos: nenhuma Obra boa, nem Divina, nem Humana ſe póde fazer ſem mim. Eu ſou o que tenho mais honra para com os Deoſes, e com os Homens virtuoſos: ajudo os Artifices, ſou fiel guarda das caſas; faço com que queiraõ bem aos criados: ſou protectora, e defenſora de todas as obras, preciſas para o governo da paz; firmiſſima companheira das guerras: participante do amor, e da amizade: e iſto tudo he mais agradavel a meus amigos, e cauſa mais goſto o comer, e beber: goſtaõ de humas couſas, em quanto eſperaõ outras. O ſomno lhes dá mais deleite, que aos ocioſos: eſtando acordados naõ tem motivo de triſteza, nem o ſomno he parte, para que deixem de fazer o que he preciſo. Os moços ſe regozijaõ com os louvores, e elogios dos velhos, e os velhos ſe alegraõ com a honra dos moços. E trazendo á memoria as acções façanhoſas, que com grande contentamento fizeraõ os antigos, naõ menos goſtoſos as poem em práctica, e as executaõ os que ho-

progresso das Artes, e ainda da Agricultura, Minaría, e beneficio dos metaes; e de outras primeiras materias das mesmas Artes. Nos ultimos tempos, logo que se abandonou seu ensino, deca-

ca-

---

je vivem; pelo que se fazem amar, e querer bem dos Deoses, desejar dos amigos, e honrar de suas mesmas Patrias, e Repúblicas; e chegando o fim de sua vida, e dia da morte, naõ os deixaõ no esquecimento, nem morrem sem honra; antes ficando escritos na memoria dos Homens, florecem eternamente. Exercitando estas cousas, Hercules, *com suor, e trabalho, terás mui bemaventurada felicidade. Até aqui saõ palavras de Prodico, de que se aproveitáraõ* Socrates, *e* Xenofonte; *e eu tambem nesta occasiaõ. Quem haverá que com ellas naõ se enamore, e festeje a virtude, e o trabalho? Quem haverá, que com ellas naõ tenha aversaõ a esta cobarde, porca, e çuja ociosidade? Que Nobre, que Fidalgo, que plebeo naõ se deleitará em taõ formosa Pintura como esta: digna de taes engenhos, e de andar sempre diante dos olhos? Vergonha he, que naõ tenha taõ bom conhecimento disto, sendo Christaõ, como aquelles Gentios. Desta Pintura pois quiz começar as nossas particulares* exhortações, *para confirmar nosso intento, de que todos sem excepçaõ alguma temos obrigações de trabalhar, e com muito maior cuidado os que saõ maiores, e mais poderosos.*

Assim conclue o Dialogo, ou Contenda, que introduz Rios entre a ociosidade, e o trabalho. Sería seu assumpto objecto digno, de que a Académia das Artes o propuzesse nos seus premios para representalla em hum Quadro á vista do Público, com a mesma energia que contém este Dialogo.

tahíraõ os Officios em Hespanha até ao ponto mais lastimoso.

Esta decadencia chegou ao extremo de se porem os Officios no maior abatimento, miseria, e desprezo pela rudeza dos Artistas.

Se se houvessem de deixar as Artes abandonadas ao estado em que se achaõ, sería certamente fadiga inutil aprender o Debuxo: semelhantes exhortações feitas á inercia naõ saõ decentes a hum Hespanhol, nem vantajosas ao commum.

Para ser derrotado do inimigo naõ necessita hum exercito da *Tactica*, os que pensaõ seriamente em vencer, haõ de acostumar em paz suas tropas aos asperos cançassos da guerra; e ensaiallas com exercicios, escólas, e acampamentos em todas as manobras uteis para defender-se, e atacar victoriosa, e intrépidamente os inimigos do Estado: de sórte que a exacta disciplina do exercito ambicione estar diante dos inimigos, para lhes dar a conhecer a vantagem de sua instrucçaõ, e honrado modo de pensar.

Os preguiçosos buscaõ modos de reprehender o ensino: e naõ reparaõ no perigo, que corre o Estado. O mesmo tem lugar em todas as demais profissões; por ser contra o decóro de huma Naçaõ pedir relogios de fóra; por naõ se applicar a fazellos.

As mesmas Sciencias naõ se aprendem com sofisterías, e estudos de mera formalidade; nem se permitte, que os Professores se dem ao jogo, á ociosidade, á murmuraçaõ, e a outros máos habitos, mui contrarios ao caracter nacional, que he honrado, e sério.

Quem declamasse contra a applicaçaõ, e recolhimento da Mocidade estudiosa, dirigida por

hum bom methodo de estudar, e excellentes Professores; mais devería ser considerado, como inimigo da Patria, que como Cidadaõ. He necessario hum estudo tenáz, sólido, e filosofico sobre as fontes, como clamava Luis *Vives* ha mais de dous Seculos, ainda que sem todo o fructo que desejava.

O Debuxo he o pai dos Officios prácticos, e sem elle nunca poderáõ florecer. Todo aquelle que actualmente se adianta em Hespanha nestes ramos de industria, he devido á Academia das Artes; e ás que se vaõ estabelecendo á sua imitaçaõ em *Sevilha*, *Saragoça*, *Valença*; nas quaes a Mocidade aprende methodicamente o Desenho.

Como he mais facil censurar que trabalhar, ha hum axioma commum entre os preguiçosos, para apartar a Mocidade dos estudos varonís, e sérios, e ainda de qualquer outra applicaçaõ, que esteja esquecida, ou descuidada em Hespanha.

Motejaõ de *novidade* aquelles Estudos, que naõ saõ triviaes, e communs, ou que elles ignoraõ. Huns se callaõ por prudencia, quando ouvem taes conversações, por naõ entrar em disputas apaixonadas; e outros se seduzem para o peor partido por falta de conhecimento proprio na materia. Muitas vezes atraza huma Naçaõ seus progressos naõ pelos impulsos de seus inimigos, senaõ pela preoccupaçaõ dos proprios naturaes do Paiz.

O que ignora o Debuxo, nada perde aprendendo-o outro; antes o achará mais habil, e destro logo que for Official, ou Mestre para as obras, que lhe encommendar.

Que se queixe hum aprendiz delicado das dif-

difficuldades, que ao principio encontra nos rudimentos da sua Arte, ou Officio, naõ he estranho; nem que hum menino chore, quando o castiga o Mestre por naõ lêr.

O que se naõ deve soffrer he que Homens com a reputaçaõ de críticos, ou para melhor dizer de Aristarcos, vituperem a instrucçaõ sólida dos que se dedicaõ ás Artes, e Sciencias; erigindo-se defensores da inércia, e falta de instrucçaõ necessaria. Muito mais se repára, que naõ conheçaõ elles mesmos quanto credito perdem voluntariamente pela sua maledicencia.

Para que ninguem se deixe allucinar em taõ importante assumpto, quiz tomar o trabalho no contexto do *Discurso*, (1) de provar a necessidade do Debuxo com Escritores Hespanhoes, que o possuiaõ com perfeiçaõ; e que de nenhum modo tem, como pensaõ os Censores, a nota de estrangeiros, ou de modernos. Ainda que naõ posso alcançar, em que se fundaõ Homens cordatos, para crêr que os *estrangeiros* naõ pódem adiantar tanto como nós; e ainda mais em alguns Paizes, onde a educaçaõ, e o conhecimento das Artes, e Sciencias está mais adiantado.

De nenhum modo vejo, que os modernos, aproveitando-se dos descubrimentos dos Antigos, e augmentando sua propria experiencia, estejaõ impossibilitados de adiantar o modo de pensar dos Antigos. Pois á excepçaõ dos Dogmas Sagrados, e Decisões da Religiaõ, naõ foraõ infalliveis; segundo a sábia observaçaõ, que para o intento faz o politico D. Diogo de *Saavedra*, que era

(1) *Veja-se o Discurso*, § 2. do Debuxo.

Hespanhol, conhecia outras Nações; e já no seu tempo ouvia sem dúvida taes réplicas: na verdade pueris, e faltas de meditaçaõ.

Quanto mais se adianta a idade do Mundo, se multiplicaõ as experiencias, e conhecimentos humanos, donde as Artes especulativas, e práticas sempre derivaõ seus acertos, e seus progressos.

Nenhuma dellas póde alcançar sua perfeiçaõ sem regras, que participem da theórica, applicada ás combinações de cada Officio.

Póde ser maior, ou menor a necessidade das theóricas: mas nunca sahiríaõ da infancia as Artes, que se ensinassem por hum mecanismo de tradiçaõ.

Ou se derivaõ as Artes da parte espiritual discursiva, e racional do Homem, e estas saõ as que se chamaõ propriamente *Sciencias*. Nestas governa a Crítica, e a boa Lógica, que he huma especie de Debuxo intellectual, que rege as idéas, as compara, e de sua resulta, e parallelo deduz as consequencias, para naõ confundir os objectos que examina.

No presente discurso naõ se trata da educaçaõ relativa ás Sciencias, este he o objecto, que reservo para outro tempo, se me achar com forças, e engenho para tamanha empreza.

Assim só tratarei das Artes, e Officios práticos, de que necessita qualquer Cidade, ou República bem governada.

As Artes práticas, ou Officios trazem sua immediata origem dos sentidos; e cada hum obra, ou influe nellas respectivamente, segundo as maiores faculdades, e energia dos de cada Artista.

O cégo naõ julgará bem das côres; nem o surdo dará á Musica adiantamentos tónicos.

A maior, ou menor perspicacia, e disposiçaõ dos Homens em huma, ou em outra Arte, depende de sua organizaçaõ, e sentidos corporaes. Esta disposiçaõ de perceber com mais facilidade, inclina naturalmente os rapazes a dedicarem se com preferencia a algum, ou a outro Officio; e nisso devem verdadeiramente pôr a maior attençaõ os Pais, ou Tutores, e ainda os Mestres, ao tempo de receber os aprendizes. (1) Quando os sentidos resistem, rara vez se adiantará o rapaz no Officio repugnante á sua natureza.

Muitas pessoas zelosas desejariaõ, que o ensino, e policia dos Officios se regulasse promptamenre, e em todas as suas partes.

Outros diraõ casualmente ao lêr este discurso: bom sería tudo isto; porém naõ se fará. Quem se fia de entender com tantas gentes, e de taõ diversas especies, e costumes, para sujeitallos a humas regras taõ estreitas?

He mui commum este genero de expressões, e mui

---

(1) *Qualquiera será grande por su genio,*
Estudiando aquello à que se inclina,
Creciendo com estudios el ingenio;
A cuyo fin su inclinacion camina,
Y siendo su trabajo su convenio,
Alcanzarà una gracia peregrina,
Y hallaràs, si estudiar te persuades,
Facilidad en las difficultades.

Garcia Hidalgo *en las Octavas dirijidas à los Lectores de su Tratado de* Principios del Debuxo y Pintura.

e mui facil achallas. Fariaõ certamente melhor taes Censores estudar bem a materia; e exhortar da sua parte aos Artistas, Magistrados, e os demais que intervem nos negocios públicos, para que promovessem taes ideas, ou alguma dellas; porque isso se tería adiantado: em vez de esfriar o animo dos Leitores, e ouvintes, e inclinallos á indifferença, que actualmente se costuma experimentar em alguns, que parece estaõ dedicados á ociosidade, e a estorvar com a censura arbitraria tudo quanto se promove, e em que naõ tem parte, nem meditáraõ com a devida attençaõ.

Se se recommendasse a huma só pessoa reformar os abusos dos Officios, e cuidar de sua policia, sería mui bem adequada a réplica.

Se se intentasse obrigar aos actuaes Mestres, que ignoraõ o Debuxo, a que tratassem de aprendello; tambem teriaõ desculpa os Mestres, mas naõ de queixar-se.

O que se pertende no presente Plano he aclarar os meios, para que o ensino, os exames, e os auxilios conduzaõ todos os Officios por seu proprio impulso a hum estado de perfeiçaõ, que agora lhes falta; sem prejuizo dos Artistas, que sobresahem por seu extraordinario engenho, e feliz applicaçaõ ao Debuxo.

Naõ basta que as cousas sejaõ necessarias, e uteis, he preciso conhecellas, e sabellas applicar por regras, e systema ordenado a cada Officio.

Se se dedicassem nossos Políticos, que se achaõ livres de occupações penosas, e em estado de fomentar as Artes, a indicar os caminhos verdadeiros de conseguillo; e dessem os auxilios necessarios, que tivessem de sua parte, escusariaõ esta

réplica. Porque o èxito os teria desenganado, e mostrado a possibilidade; todás as vezes, que tomassem os verdadeiros caminhos: em lugar de avultar impossibilidades. que tem vencido outras Nações, e algumas de nossas Provincias estaõ actualmente vencendo.

Os Officios já estaõ conhecidos pela maior parte no Reino. Neste papel naõ se trata de inventar desde logo cousas novas; mas sim de promover com systema o mesmo, que já temos; ainda que imperfeito por falta de hum impulso nacional, e constante.

Ainda quando naõ se remedie tudo de huma vez, o que naõ he de esperar em cousa alguma humana, sè daõ as proporções de o hir alcançando paulatina e succeffivamente. Para o mesmo fim se descobrem as preoccupações vulgares; porém favorecidas; a que principalmente devem attribuir-se as primordiaes causas do atrazamento, que padecem estes importantes ramos da industria popular dos Artistas.

E como he mais facil criticar, ou accrescentar, poderáõ os amantes da Patria, tomar este assumpto por partes, e hillo adiantando: com o que vou a propôr hum exemplo applicavel aos demais Officios.

O que buscasse o *Tratado do Officicio de Alfaiate* nos idiomas em que se tem escrito, o traduza, e ajuste toda a materia em corpo de obra, examine todas as differenças de vestidos conhecidos, e usuáes da Naçaõ, e os heróicos, ou forasteiros, que se usaõ no theatro; os termos proprios da alfaiataría em o nosso idioma; faça debuxar seus instrumentos, e as mais essenciaes operações: recolha hum exemplar dos Regimen-

tos, com que em cada Paiz se governa este importante corpo de Artistas, e os coteje com os que observaõ em Madrid; fará huma esmóla ao commum destes Artistas; ajuntando para seu uso todos estes desenhos, e instrucçaõ.

Deste modo com pouca despeza lhes mostrará a luz, e os meios de aperfeiçoar-se. Tratando com os Mestres de melhor gosto na alfaiatería; entenderá os defeitos politicos, ou proprios da Arte, para escrever com acerto o que crê conducente a melhorar os Professores deste Officio.

Em França Mr. *Garsault* públicou a *Arte de Alfaiate*, e a imprimio em París no anno de 1768 em folio, debaixo da direcçaõ da Academia das Sciencias; cujo sabio, e illustre corpo naõ se despreza de corrigir, animar, e concorrer para que se publiquem os Tratados dos Officios naquella Corte,

Este Tratado de *Garsault* comprehende o Officio de Alfaiate, que veste os Homens, em onze Capitulos.

O Alfaiate que veste as Mulheres, e meninos: a Arte da Costureira, e da Modista servem de continuaçaõ ao antecedente; e vaõ em Capitulos particulares, com suas explicações.

No principio dá *Garsault* noticias dos regimentos approvados pelos Reis de França a favor dos córpos de Alfaiates; e em fim toda aquella instrucçaõ historica, que póde conduzir a ordem, e a claridade da materia.

Guiado por este Tratado, e outros o Homem zeloso poderá dar á Naçaõ huma obra importante sobre aquelle Officio, e seus ramos subalternos; informando-se ao mesmo tempo dos Mestres, e pessoas, que entre nós o professaõ.

Os

Ouvirá ao mesmo tempo de sua boca os abusos, que reinaõ na corporaçaõ; advertirá os vestuarios feitos, que contra as Leis entraõ de fóra por naõ promoverem seus interesses os Professores da Alfaiateria, e pela escassez dos Officios subalternos de Alfaiates, e Modistas, que agora se vaõ estabelecendo com conhecida vantagem de nossa industria natinoal.

Talvez dirá alguem: logo o Alfaiate, e o Çapateiro necessitaõ de Debuxo? e cuidará ser idéa nova carregar estes Artistas com regras. Outros o tem já pensado, e assim o fazem em varias partes da Europa. (1)

Fazendo-se o mesmo em cada Officio por algum Homem diligente, e amigo do Paiz, se ha de alcançar com mais brevidade a perfeiçaõ das Ar-

(1) *Rios* Noticia das Artes, *Liv. I. Cap. III. pag.* 25. *alli. Na Arte mecánica ha seu engenho, razaõ pouca, ou muita, suas regras certas, e communs, por onde se regem todos os que usaõ dellas. Como digamos o Alfaiate tem sua conta, e razaõ, medida, e regras certas, para cortar qualquer genero de vestidos, e vai inventando cada dia novas regras para os novos trages. Multiplica suas dobras de panno, ou seda, e faz sobre ellas tal, e tal fórma, guardando em tudo sua razaõ. Sabe pedir o que he preciso a cada hum de panno, ou seda para vestir-se, só vendo-o; medindo a largura dos pannos, ou sedas: o que tudo tem seu engenho, e regras certas.*

Desde que os Hespanhoes nos principios do Seculo corrente deixáraõ de vestir-se de golilha, naõ bastaõ estas medidas, e proporções, para fazer os varios vestuarios de vestir.

Artes, do que espalhando críticas arbitrarias, e avultando impossiveis no que desde logo se conhece taõ admissivel aqui, como em outro qualquer Paiz do Mundo.

A Hespanha teve antigamente muitas mais Fábricas, e Officios. Se os antigos podêraõ exceder a outras Nações, porque agora nos havemos de ter por inhabeis, para igualallas?

E por fim se naõ acertaõ os declamadores a promover o bem de seus concidadãos: ao menos deixem que outros o intentem, e abraõ o caminho; e naõ inspirem á gente incauta o abandono, ou a preguiça; nem apregoem a ignorancia: bastando poucos para introduzir semelhante contagio entre os Homens; (1)

Sicut grex totus in agris
Unius scabie cadit, & porrigine porci;
Uvaque conspecta livorem ducit ab una.

Os Mouros naõ nos causaõ mais prejuizo com suas hostilidades, como as especies que se propagaõ, para desculpar a ignorancia; e espalhar a inacçaõ. Todos os que naõ promovem a occupaçaõ das gentes, naõ conhecem o interesse verdadeiro do Público, nem o de sua Patria. Faço a justiça aos que discorrem de outro modo, que seu objecto naõ se encaminha a damnificar, ainda que taes opiniões prejudiquem realmente o Público contra sua intençaõ.

Quando a inercia tem deitado raizes profundas, custa muito fazer entender as verdades, e o regulamento geral das gentes.

Cum ventum ad verum est; sensus moresque repugnant,
Atque ipsa utilitas, justi prope mater & aqui.

Horat. Serm. Lib. I. Satyr. III.

DIS-

(1) *Juvenal. V. 79. Satyr. II.*

DISCURSO

Sobre a Educaçaõ popular, e fomento dos Artistas.

O PRESENTE Tratado se dirige a manifestar o modo de ensinar, aperfeiçoar, e dar a estimaçaõ que merecem as Artes, e Officios no Reino, e aos Artistas que as professaõ: desterrando as vulgaridades, e abusos que o impedem.

No antecedente *ácerca do modo de fomentar a Industria do Povo*, (*) se indicáraõ os meios, que conduzem a auxiliar a occupaçaõ dispersa pelas Aldeas, sem tirar as gentes da cultura do campo; aproveitando seu tempo sobejo em preparar as primeiras materiás das Artes.

Neste se indica o estado dos Artistas, que unicamente se dedicaõ a exercer os Officios, e a pôr em obra as primeiras materies, que preparou a Industria dispersa pelas Aldeas.

Assim como no primeiro se procurou patentear a todos a utilidade daquellas tarefas; neste pelo contrario se intenta mostrar na sua maior perfeiçaõ, e mais completo ensino a *Industria reunida* das Corporações dos Officios, e Artes.

Os Lavradores naõ pódem sem o auxilio da industria sustentar-se; devendo esperar as colheitas, e adiantar todos os gastos da lavoura, semen-

(*) *Esta Obra publicou* Francisco Rolland *em* 1778, *e teve geral acceitaçaõ.*

menteira, e recolhimento: além de correr o rifco da careftia, ou efterilidade.

O Artifta póde receber diaria ou femanalmente o producto de feu trabalho; e ainda que tenha hum número confideravel de filhos, achaõ todos facilidade de eftabelecellos, enfinando-lhes bem feu Officio.

O Aldeaõ Lavrador apenas poderá deftinar mais de hum fó filho na lavoura, e naõ acha terra, rebanho, inftrumentos, e grãos para dar aos demais filhos: ao menos no eftado prefente da Agricultura das Provincias planas do Reino; interim os baldios naõ fe repartem geralmente em fórtes, como o pede o bem do Eftado; e tem feito os Inglezes, para reduzir a cultura, e povoar bem fua Ilha.

As Artes, para fe propagarem fólidamente, neceffitaõ huma educaçaõ, fuperior á actual dos Artiftas; e que a policia dos Officios fe melhore, para que os Meftres adquiraõ a devida eftimaçaõ.

Efte he cabalmente o intento defte Difcurfo, em quanto poffo cumprir com o Público a palavra dada, de offerecer o outro, relativo ao *fomento da Agricultura Hefpanhola.*

A palavra *Artes* comprehende as Sciencias efpeculativas, e todos os Officios prácticos, que conftaõ de regras; porque huns, e outros conhecimentos neceffitaõ ajudar-fe do artificio dellas, e das demonftrações: mais ou menos.

As Sciencias dependem do efpirito: faõ meramente efpeculativas, e feu eftudo requer huma combinaçaõ ordenada, e progreffiva de idéas; e ainda de huma reflexaõ continuada fobre ellas.

O raciocinio he a parte mais nobre do Homem, e o que o diftingue dos brutos, e coufas inanimadas.

Por-

Porém se suas especulações recahem sobre cousas vãs, que naõ conduzem ao conhecimento do Creador, nem á sólida instrucçaõ dos Homens, para serem virtuosos em si mesmos, e uteis á Sociedade humana; ou a rectificar as idéas, que se propagaõ por muitos, escuras, e torcidas, com o determinado objecto de encontrar a verdade, ou o proveito commum: inutil por certo será o estudo, e pouca gloria adquirirá o Professor, que occupar seu tempo em sofisterias.

Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.

Todas as Nações cultas tem trabalhado em aperfeiçoar o methodo de ensinar as Sciencias, estando firmemente persuadidos os sujeitos, verdadeiramente sábios, do atrazamento que soffrem, quando o methodo de aprendellas naõ he acertado, e os Mestres se deixaõ levar da facil inclinaçaõ dos Homens a disputar, e a votar contradictoriamente: arrastrados do amor proprio de singularizar-se

He digno de muito louvor o esforço, e trabalho que se pozer em melhorar o methodo do ensino; encaminhando os applicados ao sólido, e util, deixado todo o espirito de partido.

Assim como as Sciencias Theologicas devem guiar nossas reflexões para o estudo da Sagrada Escritura, e daquelles Livros, em que está depositada a constante Tradiçaõ da Igreja; proporcionalmente as Sciencias humanas devem apoiar-se nas demonstrações, que sobministraõ hum bom raciocinio, e a ordem geometrica de comparar as idéas; apartando os paralogismos, sofismas, preoccupações, sonhos, e systemas voluntarios; por naõ ser justo adoptar, como proprios, os erros, e caprichos alheios.

Os

Os Paizes, que cultivaõ as Sciencias deste modo desembaraçado, as vaõ adiantando até ao ponto de claridade, e pureza, de que he susceptivel, e capaz a limitaçaõ do entendimento, e sentido; e entaõ se reconhece, que a Sciencia humana he menos da que tem ostentado com jactancia alguns Filosofos de todas as idades.

Das Sciencias especulativas he a Mathematica a que immediatamente influe nas Artes práticas, ou Officios, de que se vai a tratar neste Discurso.

Sem o soccorro das Mathematicas já mais poderáõ adquirir as Artes práticas o gráo de perfeiçaõ necessaria.

Por esta razaõ no Discurso anterior sobre a *Industria do Povo*, se propozeraõ duas Cadeiras em cada Capital.

Huma de Arithmetica, Geometría, e Álgebra, em que se ensinassem os principios, que necessita saber cada Artista; e outra de Maquinaría, em que se appliquem estes mesmos principios ao progresso das Artes; a aperfeiçoar os instrumentos que necessita cada huma, e a facilitar com elles suas respectivas operações.

He huma casualidade, que Homens sem Geometria, e Mecánica inventem, ou aperfeiçoem os instrumentos das Artes, cuja energia ignoraõ.

A Academia das Sciencias de Paríz, e seus dignissimos Membros mostráraõ nos *Tratados dos Officios*, quanto deve esperar huma Naçaõ da cultura das Mathemáticas.

A Sociedade Real de Londres tem contribuido sobre maneira a aperfeiçoar as mesmas Artes em Inglaterra.

Estas duas Nações por meio de suas Acade-

mias

mias de Sciencias, se tem apropriado o Imperio das Artes; e os demais Europeos saõ buns meros copiadores de suas invenções.

Hespanha com huma Academia de Sciencias se poría ao nivel; em poucos annos recobraría o atrazamento, e o tempo, que tem perdido; e tería juizes competentes do merecimento dos nóvos descubrimentos, e invenções uteis ás Artes, de que agora se carece; por cuja falta as máquinas se adoptaõ, ou reprovaõ sem o soccorro necessario da Sciencia.

„ *Ut enim de pictore*, dizia Plinio o moço, „ (1) *Sculptore, fictore, nisi Artifex judicare; ita* „ *nisi sapiens non potest perspicere sapientem.*

Os Officios requerem huma actividade contínua, ajudada de hum systema politico, e de regras constantes; dedicadas incessantemente a sua diaria perfeiçaõ, que naõ póde ser duravel, sem as especulações scientificas de huma Academia de Sciencias.

Ainda que os Romanos trouxeraõ todas as Artes da Grecia, onde algumas floreciaõ com muita vantagem ás de nosso tempo, confessa Plinio (2) o velho, que foraõ decahindo, e ainda perdendo-se em Roma.

Attribue á frouxidaõ, e preguiça esta decadencia das Artes em seu Paiz por esta succincta clausula: *Artes desidia perdidit.*

Eu creio, que a preguiça foi effeito, e naõ causa de se perderem as Artes entre os Romanos; fundando-me nos mesmos factos, que traz na sua excellente *Historia Natural* este diligente Escritor: dig-

---

(1) Plin. *Lib. I. Epist.* 10.
(2) Plin. *Hist. nat. Lib.* 35.

digno de ser lido por todas as Gentes, que pertendem dar voto em as Artes, costumes, Geografia, e conhecimentos dos Antigos.

Os Romanos olhavaõ com desprezo para os Artistas; e os que as exerciaõ eraõ os Gregos, e pessoas despreziveis (os escravos). Naõ tinhaõ Escólas, nem aprendimento como os Gregos; nem muito menos davaõ iguaes premios, e estimaçaõ aos Professores, ou a suas obras, que na decadencia dos *Cesares* faziaõ mudar, e desfigurar por capricho.

Se as Artes estivessem honradas entre os Romanos, passariaõ de Pais a filhos. Aquelles cuidariaõ de confiar-lhes seus segredos; e seriaõ hereditarios, ou perfeitos os Mestres, e Officiaes: mal que pelas mesmas causas se tóca em Hespanha, e deve excitar a Legislaçaõ a cortar pela raiz a origem do atrazamento, que padecem as Artes, sempre errantes, e sem domicilio proprio, onde naõ tem apreço permanente.

Esta desestimaçaõ foi a verdadeira causa da decadencia das Artes entre os Romanos antigos, e dahi veio a preguiça, e frouxidaõ dos Artistas; vendo, que de seu trabalho naõ lhes resultava a correspondente recompensa, ou proveito, nem honra aos Professores, que procuravaõ esmerar-se em aperfeiçoar as suas manufacturas, e artefactos.

Taes premios saõ commummente aereos; mas contribuem muito a estimular a applicaçaõ dos Artifices, e a dar-lhes *fama* a que sempre segue a utilidde.

He verdade que huma obra bem acabada pede huns retóques, e golpes de Mestre, que tomaõ mais tempo ao Professor. Este nunca espera

pera applauso, e recompensa de hum trabalho delicado, superior ao ordinario, menos que o gosto naõ seja geral nos que podem pagallas.

Se os donos da obra ignoraõ o Debuxo, e naõ sabem discernir as que estaõ acabadas, ou imperfeitas; mal pódem animar com seus premios os melhores Artifices.

Os que gostaõ das Artes tem ordinariamente melhor educaçaõ, e sabem o modo de adornar seus palacios, quintas, e jardins; como fazia em seus tempos florecentes a Nobreza Romana, que alternadamente vivia na Cidade, e na campanha; desfrutando o que ha de mais agradavel na Natureza.

Os Godos naõ fizeraõ tanto damno a Roma, como a relaxaçaõ de seus austéros costumes; a indifferença pelo bem da Patria, e o desprezo das Sciencias, e das Artes.

Augusto, que era politico, as agazalhava em Roma, para attrahir-se a benevolencia do Povo. Descuidáraõ-se muitos de seus Successores desta protecçaõ. A decadencia dos estudos especulativos, e prácticos acompanhou a do Imperio; tornando-se toscos os que tinhaõ ensinado todo o Orbe conhecido.

A série das *medalhas Romanas* assignala a todo o que for acostumado a manejallas, a época desta decadencia, que chegou a tocar com a rudeza.

Nossos Jurisconsultos versados no Direito Romano tem bebido nelle muitos principios, e distincções entre os Officios, que chamaõ servís, e as Artes, as quaes ainda que theóricamente poderiaõ suster-se, em politica, e em práctica saõ damnosas, e tem contribuido em Hespanha,

 e em

e em outras partes para se olhar com desprezo para as Artes, e Officios. Tal doutrina naõ póde produzir outro effeito, se naõ os que se experimentáraõ no Imperio Romano; a naõ emendar-se semelhante modo de pensar, inadaptavel a toda Naçaõ culta, que deseja, como deve, fazer-se industriosa, e rica.

Tenho concluido o Prologo; e vou a mostrar os meios, que me parecem conducentes para fomentar as Artes prácticas na Península. Se alguma vez naõ approvo algumas cousas, posso affirmar com ingenuidade, que meu Livro só tem por objecto o bem da Patria; e que se ha alguma critica de abuso, ou de erro, *insectatur vitia, non homines.*

§. I.

Do aprendimento, ou ensino.

OS Officios, e Artes, que naõ saõ puramente ministeriaes, naõ só requerem a fadiga corporal: he necessario saber as regras, conhecer, e manejar os instrumentos, que saõ proprios a cada huma das suas manobras; discernindo distinctamente seu uso, e o dos materiaes, que entraõ nas composições delles.

As Artes foraõ sahindo de sua rudeza á força de experiencias, e observações, que fizeraõ os Homens pelo espaço de muitos Seculos.

Da reuniaõ destas experiencias deduzíraõ os rudimentos da Arte; e foraõ arregrando os instrumentos, e apropriando os materiaes mais convenientes ás manobras.

To-

Todo este progresso de combinações formou cada Arte, o qual resulta de *theóricas* constantes, que ignora inteiramente o aprendiz ao principio, e deve adquirir de seu Mestre, mediante o estudo, e applicaçaõ práctica a imitallo.

Este ensino pede algum tempo, o qual he mais, ou menos, á proporçaõ do talento do aprendiz; ou segundo a complicaçaõ, difficuldade, e variedade das manobras do Officio, a que se dedica

O período, que gasta regularmenre hum aprendiz, de medeano engenho, e applicaçaõ, em aprender por principios, e executar com regras, e destrèza as varias operações da Arte, se chama *o tempo de aprendimento*, *ou do ensino*. Em todo aquelle tempo principalmente trabalha para sua propria instrucçaõ o discipulo, e suas manobras naõ podendo indemnizar a seu Mestre o trabalho do ensino, e do sustento do aprendiz. Ninguem póde sahir perfeito, nem correcto em seu Officio, sem passar esta primeira Época de applicaçaõ, e ensino, que he a mais ingrata, e dura da vida do Artista, e a mais impertinente, e fastidiosa para os Mestres.

Ha Officios faceis, e outros de summa difficuldade, ou de maior trabalho nas operações. Estas differenças naõ se pódem determinar neste Discurso; sem fazer huma analyse dos Officios, e deter-se em huma comparaçaõ respectiva delles; cuja distincçaõ, ainda que necessaria, pede hum Tratado particular; consultando aos Artistas mais excellentes.

Como todo o aprendiz se destina a huma só Arte, he inutil ao principio entrar em semelhante cotejo; bastando-lhe adquirir hum exacto co-

nhecimento da tarefa, e qualidade do Officio; que elege para sustentar-se durante a sua vida.

O aprendimento de cada Officio ha de ter tempo fixo, durante o qual pódem os rapazes inteirar-se do conhecimento dos instrumentos de sua Arte, e do manejo delles com igualdade, e ordem.

Deveráõ successivamente ser instruido em as operações mais singelas de seu Officio, e passar por gráos ás compostas.

Os aprendizes naõ devem ser tratados, como servos, ou criados de seus Mestres; nem distrahir-se em occupações algumas, alheias de sua Arte. Isto sería adoptar a má Politica dos Romanos, que as abandonáraõ aos escravos.

Haõ de ter fixas as horas de trabalho pela manhã, e tarde, ás que necessariamente deve assistir, cuidando delles seus Mestres como se fossem seus proprios Pais

Os Pais, Parentes, ou tutores naõ haõ de poder taõ pouco tirallos dos laboratorios de seus Mestres nos dias de trabalho; nem dar-lhes liberdade de folgar, a titulo de huma compaixaõ mal entendida, que lhes sería ao diante mui damnosa.

Como os rapazes devem entrar de tenra idade para o aprendimento, carecem de forças, e de facilidade, para supportar em algum tempo tantas horas de trabalho, como os Officiaes robustos, e destros. Pelo que requer a ordem da mesma natureza, que sejaõ menos as horas da tarefa diaria dos aprendizes: quero dizer do rude, e penoso trabalho das manobras corporaes.

Este allivio será causa, de que naõ se enfastiem ao principio, nem desertem dos Officios;

aug-

augmentando-lhes as horas, e a tarefa mais penosa, á proporçaõ que crescem as forças, e vaõ tomando conhecimento, facilidade, e gosto no que trabalhaõ; dando-lhes algum premio, ou allivios, que os vaõ affeiçoando ao estudo, e applicaçaõ, que lhes convém.

Os Officios naõ saõ igualmente pezados, e difficeis. E assim conduz ao acerto no ensino o fixar hum methodo progressivo dos rudimentos de cada Arte, e das operações, que se devem aprender huma depois de outra; para que o ensino seja conhecido, e methodico nelles; arregrado por huns principios constantes, que agora faltaõ no methodo de ensinar as Artes prácticas no Reino. Porque as demais se aprendem, e ensinaõ á força de huma tradiçaõ de Pais a filhos, destituida de theórica, instrucçaõ, e raciocinio.

Daqui provem, que os Officios naõ se adiantaõ, e saõ toscos, e rudes em muita parte, sem gosto, nem asseio, que faça appetecer os generos, que fabricaõ. Por este abatimento do ensino fazem nossos Artistas unicamente aquelles generos, que por frequentes, pezados, e communs naõ podem vir de fóra, e saõ de absoluta necessidade.

Porém os finos, e delicados naõ os sabem fazer; nem tem instrumentos, ou máquinas a propósito para lhes dar a ultima perfeiçaõ. Esta he a causa, de que todos elles, ainda que sejaõ moveis de casa, ou ropas de vestir, vem geralmente de fóra do Reino: em lugar de dar occupaçaõ a nossos Officiaes, e Artistas, como as Leis o mandaõ expressamente; prohibindo semelhante introducçaõ abusiva.

Os declamadores attribuem á preguiça dos naturaes o atrazamento das Artes, e naõ vem a

que

que os Officiaes saõ incapazes de adiantallas per si mesmos; se huma vigilante policia naõ lhes facilita os meios de lhes fazer conhecer quanto se tem inventado nos Paizes estrangeiros; e lhes sobministra todos os demais auxilios, que requerem os Officios, para saberem-se bem, e dallos a conhecer a toda a Naçaõ com aproveitamento.

O Mestre carece de regras, e como o ensinárao por pura imitaçaõ, e sem ellas, mal póde dallas a seus aprendizes.

He pois necessario examinar o estado de cada Officio em Madrid, ajuntar os Tratados relativos a elle, e mandar vir Mestre intelligente, senaõ o houver, que faça conhecer aos Mestres mesmos as máquinas, os instrumentos, e as operações que ignoraõ, ou naõ sabem executar bem.

Entaõ se explicaráõ amiudadamente as regras do ensino, e seu methodo progressivo, e ainda se introduziráõ Officios desconhecidos entre nós; se fixaráõ em cada Officio os annos, e ordem do aprendimento com o devido conhecimento.

Com esta analyse de operações se rectificaráõ muitos erros, e faltas, que se descobrem nos regimentos dos gremios; e será constante em Madrid, e em toda a Naçaõ seu ensino.

Todos os rapazes entraráõ com *escritura de aprendimento*: os Mestres saberáõ o que devem ensinar-lhes, e a ordem com que o haõ de fazer. Agora falta a instrucçaõ necessaria, para formalizar semelhantes escrituras, que devem compôr com o methodo do aprendimento parte da policia gremial, que sem dúvida he a mais essencial, e importante, para aperfeiçoar as Artes.

Os Pais, parentes, tutores, amos, ou bemfeitores dos rapazes teraõ huma copia da escritu-

ra,

ra, em que se especificasse tudo, e buscaráõ os meios de saber, como cumprem os Mestres. Naõ poderáõ, ainda que queiraõ, tirar nos dias de semana a seus filhos, parentes, ou favorecidos da casa dos Mestres, segundo fica advertido; e muito menos antes de cumprir o tempo do aprendimento.

Estas regras serviráõ para o mesmo effeito em os hospicios, e em outras quaesquer escólas públicas das Artes: de sórte que o ensino de cada huma será geral, e uniforme sem variedade em todo o Reino.

Os Juizes, que destinarem a Officio os orfãos, e desvalidos, teráõ á vista estas mesmas regras, a fim de outorgar com os Mestres particulares, ou hospicios a mesma escritura. Com este documento, se achaõ omissaõ da parte do Mestre, ou do discipulo, poderaõ compellir os que contravierem ao comprimento das escrituras do aprendimento.

Ensinando-se as Artes com este esmero, recobraráõ sua estimaçaõ; porque sempre adquire apreço qualquer Homem, que sabe bem seu Officio, e que cumpre com suas obrigações, achando-se inteirado do que he seu dever.

Os Mestres habeis fazem carinho aos discipulos applicados, e os adiantaõ com inclinaçaõ: além da honra, que conseguem em sacar obreiros perfeitos, e dignos da commum acceitaçaõ: a cuja gloria nunca podem aspirar Mestres, pouco habeis, ou descuidados.

Da perfeiçaõ nas Artes resultará a maior ganancia dos Mestres, e Artistas, e poderáõ em breve tempo os mesmos gremios mandar por sua conta individuos proprios fóra do Reino, que adquiriráõ o ultimo primor.

Entaõ renunciaráõ a toda emulaçaõ contra

os

os Artifices eſtrangeiros, que vem a eſtabelecer-ſe; porque acharáõ huns, e outros a occupaçaõ, que coſtuma faltar aos Meſtres de pouco credito, e habilidade. Se forem aproveitados os que ſe mandaõ, alcançaráõ hum gráo de perfeiçaõ, que lhes faltava.

Se naõ o foſſem, ficariaõ a par Nacionaes, e Eſtrangeiros; porém o Reino adquirirá mais eſte morador, que augmenta o producto das Artes, e a induſtria popular, como noſſas Leis o querem, e ordenaõ efficazmente; concedendo varias graças aos Eſtrangeiros que ſe eſtabelecem em Heſpanha, para exercer os Officios, ou a lavoura.

Se nós outros lhes recuſaſſemos com infracçaõ das Leis as franquias, que lhes pertencem; paſſaõ a outras Nações, que mais bem inſtruidas de ſeus intereſſes, os recebem a braços abertos.

Em París, e Londres ha hum grandiſſimo número de Eſtrangeiros, eſtabelecidos naquellas Capitaes, que ſe occupaõ nos Officios; e até agora a nenhum daquelles Naturaes lhe veio á imaginaçaõ, que ſeu eſtabelecimento prejudica a induſtria nacional.

Sim, o que prejudica notavelmente he introduzir de fóra os generos já feitos, que os Officios fabricaõ; deixando o trabalho, que devia empregar os noſſos Artiſtas habeis.

Daqui naſce o grande número, que ſe vê alli de obreiros, os quaes ſe eſtabelecem, caſaõ, e formaõ outros tantos viſinhos uteis, que augmentaõ o ſobejo de ſuas mercadorias, para trazellas á Heſpanha, á Italia, e ás Indias; ou ſe voltaõ para ſeu Paiz, trabalhaõ nelle em quanto nelle permanecem.

Dar-ſe-ha a continuaçaõ no Tomo ſeguinte.

DA

DA SOCIEDADE

Considerada relativamente ao seu estado exterior. (*)

TUDO o que respeita aos commodos dos Cidadãos, e á utilidade commum, pertence ao Estado externo da Sociedade. Deve o Soberano obrar de modo que naõ careçaõ os Cidadãos do necessario para a vida. He de necessidade indispensavel cultivar os campos, as hortas, cuidar dos matos, e criar numerosos rebanhos; saõ estas as verdadeiras riquezas do Estado: depende a força da República do número dos Homens, e naõ da extensaõ do terreno. Ora o número dos Homens he sempre proporcionado á quantidade dos generos necessarios para os sustentar; assim saõ a Agricultura, e a Povoaçaõ que tem hum estreito parentesco. Como os Homens naõ só precisaõ de alimentos para se sustentarem, mas tambem de vestidos, e de muitas mais cousas, em huma República bèm governada devem haver manufacturas de pannos, e diversas Artes, e Officios para alliviar as diversas precisões dos Cidadãos.

Tendo o Homem precisaõ de huma casa para conservar o que lhe pertence, para descançar quando está affadigado, para abrigar-se das inclemencias do ar, e da intemperie das Estações, de-

(*) *Tirado das Obras Filosoficas do Abbade Sauri; e traduzido por F R. I. L. e. L.*

deve a República ter a seu cuidado a construcçaõ das casas. Deve-se principalmente reparar a solidez dos edificios: até sería conveniente castigar por alguma Lei a má fé, ou a ignorancia dos Artistas. Saõ accusados de os naõ fazer de proposito duraveis, porque suppoem-se interessados a renovar o trabalho para terem que fazer. He certo que se vêm muitas vezes entre nós casas novas, que parece vaõ cahindo. *Importaria* (diz Laugier) *que houvessem Regulamentos que tratassem de tudo com miudeza, para impedir, se fosse possivel, que o Público naõ fosse de contínuo enganado pela inhabilidade, ou pela velhacaria dos Officiaes pedreiros. &c.*

Sería conveniente que receassem os empreiteiros serem castigados; huma Lei que os obrigasse a fazer as reparações aos edificios, naõ occasionadas por casos estranhos á sua profissaõ, huma Lei que pela confiscaçaõ dos bens, e a prizaõ os obrigasse a fazer estas reparações á sua custa, naõ sería a menos util de todas as Leis.

Póde-se *perguntar se o luxo he util, ou nocivo á Sociedade civil?* Se pelo nome de luxo se entende este despender prodigo, e superfluo de dinheiro, excitado pela vaidade, e ostentaçaõ, naõ ha dúvida que semelhante luxo he muito nocivo á Sociedade: corrompe os costumes, torna os Homens molles, e finalmente causa a ruina dos Imperios, ainda que pareça dar-lhes por algum tempo algum gráo de magnificencia, e esplendor. He principalmente o flagello das Repúblicas, e o instrumento do despotismo. Naõ ha ninguem que naõ attribua ao luxo pelo menos em grande parte a decadencia do Imperio Romano. Amollece, e affraca os Homens; desafeiçoa-os á Patria,

e es-

e engolfa-os nos deleites. Naõ se observaõ as Leis, e decahe o Imperio assim como os costumes (1).

Mas se pelo nome de luxo se entende huma certa despeza, (que deve com tudo ter justos limites), util para distinguir as classes dos Cidadãos, para aperfeiçoar as Artes, augmentar a fortuna dos Artistas, fazer que floreça o Commercio; he util á República, e conforme á razaõ hum tal luxo. Prohibindo se, os Cidadãos tornaõ-se indolentes, empobrece o Estado, e faltando o dinheiro, que he o nervo do poder público, naõ pôde o Estado ser de longa duraçaõ. Enganariaõ-se grosseiramente, se pensassem que o luxo de que se trata, admitta as módas vãs, e sempre mudaveis de vestidos, e de enfeites. Ha pessoas que julgaõ offuscar-se, e allucinar-se o Povo pouco avisado com falsas apparencias de pompa, e orgulho, como se podessem fazer-se mais recommendaveis pelos bens da fortuna, do que pela virtude, e verdadeiro merito. Mais produz quasi sempre este modo enfeitado o effeito contrario, e exaspera os espiritos contra os que delles usaõ sem terem os titulos, ou virtudes dignas de os authorizar para se comportarem deste modo.

Augmentará o Principe a felicidade da Sociedade civil, se cuidar em conservar, e augmentar a fortuna de seus vassallos. Augmentará ainda a fortuna dos Cidadãos, se se affeiçoar aos Estrangeiros pelas Sciencias, e Artes; porque emprehenderáõ os mancebos ricos, se for necessario, jornadas dilatadas, para virem instruir-se entre nós,

(1) . . . . . *Savior armis*
Luxuria incubuit, totumque ulciscitur orbem.
Juvenal.

nós, principalmente se se estabelecem Academias; e que nellas se admittaõ unicamente Homens sábios, e affamados. Excitar-se-haõ tambem os Estrangeiros a frequentarem-nos, se as nossas Cidades forem adornadas com bellos Monumentos de Arquitectura, e Escultura, se o interior dos Palacios, e Edificios for revestido de paineis escolhidos, e preciosos. Mas corrompem muitas vezes as Obras da Arte os costumes, cuja perda naõ se poderia recompensar com as vantagens, que tiraría a República das viagens dos Estrangeiros. Sería para desejar que as Pinturas, e Estatuas só representassem objectos, que interessassem o espirito, e o coraçaõ, que despertassem idéas grandes, sem nunca offender a decencia, e a pudicicia.

Ha huma classe de Cidadãos madraços, que para passarem o tempo, e se desenfastiarem, daõ se ao jogo, e bem depressa só nelle se occupaõ. Hum Ministerio acautelado prevê os inconvenientes, que delle podem resultar prohibindo os jogos que pódem causar a ruina dos Cidadãos, e suscitar contendas, e odios que desasocegaõ a Sociedade geral, e excitaõ discordias entre as familias. Mas devem se prohibir os jogos de parar, deve favorecer os jogos de sociedade, de exercicio, e geralmente todos os que contribuem para adquirir a facilidade de avaliar as probabilidades, que pódem ser uteis á saude, que restauraõ as forças do corpo, que recreaõ o espirito, e que insinuaõ a prática de alguma Sciencia.

Como naõ póde o Soberano vêr, e ouvir tudo, he conveniente que tenha Ministros, e Conselheiros, que conheçaõ onde consiste a felicidade pública, que procurem menos seus inte-

res-

reſſes, que a proſperidade do Eſtado. Deve o Principe confiar os Empregos aos que mais os merecem pelas ſuas virtudes, e ſeus talentos; mas deve dar a cada hum de ſeus vaſſallos conſervaçaõ, protecçaõ, ſegurança, e tranquillidade. Saõ as riquezas devidas aos que enriquecêraõ o Eſtado, as honras aos que o honráraõ; os ſerviços, os talentos, o merito ſendo peſſoaes, tambem aſſim devem ſer as recompenſas; e a nobreza hereditaria tem eſte inconveniente, que faz muitas vezes que Homens inuteis, ou nocivos á Patria gozem das vantagens devidas ao merecimento.

Se para recompenſar o Pai ſe lhe faz mercê da Nobreza hereditaria; pelo menos deveriaõ os filhos ſer mais attendidos pelo ſeu proprio merecimento, do que pelo naſcimento, principalmente quando ſe trata de Empregos da maior importancia. Se ſó ſe devem ao merecimento as honras, naõ ſe devem pois vender; iſto he quaſi como ſe ſe fizeſſe algum General, ou Piloto por ſeu dinheiro. Dir-ſe-ha talvez que a venalidade dos Empregos he util nos Eſtados deſpoticos, onde a caſualidade eſcolherá melhor os Homens do que o Principe. Seguir-ſe-hia que ſó poderia a venalidade admittir-ſe em hum Governo, cujo Principe ſería máo, e o Chefe indigno de o ſer.

Os Miniſtros, e os Validos do Soberano, os Homens empregados, e acreditados, devem favorecer, e apreciar os talentos dos Homens virtuoſos, arruinados ſob o pezo da miſeria, fazer de ſórte que o Principe os conheça, alcançar-lhes empregos, pollos de poſſe dos bens, que parece lhes deſtinára o Ser Supremo, e naõ conſentir que Homens dignos de ſe diſtinguirem nos maio-

res

res cargos, viraõ, e morraõ na escuridade, e muitas vezes na miseria. O Ministro que protege o merecimento, mostra ser muito merecedor, pois sabe apreciallo, e naõ he indigno do lugar que occupa.

CAPITULO I.

Da Agricultura.

HE a Agricultura a riqueza verdadeira, real, e primeira do Estado. Os Povos que só commerciaõ, gozaõ dos fructos do Commercio, mas pertence a arvore ás Nações dadas á Agricultura. Embebidos os Romanos das Conquistas que lhes deraõ a terra sem cultivalla, esquecêraõ-se de huma verdade taõ util, e os Barbaros que arruinaraõ com as armas hum Imperio estabelecido pelas armas, deixáraõ aos escravos a cultura das terras, reservando-se os fructos, e a propriedade. Sendo as Ilhas da America povoadas por Europeos, foraõ trocadas as producções do Novo-Mundo com as do Antigo, e as Nações mais Commerciantes foraõ as que mais cultiváraõ as terras. Depois da paz de Aix-a-Chapelle, a França, a Alemanha, o Norte todo, e até a Hespanha fizeraõ os maiores esforços para vigorizarem, e fertilizarem seus terrenos. Todos os Estados da Europa conhecem, e assentaõ que toda a Potencia, que se naõ applica á Agricultura, he precaria, e artificial. A industria que em primeiro lugar naõ se exercita na Agricultura de hum Paiz, está na dependencia dos Povos Estrangeiros, que pódem anniquilalla, ou por inveja, ou estabelecendo

cendo as mesmas manufacturas, ou supprimindo a exportaçaõ das materias primeiras, ou a importaçaõ das materias manufacturadas: hum Reino bem agricultado produz Homens, e fructos para sustentallos. Deve pois o Governo proteger os campos; pois só pela fertilidade dos campos pódem as Cidades florecer. Em toda a parte onde os Homens saõ affeiçoados á sua Patria com a propriedade, com a certeza dos productos, florecem as terras, e daõ boas colheitas: Se o Soberano protege os Agricultores, os campos alentaõ, e conservaõ as Artes, e Manufacturas. Desprezar a Agricultura, e favorecer as Artes, he sacar as pedras do alicerce de huma pyramide para levantar mais a sua altura. A experiencia de todos os tempos próva, que se naõ deve pertender muito da terra, senaõ depois de lhe ter dado muito; se pelas consequencias de huma má politica, por tributos excessivos naõ podem os cultivadores lavrar as terras, nunca será o producto o que deveria ser, o poder do Estado, e os recursos do Principe nunca chegaráõ a este gráo de grandeza, a que se poderia aspirar. Naõ pode o Agricultor gozar em paz do que colhe, se as milicias, as obras públicas, os tribulos lhe roubaõ seus filhos, seus bois, e seu graõ; que fará pois neste extremo, abandonará os campos, e sua Patria? O mais prompto, e mais poderoso meio de vigorizar a Agricultura sería favorecer a multiplicaçaõ de todas as producçöes, por huma circulaçaõ livre, e illimitada, se no mesmo tempo fosse possivel desterrar da Sociedade os monopolistas, e destruir inteiramente os monopolios, este tyranno da especie humana.

CA-

CAPITULO II.

Da Povoação.

COMO nunca se fez o numeramento dos habitantes de nosso globo, porque a metade da terra naõ teve historiadores, e a metade da Historia está cheia de mentiras, naõ se póde decidir se foi antigamente o Mundo mais povoado, do que he presentemente; he com tudo verdade, que muitos Paizes, como por exemplo a Grecia, e a Italia sustentavaõ antigamente mais gente do que agora. Depois da Grecia que sobjugou a Asia, depois de Carthago, que floreceo pouco tempo nas Costas de Africa, depois de Roma, que *sujeitou* quasi todos os Póvos conhecidos no tempo de Cesar, naõ se vio em parte alguma Povoaçaõ taõ numerosa como a que hoje ha nas costas do Mar, e nas estradas das Capitaes.

Saõ as grandes fazendas nocivas á Povoaçaõ: o rico proprietario quer ter huma vasta tapada, vastas hortas, e jardins, matos prolongados para as provisões de lenha, ou para os gados; e terras excellentes, capazes de sustentarem Cidades inteiras, servem quasi sempre para entreter a molleza, e gostos do rico appetitoso. Temos muitas grandes fazendas, e muito poucas pequenas. As substituições dos bens nobres, que fazem que o proprietario naõ se affeiçoe aos bens de que naõ póde dispor, e que d'antemaõ se deraõ aos seus Successores; a primogenitura dos Nobres, que sacrificaõ os filhos segundos para enriquecerem o primogenito da familia, damnificaõ a Povoaçaõ do Estado.

Mas

Mas a indigencia do Povo, e os camponezes, que naõ podendo sustentar seus filhos, os deixaõ perecer de miseria, de sórte que quasi morrem tantos quantos nascem, naõ he menos nociva á povoaçaõ. A indigencia dos campos produz a multiplicaçaõ das tropas, os Homens os mais bem affigurados, e os mais robustos desampáraõ os campos, onde só ha trabalho sem recompensa, para se fazerem soldados, ou criados de servir; os poucos lavradores, que permanecem, pobres, mal vestidos, e peor alimentados, fraquejaõ para cultivarem a terra, e pouco caso fazem de dar a existencia a filhos, que tirando sua origem de Pais enfraquecidos pelos trabalhos, e miseria, naõ seriaõ mais felices que elles.

Que diremos do luxo, e da devacidaõ? Quantos principalmente nas grandes Cidades passaõ miseravelmente para apparecerem com hum bonito vestido, e que filhos pódem gerar semelhantes Pais? O Cidadaõ procura enriquecer-se; e depois procura eleger huma Mulher para casar com ella, e d'antemaõ se anniquila com a devacidaõ. A difficuldade de fazer, e sustentar as despezas do casamento, difficuldade que cresce assim como o luxo, como os tributos, e como a carestia dos generos da primeira necessidade; a facilidade de cada hum pôr seu dinheiro a juros, e rendas vitalicias, multiplicaõ ainda mais os solteiros, e damnificaõ muito a povoaçaõ. Quereis povoar hum Estado? Desterrai o luxo, fazei os Homens felices. Todos os meios, que concorrem para a prosperidade de huma Naçaõ, ajudaõ, soccorrem, favorecem, e augmentaõ a propagaçaõ dos Cidadãos.

CAPITULO III.

Das Manufacturás.

NO estado actual do nosso planeta as Nações as mais industriosas saõ as mais opulentas, e as mais temidas; reparaõ com maior brevidade suas perdas pelo trabalho, e multiplicaçaõ da especie. Naõ saõ todos os Climas igualmente favoraveis ás Artes. A India, a China, a Persia, o Egypto possuíraõ antigamente com os thesouros da terra, as mais bellas invenções das Artes, e os Póvos industriosos da Europa recebêraõ da Asia a mais rica parte de suas Artes. Debalde os Protestantes, que deixáraõ a França no tempo da revocaçaõ do Edicto de Nantes, introduzíraõ as Artes, e os Officios em todos os Póvos, que colhiaõ, e agazalhavaõ, naõ puderaõ fazer taõ bellas obras como faziaõ na sua Patria. Depois da Agricultura que deve o Principe proteger com todo o seu poder, merecem as Manufacturas sua attençaõ. Saõ os privilegios exclusivos os inimigos do Commercio, e das Artes. O direito de ensino, e o preço dos mestrados tiraõ á gente plebea a liberdade de escolher o Officio, que lhe convem, e enchem todas as profissões de máos obreiros. As que demandaõ maior talento saõ exercitadas pelos que tem mais dinheiro; as mais vís, e as menos caras saõ para Homens capazes muitas vezes de exceder em huma Arte distincta. Huns, e outros exercitando o Officio de que naõ gostaõ, desprezaõ a obra, perdem a Arte, e desacreditaõ nas Nações estrangeiras as Manufacturas nacionaes; e naõ se poderia assáz louvar o Edicto de Luiz

XVI,

XVI., pelo qual modificando o que anniquilava os cargos dos Juizes das Corporações, e deixando subsistir a suppressaõ dos Mestrados de certos Officios, reduz os outros a taõ baixo preço, que he summamente facil adquirillos.

Quereis que comprem os Estrangeiros as vossas fazendas? Fazei com que de alguma sórte sejaõ mais perfeitas, que as de vossos visinhos, e que naõ sejaõ demasiadamente caras. Cumprireis com o primeiro objecto favorecendo os Artistas, alentando-os com as honras, e a recompensa, com a facilidade de trabalhar, e a annullaçaõ destes privilegios, que favorecem as Corporações, isto he as pequenas Sociedades á custa da grande; acertareis com o segundo fazendo de sórte, que os generos da primeira necessidade naõ sejaõ muito caros, e que o Artifice possa passar com cómmodo. Mas porque importa ainda muito mais, que hajaõ Agricultores do que Artistas, será conveniente combinar o preço do paõ, de maneira que o cultivador naõ passe com menos cómmodo que o Artifice, e Artista (1).

(1) *Como a causa principal de se estabelêcer nos Estados (diz Tavernier) a Policia foraõ os viveres; a de Persia neste particular he a melhor do Mundo: ha hum* Mothesh, *que he como Juiz de Policia, para taxar os generos comestiveis, com tres, ou quatro Assessores. Todas as segundas feiras mandao apregoar publicamente a taxa do pezo de cada cousa, e fazem com tudo conselho para vêr se se haõ de abaixar, ou levantar do preço os viveres para a semana seguinte. Foi esta ordem estabelecida pelo Grande Cha-Abas, e se observava no seu Reinado muito mais regularmente, que se observou depois; e he necessario*

O Soberano, que naõ attendesse á Agricultura, arruinaria suas Manufacturas, e o que só favorecesse as Manufacturas, destruiria a Agricultura, e com ella as Manufacturas.

CAPITULO IV.

Do Commercio.

PARA a felicidade civil he mister que os Póvos naõ careçaõ das cousas necessarias para o passadio da vida; até he mister, se possivel for, procurar-lhes as cousas uteis. Mas pela razaõ que qualquer Paiz naõ produz todas as cousas, porque as sementeiras daõ-se mais felizmente em certos Climas, e as uvas em outros, &c. convém que haja entre os diversos Póvos hum Commercio, por cujo meio os que tem generos, ou mercadorias superfluas possaõ dallas em troca aos que

---

reparar, que na Persia se vendem todos os comestiveis por pezo, e naõ por medida. Com esta boa ordem póde-se mandar huma criança comprar o que se pertende, e se naõ agrada, torna-se a recambiar. Se alguem vendesse com pezo falso, ou sómente hum real mais da taxa, sería no mesmo instante castigado. O supplicio ordinario he fazer levar aos que enganáraõ hum grande Takté-Kolas, *que he hum barrete alto assim como nossos cortiços de abelhas, que lhes mettem na cabeça com huma campainha pendurada no pescoço. Assim preparados, hum Official de justiça os leva pelas ruas expostos as rizadas do Povo; depois disso pagaõ alguma condemnaçaõ, e recebem paoladas nas solas dos pés. Algumas vezes he o castigo mais rigo-*

que lhes daõ outras fazendas de que carecem. Assim, os Póvos que naõ tem vinhos, e que tem abundancias de grãos, poderáõ dar trigo para terem vinho, e reciprocamente. Os Artistas poderáõ dar suas obras para se proverem de vinho, e trigo, &c. Os Mares, os Rios, os Lagos fornecem o peixe, que faz hum ramo de Commercio assáz importante. Instituíraõ os Homens com mutuo consentimento o ouro, e a prata por preço das fazendas, e até muitas vezes os consideraõ como se fossem fazendas: dahi resulta huma especie de Commercio, a que chamaõ *cambio*. As Colonias da America fazem ainda hum ramo de Commercio, fornecendo-nos o assucar, e outros generos, que naõ póde a Europa produzir.

Esquecia-me fallar no Commercio dos Negros, Commercio barbaro, que desacredita a Humanidade. Nascem os Homens livres, e naõ escravos; naõ pódem vender sua liberdade, que naõ tem preço. Naõ he procedimento odioso hir a Gui-

---

roso, como aconteceo a hum Padeiro, e a hum Pasteleiro de Ispahaõ, como contei na Historia do Reinado do Grande Cha-Abas.

Se a Policia naõ se observasse muito bem ácerca dos comestiveis, a pobre gente, e o Povo miudo padeceriaõ muito; porque os Artifices, que trabalhaõ todo o dia nas officinas distantes de suas casas, onde suas Mulheres ficaõ eternamente encerradas no recinto de seus jardins, só comem ao meio dia alguma fruta segundo o costume do Paiz, e á noite quando deixaõ seu trabalho, vaõ prover-se de paõ, e carne cozida, e assada, de que ha sempre grande provisaõ nas Praças.

a Guiné para comprar Homens em troca de algumas bugiarias de nenhum valor, ou de algumas garrafas de Agua-Ardente para os revender a Senhores deshumanos, que os condemnaõ a trabalhos demasiadamente penosos, e os arrastaõ n'huma horrorosa escravidaõ? Qual he o direito dos que os compraõ? Qual o dos que os vendem? Dir-se-ha que os Principes de Guiné fazem a guerra huns com os outros, e que vendem seus prisioneiros? Póde isto algumas vezes acontecer. Mas naõ diraõ que quasi todos os Principes barbaros só fazem a guerra com o fim de terem prisioneiros para os vender aos Europeos mais barbaros que elles. Pelo contrario, quem se atreverá a dizer que permitte tudo isto o Direito da guerra! Fóra disso todos os Negros que se transportaõ para as Colonias da Europa naõ saõ *prisioneiros*, muito pelo contrario dir-se-ha que sem os escravos sería muito caro o assucar? Melhor sería passar-se sem o assucar, que violar os direitos da Humanidade. Em fim ha algum entre nós que approvasse, que os Principes da Europa, com o fim de terem para seus gastos ouro, ou prata, vendessem seus prisioneiros de guerra, ou seus vassallos, aos Africanos, aos Americanos, ou aos Asiaticos para serem escravos (1)?

O

(1) *Sabe-se que Luis XIII. teve grande sentimento da Lei, que fazia escravos os Negros de suas Colonias, e que só a mandou executar depois de o persuadirem que era o meio o mais seguro para convertellos. Mas a Religiaõ manda amar os Homens, e naõ que se façaõ escravos; e o motivo da conversaõ naõ dá o direito de tirar a liberdade aos que naõ conhecem a Revelaçaõ. Fóra disso, se he isto a ver-*

O Commercio, ora difficultado pelos Monarcas, muitas vezes destruido pelos Conquistadores, corre o Globo, fugindo da tyrannia, e permanecendo só, onde se lhe permitte o respirar. Reina hoje nos Paizes antigamente despovoados, e nos em que reinava antigamente, estaõ hoje despovoados. A Colchida, que he presentemente huma mata estensa, onde o Povo parece defender sua liberdade só para vender-se a miudo aos Turcos, e aos Persas, era no tempo dos Romanos coberta de Cidades Commerciantes, de que já naõ ha vestigios em seus contornos; e se os ha, só

---

dadeira razaõ da escravidaõ dos Negros, porque se lhes naõ dá a liberdade, depois de serem convertidos?

Se os Soberanos fossem os Proprietarios de seus vassallos, seriamos seus escravos, no sentido do Direito Romano; isto he, que em vez de sermos Homens, seriamos cousas de que poderiaõ nossos Senhores usar, ou buscar segundo seus caprichos. Muitos Juris-Consultos mais atilados no Codigo de Justiniano, que no da razaõ, e consultando mais depressa as Leis Romanas, que o Direito da Natureza, naõ se envergonháraõ de sustentar esta opiniaõ injuriosa ao Genero Humano. Mas o estado dos Governos actuaes bem prova, que já naõ se admitte erro taõ grosseiro, se com tudo houveraõ Principes assáz corrompidos pela lisonja para o protegerem. No estado actual das cousas seria huma Lei bem digna de hum Principe amigo da Humanidade, a que declarasse livres todos os Negros, que servissem doze, ou quinze annos, contando-se do dia da publicaçaõ da Lei. Poder-se-hia tambem determinar que todos os que podessem comprar sua liberdade por preço fixo, seus Senhores os naõ poderiaõ embaraçar.

só se achaõ em Plinio, e Strabaõ.

As Artes aperfeiçoadas até ao gráo em que se achaõ, no tempo de Semiramis, a magnificencia de Babylonia; o luxo dos Reis Assyrios, nos daõ a conhecer o grande Commercio estabelecido na Asia. Acontecêraõ grandes alterações naquella parte do Mundo. A Bactriana, a Hircania, a Margiana estavaõ antigamente cobertas de Cidades opulentas, que já naõ existem. O Isthmo que separa o Ponto-Euxino do Mar Caspio era tambem povoado de Nações, que naõ existem.

Em quanto nos Imperios da Asia havia hum grande Commercio de luxo, faziaõ os Tyrios hum vastissimo Commercio de economia. Passáraõ as columnas de Hercules, e fundáraõ estabelecimentos nas costas do Oceano. Naquelle tempo os Navegantes naõ conheciaõ nem a *Bussola*, nem os ventos regulares, que sopraõ em certos Mares, e em certas Estações do anno. Estavaõ obrigados a naõ se affastarem das costas; o que fazia as viagens longas, e penosas. As difficuldades, e os trabalhos da Navegaçaõ de Ulysses deraõ materia para o melhor Poema.

Depois de conquistarem os Judeos *Elath*, e *Asiongaber*, Cidades dos Idumeos, negociáraõ no Mar Vermelho: mas logo que perdêraõ ambas estas Cidades, perdêraõ tambem o seu Commercio. Naõ succedeo assim aos Phenicios; só faziaõ hum Commercio de luxo, e naõ negociavaõ para fazerem conquistas. Sua frugalidade igual á dos Hollandezes, sua habilidade, sua industria faziaõ depender delles muitas outras Nações. Carthago, Colonia dos Tyrios, fez hum Commercio vastissimo.

Fundáraõ com tudo os Gregos hum podero-

so

ro Imperio. Fez a invasaõ dos Persas, que conhecessem suas forças, e a vantagem do poder maritimo; mas sendo divididos pelas facções, e quasi inteiramente engolfados na gloria, naõ foi taõ grande o seu Commercio, como devêra ser. Arruinóu Alexandre a Cidade de Tyro, e o Commercio da Syria. O Egypto, que até entaõ naõ precisára das Nações estranhas, começou a ligar-se pelo Commercio com os outros Póvos. Descubríraõ se as Indias, o Oceano Indiano, e fundou-se Alexandria, que foi como o centro do Commercio das Indias, e de todo o Occidente. Depois da morte de Alexandre, apreståraõ os Ptolomeos frotas no Mar Vermelho, e no Mediterraneo, e acháraõ-se os Gregos do Egypto no estado de fazerem hum dilatadissimo Commercio. Pelo contrario, deixando os Reis da Syria aos do Egypto o Commercio Meridional das Indias, só se applicáraõ ao Commercio Septentrional, que se fazia pelo *Oxus*, e o Mar Caspio. Passava por certo neste tempo, que aquelle Mar era huma parte do Oceáno Sptentrional (1). *Seleuco*, e *Antiocho* fizeraõ todas as diligencias para reconhecello, e suas frotas navegáraõ por aquelle Mar. Foi como Naçaõ guerreira, e naõ como Naçaõ Commerciante, que atacáraõ, e arruináraõ Carthago. Favorecêraõ as Cidades commerciantes, além de lhes naõ serem sujeitas, e engrandecêraõ pela deixaçaõ de muitas terras o poder de Marselha. Seu genio, sua gloria, sua educaçaõ militar, a fórma de seu governo os desviavaõ do Commercio. Só se occupavaõ em eleições, facções, intrigas, projectos de domina-

na-

(1) Plinio, *Liv. VI. Cap. XII.*, Strabaõ, *Liv. II.*

naçaõ, e de guerras. Sendo Roma a Rainha do Mundo pouco caso fazia do Commercio; protegeo com tudo o dos póvos, que sobjugára.

Aviltou-se ainda mais o Commercio depois da invasaõ dos Barbaros no Imperio Romano. Tratáraõ delle como de hum objecto de suas usurpações; e depois de fazerem nelle estabelecimentos, nunca mais protegéraõ o Commercio, sómente a Agricultura, e as mais Artes do Povo vencido. Bem depressa naõ houve quasi Commercio algum na Europa, a Nobreza, que reinava em toda a parte, pouco caso fazia delle. Apparecêraõ os Mahometanos, fizeraõ Conquistas rápidas, e derramáraõ-se por muitas partes. Teve o Egypto seus soldados, que foraõ os mais poderosos Principes daquelle tempo: continuou a fazer o Commercio das Indias. Senhora das mercadorias deste dilatado Paiz, attrahia a si as riquezas de outros muitos. Os Judeos desterrados, e vexados por toda a parte, salváraõ seus effeitos, e inventáraõ as Letras de Cambio. Por este meio póde o Commercio evitar a violencia, e manter-se em toda a parte; o Commerciante mais opulento, possuindo riquezas, que pódem ser remettidas de hum Paiz para outro, sem deixar vestigios em nenhuma parte. Desde entaõ foraõ os Principes obrigados a comportarem-se prudentemente. Pois os grandes lances de authoridade foraõ taõ mal succedidos, que he verdade de facto, que só hum Governo prudente, e moderado póde fazer a felicidade dos Póvos. O que chamavaõ antigamente lances de Estado, só seria hoje inadvertencias, independentes do horror, que causaõ estas opperações. Tendo-se aperfeiçoado a Navegaçaõ com a invençaõ da Bussola, descubrio-se

brio-se a Asia, e a Africa, de que havia pouco conhecimento, e a America que entaõ naõ se conhecia. Navegando os Portuguezes o Oceano Atlantico descobríraõ a parte a mais meridional da Africa, e as Indias Orientaes. Os perigos de suas Navegações no Oceano Indiano, e o descubrimento de Moçambique, Melinde, e Calecute foraõ cantados por Camoens, o mais famoso Poeta moderno. Até entaõ fizeraõ os Venezianos o Commercio das Indias, atravessando os vastos territorios dos Turcos, e padecendo affrontas, e injurias. Com o descubrimento do Cabo de Boa-Esperança, e o que logo depois se fez, deixou de ser a Italia o centro do Mundo Commerciante. Christovaõ Colomb, no Reinado de *Carlos V*, descobrio a America. A consequencia deste descobrimento foi attrahir para esta parte do Mundo a Europa, a Asia, e a Africa. Sacou á Hespanha do Novo-Mundo huma porçaõ prodigiosa de ouro, e prata. A pezar de tantas riquezas, causou-lhe a miseria prejuizos, quasi em toda a parte, e *Filippe II.*, Successor de *Carlos V.*, fez huma célebre quebra. Desde entaõ decahio immediatamente a Monarquia Hespanhola; porque havia hum vicio interior na natureza daquellas riquezas, que as tornava vãs; e este vicio foi sempre crescendo. Saõ o ouro, e a prata riquezas de apparencia: mais se multiplicaõ estas apparencias, mais perdem do seu valor. Sendo o dinheiro mais commum na Europa, quasi dobrou o preço do que se comprava. Para tirar o ouro das minas, dar-lhe os preparos necessarios, he preciso fazer certa despeza; supponho que seja como hum he para sessenta, quando dobrasse o dinheiro, e que consequentemente tivesse hum valor

duas

duas vezes menor, sería a despeza como dous he para sessenta; assim os navios que trouxeraõ para Hespanha a mesma porçaõ de ouro, trouxeraõ huma cousa que custava o dobro, e que valia metade menos. Presentemente sincoenta quintaes de cascalho das minas do ouro daõ quatro, sinco e seis onças de ouro, e quando ha só dous, o que cava só cobra as despezas *(1)*: para o futuro quando a quantidade de dinheiro dobrar do valor em que hoje está, quando houverem só quatro, só cobrirá as despezas; haverá pois pouco proveito em minar ouro. Da mesma maneira se deve discorrer ácerca da prata, exceptuando que o trabalho das minas de prata he mais vantajoso que o das minas do ouro: se se acharem minas mais abundantes, tanto maior será o lucro, quanto mais depressa ha de acabar *(2)*. Descobríraõ os Portuguezes no Brasil minas de ouro taõ abundantes, que ha de diminuir bem depressa, e consideravelmente o lucro dos Hespanhoes, como tambem o seu. Se se achassem as minas do Perú em Hespanha, sería huma especie de manufactura, que occuparia muitos Homens, augmentaria o consumo dos generos, e o poder do Estado; pelo contrario a ambiçaõ de enriquecer, e ser opulento, despovoou a Hespanha, e transportou muitos de seus habitantes á America. Por mais de sincoenta milhões de fazendas, que mandaõ todos os annos os Europeos para a America, só fornece a Hespanha, diz-se, tres, ou qua-

(1) *As Viagens de Frezier.* (2) *As minas de ouro, e de prata, que se descobriraõ naõ ha muito tempo na California, saõ, diz-se, muito ricas, muito abundantes, e daõ mais conveniencia que as do Perú.*

quatro milhões; assim saõ as Indias de Hespanha mais uteis ás Nações Commerciantes do que aos proprios Hespanhoes. Hum tributo de casualidade, e que naõ depende da industria dos póvos, do número dos habitantes, nem da cultura das terras, he huma riqueza de má especie. O Rei de Hespanha, que tira grandes sommas de sua Alfandega de Cadiz, he conforme este discorrer, hum particular riquissimo em hum Estado muito pobre. Se lhe pagassem algumas Provincias de Hespanha somma igual, sería seu poder muito maior, seriaõ suas riquezas o effeito das do Estado: em vez de ter hum grande thesouro, teria hum grande Povo. Hum Paiz rico em dinheiro, sendo pobre de Homens, e de generos, sempre será hum Estado pouco temido. Traga o Commercio das Indias grande porçaõ do dinheiro, que se cava na America, sem o que, vindo este metal a ser muito commum na Europa, sería sua demasiada abundancia mais nociva que proveitosa para o Commercio; transportavaõ tambem os Romanos seu dinheiro ás Indias Orientaes, mas naõ tinhaõ assim como nós os recursos das Indias Occidentaes. Naõ he isto contrario ao que sabemos ácerca do Commercio dos Judeos, que tornavaõ a trazer pelo Mar Roxo parte do ouro, e e prata; pois voltavaõ suas frótas de Africa, e naõ das Indias (1).

Ve-

(1) *Com tudo, conforme diz Mr. Bosman, naõ ha pavãos na costa de ouro, e crê Mr. Buffon que os que trazia de tres em tres annos a frota de Salomaõ, vinhaõ da costa da Asia, onde eraõ muito communs, em quanto os que se vem em Africa, e na Ilha de S. Helena, parecem terem sido transportados para lá ori-*

Venho a dizer que ſem as Indias Orientaes ſeria a demaſiada quantidade de dinheiro nociva ao Commercio. Com effeito, mais dinheiro ha, mais he preciſo para comprar as meſmas fazendas. Se o que cuſta hoje 1000 cruzados por ſer o dinheiro abundante na Europa, ſó cuſtava antigamente 100 cruzados, os fretes, e conducções cuſtavaõ muito menos, e naõ davaõ tanto embaraço; era pois o Commercio mais facil, quando havia menos dinheiro.

Deve o Principe favorecer o Commercio exterior, e interior, facilitando-o do melhor modo poſſivel. Deve cuidar em reprimir as vexações, e a voracidade dos Contractadores da Fazenda Real, e eſtabelecer Leis para que as dependencias do Commercio ſejaõ promptamente expeditas. *Em* Inglaterra onde as Alfandegas eſtaõ por *adminiſ*traçaõ, baſta hum ſimples aviſo para deſpachar negocios importantes; naõ he neceſſario, que o Negociante perca tempo conſideravel, e que tenha Caixeiros expreſſamente para deslindar todas as difficuldades dos Contractadores da Fazenda Real, ou para ſujeitar-ſe a ellas. Ordenou Solon em Athenas, que nunca mais ſe obrigaria o corpo por dividas civís. Tirou do Egypto eſta Lei; Bocoris a tinha feito, e Seſoſtris a renovou; he op-

---

ginariamente em alguns navios Europeos; mas naõ ſe poderia dizer que os habitantes da coſta de Africa a mais viſinha das Indias domeſticavaõ eſtas aves vindas da Aſia, como ſe domeſticaõ em França, e que as vendiaõ aos Judeos, que as traziaõ a Salomaõ? ou ſerá melhor dizer, que a frota de Salomaõ hia ás Indias, onde haviaõ naquelle tempo minas de ouro, que hoje eſtaõ esgotadas?

optima; porque nos negocios que derivaõ dos contratos civís, deve a Lei prezar mais a liberdade de hum Cidadaõ, que o bem, e commodidade de outro qualquer. Mas ajuiza-se bem no dever ter observancia nas dependencias do Commercio; porque deve se prezar mais o bem público, que a liberdade de hum Cidadaõ, o que naõ se oppoem á estimaçaõ que pódem requerer, á humanidade, e á boa policia. Mais moderado será o Governo, mais liberdade, e segurança haverá, mais florecerá, e crescerá o Commercio. Mas será o Commercio pouco consideravel, se o Governo he dispotico, ou tem affeiçaõ ao dispotismo: naquelle Governo pois cuida-se em conservar, e naõ em adquirir. E naõ tendo os Negociantes fiança segura para si, naõ se atrevem a emprehender cousas grandes. Se pertende hum Principe fazer florecer o Commercio nos seus Estados, se pertende enriquecer seus vassallos, se pertende ser temido por seus inimigos; he necessario que seja seu Governo brando, prudente, e moderado. Naõ deve o Soberano fazer o Commercio, mas deve deixallo fazer a seus vassallos. *Theophilo vendo hum navio, onde haviaõ fazendas para sua Mulher Theodora, mandou queimallo*: Eu sou Imperador, lhe disse elle, *e vós me fazeis Mestre de hiate; em que poderá a pobre gente ganhar sua vida, se lhe fazemos mal tratando do seu mesmo Officio?* Ainda pudêra dizer mais, quem poderá reprimirnos, se nós fazemos o monopolio? Quem poderá obrigar-nos a cumprir com as nossas promessas? O Commercio que fazemos, quereráõ os Correzãos fazello, seráõ mais injustos, e mais ambiciosos que nós, naõ terá o Povo confiança alguma em taes Mercadores, que poderáõ arrui-

nal-

nallo impunadimente. Quando dominavaõ os Portuguezes, e os Castelhanos nas Indias Orientaes, haviaõ ramos de Commercio taõ ricos, que naõ se esquecêraõ seus Principes tomallos por sua conta, mas isto arruinou seus estabelecimentos naquella parte do Mundo. O Vice-Rei de Goa dava privilegios exclusivos a muitos particulares. O público naõ se póde confiar de semelhante gente.

He problema politico assáz interessante o decidir se he util, ou nocivo ao Estado monarquico que seja a Nobreza commerciante. Se fosse a Nobreza commerciante, he certo que desalentalla-hia o amor das riquezas, affrouxaria seus sentimentos patrioticos, e entibiaria o ardor da gloria militar, o que enfraqueceria o Estado. Pelo contrario poderia a Nobreza pobre achar recursos no Commercio para resarcir-se de sua *fortuna*, e pôr-se em Estado de abraçar depois a profissaõ das armas, e adquirir nome; mas se se permitte áquella porçaõ da Nobreza o interessar-se no Commercio, de nenhuma maneira se póde permittir á Nobreza titular, sem expôr-se a huma ruina total. Com effeito, se as pessoas da primeira distincçaõ se fazem negociantes, os Cortezães tambem o viraõ a ser, multiplicar-se-haõ os monopolios, as injustiças, as vexações de toda a especie, haõ de os Grandes aggravar os pequenos com o pezo da authoridade, haõ de arruinar os privilegios exclusivos os Negociantes inferiores, e anniquilar-se-ha o Commercio todo (1).

CA-

(1) *Os Negociantes, diz hum Moralista, devem lembrar-se que saõ Cidadãos, que saõ obrigados a serem uteis á Patria; que a boa Fé he a alma do Commercio, que naõ devem nunca enganar os que naõ*

CAPITULO V.

Da Marinha.

HE verdade inconteſtavel, que deſde a decadencia da República Romana até ao decimo Sexto Seculo naõ houve Marinha militar na Europa. Os Dinamarquezes, e Noruegos ſó conheciaõ as jangadas, ou canoas, e mal ſabiaõ combater em terra. Mas o conhecimento da buſſola, com o ſoccorro da Aſtronomia, e das Mathematicas, facilitando as viagens dilatadas permittindo aos

---

conhecendo a qualidade das fazendas, lhes vem vender, ou comprar com fiança; que naõ pódem faltar á ſua palavra ſem faltar á probidade; que os Monopoliſtas ſaõ huns velhacos, e ſanguiſúgas públicas; n'huma palavra, que he de obrigaçaõ indiſpenſavel para elles obſervar nas compras, venda, e em todos os contratos de Commercio as Leis da equidade, e da verdade, e naõ obrar couſa alguma que naõ ſeja conforme a Lei Natural, e a Lei Divina.

Pelo contrario deve o Soberano fazer Leis para precaver, e impedir as quebras; deve caſtigallas quaſi todas; porque ſe naõ ſaõ fraudulentas, ſaõ pelo menos temerarias. Seria de deſejar que naõ pudeſſe confiar-ſe o quebrador na impunidade, ſeriaõ entaõ os Negociantes prudentes nas ſuas emprezas, e mais moderados nos ſeus gaſtos. Póde com tudo acontecer caſos que os obriguem a quebrar ſem ſerem culpados, como por exemplo hum roubo, hum incendio, &c. naquelles caſos pouco communs he o Negociante aſſáz caſtigado com ſua deſgraça, e a Lei naõ devè cauſar-lhe maior afflicçaõ.

navios perderem de vista as terras, bem depressa se vio florecer a Arte da guerra naval.

A mais célebre batalha da Marinha moderna foi a de Lepanto, que foi dada, ha quasi 200 annos, por 260 galeras dos Turcos contra 250 dos Christãos. Eraõ estas galeras mais pequenas que as de hoje. A chusma era de 150 remeiros, e a tripulaçaõ de 80 Homens. Fez bem depressa a Arte da construcçaõ progressos, e Filippe II., Rei das Hespanhas, e das duas Indias, formou esta famosa esquadra a que chamáraõ *La Invencible Armada*, composta de 130 náos as mais grossas que até entaõ se viraõ, e de 20 caravellas. Mas aquellas náos pezadas, e levadas por pilotos inhabeis, naõ podiaõ manobrar. Humas foraõ tomadas pelos Inglezes, outras queimadas, muitas dellas deraõ nas costas da Escossia, ou da *Irlanda*, e apenas pode a metade voltar a Hespanha.

A decadencia da Marinha Hespanhola fez passar o Sceptro do Mar para Hollanda, que acabava de sacudir o jugo Hespanhol. Bem depressa se senhoreou aquella República do Commercio do Mundo inteiro, e os esforços de Cromwel naõ poderaõ desapossalla. Conheceo Luiz XIV. as vantagens de huma Marinha formidavel, mandou fazer estaleiros, e arsenaes, e teve a França 100 náos de linha nos seus Pórtos. Mas em 1692, Tourville, para se conformar com as ordens mal ponderadas da Corte, tendo atacado com 40 náos a esquadra dos Inglezes, e Hollandezes, que se compunha de 90, experimentou a Marinha Franceza huma derrota memoravel de que naõ póde resurgir-se. Desde entaõ as forças navaes de Inglaterra fizeraõ progressos taes, que julga poder balancear toda a Marinha do universo. Era esta

Po-

Potencia no Mar o que era Roma na terra, quando decahio da ſua grandeza. Accuſaõ-na de querer ſenhorear-ſe do Mar, e do Commercio, mas apoſſando-ſe delles hum ſo inſtante, póde prognoſticar-ſe que o Imperio dos Mares trará comſigo ſua ruina. Naõ tardaráõ as Potencias Maritimas da Europa em ligar-ſe contra ella, ſentiráõ a neceſſidade de ter menos tropas de terra, e mais náos, e marinheiros; faraõ os ultimos esforços para naõ deixar cahir as duas Indias entre as mãos de huma Potencia, que naõ poderia reſiſtir muito tempo a tantas forças combinadas. Naõ tem gente, nem riquezas ſufficientes para executar taõ vaſto projecto. Até ſe póde ſegurar que paſſou a Potencia Anglicana por ſeu *maximum*, para fallar a linguagem dos Geometras; e as conſequencias da deſuniaõ, que ha entre Inglaterra, e ſuas Colonias, cauſar-lhe-haõ tamanho prejuizo que nunca poderá recuperallo.

Sahio do Commercio a Marinha, e para manter o Commercio, foraõ neceſſarias as forças Navaes, que ſaõ o producto da Navegaçaõ mercantil. Fizeraõ os Phenicios, e os Carthaginezes hum vaſtiſſimo Commercio. Succedêraõ os Gregos aos Phenicios, e os Romanos aos Carthaginezes. Tendo-ſe os Heſpanhoes apoſſado do Mexico, e do Perú, e capacitando-ſe que com o ouro poderiaõ ter tudo o que lhes foſſe preciſo, deſprezáraõ as Artes, e a cultura das terras, mas ſouberaõ á ſua propria cuſta, que as riquezas que adquiriaõ, valiaõ menos que a induſtria, que perdiaõ, e que pódem os Homens ſer pobres com todo o ouro do Mundo. O Commercio foi que enriqueceo a Hollanda, e augmentou o dominio de Inglaterra. Favoreceo Colbert o Commercio

dos Francezes, eſtabelecendo Fábricas para todas as Artes, e Officios; ao meſmo tempo que preparava o Governo forças Navaes para proteger a Marinha mercantil. Mas nunca ſe lembraõ os Reis, que os golpes de authoridade, dados ſem principios, e ſem limites, anniquilaõ a induſtria, que he a origem da opulencia, e das cauſas da actividade dos Imperios, e que a eſtes ſe ſegue a ruina das Fábricas, das Colonias, e do Commercio.

Parece que os Principes naõ comprehendem, que a riqueza dos Póvos he a unica verdadeira riqueza do Eſtado; dir-ſe-hia que ſe perſuadem, que os Negociantes Eſtrangeiros, e nacionaes pagaõ os direitos, que impoem nas fazendas, que os Commerciantes fornecem.

He a liberdade a alma, e vida do Commercio, as grandes corporações difficultaõ todas as claſſes da induſtria; mas iſſo ſe remediou em França com o ultimo Edicto de Luiz XVI., digno dos maiores louvores (1). Querendo enriquecer o fiſ-

(1) *Queixando-ſe os communs á Rainha Iſabel de hum privilegio excluſivo para certo commercio que concedêra, voltou, e fallou aos Membros da Camara encarregados de lhe renderem os agradecimentos de hum modo proprio para fazer impreſſaõ no eſpirito dos Soberanos que procuraõ a felicidade de ſeus Póvos* ,, *Senhores*, diſſe ella, *muito me enterneço de voſſo amor, e da attençaõ que tendes em me dar hum teſtemunho authentico delle; eſta affeiçaõ para minha peſſoa vos determinou a aviſar-me de huma falta que me eſcapou por ignorancia, e que de nenhum modo era minha vontade; ſe voſſos cuidados vigilantes naõ me deſcubriſſem os males, que podia meu erro produzir; que dor naõ teria tido eu que*

fisco, empobrece-se o Povo, sem attender que a anniquilaçaõ do Povo he isseparavel da do fisco. As violencias dos Contractadores da Fazenda Real saõ muito prejudiciaes: a terra, e agua estaõ cobertas de guaritas, e barreiras, o Viajante, e o Negociante expostos a todas as cilladas de huma Legislaçaõ artificiosa, que abraça huma multidaõ de objectos, semea os crimes com as prohibições quasi todas desconhecidas ao Cidadaõ, que

---

nada avalío tanto como o amor, e a conservaçaõ de meu Povo? De repente se myrrhe minha maõ, meu coraçaõ seja ferido de hum golpe mortal, antes que conceda privilegios particulares, dos quaes se possaõ meus vassallos queixar. O esplendor do Throno naõ me cegou ao ponto de fazer que eu preferisse o abuso de huma authoridade sem limites ao uso de hum poder que exercita justiça. A magnificencia da Dignidade Real só cega os Principes, que naõ conhecem os deveres que a coroa impoem. Atrevo-me a dizer que naõ serei contada no número destes Monarcas. Sei que naõ possúo o sceptro para minha vantagem propria, e que eu toda me devo consagrar á sociedade que pôz em mim sua confiança. Minha felicidade he ver que o Estado prosperou até agora por meu governo, e que tenho por vassallos Homens dignos de lhes renunciar o Throno, e a vida. Naõ me attribuis as falsas medidas em que me pódem comprometter, nem as irregularidades que se pódem commetter debaixo de meu nome. Vós sabeis que os Ministros do Principe saõ muitas vezes levados de interesses particulares, que a verdade raras vezes chega aos Reis, e que obrigados da multidaõ dos negocios que os opprimem; e parando sobre os mais importantes, naõ pódem ver tudo per si. »

que ſe acha culpado ſem o ſaber, nem o querer. Em muitos Reinos o valído do Principe de contínuo atormenta o Homem do Eſtado, e o Contractador da Fazenda Real vexa o Negociante.

A Politica moderna negocea os Tratados de Commercio, que vem a ſer ſementes de guerra. A liberdade geral do Commercio he o unico Tratado, que huma Naçaõ maritima deveria eſtabelecer para ſi, e negociar com os outros. Naõ ha progreſſo algum de riquezas em hum Eſtado, ſe naõ ha induſtria nos ſeus viſinhos. Eſtes naõ ſe pódem adquirir ſenaõ pelos effeitos de troca, ou pelo ouro, e prata. Mas naõ ha metaes, nem obras precioſas ſem Induſtria, ſem Commercio; e eſtas duas origens de riquezas ſuppoem a liberdade. Mas, ſe o Governo naõ vela continuadamente, o Commercio attrahindo as riquezas, attrahe tambem o luxo, eſte a molleza, e a corrupçaõ dos coſtumes, a que bem depreſſa ſe ſegue a decadencia, ou tambem a quéda dos Imperios.

Dar-ſe-ha a continuaçaõ no Tomo ſeguinte.

DISCURSO

Recitado pelo Capellaõ do Miniſtro Francez na America Ingleza, quando ſe celebrou o Te Deum *no Anniverſario da Independencia dos Americanos na Igreja da Communhaõ Romana, no dia 4 de Julho de 1779, a que aſſiſtio hum numeroſo concurſo de Proteſtantes, e Catholicos Romanos.*

SENHORES: Nós nos ajuntamos para celebrar o Anniverſario deſte dia, que a Providencia deſtinou nos ſeus eternos Decretos, para ſer a Época da Liberdade, e Independencia dos treze Eſtados unidos da America. Eſte Ser, cuja Maõ poderoſiſſima ſuſtenta tudo o que eſtá ſob o ſeu Imperio, produz indubitavelmente na profundidade da ſua Sabedoria, eſtes grandes ſucceſſos, que eſpantaõ o Univerſo! e de quem os Homens os mais preſumidos, ainda que ſaõ os inſtrumentos do ſeu complemento, naõ ſe atrevem a reputar ſeu o merecimento. Mas o dedo de Deos ſe moſtrou ainda máis particularmente na Revoluçaõ glorioſa, e feliz que mudou eſte dia em hum dia de Feſta: penetrou os oppreſſores de hum Povo livre, e ſocegado, deſte eſpirito de illuſaõ que torna o Homem perverſo artifice das ſuas proprias deſditas. Permitti-me, meus queridos Irmãos, Cidadãos dos Eſtados unidos, de vos felicitar neſta occaſiaõ. He eſte Deos, eſte [illegible] todo Poderoſo, que tem encaminhado os voſſos paſſos, quando duvidaveis, para quem os dirigerieis,

rieis, para tomar os vossos conselhos; quando vós estaveis desarmados, combateo por vós, que, quando a adversidade vos consternava, derramou nos vossos corações o espirito de valor, de sabedoria, e de firmeza; que finalmente suscitou para vosso amparo hum Soberano ainda mancebo, cujas virtudes fazem o ornamento, e a felicidade de huma Naçaõ sensivel, fiel, e generosa. Esta Naçaõ confundio os seus interesses com os vossos interesses; os seus sentimentos com os vossos: ella goza de todas as vossas alegrias, e une hoje a sua voz á vossa, á face dos Altares do Deos Eterno para celebrar a Revoluçaõ gloriosa, que pôz os Filhos da America entre as Nações da terra, livres, e independentes. Nós naõ temos que temer mais do que a cólera do Ceo, e que as nossas offensas excedaõ á sua Misericordia; postremo-nos pois aos pés do Deos Immortal, que conduz pela sua maõ os destinos dos Imperios; os eleva, ou os reduz a nada segundo sua vontade; roguemos-lhe fervorosos que illumine os nossos inimigos, lhes disponha os seus corações para gozarem desta tranquillidade, desta felicidade, que a Revoluçaõ que hoje celebramos, furtou a huma consideravel porçaõ da raça humana: imploremos-lhe, para que nos guie pelo caminho que a Providencia nos assinalou, para nos levar ao desejado fim; offereçamos-lhe corações penetrados de sentimentos, de respeito, consagrados pela Religiaõ, pela humanidade, pelo patriotismo: O Augusto Ministerio dos seus Altares naõ he taõ agradavel á sua Divina Magestade, senaõ quando se lhe tributaõ aos seus pés victimas, offertas, e votos taõ dignos do Pai commum do Genero Humano. Deos naõ despre-

zá-

zará a nossa alegria, pois he o seu Author: naõ condemnará os nossos rogos, pois elles unicamente pedem o perfeito complemento dos Decretos, que tem manifestado: cheios deste espirito, alcemos uniformemente nossos corações ao Eterno: imploremos a sua bondade infinita, para que lhe apraza inspirar aos Imperantes das duas Nações a sabedoria, e forças necessarias para se completar a obra começada: em huma palavra, unamos as nossas vozes, supplicando-lhe derrame as suas benções sobre os Conselhos, e Armas dos Alliados, para que possamos gozar promptamente das doçuras de huma paz, donde brote a uniaõ, e estabeleça a prosperidade dos dous Imperios: para este fim he que nós mandámos cantar o Cantico, que a Igreja Catholica consagra para sempre testemunhar a alegria pública, a Acçaõ de Graças pelos beneficios recebídos do Ceo, e súpplica pela continuaçaõ das suas Misericordias,

CON-

CONTINUAÇAÕ

Da Correſpondencia de Sir Carlos Wolban com Sir Jorge Bedford, e Sir Oliveiro Stewert; traduzida por F. R. I. L. e. L.

SIR WOLBAN A SIR BEDFORD,

Do eſtado florecente, e authoridade da Muſica, Dança, e Poeſia no tempo dos Hebreos antigos, e da antiga Roma. Da corrupçaõ deſtas tres Artes, e ſua actual decadencia.

De Pariz, 11 de Junho 1762.

MUITO tempo ha, Bedfort, que deſejava *fallar-te*; mas onde te acharei? Já tornaſte aos teus campos, ás tuas deliciofas occupações ruſticas? ou eſtás ainda detido no labyrintho de Londres por teus goſtos, e negocios? Que triſte figura deves fazer, meu amigo, na noſſa Capital! E que ſingular contraſte deve patentear teu ar camponez com os brilhantes modos de noſſos elegantes Cidadãos, teu porte humilde, e timido com o fauſto de noſſos mancebos Fidalgos, e tua actividade groſſeira com a petulante ocioſidade de noſſos reſpeitaveis Lordes!

Tudo bem ponderado, Bedfort, creio que eſtás fóra de teu lugar em Weſtminſter, ou em S. James, e aconſelho-te como amigo anteponhas a eſte Paiz para que naõ es proprio, o teu antigo caſtello, teus rebanhos, que impacientes, e ſaudoſos bramaõ para te vêr, teus Lavradores, que ſuſpiraõ pela tornada de ſeu crédulo Senhor, e

teu

teu novo femeador, que te obrigou a fazer tantas loucas experiencias taõ mal fuccedidas até ao prefente.

Mas, em materias de Agricultura, tenho ainda alguma coufa para dizer-te a refpeito do antigo poder, e corrupçaõ da Mufica, Dança, e Poefia: Eftas bellas Artes, eftas Sciencias primitivas, infinitamente anteriores, como já o provei, á tua Arte aviltada, e groffeira de cultivar a terra; Sciencias verdadeiramente auguftas, e que além de ferem corruptas, envilecidas, e quafi defprezadas, com tudo ainda fe preferem mil vezes a efta Agricultura, que tu taõ loucamente reputavas como o primeiro, e mais refpeitavel dos conhecimentos.

Vou pois findar as minhas fábias indagações, as minhas reflexões filofoficas, e o encadeamento luminofo de meus penfamentos muito rápidamente, entre as Nações Antigas, e Modernas, onde eftas tres Artes defgraçadamente experimentáraõ as mefmas revoluções, e mudanças que antigamente padecêraõ entre os Egypcios, Caldéos, Gregos, Arabes, &c.

Apreffemo-nos pois, Bedfort, para correr o Mundo; e fem reparar aos tempos, confundamos as Épocas, e aproximando os Seculos remotos, paffemos aos Hebreos, e obfervemos fua Dança, fua Mufica, e fua Poefia. Os Hebreos! dir-me-ha com efpanto alguem mais bem inftruido do que tu: mas tu naõ reflectís niffo! ignoras que de todos os antigos Póvos os Hebreos foraõ os unicos que naõ tiveraõ Poetas, e que além de fer fua lingua abundantiffima, fuas expressões harmoniofas, e fua eloquencia nobre, figurada, elevada, metaforica, e fublime, com

tu-

tudo totalmente desconheçêraõ a Poesia, e até naõ tinhaõ palavra, que a expressasse.

Sei, Bedfort, tudo se tem dito dos Hebreos ácerca deste assumpto; mas sei tambem serem falsas todas estas más observações: eis-aqui o que deo lugar a estes encanecidos erros. Os Hebreos tivéraõ Profetas, e estes Profetas eraõ outros tantos Poetas da mais sublime ordem; mas nisso mais respeitaveis, que os Poetas das outras Nações: os assumptos de seus Cantos eraõ só o poder, a grandeza, a immensidade de Deos, seus Decretos irrevogaveis, a espantosa predicçaõ dos successos futuros. Os Hymnos que tinhaõ composto em louvor da Divindade, e as revoluções dignas de assombro, que annunciávaõ ao Povo, as cantavaõ, ou decoravaõ nos Templos, nas Praças públicas, ou até nos Paços dos Reis. Mas estes Hymnos sagrados, principalmente quando eraõ destinados a expressaõ de alegria, ou do agradecimento, eraõ commummente acompanhados de Dansas, que os Sacerdotes formavaõ dentro do Templo. Aindaque a ordem, e a figura destas Danças fossem commummente indicadas por aquelle que tinha composto o Cantico, com tudo naõ era conhecido, nem pela qualidade de Poeta, nem pela de Musico, ainda menos pela de Dançarino, porque estas denominações estavaõ sobordinadas á de Profeta, ou de Interprete da Religiaõ, e do Ser Supremo.

Pouco direi da depravaçaõ do gosto dos Antigos Romanos ácerca destes tres conhecimentos, sacrificados nos primeiros tempos ao gosto da Agricultura, e esta na sua alternativa sacrificada tambem á paixaõ desordenada das conquistas. He certissimo que os Romanos foraõ pouco, ou na-

da

da Musicos: mas he absurdo crer, como alguns disseraõ, que sua indifferença pela Musica veio unicamente de seu humor muito bellicoso, e do desejo desenfreado de combater os Póvos, e assolar a terra. Naõ eraõ os Athenienses menos guerreiros que os Romanos; até eraõ mais verdadeiramente Heróes; e com tudo sabes com que paixaõ amavaõ a Musica, e a Dança Este fenomeno tem pois outra causa, e naõ me parece muito difficil descobrilla. Capacito-me ter sufficientemente provado, que o gosto da Musica, Dança, e Poesia, foi em todos os Paizes huma consequencia necessaria da simplicidade dos costumes dos Homens no estado de pura natureza; se esta observaçaõ he verdadeira; se as próvas multiplicadas que ajuntei naõ saõ falsas, segue-se que toda a Naçaõ fundada por huma Colonia, naõ póde conhecer, nem cultivar felizmente estas Sciencias, e até naõ terá idéa alguma exacta de seu poder primitivo.

Agora, Bedfort, resta-nos só examinar quaes foraõ os fundadores de Roma. Seus Historiadores saõ obrigados a confessar que Roma foi fundada por hum ajuntamento de Salteadores, a maior parte desterrados das Sociedades visinhas, e o resto que escapára á Severidade das Leis. Longo tempo vagabundos pela Italia, e juntos em fim pelo vicio, e crime, estes desgraçados leváraõ para a Cidade que fundáraõ, com sua perversidade natural, toda a corrupçaõ das Sociedades polidas que os haviaõ expulsos do seu seio. Este ajuntamento de máos, que muito honramos demasiadamente dandolhes o nome de Colonia, teve por Chéfe hum Homem, que provavelmente pelos seus costumes era bem digno de capitanear seme-

lhante

lhante tropa, hum Romulo que, segundo as apparencias, tinha igualmente nascido, e passado seus primeiros annos em algum dos estados visinhos. Na tua idade, Bedfort, sería muito ridiculo se desses algum credito á Fabula de Numitor, ou á da Loba, ama do Fundador de Roma, ou a todos estes contos de velhas, cujos filhos eraõ embalados em Roma pelas suas credulas Avós. Ora estes primeiros Romanos, taõ devaços, taõ facinorosos, como o mostráraõ em tantas occasiões, que conhecimentos uteis, e agradaveis podiaõ cultivar na sua nova República? Lavravaõ seus campos, e eraõ taõ ignorantes, taõ rusticos como tu. Eu convenho que depois conhecêraõ a Dança, a Musica, e a Poesia; mas só conhecêraõ estas Artes no seu estado de imperfeiçaõ, venho a *dizer*, enervadas, corrompidas, inuteis, quando naõ eraõ perigosas. Assim foi que continuáraõ a cultivallas, e que as conserváraõ até o ultimo instante da ruina do Imperio.

Sería pois pouco judicioso ir pesquizar nas Revoluções Romanas a causa da corrupçaõ, que a Dança, a Poesia, e a Musica experimentáraõ em Roma. Estas tres Sciencias foraõ alli languidas, ou, para fallar com mais acerto, sempre alli pouco florecêraõ, porque nunca foraõ bem conhecidas, e porque no seu mais brilhante estado, naõ tiveraõ outra authoridade, mais que a que era precisa para acabar de corromper os costumes dos Romanos.

Esta mesma causa, Bedfort, se póde igualmente applicar a todas as antigas Nações Europeas actualmente existentes; porque todas estas Nações saõ Colonias Romanas, ou Póvos fundados

dos pelos Conquiſtadores ſujeitos aos Romanos; ou ſeus alliados, e que por conſequencia naõ podêraõ cultivar eſtas tres Artes ſe naõ por imitaçaõ.

Naõ te admires pois que entre nós, como nas outras partes, naõ ſe conheça abſolutamente alguma das bellezas eſſenciaes, e primitivas da Muſica, Dança, e Poeſia. Naõ te admires pois que o titulo de Poeta foſſe menos reſpeitado em Roma, do que tinha ſido antigamente entre os Póvos da Grecia; que em Roma os Poetas nunca tiveraõ o coſtume de cantar ſeus Hymnos nas praças públicas, nem diante dos palacios dos Grandes, como ſe diz de Homero, e de Heſiodo. Em fim, naõ te admires que a Tragedia, e a Ode, que ſó tem o meſmo fim, de penetrar a alma pelo enthuſiaſmo, terror, e piedade, naõ ſerviſſem entre os Romanos, como ſervem entre nós, ſenaõ para divertir languidamente alguns amantes.

Em Roma quaes ſaõ os Poetas que compunhaõ Tragedias? E entre nós, quaes ſaõ os Poetas Dramaticos, e Lyricos? Peſſoas de imaginaçaõ forte, viva, arrebatada; peſſoas inſtruidas das regras da Poeſia, mas raramente verſadas na eſpinhoſa theórica dos ſentimentos do coraçaõ, e movimentos da alma; peſſoas engenhoſas, cheias de fogo, de enthuſiaſmo; mas ſempre muito menos occupadas em inſtruir com uteis lições, do que em agradar, allucinar pela mageſtade do eſtilo, ou pelo eſplendor mais enganador ainda deſtes vãos meteoros a que chamaõ imagens theatraes. He verdade que ſeus Dramas agradaõ, recreaõ, encantaõ pela belleza do colorido, e diverſidade das pinturas. Mas, Bedfort, eſtas pintu-

turas saõ sem instrucçaõ, e suas Peças apenas contém algum rasgo de Moral. Servís imitadores dos Gregos, ás vezes se mostraõ superiores á Epopeia, e outras vezes mergulhaõ-se, occultaõ se, e anniquilaõ-se nos abysmos do *Bathos*. Em huma palavra das antigas Tragedias só nos resta o apparato da representaçaõ, e da Ode dos Antigos nada. Com tudo, a Poesia, a Musica, a Dança chegáraõ a tal ponto de corrupçaõ, que nunca mais poderemos esperar vellas restabelecidas no seu antigo esplendor? Estou bem longe de o pensar, Bedfort. Capacito-me que se lhes póde ainda dar huma parte de sua antiga authoridade. Mas que meios seriaõ precisos? Oh, para esta vez, Bedfort, isto seguramente naõ to hei de ensinar. O desenvolvimento destes meios, ainda que simplices, e vantajosos, levar-me-hiaõ muito longe. *E além* disso, que me importa o poder, ou a fraqueza destes tres conhecimentos? Só pertendo occuparme em objectos agradaveis, em assumptos importantes, e dias ha que este me affadiga pela sua abundancia. Deixo-o pois; sim, meu amigo, deixo este assumpto todo ás tuas reflexões. Observa, medita, aprende. Eu te mostrei o caminho; segue-o, ou desvia-te delle; mas todo o partido que tomares, capacita-te que me deves agradecer: porque em fim, naõ sou eu o que allumiei as trevas da tua intelligencia? Naõ he verdade, Bedfort?

BED-

BEDFORD A WOLBAN.

Refutaçaõ do Systema de Wolban. Defeza dos modernos contra á mania dos admiradores dos Antigos.

De Weldsex, 17 de Junho 1762.

ESTÁS pois, Wolban, muito satisfeito? Instruiste hum ignorante, ou pelo menos te lisonjeas tello obrigado a adoptar teus erros. Tens razaõ de te felicitar; tua victoria he completa, e naõ gostaria de humilhar o orgulho que este triunfo imaginario me parece inspirar-te. Fizeste hum systema mais engenhoso, que sólido; fostes valerosissimamente pesquizar ás trevas da mais remota Antiguidade: teu genio muito sublime, ou talvez muito singular, muito inconstante para deter-se longo tempo nos mesmos objectos, te levou de reino em reino a todos os Póvos da terra, polidos, ou salvagens, actualmente existentes; e tornando bem depressa para a tua querida Antiguidade, tens vigorosamente calumniado teus contemporaneos, todas as Nações modernas, exceptuando porém os Salvagens. Em huma palavra, despendeste taõ mal tua erudiçaõ, e advertencias, e observações, que duvído que possas durante a tua vida observar, discorrer, nem mostrar algum final de Sciencia. E tudo isto, Wolban, fizeste provavelmente para dar alguma sombra de consistencia a naõ sei que ridiculas idéas, a que loucas opiniões, que muitos outros, anteriormente em vaõ tentáraõ acreditar, a respeito da perten-

dida authoridade das tres Sciencias que se alguma tiveraõ, foi limitadissima.

O Doutor Brown que, entre nós, he mais sabio que tu, além de ser mais modesto, debalde esgotou todo o seu saber no mesmo assumpto; naõ persuadio pessoa alguma, e o que seus discursos naõ poderáõ alcançar de mim, Wolban, crês tu de boamente que o pódem fazer tuas cartas? Gosto com tudo de ler-te; algumas vezes, mas raramente, tu chegas a aclarar-me, e muitas vezes a recrear-me com as tuas injurias, e teu aspero humor: com as satyricas digressões satisfaço-me de me persuadir que principias a sahir deste estado de inercia, que nos tem dado aqui tantos motivos de cuidado. Tu te occupas, te destrahes, e procuras alegrar-te; está muito bem; mas, meu amigo, naõ gosto de te ver perpetuamente encolerizado contra os Modernos, e affeiçoado, como antigamente as victimas de Mesença, a cadaveres que pouco alegraõ, a estes Antigos de quem além da tua cynica Filosofia, naõ podes deixar de fallar com o mais profundo respeito. Como conheça que teu caracter he pouco attencioso, sou de parecer que des aos antigos Escritores da Grecia, e Roma, este tributo de louvores, só para depois aviltar mais seguramente, e ridiculizar estes desgraçados Modernos que, a fallar verdade, naõ te offendêraõ em cousa alguma, e que certamente nunca repararáõ muito nos teus dicterios Satyricos, nem nos teus languidos Epigrammas.

Como, graças ao Ceo, naõ nasci em Memphis, nem em Athenas, nem em Roma, como naõ vivi ha quinze, ou vinte Seculos, e que sou Inglez, actualmente existente, he muito justo que pen-

pense, ſuppondo meſmo que ha em mim hum prejuizo muito natural, e muito deſculpavel, bem diverſamente ſobre eſte aſſumpto, aſſim como ſobre muitos outros. Tu ſó eſtimas os Antigos, e deſprezas os Modernos, e eu, Wolban, reſpeito infinitamente eſtes, e em pouco eſtimo os Antigos. Eu vivo com os Modernos, e ſuas luzes me inſtruem; os Antigos já naõ exiſtem, e ſó nos deixáraõ Eſcritos muito eſcuros, que me enſinaõ pouca couſa, e onde tenho que lutar ſempre contra o erro, a fabula, a mentira, o prejuizo, a ſuperſtiçaõ, o abſurdo, e a incerteza.

Sei, Wolban, que os Modernos tem ſeus defeitos, mas ao menos os deſcubro mais facilmente, além diſſo ſaõ em muito pequeno número. Em huma palavra, quaſi todas as Obras modernas me inſtruem, e me recreaõ, e entre as antigas naõ ha quaſi nenhuma, onde o erro, e o faſtio naõ excedaõ demaſiadamente o agradavel, e o util. A maior parte dos deſcubrimentos, ou Fyſicos, ou Moraes, ou Filoſoficos ſaõ recentes, e quaſi de noſſos dias; e ſó vejo nos Antigos, incriveis aſſerções em lugar de factos; erros em lugar de principios, e frivolos diſcurſos em lugar de razões ſufficientes, e ſólidas. Com tudo, por cauſa de huma remota tradiçaõ, que ſó merece reſpeito pela ſua antiguidade, os grandes nomes do Lyceo, do Portico, de Athenas, &c. accendem a maior parte dos noſſos litteratos, que cheios de nobre enthuſiaſmo, apenas ſe recordaõ de Deſcartes, de Galileo, de Newton, &c. quando ouvem ſó citar hum Democrito, hum Pythagoras, hum Heraclito, &c.

Mas os mais loucos, ou ao menos os mais in-

injuſtos deſtes admiradores ſaõ, como julgo, os que o fanatiſmo da Antiguidade induzio ſempre a denegrir, a aviltar, a deſprezar a litteratura moderna, e os noſſos mais célebres Authores, a olhar com indignaçaõ para qualquer parallelo entre os Sabios que florecêraõ nos bellos Seculos da Grecia, e os que em noſſos dias fazem a gloria, e o ornamento do Imperio litterario.

Se fallára, Wolban, a qualquer outro, sería infallivelmente mais moderado nas minhas opiniões, e mais favoravel para com os Antigos: mas he preciſamente porque te conheço o mais obſtinado Homem, por iſſo goſto em certo modo de te contrariar, e denegrir tambem eſtes meſmos Antigos, que me envergonharia além diſſo, e em qualquer outra circunſtancia, de comparar com os Modernos, em tudo ſuperiores a *elles*.

Eſta blasfemia, Wolban, te encoleriza, e convenho que deve abater muito o teu amor proprio; mas ſuſpende a tua colera, e eſcuta hum inſtante as razões de teu indocil diſcipulo. Dize-me pois, que couſas taõ ſublimes, e taõ maravilhoſas obráraõ eſſes grandes heróes da litteratura Grega, eſſes Filoſofos do Lyceo, cuja ignorante admiraçaõ, e credulidade célebraõ com tanto comprazimento os uteis trabalhos, e os profundos conhecimentos? Aos elogios exceſſivos que ſe lhes prodiga; ás narrações muito mais exceſſivas, que a facil Antiguidade nos tranſmittio dos importantes ſerviços feitos á Sociedade por eſtes grandes genios, quem naõ creria que elles primeiros inſtruíraõ as Nações, e inventáraõ as Artes as mais uteis? Quem naõ crería que ás ſuas luzes, aos ſeus esforços, á extenſaõ, e ao ſucceſſo de ſuas indagações deveriaõ as Sociedades os deſ-

ſu-

cubrimentos os mais essênciaes para a sua felicidade, e a augusta verdade o desenvolvimento de seus mais santos oraculos?

Falla-se-nos todavia com admiraçaõ das viagens penosas, como tambem generosas, desses Homens célebres, e se acreditaõ cegamente todas as puerilidades amontoadas nas relações das jornadas que faziaõ, ou para se verem huns aos outros, ou para irem de hum pólo a outro espalhar a loucura de suas opiniões, e os erros de sua doutrina. Eh! como diz-se commummente, deixar-se-haõ de respeitar estes Homens virtuosos, estes bemfeitores de seus contemporaneos, que se sacrificáraõ ao desejo de se instruirem, e de illustrarem o Mundo: gostos, repouso, fortuna, gloria, tudo desprezáraõ, e só foraõ sensiveis aos attractivos da virtude, aos encantos do estudo. Que jornadas fizeraõ! Que trabalhos emprehendêraõ! Que perigos corrêraõ para a instrucçaõ pública, e o progresso da Filosofia! Viraõ-se alguns pizarem aos pés o Sceptro que os Deoses lhes haviaõ confiado, e descendo do Throno, onde o destino os collocára despirem-se do fasto das grandezas, apartarem-se da sua Patria, e irem indagar a sciencia, e a virtude por todas as partes, onde cuidavaõ achalla; aos confins da India, nas margens do Ganges, ou nas praias do Nilo.

Tu, Wolbau, deves reconhecer te nestas expressões; tu mas dictaste: eis-ahi como fallas destes genios superiores. Naõ te enfades pois, sou de teu parecer. Pertendes que esses grandes Homens foraõ dignos das maiores honras, eu confesso com sinceridade, que se o amor da sabedoria foi o objecto de suas observações, e o fim de seus trabalhos, merecem justamente o agradecimento,

e os elogios da poſteridade, e muito mais. Mas he bem verdade, meu amigo, que mereceſſem tanta veneraçaõ, e tanto enthuziaſmo? Porque em fim, reſponde-me; que vantagens tirou a Humanidade da ſua glorioſa exiſtencia? Andáraõ pelo Mundo, niſſo eſtou; mas que raros deſcubrimentos fizeraõ nas ſuas viagens? Qual foi o fructo de ſuas meditações, de ſeus eſcritos, e de ſuas jornadas?

Hum, do centro do Egypto, onde o levára o amor da virtude, *dizia elle*, vem opprimir a ſua Patria com Leis rigidas, ſanguinarias, tranſtornar o Eſtado, e dar aos ſeus Concidadãos a mais barbara legislaçaõ. O outro foi acabar de engrandecer a ſua ardente imaginaçaõ por entre as Nações Orientaes, e volta para Athenas a publicar ſeus ſonhos politicos, e deſcrever em *eſtilo* enganador o plano impraticavel de huma república aerea. Entregue aos ſeus impuros deſejos, ſobmergido na deſordem de huma aviltada devacidaõ, indecente no ſeu modo de viver, reprehenſivel nos ſeus coſtumes; hum terceiro torna de hum longo, e bem merecido deſterro, apparece no Pyreo, deſpreza as Leis, offende denodadamente a pudicicia, e uſurpa deſcaradamente o nome de Sabio, e verdadeiro Filóſofo.

E com tudo, Wolban, eſtes, ſaõ eſtes os máos Cidadãos, os Eſcritores perniciosos, que teus parciaes reputaõ como gloria da Filoſofia, o ornamento da Grecia, e os grandes Meſtres do Genero humano? Eis-ahi os prejuizos, e os falſos juizos da prevençaõ; eis-ahi os maravilhoſos elogios que ſe proſtituem com tanto goſto aos Cynicos deſpreziveis, quando apenas ſabe-ſe quaes foraõ mais uteis, o virtuoſo Criton, e o ſabio

Dio-

Diogeneto, e o util Beton, e Zenedosto, e Theodoto, e Polyctetes, e mil outros que naõ saõ conhecidos, porque foraõ modestos, e porque eraõ verdadeiramente amigos da Filosofia, souberaõ ser uteis, e sabios sem orgulho.

Envergonhar-te-hias, Wolban, de ignorar a mais pequena circunstancia da vida de Diogenes, o teu escandaloso Mestre; e talvez naõ conheces algum destes grandes Homens, que fizeraõ todavia os mais importantes serviços á Sociedade. Mas crês tu, fanatico admirador de Diogenes, de Democrito, de Plataõ, &c. crês tu pois que seja mais proveitoso saber, se a dor he hum mal em si mesma, se tudo o que existe he real, e sólido, se a virtude suprema consiste na apathia, e insensibilidade, &c. do que ensinar a seus semelhantes a natureza, e a fórma do Planeta que habitaõ? do que medir sómente, e mostrar depois ás Nações as distancias que as separaõ humas das outras, do que contar se he possivel, e fixar a infinidade das producções da Natureza em os diversos Climas? do que procurar, descubrir, e publicar os meios de estender o Commercio, &c.? Taes foraõ pois os generosos serviços que Beton, e Deogeneto fizeraõ ao seu Seculo; e taes foraõ tambem os dignos motivos dos trabalhos de Polyctito, de Zenodoxo, e do grande Theododoto. Debaixo dos auspicios de Alexandre, Deogeneto, e Beton ensaiáraõ os primeiros no medir a Terra, e pelas ordens de Cesar, Zenodoxo, e Polyclito foraõ além dos limites do Imperio Romano, para fixar igualmente a grandeza, e a figura do Globo sublunar, estudar, e desenhar a posiçaõ dos Continentes, das Ilhas, dos grandes rios, &c.

Verdade he que estes observadores naõ seguin-

guindo partido algum nas grandes diſputas, que deſconcordárað no ſeu tempo os ſabios da Grecia, e Roma, naõ ſe eſtranha que a multidaõ admire os Eſcritos deſtes, e que ignore inteiramente tanto os ſucceſſos, como os erros deſtes Homens uteis.

Foi com eſta ſublime ſagacidade, Wolban, que ajuntaſte as diverſas partes de teu abſurdo Syſtema ſobre a Poeſia, Dança, e Muſica. Foi com eſta rectidaõ de juizo, que attribuiſte a eſtas tres Artes hum poder ſupremo ſobre as Leis, e os coſtumes dos Antigos. He tambem com eſte eſpirito de prejuizo, que deves negar a Sakeſpear, a Corneille, a Milton, a Voltaire o titulo de Poetas, a Corelli, ao grande Rameau, &c. o titulo de Muſicos, e iſto porque noſſos Muſicos naõ ſaõ ao meſmo tempo Poetas; e porque eſtes, qué naõ ſaõ eſſencialmente Muſicos, naõ ſaõ tambem coſtumados a irem ás Praças públicas, ou aos Palacios dos Grandes cantar as ſuas Poeſias.

Reſpeito muito o teu zelo, e enthuſiaſmo para com os Antigos: mas, entre nós, que obrigaçaõ te deverá a Antiguidade, quando, para defender a ſua cauſa, tiveres adquirido a fama de loucúra que te fará paſſar pelo mais ridiculo, e o mais inſenſato dos Modernos? Penſa mais ajuizadamente, Wolban; ou, ſe naõ eſtá na tua maõ ter idéas mais sãs, guarda em ſilencio eſte tecido de vãos deſvarios. Sempre temo que participes as tuas abſurdas reflexões a qualquer outro: iſto me deſgoſtaría ſummamente; pois tu ſabes que a tua peſſoa me intereſſa muito.

SIR

SIR STEWERT A SIR WOLBAN

Falsas idéas de Wolban combatidas, e reguladas. Utilidade das Sciencias demonstrada. Parallelo dos Antigos, e dos Modernos.

De Weldsex, 20 de Junho 1762.

MUITO tarde vi, Sir, esta Carta, que Bedfort vos escreveo em hora de melancolia, e que já tinha partido quando me communicou as razões, ou mais depressa os sofismas de que se serve com taõ pouca habilidade para refutar vosso Systema contra a antiguidade da Agricultura, vossas opiniões sobre as Sciencias em geral, vossa fanatica predilecçaõ para com os Antigos, e o odio irreconciliavel, que tendes contra os Modernos, e principalmente contra os vossos contemporaneos. Confesso que as reflexões de Bedfort manifestaõ nelle mais zelo, que força, e seus discursos saõ mais favoraveis á causa que defende muito generosamente, mas com muita imprudencia emprehèndeo defender. Aguardar-me-hei muito bem de cumprir com esta empreza; contentar-me hei supprir, com algumas observações geraes, á fraqueza, e insufficiencia da Carta de Bedfort, que naõ terieis recebido, ao menos tal qual he, se julgasse conveniente consultar-me antes de a mandar. O engenhoso, e falso Systema do Doutor Brown sobre a antiga Musica, Dança, e Poesia, vos pareceo judicioso, agradavel, e satisfatorio; e dando idéas novas ás opiniões deste Author, acreditastes o seu Systema muito proprio para denigrir a Agricultura, ou por melhor dizer para es-

eſcandalizar Bedfort. Succedeo-vos melhor do que eſperaveis, e ſem ſuſpcitar couſa alguma contra voſſas intençóes, o credulo Bedfort tomou ſériamente como offenſa feita á ſua cára Agricultura os voſſos ſofiſmas, e chocarriſſes. Divertio-me muito o voſſo brinco, e goſtei de gozar da colera de Bedfort ao ler as voſſas profundas Diſſertaçõҽs ácerca da preeminencia, que tem a Muſica, Dança, e Poeſia ſobre a Arte de cultivar a terra. Mas o que naõ me divertio, Sir Wolban, foi vêr que vós nunca gracejais quando ſe trata do parallelo dos Anrigos, e Modernos; foi vêr que ſinceramente enthuſiaſmado admirais com reſpeito os primeiros, até ao ponto dos idolatrar, aborreceis com odio irreconciliavel os Modernos até ao ponto de os deſprezar. Ora, parece-me que naõ he iſto gracejar; mas ſim inſultar, denigrir; e deſgraçadamente ſó fundais no voſſo proprio juizo voſſa admiraçaõ para com huns, e voſſas injurias, e invectivas contra os outros. Parece-me todavia que em materias taõ ſérias, e importantes, os diſcurſos, e as próvas ſeríaõ muito neceſſarias. Em fim, que ſe ha de reſponder a hum Homem que naõ penſa, nem diſcorre, que naõ diſcute huma opiniaõ, e que ſe contenta com decidir? Permitti pois que neſte particular eu defira a reſpoſta até dardes maior extenſaõ, e conſiſtencia a voſſo parecer. Permitti que eu portando-me igualmente favoravel para com os Antigos, e Modernos, obſerve huma inteira indifferença a reſpeito de ambos os partidos. Em quanto ao voſſo modo de penſar ácerca das Sciencias, e Artes; permitti que vo-lo diga, Sir Wolban, parecia-me muito mais injurioſo para vós meſmo, do que para as Sciencias, ſe pudeſſe

ſug-

suppôr-vos realmente persuadido da rectidaõ, e verdade de huma parte só das accusações que fizestes contra ellas. Finalmente esta injustiça, e falsa opiniaõ naõ he nada menos que nova, e naõ ignorais, que além de ser frequentissimamente repetida, ainda naõ surtio bom effeito a nenhum dos detractadores, que imagináraõ publicalla, ou por misanthropia, ou á imitaçaõ do antigo Erostrato, para fazerem que delles se falle; assim se assemelháraõ elles ás suas accusações, como pelas razões sobre que as apoiáraõ. Como elles, meu querido Wolban, pertendeis que as Sciencias sejaõ nocivas, crueis, malfazejas, porque de tempos a tempos tem apparecido huns perversos, que as fizeraõ servir ao successo de seus attentados. Com o mesmo modo de discorrer, vos era igualmente facil provar que naõ existe cousa alguma na terra, que naõ seja muito nociva, porque nada ha de que a perversidade humana naõ se sirva, sendo taõ constante uso de abusar. Querereis pois tambem que se amontoassem as minas, porque fornecem a relha do arado, que serve ao Lavrador, e o punhal homicida, taõ tremendo, e taõ cruel nas mãos do assassino? Em vez de numerar os beneficios que as Sciencias derramáraõ pela Sociedade, porque com singular estavagancia só reparais no uso perfido, que dellas fizeraõ alguns malvados? Que tive a imprudencia de ficar exposto ao ardor do Meio-Dia, e porque os raios do Sol accendêraõ em meu corpo huma febre ardente que pouco faltou naõ me occasionasse a morte, direi que o calor vivificante do Sol he a dadiva a mais funesta, que o Ceo fez á Terra!

Porque pois o abuso que alguns máos Cidadãos

dadãos fizeraõ, ou pódem ainda fazer das Sciencias, me tornaria assáz injusto para pensar que saõ mais nocivas, qne uteis á Sociedade? Porque lhes attribuiria eu os vicios, e os crimes de alguns Sabios corruptos, que sem elles talvez se abandonassem aos mais nefandos excessos.

Temos, Sir, muitas cousas que arguir aos conhecimentos humanos, ha, no meu parecer, muito desmazelo, injustiça, e má fé, quando se lhes imputaõ crimes, e desgraças, que he evidentemente impossivel podessem causar, ou quando se lhes attribuem faltas, que he ainda mais impossivel o terem-nas feito.

As Sciencias, diz-se, devem tornar o Homem feliz, e todavia que vantagem até ao presente lhe procuráraõ? Desde que os Sabios andaõ penosamente, e muito arriscadamente pelas veredas da verdade, ha entre elles algum que chegasse finalmente a descubrilla? E se ha alguns que a enxergassem, viraõ-na assáz distinctamente para mostralla aos Homens? Deve-se tornar a culpa ás Sciencias, ou áquelles que as cultivaõ, se a pezar de tantos principios, Systemas, diligencias, observações, experiencias, naõ somos nem mais felices, nem mais sabios do que o foi o nosso primeiro Pai, antes deste oraculo embusteiro, e célebre: *Vós sereis semelhantes aos Deoses*? He pois mais que certo, que contra a esperança dos Escritores, e Filosofos antigos, e modernos a somma dos erros cresceo á proporçaõ dos esforços, que se fizeraõ para penetrar até a origem de qualquer certeza.

Mas porque nos lisonjariamos de achar mais facilmente a verdade do que a felicidade; esta felicidade que de contínuo procuramos, que per-

pe-

petuamente desejamos., de que naõ sabemos gozar, que naõ conhecemos, e que foge das nossas mãos no mesmo instante em que cuidamos possuilla? Ora, a verdade sendo para os Filosofos o que a felicidade he para nós, he de admirar que sempre se desviem nas suas vãs diligencias, que sempre vejaõ agitarem-se, retrocederem, arriscarem-se, aventurarem-se, affadigarem-se ainda, sem nunca alcançarem o fim que se proppem, e lisonjearem-se com tudo de a terem alcançado.

Este seculo taõ gabado pelos Sabios que o illustraõ, este seculo taõ célebre pela Filosofia, que vantagem leva aos seculos passados? Está certamente mais illuminado, por mais preferencia que deis aos bellos seculos de Athenas, e Roma. Está mais illuminado? He grande questaõ, e sobre a qual naõ nos tóca, nem a vós, nem a mim decidir: daqui a quatro, ou sinco annos decidir-se-ha. Mas como os nossos predecessores tiveraõ a mesma opiniaõ do seculo em que vivêraõ, he para temer que a posteridade naõ avalie o nosso seculo, do mesmo modo que avaliamos os tempos de Carlos-Magno, de Guillerme o Conquistador, &c.

Sou todavia de parecer que quando com o andar do tempo viermos a ser Antigos respeitaveis, os que quereráõ provar que o Seculo XVIII. tem sido mais illuminado que nenhum dos que lhe precedêraõ, só daráõ em prova aquelles dos nossos Sabios, que fazem para si hoje em dia taõ estranha reputaçaõ pelos seus descubrimentos, e aquelles nossos Filosofos, que instruem o Universo, e que derramaõ sobre a terra tantas verdades uteis.

Entaõ restará só a difficuldade de achar estas

pró-

próvas, e moſtrar os deſcubrimentos de que a Sociedade póde ſer devedora aos noſſos Sabios. Com meu pezar, e vergonha confeſſo que ſería muito difficultoſo encontrar alguma deſtas verdades novas, e ainda menos ſegurar que haja ſobre a terra algum deſcubrimento recente. Todos os dias ſe públíca huma prodigioſa quantidade de Tratados de maravilhoſas producções ſobre todas as partes da Fyſica, Filoſofia, Geometria, &c. Todos os noſſos Eſcritores aſpiraõ ſem attenderem aos ſeus talentos, á gloria de inventarem Syſtemas; mas por deſgraça, naõ exiſte algum deſtes novos Syſtemas que naõ ſe achem debaixo de algumas differentes denominações nas obras de noſſos Predeceſſores, que tambem os haviaõ induſtrioſamente extrahido dos Eſcritos dos Antigos.

Ha, por exemplo, quaſi trinta annos que ſó ſe falla em Fyſica, do deſcubrimento da Electricidade; e he neceſſario declarar que naõ depende dos que explicaõ, ou que crem explicar os effeitos deſta cauſa incognita, que naõ ſe conſiderem como os inventores da exiſtencia, e das propriedades da materia Electrica. Mover-nos-hia a acreditallos, ſe por ſua deſgraça, ſe podeſſe ignorar que Thalés profundou eſta meſma queſtaõ ha quaſi vinte ſeculos, e ſenaõ ſe ſoubeſſe que ſua opiniaõ era que a Electricidade he o principio univerſal, a cauſa geral da maior parte dos Fenomenos, e de huma infinidade de effeitos que ſe naõ pódem explicar, nem entender, ſó ſuppondo huma materia Electrica. Por eſta fórma outros Fyſicos, tambem grandes inventores, fizeraõ penoſos esforços, enſaiáraõ muitas experiencias, e ſe esgotáraõ em argumentos para provar que o ar he pezado, naõ ſe lembrando que Ariſtoteles

pro-

provou tambem, ha dous mil annos, o pezo do ar.

Folheai todas as Obras que inundaõ o público desde o principio deste seculo, e vereis que ácerca de todas as Sciencias, e de todas as partes da litteratura succede quasi o mesmo que na Fysica. Em geral hoje se ambiciona muito passar praça de Sabio, ainda que no interior, pouco lhes importa o progresso das Artes. Ora, como naõ he necessario possuir muito talento para apoderar-se dos pensamentos alheios, e que toda a Arte consiste em mascarar seus furtos, de modo que se avalie como legitimo, e verdadeiro possuidor delles, ha muito mais propensaõ de reproduzir Systemas esquecidos, do que inventar outros novos.

Alguns Sabios modernos estaõ ainda no uso, uso, no meu parecer, pouco generoso, de ferir, como se diz, o seio de sua ama, venho a dizer, de desprezar inteiramente estes mesmos Escritores, que vem de despir: maltrataõ-os, e os cobrem, tanto quanto se póde, de ridiculo para tirarem aos que poderiaõ convencer-se da enormidade do furto, toda a vontade de lerem Escritos, onde seguraõ naõ se descobriráõ senaõ absurdos.

Se o successo, por maior que seja, podesse justificar hum methodo taõ reprehensivel, convenho que este procedimento faria aos que o praticaõ dignos dos applausos que lhes prodigalizaõ; mas em fim mostra tanta presumpçaõ, e tanta ingratidaõ, que as almas honestas naõ poderiaõ aborrecella como merece. Algumas pessoas cordatas, e muito zelosas das Sciencias, mas ainda mais interessadas pela gloria da douta Antiguidade,

de, pertendem que este criminoso uso foi desconhecido dos Antigos, muito instruidos, e muito ciosos da sua reputaçaõ para se servirem do odioso meio do plagiarismo: diz-se, pensavaõ para com elles mesmos; publicavaõ o que tinhaõ pensado, e sobmettiaõ com modestia as suas Obras ao juizo dos verdadeiros Sabios. Tal foi, accrescenta-se, o espirito de integridade que animou Thales, Anaxagoras, Theofrasto, Plataõ, Euclides, &c. talentos creadores, que desde a aurora dos conhecimentos humanos, leváraõ as Sciencias a este alto gráo de gloria, e perfeiçaõ, que depois naõ tornáraõ a alcançar.

Por mais excessivos, Sir, e por mais fanaticos que vos pareçaõ estes elogios, assim he que fallais, e assim he que se explica, sem dúvida para vossa grande satisfaçaõ, o enthusiasmo dos nossos admiradores da sábia Antiguidade. Tal foi quasi nos fins do ultimo Seculo a veneraçaõ do grande Martinho Scriblero para a recordaçaõ dos Authores da Grecia, e de Roma. Sinto me como vós, penetrado de respeito por estes talentos immortaes; mas como vós, e muitos outros, naõ poderia conciliar esta brilhante apologia com as suspeitas violentas, que me fornecem alguns factos, que desgraçadamente saõ mais que provados, e que naõ me permittem conceder aos Antigos vantagem alguma aos Modernos. Concedemos a estes naõ terem outro talento, que o de extrahir com industria dos Escritos os menos conhecidos da Antiguidade os Systemas, que publicaõ: mas estes canaes que derivaõ com tanta arte, naõ saõ mais que regatos, que os Antigos cuidáraõ tambem de desviarem. E quem sabe quantos Seculos antes de Horodoto, e Plataõ,

se-

sería preciso recorrer para descubrir as suas verdadeiras origens?

Vou explicar-me, Sir, de hum modo mais intelligente. Os Sabios de nossos dias naõ fazem precisamente o mesmo que na antiguidade os Sabios, e os Litteratos costumavaõ fazer. Porque he mais que provado, que se apropriavaõ tambem os descubrimentos, e os pensamentos de seus Predecessores; Obras que mascaravaõ com tal arte, que além de estarem já esquecidas de muito tempo, tinhaõ todo o merecimento, e toda a fresquidaõ da novidade.

Consideramos Homero como o maior Poeta, e temos razaõ; naõ conhecemos outro que se fizesse mais célebre: mas Homero teve Mestres; Homero teve Modelos, e das suas Obras tirou a maior parte das bellezas que admiramos na *Iliada*, *e Odissea*. Folheai Pausanias, e Filostrato, e achareis, Sir, nos fragmentos que estes Authores nos transmittíraõ do Poeta Pamfo versos inteiros, que admirais na Iliada. Este Pamfo, que era o discipulo, e o amigo de Lino, foi a respeito de Homero, o que os Antigos saõ relativamente a nós, e forneceo ao sublime Cantor de Achilles pensamentos sublimes, imagens admiraveis; como o divino Plataõ, Anaximenes, Theocrito, Herodoto, &c. fornecêraõ a nossos Litteratos as passagens, que mais se admiraõ nas producções modernas. O Poeta Pamfo se tinha enriquecido a seu torno dos despojos dos que o tinhaõ precedido, de sórte, que de furto em furto, poderiamos, por pouco que fossem conhecidos os Authores plagiarios, ir buscar a origem dos mais bellos versos da Iliada ha dous, ou tres mil annos, além da existencia de Homero.

Assim foi que Pythagoras, Anaxagoras, Anaximenes, &c. foraõ a admiraçaõ de seu seculo pela belleza, regularidade, e principalmente pela novidade de seus systemas. Mas foraõ effectivamente estes grandes Filosofos os Authores dos descubrimentos, e os inventores dos systemas que espalháraõ pela Grecia? Naõ certissimamente: porque ninguem ignora que Anaximenes, Pythagoras, Anaxagoras, &c. tinhaõ ajuntado as diversas partes delles nas Indias, debaixo da disciplina dos Gymnosofistas, que naõ faziaõ mais que repetir os principios, os systemas, e as opiniões de Dandanyz, de Caleno, &c. Filosofos profundos, mas que possuiaõ toda a sua Filosofia dos primeiros Gymnosofistas, a quem tinhaõ sido transmittidas de geraçaõ em geraçaõ as lições, os systemas, e as opiniões de Brakma, ou Brama.

Na Grecia, Sir Wolban, se praticou exactamente o mesmo a respeito de todas as Sciencias, e de todas as partes da Litteratura. Daqui venho a concluir que os Modernos sendo os copistas dos Antigos, e estes dos Sabios anteriores, os Authores sempre se assemelhaõ, e que naõ ha apparencia alguma de justiça para arguir aos nossos contemporaneos huma destreza que constantemente se tem observado no Imperio litterario. Daqui concluirei ainda que, por mais evidentemente que seja provada esta successaõ de plagiarios, naõ he menos verdade que devemos a maior obrigaçaõ aos Modernos, quando de tempos em tempos reproduzem retalhos de Sciencia, ou litteratura que, sem elles, ficariaõ esquecidos.

Eis-ahi, Sir, o que em lugar de Bedfort, teria pouco mais, ou menos respondido ás vossas cartas. Mas, muito me engano ou huma semelhan-

lhante resposta naõ teria sido de vosso agrado. Ter-vos hia desagradado, Sir Wolban, e talvez teria sido a causa de huma disputa eterna entre ambos. Mas, como disputar comigo, que sou, como Sofio, amigo de todo o Mundo, Homem de todos os partidos, admirador dos Antigos que nos conserváraõ os descubrimentos, e as opiniões de seus Predecessores, e admirador dos Modernos, que se afformoseaõ a seu torno com estes ornatos emprestados com que os Antigos se adornáraõ com tanta vantagem?

SIR BEDFORD A SIR WOLBAN.

Continuaçaõ da refutaçaõ do Systema de Sir Wolban. Falsas Noções que alguns Filosofos julgáraõ conveniente darem da vida, costumes dos Salvagens. Razaõ porque este seculo se deve preferir aos seculos passados.

De Weldsex, 22 de Junho 1762.

QUE me importaõ, Wolban, estes Antigos que nunca li, e estes Modernos cuja existencia, e obras ignoro? Que me importa que antigamente, se tuas indagações saõ exactas, os Homens tivessem a baixa fraqueza de se deixarem levar por loucos enthusiasmados da Poesia, Dança, e Musica; por Legisladores tanto mais ridiculos, e incapazes de governarem os Póvos, que seus raros talentos consistiaõ em se explicarem por metafora, e alegoria, em darem á verdade os exteriores fraudulentos da mentira, em carregarem demasiadamente de ornatos superfluos as ideas as mais simplices, em huma palavra, em fazerem

versos, cantarem-nos, e desacreditarem a dignidade de suas funcções pela loucura da Dança? Que me importa que entaõ os costumes, os usos, a felicidade pública, em huma palavra, tudo, até a virtude, dependesse, como tu o pertendes, das fantasticas vontades dos Poetas, Dançarinos, e Musicos? A quem confias tuas visões; e que motivo te obriga a quereres absolutamente que approve teu delirio, tuas idéas desiguaes, e este cáhos de imagens monstruosas que produz a effervescencia de tua imaginaçaõ?

Naõ desgosto com tudo de ouvir a narraçaõ de teus delirios, e os esforços que fazes para dar alguma consistencia, e ar de Systema a este encadeamento de vagas conjecturas, agradar-me-hiaõ sem me allucinarem, se tuas calúmnias, Wolban, e teus vituperios contra a magestade da Agricultura naõ me azedassem vivamente contra ti. Ingrato tu naõ temeste dar a humas Artes, que naõ saõ mais que agradaveis, a preferencia á que só merece o nome de Arte, e pela qual existem todas as demais.

Tu me fallas sempre da felicidade dos Homens salvagens, e tu es, Wolban, bem digno desta felicidade: tu os amas; tu naõ pódes deixallos; tu perpetuamente fallas delles; e he místter confessar que saõ para teu Systema de maravilhoso soccorro. Mas que próva o exemplo das Nações salvagens? Naõ he isto precisamente, porque os salvagens naõ tem nem talentos, nem industria, nem conhecimento, porque saõ muito ignorantes, que o Canto, e a Dança que cultivaõ por instincto, saõ Artes inuteis, barbaras, analogas á estupidez de seu caracter, e á extrema grosseiria de seus costumes.

Naõ

Naõ devias pois citar os salvagens. Era preciso provar que existe, ou sómente que póde existir huma Naçaõ polida, e feliz sem Agricultura, hum Povo que antes de conhecer, e amar as Artes, antes de ter produzido Musicos, Dançarinos, Poetas, naõ se tivesse dado á Agricultura. Mas, aonde hirias tirar taes authoridades? A Historia, que todavia carregou de mais seus fastos com tantos erros, tantas fabulas, tantas falsidades, naõ chegou ainda até ao ponto de fazer, que outros conhecimentos precedessem á Agricultura; esta honra estava reservada para ti. Confessa-o, Wolban, na intençaõ que tinhas de aviltar os Modernos: esta fantastica opiniaõ te era necessaria, ainda que só fosse para teres occasiaõ de informar os teus contemporaneos. A Agricultura muito tempo desprezada, recóbra por toda a parte o seu antigo vigor; a Arte de cultivar a terra está em fim reputada como a mais util, e a primeira das Artes; se este gosto geral honra o nosso Seculo, he natural, que inimigo arrebatado de teu Seculo, te levantes, te desenfrees contra este mesmo gosto, que o distingue, e o caracteriza.

Com tudo por mais que faças, sem respeito ás tuas vãs idéas a recta Posteridade nos preferirá a estes Gregos, e Romanos, objecto da tua veneraçaõ. Eraõ, dizes tu, mais sábios, eraõ muito mais cordatos, pois faziaõ versos, cantavaõ, dançavaõ. Eh, Wolban, a quem darás a preferencia, a superioridade? Eraõ mais felices que nós os Gregos, e Romanos? Conheciaõ o verdadeiro principio da felicidade; em huma palavra, eraõ cultivadores? Ora, eis-aqui, por mais que tu digas, a origem unica, e real da felicidade das Nações.

Se

Se invejosos da nossa gloria os nossos vindouros perguntaõ, com que titulo démos ao nosso Seculo o bello nome de filosofico; responder-lhes-hei anticipadamente, que segurissimamente naõ foi sobre esta enorme multidaõ de Escritos, e de declamações sobre as virtudes, e vicios, nem sobre esta epidemia, que se communicou mais rápidamente que hum incendio aos nossos Litteratos, sobre esta estranha mania, que todos tem de definirem com enthusiasmo até ás partes mais importantes das virtudes sociaes, e de fallarem com a maior languidez dos nossos mais sagrados deveres, de estenderem a todos os Homens os nós da fraternidade, e de affrouxarem os vinculos civeis, e naturaes, que deveriaõ reunir entre elles os membros de huma mesma Familia, de huma mesma Sociedade; de lamentar continuamente as doçuras, e vantagens da antiga liberdade, de invocarem perpetuamente os direitos imprescriptiveis dos Homens para a independencia, para causarem odio em vez de inspirar amor ás Leis, á concordia, á sobordinaçaõ. Responder-lhes-hei ainda que verosimilmente naõ foi tambem sobre esta multidaõ de Systemas tirados dos Antigos, e apresentados como novamente inventados. He pois verdade, Wolban, que vistas estas diversas considerações, naõ somos mais que os imitadores dos Povos da Antiguidade, e que naõ lhe levamos superioridade alguma. Mas o que deve segurar a nosso Seculo o nome de filosofico, saõ, a meu parecer estes Escritos novos, estas Obras uteis, publicadas por Homens mais zelosos, e mil vezes mais respeitaveis que os Sabios de que se jacta a Grecia, por genjos bem-fazejos, que sem pompa, sem fasto, sem outra ambiçaõ mais que

a de

a de ferem uteis, trabalhaõ para a inſtrucçaõ do Povo, das Artes, dos Lavradores, dos Officiaes, os mais eſtimaveis ſem dúvida de todas as ordens dos Cidadãos, e os mais neceſſarios em qualquer governo. Os Monumentos que faráõ para ſempre a gloria da noſſa idade, ſaõ, por mais que ſe penſe, eſtas precioſas Obras que contém excellentes lições para os Lavradores, e importantes aviſos para os donos das fazendas; ſaõ eſtas felices producções dictadas pelo mais ſanto, pelo mais auguſto, pelo mais ſublime dos ſentimentos que a Filoſofia, e o amor da humanidade pódem inſpirar ás almas virtuoſas.

Tu, Wolban, finges ignorar tudo iſto, mas tu o ſabes; o goſto da Agricultura attrahe pouco a pouco todos os Póvos da Europa. Viſta a innumeravel quantidade de volumes, que ſe publicaõ ha quaſi vinte annos, ácerca da Arte de fecundar a terra, dir-ſe-hia que a França, a Inglaterra, a Italia, a Alemanha, &c. ſaõ unicamente habitadas por cultivadores. Queira Deos dure eſta revoluçaõ! Queira Deos conſervem eternamente noſſos vindouros eſte goſto, e lhe ſacrifiquem, ſe preciſo for, todos os demais conhecimentos humanos! Sim, Wolban, a pezar de teus languidos Epigrammas, o amor da Agricultura, e naõ tua Poeſia, tua Muſica, e tua Dança, póde reconduzir os Homens de muito tempo deſviados á antiga ſimplicidade dos coſtumes, á eſta natural bondade taõ reſpeitavel, que antigamentè lhes perſuadia, que eraõ todos unidos pelos vinculos da fraternidade. Zomba pois, Wolban, alegra-te de meu enthuſiaſmo, ridiculiza-o, e até continúa, ſe o julgas conveniente, a deſapreciar os Lavradores, a aviltar a Agricultura, que

pre-

prefiro incomparavelmente a teus Romanos, a teus Poetas, a teus Musicos, a teus Dançarinos, e muito mais ainda a este vaõ, e vasto apparato de tua erudiçaõ.

SIR WOLBAN A SIR STEWERT.

Do mais prudente partido que qualquer Homem cordato póde tomar entre os Antigos, e Modernos. A razaõ que faz se dê a preferencia aos Antigos, he precisamente a que segura aos nossos contemporaneos a estimaçaõ, o respeito, e a veneraçaõ de nossos vindouros.

Pariz, 3 de Julho 1762.

QUE tempo, Sir Baroneto, que tempo vós, e Bedfort escolheis para empenhar-me nas dilações de huma contenda, que naõ póde ser, quaesquer que sejaõ as consequencias, nem gloriosa para vós ambos, nem muito recreativa para mim? Cuidava naõ ter que combater mais a teima de Bedfort; mas, convencido de sua fraqueza, tomo o prudente partido de vos communicar as minhas Cartas; e, como he muito entremettido, naõ podestes recusar-vos ás instancias, que vos fez de defender huma causa, que em qualquer outra circunstancia vos pareceria indefensivel. Eu vos reconheço, Sir, neste final de generosidade; vós vos comprazeis em servir a vossos amigos, e vosso affecto para com elles he taõ desinteressado, que naõ duvidais sacrificar-vos ao prazer de os obrigar com bons officios. He desgraça, que vosso zelo se empregue taõ inutilmente nesta occasiaõ: porque em fim, vós, que ve-

vedes o quanto he falsa a opiniaõ de Bedfort, vós, que conheceis como eu todo o absurdo de seus argumentos, que tendes que esperar, pondo-vos da sua parte? Se estais resolvido a entrar sériamente em peleja contra mim, ou por melhor dizer contra a verdade, cuja evidencia até ao presente tenho provado; compadeço me de vós, Sir Baroneto; mas permitti-me que me compadeça ainda de mim mesmo. O successo do combate naõ he nada menos que incerto; vencer-vos hei, sem dúvida, já que me obrigais a isso; mas qual será o premio da victoria? Qual será a pena do vencido? Mercurio teve ao menos a vantagem de quebrar a audaciosa lyra de Marsias, e de o esfolar, o que verosimilmente foi para o Deos da harmonia hum prazer muito delicioso: mas depois de vos ter derribado a ambos, que terei que esperar? O desgosto de ter colhido, em vez de louro, huma abundante colheita de enfado, e tristeza.

Isto bem ponderado, Sir Baroneto, pensamos quasi sem differença, e se alguma ha entre as nossas opiniões, he taõ fraca, taõ leve, que naõ vale a pena de fazermos hum assumpto de disputa. A vossa paixaõ para com os Modernos he assáz moderada; e do modo com que os defendeis, naõ vos supponho muito inclinado a patrocinar o interesse de sua causa, por pouco que consentisse da minha parte em sacrificar-vos a gloria dos Antigos. Assinaría voluntariamente as condições deste Tratado, se a contestaçaõ fosse só entre vós e mim: de boamente conviría que vossas suspeitas saõ bem fundadas, e que o tempo o mais brilhante da douta antiguidade me parece nem mais illuminado, nem mais sabio, que

o Se-

o Seculo em que vivemos? mas huma femelhante confiſſaõ paſſaría por huma inſolencia, desfeita, convicçaõ aos olhos do orgulhoſo Bedfort; naõ deixaria de crer que ſou derrotado, e Deos ſabe com que arrogancia triunfaria de ſeu Meſtre eſte indocil diſcipulo! Vaõ, e preſumpçoſo como nós o conhecemos, sería muito orgulhoſo, e arrogante, e ſua cabeça aſſáz já desfallecida, naõ reſiſtiria ao goſto de humilhar-me publicando a minha desfeita, que nunca ſupporia devella ſó á minha complacencia.

Prefiro pois, Sir, a huma paz vergonhoſa a oppreſſiva fadiga do combate que me propuzeſtes: tremo anticipadamente da immenſa obrigaçaõ que inſta o meu deſempenho; mas tremei a voſſo torno, vós que me provocais! Tremei a viſta do plano de minha defeza.

Deixo-vos, Sir, tanto Antigos, como Modernos; convenho comvoſco, e quaſi julgo como vós, que tanto huns, como outros apenas tiveraõ fracos direitos ao genio, e principalmente ao rariſſimo talento da invençaõ que a Natureza lhes negou igualmente. Convenho que ſó ſomos écos, e ſervís copiſtas dos Antigos. Confeſſo tambem que os Antigos ſe copiavaõ huns aos outros, e que nenhum delles, ao menos de todos aquelles, cujos Eſcritos conhecemos, naõ inventou. Mas defendo que os Antigos tiveraõ a habilidade de ſe aproveitarem das luzes de ſeus Predeceſſores, de eſtenderem os progreſſos dos conhecimentos humanos; e que niſto, como em muitas outras couſas, naõ ſomos nem ſeus émulos, nem ſeus imitadores.

Aſſim, todo o meu Syſtema ſe reduz a huma propoſiçaõ ſimpliciſſima, e ſe parecer a hum

P

paradoxo insultador, naõ deixa de ser verdade facilima de provar. Ora, eis-ahi o meu principio. Ha quasi tres mil annos, a Naçaõ litteraria he hum Povo corsario, cujos membros só se occupaõ em infamias, e roubos reciprocos. Desde que esta pirataria se introduzio na Anarquia litteraria, que com tanta falsidade se arroga do nome de Republica, quasi que naõ appareceo Escritor algum verdadeiramente original; e a profunda escuridaõ dos tempos sepultou provavelmente na espessura dos seus véos os nomes, e Escritos dos verdadeiros Authores; quero dizer dos que só tiveraõ a gloria de pensarem, e escreverem Obras novas. Todo o resto do Povo litterato que lhes succedeo, e que nos succederáõ até ao cabo dos tempos, naõ formou, como naõ poderá formar para o futuro, senaõ hum enorme montaõ de copistas, de frouxos imitadores, cujas numerosas producções só poderaõ servir de materiaes áquelle que emprehendesse escrever algum dia a Historia do plagiarismo.

Examinemos, Sir Baroneto, examinemos logo onde consiste o plagiarismo; e veremos depois se com effeito ha algum Author, ou Antigo, ou Moderno, que por mui legitimos titulos naõ mereça ser accusado deste crime, veremos no mesmo tempo se póde haver na terra algum Povo, exceptuando as Nações salvagens, que naõ seja evidentemente plagiario. Finalmente, naõ me estorveis; as minhas cartas seraõ talvez longas, até penso que seraõ multiplicadas, porque o plagiarismo naõ se limita sómente nas Obras de espirito, estende-se até aos vestidos, usos, vicios, caracteres nacionaes, Leis, costumes, em huma palavra a tudo. He hum fermento universal, que

vi-

vivifica tudo, que faz pensar, obrar, escrever e mandar, obedecer; elle nos dá a policia, illumina, industría, e faz sabios; e sem elle seriamos ignorantes, estúpidos, barbaros. Em huma palavra, o plagiarismo he a máquina, e principio conservador das Letras, das Artes, da Filosofia, da Moral, das virtudes sociaes, da felicidade geral, e particular. Elle he que forma, instrue, inspira, e recompensa os Homens de Letras, os Artistas, os Sabios, os Legisladores, os Soberanos, os Póvos, os Heróes, os cultivadores.

Mas que cousa he este poderoso plagiarismo que rege tudo, graças a insufficiencia da razaõ humana? Qual he a sua natureza? Em que consiste? e com que sinaes se póde reconhecer?

Saõ modernas, ou antigas estas questões? Naõ sei, se saõ antigas, da propria cousa tirarei a minha resposta: porque, sem o saber, serei plagiario, se outros antes de mim escrevêraõ o que eu só cuido ter pensado.

O plagiato, ou o plagiarismo existia ha muitos seculos, sem ter recebido denominaçaõ alguma; e estes entaõ sómente eraõ reputados como ladrões litterarios que descaradamente publicavaõ com o seu nome as Obras alheias. Nos nossos dias este genero de furto he quasi sem exemplo; e ainda que os Modernos tirem as suas producções dos Escritos Antigos, ou de seus contemporaneos, tem ao menos a habilidade de mascararem as Obras que se apropriáraõ, e de lhes darem pelo meio do estilo, e de algumas mudanças, hum tal ar de novidade, que os Authores originaes teriaõ muito trabalho em provar que estas producções furtadas fossem suas.

Entre os Romanos, observa Bayle, hum dos

mais

mais ſabios, e mais déſtros plagiarios do principio deſte Seculo, chamava-ſe plagiario o que comprava, vendia, ou detinha como eſcrava huma peſſoa livre; e a Lei *Flavia* impunha a eſte crime o caſtigo do açoute. Hoje temos razaõ de accuſar de plagiariſmo os que detem de alguma fórte os penſamentos, e producções alheiás, como captivas: mas, no meu parecer, naõ temos razaõ alguma de naõ uſar contra os plagiarios de todo o rigor da Lei *Flavia*. He verdade que ha taõ poucos Authores iſentos do plagiariſmo, que a pena do açoute viria a ſer frequentiſſima no Imperio litterario; e além diſſo, qual ſeria o litterato que, naõ ſendo elle meſmo no caſo da diſpoſiçaõ deſta Lei, pronunciaſſe contra os outros?

Que couſa he effectivamente hum plagiario? He aquelle que eſcreve o que outros eſcrevêraõ, ou ſervindo-ſe das meſmas expreſsões, ou encubrindo com mais induſtria ſeu furto ſe exprime por meio de outras. Ora, qual ſerá o Author que neſte particular naõ ſe achaſſe mais, ou menos culpado? Aſſim diſtinguir-ſe-haõ muitas eſpecies de plagiariſmo, e diverſas claſſes de plagiarios, ou mais depreſſa, conſiderando como Authores eſtimados a multidaõ quaſi innumeravel de imitadores, que todavia ſaõ taõ corſarios como os copiſtas; deo-ſe o nome de plagiarios ſó aos que naſcidos ſem talento, ſem genio, e querendo forçoſamente paſſar por Authores, copiaõ ſervilmente, naõ ſó algumas expreſsões, algumas frazes, ou alguns periodos, mas paginas, folhas, diſcurſos, e Livros inteiros. Ora, eſta infamatoria manobra he muito commum, e antiquiſſima na República das Letras. Eſte vil methodo teve va-

rias vezes bom exito. Ephoro, por exemplo, Orador, e Historiador Grego, grangeou por este deshonroso meio huma reputaçaõ que durou, e fez que os seus Concidadãos o respeitassem, até que outros Escritores mais conhecidos, os quaes tambem quiz pôr em contribuiçaõ, o tivessem publicamente accusado, e convencido de ter transcrito nas suas Obras mais de tres mil regras de diversos Authores, palavra por palavra.

Naõ me admiro, Sir Baroneto, que este meio facilimo de fazer volumes se nos transmittisse: naõ me admiro menos de vêr principalmente os Moralistas apressadissimos em adoptallo: porque, como este ramo de litteratura, muito estéril, se limita sempre a certo número de assumptos, e estes assumptos em hum circulo muito estreito de principios, e maximas, naõ he possivel que os Authores desta classe naõ se copeem, e naõ façaõ continuamente furtos reciprocos. Os mais industriosos saõ aquelles que se apropriaõ os Escritos dos Antigos, e que, orgulhosos com o successo da sua pirataria, naõ deixaõ de vituperar com altivez, e de desprezar todo aquelle que prefere aos Escritos da Antiguidade, os furtos mais faceis, mas tambem mais deshonrosos que fazem aos Modernos.

La Mothe-le Vayer, que disse excellentes cousas, escritas ha muito tempo, e se enriqueceo dos thesouros de Athenas, e Roma, grita altamente contra o plagiarismo, de que se crê muito desviado. *Tomar dos Antigos, e aproveitar-se do que escrevêraõ, he como piratear além da linha: mas furtar aos de seu Seculo, apropriando-se os seus pensamentos, e as suas producções, he exactamente tosquiar nas esquinas das ruas, tirar os capotes nas Praças públicas.*

Mas,

Mas, sem escandalizar o austero la Mothe, que importa que se tosquie nas esquinas das ruas, ou que se furte nos matos? Naõ he sempre roubar? He bem verdade que *naõ tirava os capotes nas Praças públicas*; em quanto a isso era muito honrado, e tería sido reconhecido muito facilmente, mas despia os Antigos, cujos vestidos se achaõ nas suas obras. Ora, que fizesse seus roubos nas Praças públicas, ou no Lyceo, nas Obras escritas em Francez, ou nos velhos alfarrabios escritos em caracteres Gregos, era menos injusta, e menos reprehensivel a acçaõ? O naõ roubar seus visinhos he sem dúvida obrar bem; mas he sempre má acçaõ, ir longe de sua casa exercitar o latrocinio.

Bayle de quem acabo de fallar, e que, nesta materia, naõ era menos escrupuloso que la Mothe-le-Vayer, decide como elle, *que o plagiarismo he hum defeito moral, e hum verdadeiro peccado, em que cahem muitas vezes Authores honradissimos: he mister que fazendo-se huma falsa consciencia, pensem que he menos criminoso roubar a qualquer as producções de seu engenho, do que furtar-lhe o seu dinheiro, ou desapossallo de seus bens.* E com tudo quantos despojos alheios nas Obras de Bayle?

Desejára, Sir, que a prohibiçaõ do plagiarismo fosse huma Lei, que nenhum Litterator podesse quebrantar em caso algum; ou que houvesse menos affectaçaõ em condemnar, e desprezar os Authores convencidos de plagiarismo. Mas o primeiro destes methodos he quasi impraticavel: porque prohibir o plagiarismo he arruinar inteiramente a República das Letras; he condemnar todos os Litteratores ao silencio; he desterrar para sempre da Sociedade as Sciencias, e

Ar-

Artes; he em fim dar o ultimo golpe a todos os eſtabelecimentos, e reduzir os Homens ao eſtado de pura natureza; porque a fallar eſtreitamente, tire-ſe o plagiariſmo, e immediatamente naõ haverá imitaçaõ alguma: prohiba-ſe a imitaçaõ, e bem depreſſa em vez de Póvos polidos naõ haveráõ mais, que Póvos ſalvagens.

Vedes pois que naõ ſou taõ ſevéro como cuidaveis. Naõ approvo, nem condemno o plagiariſmo. O meu intento he ſómente provar que todos os Homens ſendo plagiarios huns dos outros, he neceſſariamente forçoſo que os noſſos contemporaneos o ſejaõ muito mais que os litteratores da Grecia, e Roma; porque havendo já paſſado quaſi vinte Seculos, roubaõ em hum campo muito mais extenſo: em huma palavra, porque extrahem dos Antigos, e Modernos; em vez que os Antigos ſó podiaõ extrahir do pequeno número de Eſcritores que lhes haviaõ precedido.

No número quaſi infinito deſtes Eſcritores Modernos que entráraõ na meſma carreira, e que todos eſcrupuloſamente ſeguíraõ as pizadas dos Antigos, alguns ſómente maſcaráraõ o ſeu latrocinio com tanta arte, que grangeáraõ grande nome, pela rectidaõ, e filoſofia de ſuas reflexões, ou mais depreſſa das que ſó imitáraõ. Os outros imitadores pouco deſtros, copiáraõ com groſſeiria, e penoſamente commentáraõ as producções deſtes grandes Homens, que depois de muitos esforços disfiguráraõ de hum modo muito eſtranho. Mas o que he mais eſtranho ainda he liſonjear-ſe de terem adquirido pertenções á celebridade, por terem amontoado em enormes volumes longos argumentos ſobre os vicios, e virtudes, huma grande quantidade de definições antigas,

tigas, e quasi todas falsas, de maximas triviaes; de pensamentos communs, e de tratados inteiros litteralmente tomados de Obras conhecidas.

Naõ duvído, Sir, que Theofrasto, Plataõ, e outros muitos naõ tenhaõ tido muita razaõ de se queixarem em Athenas desta especie de pirataria. Vio-se em todos os tempos, e desgraçadamente ainda se vê nos nossos dias, os mesmos latrocinios muito praticados em Inglaterra, França, Alemanha, Italia, &c. por toda a parte em fim, onde as bellas Artes se cultivaõ, e as Letras florecem. Cada dia nos fornece próvas muito tocantes deste uso taõ geralmente reprovado, e com tudo taõ geralmente seguido pelos Litteratores. Apenas hum Author célebre publicou alguma Obra estimada, se vê huma multidaõ de plagiarios escrever, e apressar-se a multiplicar volumes sobre o mesmo assumpto. Em muitas Obras estimadas por alguns apreciadores subalternos, se encontraõ as melhores observações de La Mothe-le-Vayer, os pensamentos luminosos, ainda que languidos, e hum pouco baixos de Roche-Foucault, as idéas de Pope, as maximas de Pascál, &c. Sería pois para desejar, digo eu algumas vezes, enfastiado de bacharelice destes importunos écos, sería pois para desejar que alguem a favor das Letras, e contra a multidaõ destes vís copistas, emprehendesse a Historia immensa do plagiarismo, desde a sua origem até aos nossos dias. Sería isto certamente fazer ao mesmo tempo a Historia da Repúblíca das Letras, desde sua fundaçaõ até ao ultimo instante de sua decadencia futura.

Depois destas reflexões, vou, Sir Baroneto, ajuntar as próvas abundantes de meu Systema so-

bre a universalidade do plagiarismo : e como estas observações me parecêraõ necessarias, naõ cuidei devesse omittillas antes de entrar na materia : naõ pode fazer mais que estreitar o seu encadeamento. Para vos convencer da inteireza da minha opiniaõ, basta examinar sem escolha, sem parcialidade alguns conhecimentos humanos, e mostrar pelos mesmos factos, e Escritos dos mais celebres Authores ou da Antiguidade, ou de nossos dias, que os progressos das Sciencias, e das Artes naõ foraõ mais que os progressos do plagiarismo. Adeos.

Dar-se há a continuação no Tomo seguinte.

PENSAMENTOS,

Reflexões, e Maximas Moraes do Conde de Oxenstirn, traduzidos por F. R. I. L. e. L.

DO RETIRO.

FELIZ o Homem que retirado do tumultuoso embaraço do Mundo desfructa as delicias do agradavel retiro, e cujo Commercio principal he a deleitosa conversaçaõ comsigo mesmo. O testemunho da boa consciencia faz com que olhe com desdem para as loucuras, e vaidades do Mundo; só tem ambiçaõ pela tranquillidade da alma; naõ teme as inconstancias da virtude, nem os caprichos da sórte; naõ suspira pelas riquezas, e despreza as grandezas da terra, que perecem; satisfeito com o presente, naõ o inquieta o futuro; contente comsigo mesmo, a ninguem he pezado, e nun-

e nunca se vê na triste consternaçaõ de fallar contra o que entende, ou soffrer contradicções, e teimas. Desviado da Corte está livre de soffrer a ruim condiçaõ do Principe; escúsa esmerar-se para entrar no seu valimento; naõ se vê sobmisso ás rebatidas complacencias, que requerem os Grandes, e acha-se na feliz impossibilidade de fazer damno á alguem. Estuda o passado, observa o presente, e limita o seu cuidado a si proprio, sem se embaraçar de negocios alheios. Igualmente inaccessivel á soberba, e embiçaõ, avalía loucura a avareza, o luxo hum brilhante ridiculo, a inveja huma baixeza, e crime a preguiça. Occupado nos louvores do Creador naõ se corrompe a sua lingua com o uso de se exercer em bacatellas; sem occasiaõ de desgosto, nem de cólera, naõ vê cousa que o dissaboree; occupado no trato dos Homens de talento da Antiguidade vê-se venturosamente desmembrado da importunaçaõ de seus idiotas contemporaneos. Sobrio, e frugal na comida, naõ anda arriscado a perder a saude com regalados banquetes; póde quanto quer, porque naõ quer mais do que póde; deita-se sem inquietaçaõ, e socega nos braços da tranquillidade, e levanta-se alegre; sabe tirar proveito do tempo, e vê a sua vida tecida de ouro, e seda; as suas correspondencias saõ com o Ceo, para onde de contínuo o transportaõ os seus pensamentos; naõ leva os seus desejos em cousas desta vida, porque conhece a sua vaidade, suspira unicamente pelas celestiaes, limitando só nellas os seus desejos; ultimamente aguarda pela morte sem a desejar.

DO HOMEM.

O ESPIRITO humano está exposto a ser preza dos devoradores sentidos, e o corpo pasto de bichos, e da podridaõ. O nascimento he hum principio de molestia, e a vida huma natural imagem da morte: eis-aqui o que he o Homem, cuja origem he taõ ignominiosa, taõ cheia de amargura a vida, taõ temeroso o fim. O seu berço he a immundicia, macaquices a infancia, loucura a virilidade, e molestia a velhice; chora ao nascer, padece em quanto vive, e morre desesperado; loucas vaidades entretem a sua mocidade, projectos quimericos lhe tomaõ a idade madura; e para a velhice estaõ reservados arrepeadimentos, e suspiros. Mancebo até ignora a natureza dos seus desejos, velho reconhece-os, mas naõ os póde satisfazer; o seu corpo he hum receptaculo de corrupçaõ, e o seu espirito a morada das melancolias, das inquietações, das vãs esperanças, de panicos terrores. Que miseria! mas ah! esta he ainda a menor porçaõ das suas desventuras; os vicios a que está sujeito, desafiaõ contra elle a cólera, e o castigo do Ceo. A sua avareza traz em seu seguimento a indigencia; as suas devacidões dores, e agudos remorsos; a sua cólera desgraças, molestias; a sua glotonoria enfirmidades; a sua inveja tormentos; e a sua preguiça pobreza. Funesta experiencia, que confirma muito a verdade do que proferio hum Sabio quando disse: " *Que a morte he melhor do que a vida, e o estado de quem naõ nasceo, nem presenceou os males, que ha debaixo do Sol se deve antepôr a huma, e outra cousa.* Quando pondero por quanto preço nos vende a na-

natureza o que ella produz para nosso uso, o cuidado que toma em desfazer as nossas alegrias, e doçuras na amargura, e tristeza; quando pondero nos riscos, que he necessario passar para vir á luz, vejo que a pezar da superioridade, que deo ao Homem sobre todos os animaes, nenhum ha que nasça mais fragil, e mais destituido de todo o soccorro, como elle: Aquelles nascem sem custo, desde que vem ao Mundo, achaõ-se providos de vestidos, de morada, de sustento com fartura: o Homem vem nû a este Mundo, e para se vestir por força despoja os outros, precisa trabalhar com o corpo, e espirito para buscar, ou fazer para si huma casa, que busque o sustento com o suor do seu rosto: Quanto trabalho na educaçaõ! Quanto tempo, primeiro que seja capaz sómente de andar, e fallar! Todos os demais animaes, instruidos pela natureza, naõ carecem de mestre para aprenderem o que lhes convem saber; o Homem he o unico, que nasce em profunda ignorancia de tudo, menos de chorar. Quando pondero em tudo isto naõ posso deixar de me assombrar do afferro, que os Homens tem á vida, e do horror que tem á morte. Nós, dizia Seneca antigamente, temos na morte hum refugio contra as desgraças da vida. Muito bem, me diráõ talvez, assim he; mas isto he fallar como Pagaõ; nós somos Christãos, e consequentemente obrigados a vivermos satisfeitos com o estado, em que nos achamos. A isto naõ tenho que responder; mas quando ha segura esperança de vida mais bémaventurada no outro Mundo, será censuravel o desejo que podemos ter de entrar de posse della com maior brevidade? Ultimamente he assaz certo, que *Chi dice huomo, dice miseria*.

DA

DA FORTUNA.

A NUDEZ da Fortuna reprefenta bem a fua pobreza; e naõ he de admirar que a huma Mulher que fó trafica em coufas imaginarias, lhe falte com que fe veftir. Os feus favores naõ merecem a eftimaçaõ dos Sabios, porque os reparte fem efcolha por toda a qualidade de peffoas; e fó aquelles que faõ taõ cegos como ella he que fe deixaõ enganar das falfas efperanças, que lhes faz conceber: hum Homem de talento penetra ao primeiro olhar por entre o véo das vãs apparencias de felicidade, onde fe efconde, e naõ vendo mais que inquietações, alvorotos, que confomem o efpirito, naõ fe entretem em promeffas taõ mal feguras. O pouco difcernimento, com que reparte as fuas graças; a fua inconftancia, as fuas traições, tornaõ fufpeitofos todos os feus mimos, e a affemelhaõ á aguia da Fabula, que fó levanta a tartaruga a huma grande altura, para a deixar cahir, quebrar-lhe a cafca, e devoralla depois. He verdade da diaria experiencia, ninguem o ignora, com tudo deixaõ-na gozar em focego do privilegio de regular o merito dos Homens, e a eftimaçaõ que fe deve fazer delles. Naõ fer affinalado com o fello da Fortuna, he fufficiente razaõ para ter no Mundo a valia de moeda falfa.

Os Homens de efpirito, e honra faõ ordinariamente o alvo das fuas perfeguições; os primeiros porque conhecendo os feus enganadores affagos entendem que tem juftos motivos para fe naõ fiarem delles, os outros porque lhe naõ daõ lugar fenaõ depois da honra, e affentaõ que ferve para dar realce á virtude, e fer como premio del-

della. Sendo estes sentimentos inteiramente oppostos ao grande conceito que tem de si propria, depois que a desvairada Antiguidade lhe deo lugar entre as Divindades, e os Modernos profanos a collocáraõ nos altares, onde desperdiçaõ incenso, e lhe sacrificaõ até á mesma honra, olha ella para estes Sabios contrastes das cousas como para implacaveis inimigos com quem naõ gosta de se reconciliar.

Com tudo como naõ ha cousa má que naõ tenha alguma liga de bem, a Fortuna póde offerecer alguma cousa grata, quando se olha para ella pela parte de sua inconstancia, que nem ainda perde quando persegue com maior furor, de sorte que as suas desgraças naõ saõ sem desfórra, nem os seus favores de muita dura. Tenho reparado que a sua pertinacia a favor de alguem, ou contra elle, nunca tem fim mui differente do seu principio; se todos em quanto vivemos, examinassemos com alguma attençaõ o curso da nossa vida, atrevo-me a dar por certo que naõ se encontraría hum só para quem ao menos huma vez naõ mostrasse o semblante risonho. He verdade que cheia de caprichos pede prompta, e rigorosa conta do que confiou; mas ao menos offereceo-se, e se tivessemos sempre habilidade para a aproveitarmos, estou capacitado que seriaõ mais raras as desgraças, do que saõ; mas a organizaçaõ dos Homens he tal que desperdiçaõ mais occasiões, do que estas lhe faltaõ.

Quanto ao mais quando por hum feliz acaso os favores recahem em hum Homem de merecimento, entaõ he que achando-se verdadeiramente ao lado da virtude, a luz desta serve de lhe dar todo o brilhante, e fazer com que mostre hum

es-

esplendor, que sem ella naõ póde ter; mas quando pelo contrario opprime com favores a sujeitos indignos, entaõ patentea toda a sua infamia, e impertinente inclinaçaõ que tem em favorecer ridiculos, e insensatos, de sórte que a vemos servir de máscara já a hum boi, já a hum urso, e mais vezes a hum asno, que á força de sacudir as orelhas o lança no atoleiro, onde naõ faltaráõ tolos que lhe dem a maõ.

DO APPETITE.

A APPARENCIA he huma cortina, por de traz da qual se esconde á vista do vulgo a verdade, e realidade das cousas, porém o Sabio sabe distinguillas perfeitamente, e aprecialias conforme o seu merecido valor.

O deleite apresenta-se ás nossas paixões com taõ risonha figura, que as atea, inflamma em hum instante, e por meio dellas offusca tambem todas as potencias da alma, que lhes naõ deixa nem força, nem lugar para a reflexaõ sobre a pouca solidez do prazer que traz comsigo a devacidaõ, que em si mesmo he de taõ curta duraçaõ, que isto bastava para nos inspirar desprezo, e horror.

Se o Homem se contentára com observar o que por elle passa no instante, em que desfructa o deleite, seguramente faría reflexões, que o desgostariaõ logo. Compara-o com hum vomito do Inferno, a que os Homens insensatos acodem como cães; he huma materia crassa, e pegajosa, a que a alma se acha pegada pela desgraçada complacencia que tem para com o corpo, e que depois lhe custa todo o trabalho possivel para se

des-

despegar, até que depois de inuteis esforços se acha, a seu pezar, na fatal necessidade de ficar sempre isseparavel. A consciencia, a reputaçaõ, a saude, o cabedal saõ as victimas que se sacrificaõ ao Appetite nesta vida, e no fim della se achará infallivelmente no fogo, que nunca se extingue. He verdade que naõ deve causar admiraçaõ que o deleite, como materia inficionada possa agradar a huma cloaca ambulante, qual he o corpo humano; mas he pasmoso que a alma, sendo hum ente espiritual possa dar ascenso a hum gosto taõ infame, como funesto, e que a razaõ que nos distingue das féras possa fazer-se escravo das nossas peccaminosas concupiscencias. Na minha mocidade tive a desgraça de me alistar no corpo desta féra bipede; porém o tempo que Deos me fez graça de me conceder, e a razaõ que em fim se apossou de mim, me fez desertar desta céga companhia; por isso conheço os falsos agrados do Appetite, e naõ ignoro as desventuras, que o rodeiaõ, e esta a razaõ porque naõ sei mais que dizer mal delle, advertir ao Proximo, para que se aproveite; porque:

Feliz o que aprende em cabeça alheia.

O Imperador Carlos IV. tinha por divisa: *Optimum alienâ insaniâ frui.* Estejamos pois persuadidos de que a maior victoria he ter vencido o Appetite: *Maxima cunctarum victoria, victoria voluptatis.*

DA VINGANÇA.

HE verdade que he grande desaffogo o poder vingar-se da affronta recebida: mas huma alma grande nunca deve buscallo. A vingança he assáz per-

perfeita, quando o que nos offendeo, conhece bem que tinhamos modo de nos satisfazer; o deixar de usar della mostra tanta grandeza d'alma, como desprezo do inimigo; além de que a maior parte das offensas saõ imaginarias, e naõ merecem caso de hum genio cordato; he cousa ridicula por exemplo; que huma palavra, que naõ faz mais do que ferir o ar, hum gesto, huma acçaõ, que naõ he mais do que hum gesto do semblante, ou hum meneio do corpo possa inquietar-nos o socego. Bem considerado que nem sempre depende do Homem o poder accomodar-se ao genio de outro, entendo que isto bastaría para lhe mostrar mais indulgencia, do que resentimento. N... por exemplo, nos responde friamente, ou com indifferença, ou ainda sem comedimento, porque he aspero de genio; entendo que este *Misanthropo* merece mais compaixaõ do que colera por ser taõ desfavorecido da natureza; naõ foi elle quem se fez a si proprio, convém considerallo como huma besta de dous pés, evitar o seu trato desagradavel. O Hespanhol he muito sensivel á menor offensa, he vingativo, e tem como risaõ: *Que se a Vingança naõ fosse huma cousa taõ doce, naõ a reservaría Deos para si só.* Eu naõ me posso accommodar a esta maxima, e lhe anteponho o risaõ Italiano que diz: *que o que quizer vingar-se bem, deixe a Deos esse cuidado.*

Chi vuol justa vendetta,
In Dio la rimetta.

DA NOBREZA.

INVENTÁRAÕ os Antigos a Nobreza, para nutrirem com pouco custo a ambiçaõ dos particulares. Valêraõ-se della os Romanos para premearem a virtude, e os Principes modernos commerceaõ muitas vezes com ella: hoje he a graça que se alcança nas Cortes mais barata; naõ ha Principe que naõ conceda de bom grado hum titulo de Excellencia, do que doze mil cruzados de renda, e com tanto que se dem por satisfeitos com algumas pingas de tinta espalhadas por hum pedaço de pergaminho, he facil levar ao fim as suas pertenções. O Brazaõ foi hum grande poupamento ao erario dos Principes, e o Brazaõ de armas me parece huma especie de thesouro Real. Carlos V. para adular a natural altivez dos Hespanhoes, e poupar as suas rendas, fez dar aos ricos Homens, como entaõ lhes chamavaõ, o titulo de Grandes de Hespanha. A multidaõ de Condes de Italia, de Marquezes de França, de Barões de Alemanha, de Mylords de Inglaterra, inculcaõ que correndo o tempo, acabaráõ os Homens plebeos. Conheci hum grande Principe na Italia, que creava a Nobreza com estas palavras: *Te fò Conte ó Marchese, quel che tu vuoi becco F...* He bem verdade que esta ceremónia era muito curta, mas muitas vezes bem proporcionada aos merecimentos; em fim eu creio que em ponco tempo só os plebeos aspiraráõ aos Titulos: porque como diz bem André Gayl: *Clarus honor vilescit in turbâ, et inter indignos indigna est dignitas, quam multi indigni possident!* Em quanto a Nobreza foi premio da virtude, pareceo-me justa a vaidade,

mas

mas quando he vendida como o peixe no mercado, perde todo o seu lustre. Quanto ao mais julgo que todo o Homem, que naõ a adquire com sólido merecimento, se deve antepôr áquelle que com a virtude sómente sustenta a que herdou de seus Maiores; porque *Melius est clarum fieri quam nasci*, *si vis nobilis esse*, *cole*; e por fim.

D'Adam nous sommes tous enfans,
La preuve en est connue.
Et que tous nos premiers parens
Ont mené la charrue;
Mais las de travailler, enfin,
La terre labourée,
L'un a dételé le matin,
L'autre l'aprés-dinéé.

DO AMOR DA PATRIA.

DISSERAÕ ós Antigos: *Dulce pro patria mori*, para incitarem o Povo ao serviço do Principe. Eu acho que *Dulce pro patria vivere*, quando ha capacidade para a servir, e que o que naõ tem outra mais do que a de morrer por ella, imita os bois, e os carneiros que morrem para bem de seus compatriotas. Hum Homem de honra folga de arriscar a vida em serviço da Patria, quando esta he agradecida; mas he necessario ser louco para morrer por quem quer que seja. Diz o Italiano; Morrendo eu, morre todo o mundo. *Morto mi, morto tutto il mondo.* Entre tantos Homens de honra que arriscáraõ em mil encontros a vida pela gloria de Roma, só se encontrou hum brutal *Marco Curio*, que quiz expressamente morrer para salvar a vida aos outros, e em premio de taõ

ba-

barbara acçaõ naõ se conserva outra cousa mais do que a fama de que houve no Mundo hum louco semelhante: *Id cinerem & manes credis curare sepultos.* Na verdade he para pasmar vêr a opiniaõ taõ geralmente recebida ácerca do amor, que se deve á Patria, de sórte que parece contra o natural fazer neste caso a menor excepçaõ, sem que desta manía se possa allegar outra razaõ do que a de ter nascido nella. Quanto mais arrazoado me parece o pensamento do famoso *Owen.*

Illa mihi Patria est, ubi pascor, non ubi nascor.
Illa ubi sum pastus; non ubi natus eram:
Illa mihi Patria est, mihi quæ patrimonia prabet.
Hic ubicumque habeo quod satis est, habito.

Além de que sabemos que *nullus Propheta in Patria*; e que ainda que:

Patria dat vitam, rarò largitur honores:
Hos melius multò Terra aliena dabit.

DO CONSELHO.

ENTRE todos os serviços, que o Homem póde fazer ao Proximo, nenhum se faz com mais vontade, e satisfaçaõ como o de dar conselho; porque além de que isto lhe naõ custa nada, incensa com isto mesmo o seu mesmo espirito. He certo que a promptidaõ, com que nos inclinamos a aconselhar os outros, he final da presumpçaõ que temos da nossa propria capacidade, e de que a menor parte que ahi entrá he a amizade sincera; pois em muitas occasiões o conselho he fructo de huma amizade frouxa, e faz as vezes de boa vontade naquelle que naõ tem vontade de nos fazer outro serviço. Tenho reparado que estes amigos conselheiros ordinariamente só

mia, quando he acompanhada das qualidades, que a fazem amavel, tenho todavia occasiaõ de duvidar, que se encontrem economicos, que naõ propendaõ hum pouco para a avareza. Tenho cincoenta annos de idade; tenho visto muitas Nações, frequentado muitas pessoas, gyrado por differentes Paizes, com tudo somente dous Homens tenho encontrado, que com o caracter de bons economicos conservassem o de amaveis. He bem verdade que hum delles nada folgava de dar, mas ao mesmo tempo era taõ contrario de receber algum presente, que era o legitimo modo de quebrar a amizade o offerecer-lhe huma caixa que valesse hum cruzado novo. Ora como o dinheiro hoje he o essencial, e sem este metal naõ ha qualidade que brilhe, admira-me que se naõ inspire aos meninos a economia por principios em vez do Latim, visto que hum rico ignorante desaprecia o Sabio pobre, e que a estupidez com cabedal lhe fazem corte todas as Sciencias.

DO MOTEJO.

PÓDE-SE aprender a ler, e a escrever, mas naõ a motejar; para isto he necessario hum dom particular da Natureza, e a dizer a verdade, acho que he feliz aquelle que o naõ tem, e ainda mais aquelle que o naõ quer conseguir; porque além de que o genio satyrico he odioso a todos os Homens de probidade, he exercicio assáz arriscado, e bem que o Motejo naõ esteja mais do que em certas palavras, que só ferem o ar; muitas vezes naõ deixaõ de suscitar violentas borrascas no Commercio da vida: *Osse caret glossa per quam franguntur & ossa.* Além disso o Officio

de

de Motejador acarreia o desprezo de todos; esta profissaõ tem alguns resabios de bobo, e bem que faça rir aos que naõ morde, todavia naõ nos grangea estimaçaõ.

O Motejo he a primeira filha da familiaridade, e ultimamente enche de desprezo os que se daõ a elle. A pezar de tudo isto o que quizer Motejar deve ter genio jovial para naõ escandalizar, e hum procedimento sem nota, sem o que a grossaria de quem responde, entrará logo nisso, e patenteará os defeitos do gracejador a pezar do seu desembaraço. Recordo-me a este proposito do que me contáraõ em França do famoso Conde de Grammont, com quem se divertia Luiz XIV. querendo hum dia metter á bulha hum Cavalleiro de Bretanha novamente chegado a Corte. Chegou-se a elle, sem ter delle maior conhecimento, e perguntou-lhe se sabía o que significava: *parabola*, *faribola*, *e obolo*; entendendo que com taõ extravagante pergunta suffocava este estrangeiro; mas o Bretaõ de repente lhe replicou. Parabola he o que vós naõ entendeis, Faribola o que fallais, e obolo o que valeis: Eis-aqui como este tolo foi buscar a sua confusaõ com grande satisfacçaõ de toda a Corte. Quando os Deputados dos Protestantes de Alemanha vieraõ a Ratisbonna citados pelo Imperador para conferirem com os Catholicos sobre os meios de unir os dous partidos; leváraõ em sua companhia huma especie de Filosofo chamado *Cornelio Martini*; e como o Padre Gretzer Jesuita deo tino deste Homem entre os Theologos Protestantes naõ pode deixar de lhe dizer: *Quid Saülus inter Prophetas?* Ao que o outro respondeo no mesmo instante: *Quærit asinos patris sui.*

Perguntando hum dia certo Enviado de Saxonia por zombaria ao Embaixador de Hollanda na Corte de Dinamarca, donde teve principio o proverbio: * *Er gehet durch vole ein Hollander*, respondeo-se-lhe que indagar a origem de tantos Proverbios que ha no Mundo, sería cousa taõ difficil como inutil: por exemplo diz elle, donde vem dizer-se em Alemanha: ** *Mah. f..... von dressden*? Em fim muito bem diz Seneca: *Injuriam fortis non facit, nec ingenuus fert.* Assim como nos deleitamos em ouvir o éco repetir as palavras, que se proferíraõ, do mesmo modo o Motejador motejado diverte a todos.

DA RECONCILIAÇAÕ.

F*ISTULA dulce canit, volucrem dum decipit auceps.* Muitas vezes he necessario julgar o presente pelo passado, nem fazer hoje muita confiança em hum Homem, que foi nosso inimigo. O fogo conserva-se muito tempo debaixo das cinzas, nem ha quem possa ler o coraçaõ alheio. A palavra do Homem de ordinario naõ he mais do que huma máscara do interior, e ha milhares que tem sido infelices por se terem confiado com nimia sinceridade. Diz o Italiano, que caldo requentado nunca tem bom sabor: *Menestra riscaldata mai fu grata.* He bem verdade que he obrigaçaõ de Catholico reconciliar-se com o inimigo, mas he louco o que depois se confia muito: *A cibo biscocto, a Medico indocto, ab inimico reconciliato, a mala muliere libera nos Domine.* Parece-me que he muito mais facil perdoar huma offensa apparente do que esquecer-se da que ha com effeito; e em quanto dura a lembrança, pouca conta se deve fazer com

o per-

o perdaõ. O Homem he naturalmente taõ máo que efcreve na arêa os beneficios que recebe, e as offenfas grava-as em marmore; he bem verdade que he difficil ao Homem de honra efquecer a affronta que recebeo, mas o máo coraçaõ fó encobre o feu refentimento até á occafiaõ favoravel. Em fim *o que te faz mais mimos do que coftuma, ou te enganou, ou te quer enganar*: a defconfiança he Mãi da fegurança, como filha da prudencia. A diaria experiencia nos dá a conhecer em toda a occafiaõ a malicia do Homem, fem que fe lhe dê algum motivo, e com quanta maior razaõ fe naõ deve recear que aquelle, a quem huma vez demos motivo de defgofto, particularmente quando nos opprime de caricias? Porque:

Multis annis peractis,
Nulla fides eft in pactis.
Mel in ore, verba lactis,
Fel in corde, fraus in factis.

Em quanto a mim defaffombradamente faria bem com mais franqueza a hum inimigo declarado, do que me confiaria em o receber de hum amigo reconciliado. He brutalidade offender a gente com muita facilidade, mas parece-me que he parvoice confiar-fe depois com muita leviandade. Livre-me Deos de quem eu me fio, que de quem me naõ fio, eu me guardarei.

Da che me fido,
Me ne guarde Dio;
Da che non mi fido,
Me ne guardaró jo.

DA CALUMNIA.

NUNCA me conformarei com a opiniaõ daquelles que confirmaõ com muita facilidade huma noticia que corta pela honra do Proximo, em quanto naõ vir que provas inconteſtaveis o tem convencido do facto; porque além de conhecer a natural malicia do Homem, e a ſatisfacçaõ que eſta malevola creatura acha na deſgraça alheia, ſei que nas couſas, em que naõ ha mais razaõ de huma parte do que de outra, ſempre he mais injurioſo para os que precipitaõ, do que para os que ſuſpendem o ſeu juizo. As apparencias muitas vezes ſaõ enganoſas, e o Homem ordinariamente ſe declara mais pelo máo, do que pelo bem; ao meſmo tempo que a Caridade Chriſtã nos enſina ſoffrer, e encobrir, quanto he poſſivel, os defeitos alheios. Sei que certos aſpides, com figura humana, para authorizarem a ſua maldita maledicencia, fazem uſo de huma regra a mais falſa do Mundo, dizendo que a voz do Povo he voz de Deos: *Vox populi*, *vox Dei*; mas eu naõ ſou deſta opiniaõ, pois me recordo do *Tolle*, *crucifige*. Tenho muitas vezes reparado, que nas companhias em que algum começa a murmurar do Proximo, logo a converſaçaõ naõ tem dilatadas horas outro algum aſſumpto, e quando algum Homem de bem diz algumas palavras em abono dos outros, ſe ſepulta toda a converſaçaõ em hum triſte ſilencio.

Perſuadido ultimamente de que todo o Homem eſtá ſujeito a fragilidades, e que muitos poucos ſaõ livres de malicia, nunca concluirei ácerca da fama, que corre do Proximo; porque ſe

elle eſtá culpado, ſentirei augmentar o pezo da ſua deſgraça com os meus diſcurſos, e ſe elle eſtá innocente folgarei de naõ ſer do número dos que o calumniaõ.

DA SOBERBA.

TENHO dó do Soberbo, porque no que obra ha mais loucura do que malicia. A ſua ignorancia no conhecimento do Homem cauſa a ſua deſgraça, faz apreço de ſi, porque naõ ſabe o que he: *Unde ſuperbis homo, cujus conceptio culpa naſci pænâ, labor vita, neceſſe mori? quando, quomodo, vel ubi neſcire.* S. Bern. Sondai as fontes da vaidade do Homem. Olha com uſania para o ſeu corpo, ſem reparar que he huma cloaça ambulante; parece-lhe ſublime o ſeu eſpirito, naõ conhecendo o dos outros. A ancianidade da familia o vanglorea de ſórte, que avalía em pouco as peſſoas de probidade, naõ ſe recordando que hum macho ſempre he macho ainda que ſeja oriundo de hum ginete de Heſpanha. Folgo de rir, e conſeguintemente o fallar com eſtes bobos de natureza me cauſa frequentes dilatações de boſes; quando ſaõ ricos, parecem-me pavões, a quem fariaõ muito bem arrancar as pennas, para que, deſtituidos de adornos ſuperfluos, viſſem mais facilmente o diſforme de ſeus pés, e fazerem-ſe depois mais trataveis. Mas quando hum pobre he ſoberbo, parece-me que ſe deve remetter para a caſa dos orates para ſe curar, para que o Diabo naõ tenha mais de que fazer zombaria.

DOS AMIGOS.

DIZEM que a raridade dá valor ás cousas, e que por este motivo tem o ouro, e a prata o melhor lugar entre as cousas, que acabaõ; sei com tudo que neste Mundo ha cousa mais rara do que estes metaes, e he hum amigo verdadeiro, se he possivel encontrallo. Eu me persuado que he como a ave Fenix de quem todo o Mundo falla, e ninguem a vio nunca. Amigo conforme a moda tenho conhecido huma infinidade na minha vida, mas todos como as turquezas de mina nova parecêraõ-me como as andorinhas, que vem na primavera, e se retiraõ na chegada do frio. Nunca tive hum amigo, que me amasse por amor de mim mesmo, mas sim que se amasse a si na minha pessoa, ou fosse por interesse proprio, ou em razaõ da conversaçaõ, ou pelos mais vicios, ou por outro motivo que adulasse as suas paixões. O tempo me ensinou esta verdade, porque logo que me fallecêraõ os bens, voltáraõ as costas os amigos interesseiros; quando já naõ pude dizer cousa que divertisse, mudáraõ-se os da conversaçaõ, quando larguei os vicios, arredáraõ se os licenciosos, e assim de todos os mais, e me capacitáraõ de que diz bem o Italiano que diz, que se ama o amigo tanto quanto elle dá do seu: *Ama l'amico tuo tanto che dà del suo.* E eu me conformo com Ovidio, *Vulgus amicitias utilitate probat*: mas tambem he necessario que sigaõ a minha opiniaõ de que o amigo se conhece no tempo da tribulaçaõ: *Noscitur adverso tempore verus amor.* Desejando Dionysio o Tyranno fallar hum dia ao Principe seu filho, o mandou chamar para vir cear

com

com elle: desculpou-se este Principe, dizendo que estava já á meza, segurando-o que depois de cea viría cumprimentar a seu Pai, o que fez logo que se levantou da meza. Perguntou-lhe o Tyranno; porque razaõ naõ viera cear com elle? Foi, lhe tornou o Principe, porque tinha á minha meza sinco, ou seis amigos. Mostrou Dionysio ficar enleado de tamanho número de amigos, e lhe perguntou se estava bem capacitado da sinceridade de tantos amigos? E protestando-lhe o Principe, que estava seguro della, lhe disse seu Pai, que cumpria apurar a sua amizade, e para isso chamallos todos essa mesma noite ao seu quarto, e dizer-lhe a cada hum em particular successivamente, que elle tinha assassinado o Tyranno, e que assim o ajudassem a levar o seu corpo a enterrar sem ser visto, para que senaõ désse tino da sua morte, antes que elle tivesse manejado a vontade do Povo, para o pôrem no Throno, no lugar de seu Pai, e que depois de ter por este modo provado a sua fidelidade, viesse dar-lhe conta, para que ambos pudessem congratular-se reciprocamente do Thesouro, que haviaõ descuberto na fidelidade de seus amigos. Naõ faltou o filho na execuçaõ do mandato do Tyranno, e pôz a sinceridade dos pertendidos amigos nesta delicada prova, mas qual foi o seu assombro quando de todos aquelles, que á meza com o cópo na maõ morriaõ por elle, naõ achou hum só, que quizesse aventurar se por elle, huma vez que necessitava de seu soccorro! Tendo dado depois parte ao Tyranno, lhe disse este Pai sábio, Filho meu, para outra vez, confia, mas repara em quem: *Fide, sed cui vide*; e sabei que o Homem he mui venturoso neste Mundo, se em todo

o cur-

o curſo da ſua vida encontra hum unico amigo fiel, ſem ſe adular de grangear muitos, e que os amigos da meza ordinariamente depoem com o guarda-napo a ſua amizade.

Ultimamente ſe naõ fizeſſe a ſanta *Eſcritura* mençaõ da rara amizade de David, e de Jonathas, eu me naõ capacitaría de que tiveſſe havido apurada amizade no Mundo. A cruel experiencia, que tenho tido, me capacita que a de Damon, e de Pythias, de Pylades, e de Oreſtes, de Niſio, e de Eurialo, de Achilles, e de Patroclo, de Theſeo, e de Piritoo, de Tito, e de Polynice, de Scipiaõ, e de Lelio, &c. os maiores amigos de quem falla a Antiguidade, he pura fabula. Por quantas peſſoas, cuja amizade entendia eu ter merecido, e que diverſas vezes nas minhas neceſſidades ſe empenháraõ em dar-me provas della, agora que me acho enredado, me trataõ com indifferença, por naõ dizer com deſprezo, e me daõ a conhecer a verdade do Rifaõ Heſpanhol: O que eſpera em maõ alheia ſe mal janta, peor cea: *Quien eſpera en mano ahena, mal yanta, y peor cena:* Ultimamente diz o Italiano que o amigo de palavra naõ vale nada: *Suole di parole amico non valer un fico.* Paciencia, o melhor amigo he o dinheiro, e Deos ſobre tudo.

Dar-ſe-ha a continuaçaõ no Tomo ſeguinte.

MODO

De tingir lã, cadarſo, ou ſêdas de carmeſim.

PARA cada arratel de cadarſo ſe tome duas onças de pedra hume, duas onças de tartaro branco, duas onças d'agua forte, meia onça de eſtanho, huma quarta de herva ruiva, e outro de campeche. Lance-ſe tudo junto em agua limpa, e ferva-ſe o cadarſo por muito tempo, e depois ſe tire da caldeira, e quando esfriar ſe lave em agua limpa. Torne-ſe a ferver, e ſe lhe ajunte para cada arratel de Cadarſo meio arratel de campeche.

Outro Methodo.

TOMEM-SE para oito arrates de Cadarſo, ſeis canadas d'agua, oito punhados de farellos de trigo, e deixe-ſe de molho toda a noite, e pela manhã deite-ſe-lhe agua limpa, e coe-ſe. Tome-ſe metade em que ſe lhe lança outra tanta agua limpa; ferva-ſe tudo, e deite-ſe-lhe hum arratel de pedra hume, e meio arratel de tartaro, e depois ſe lhe lance o cadarſo, e ſe ferva por duas horas, e em todo eſte tempo ſe mecha com hum páo. Deite-ſe-lhe depois a outra metade da primeira miſtura, com igual quantidade de agua limpa, e ponha-ſe tudo ſobre o fogo, e quando ferver ſe lhe lancem quatro onças de cochonilha, e duas onças de ſal tartaro em pó, mecha-ſe tudo, e ten-

e tendo fervido algum tempo deite-se-lhe a seda, que mechereis continuadamente com hum páo, ou colher até que a côr vos pareça boa. Tire-se entaõ a caldeira, deixe-se esfriar, e esfregue-se em agua limpa.

POESIA.

Nos Felices Desposorios dos Senhores Principes da Beira o Senhor D. José, e a Senhora D. Maria Benedicta.

CANTO.

I.

AS ondas do Archipelago cortando
Depois de longos annos de derrota,
As aguas vem do Téjo separando
Os poucos lenhos da perdida frota:
A famosa Cidade o nome dando
Ostenta o seu valor, que em chammas brota,
Aquelle que por arte valerosa
Póde abrazar a Ilion famosa.

II.

Aqui morada fez erguendo Altares
Aos Deoses, que invocou na dura guerra,
Aos fieis Capitães desenha os Lares,
Que os haõ de proteger na estranha terra,
Vencendo os ventos, contrastando os mares,

Da

Da famosa Cidade o porto ferra,
E depois de triunfar com arte rara,
D'hum pólo à outro pólo navegára.

III.

A barbara irrupçaõ da iniqua gente
Pela affligida Europa se derrama;
Já de Ulysses naõ resta á Lusa gente
Mais que a doce memoria, e illustre fama.
Céde o Romano fraco humildemente
Ao Godo illustre, que em valor se inflamma:
E do antigo infeliz poder Romano
Só permanece o nome Lusitano.

IV.

Mal que do campo armado se retira
O Godo vencedor do Mundo inteiro;
Quando volta, em seu sangue Roma espira
Nos ferros do pezado cativeiro:
Corre da Moura gente a voraz ira
Dobrando ferros ao grilhaõ primeiro,
A guerra brama, trava-se a peleja,
De Henrique o nome quer o Ceo se veja.

V.

Affonso o seu poder assegurando,
Ao Grande Henrique une a Magestade,
Co'a formosa Filha premiando
Do illustre Conde taõ fiel vontade:
De Portugal em dote destinando
As poucas terras, que ha da Christandade;
A promessa lhe fez, que seu chamasse
Quanto com o braço illustre conquistasse.

VI.

Qual d'entre as crespas ondas furiosas,
O destroçado lenho combatido,
Por entre as Syrtes sempre perigosas
Se acolhe ao Porto quasi sobmergido:

Bem

Bem assim as batalhas sanguinosas,
O exercito Agareno desparsido,
C'os seus mesmos desastres apregoa
De Affonso a gloria, que ganhou Lisboa.

VII.

Da Casa de Bragança o fundamento
Foi Henrique, o Heróe da Lusa gente,
De Affonsos, Sanchos teve seguimento,
E d'outros Reis de fama resulgente.
Guardou-lhe o Ceo illeso o nascimento
De que era a nossa gloria dependente,
Terror dos Mouros nas Marciaes campanhas,
E nobre inveja das Nações estranhas.

VIII.

Foi procedendo a Augusta Descendencia
Sempre fertil de Heróes esclarecidos;
Na paz deo-lhe a Virtude a preeminencia,
Na guerra Marte feitos nunca ouvidos.
Para cantar a altissima Excellencia
Dos mais Principes della procedidos,
Em quanto o seu clarim a Fama tóca,
Nume Supremo minha Musa invoca.

IX.

Jupiter poderoso, que enthronado
Sobre os Pólos do alto Firmamento,
Governas Ceo, e Terra, tendo dado
Á natureza as Leis do movimento,
Por alma dando ao Mundo o Sol dourado,
Que berço tem no humido Elemento,
Em quanto Cinthia com a luz alheia
Favoravel nos torna a noite feia.

X.

Tu só que eternamente sobjugaste
As desmedidas forças dos Gigantes,
Que ao Mundo no castigo lhe mostraste

Naõ

Naõ haver contra o Ceo forças baſtantes,
Que o deſtino das couſas, que creaſte,
Eſculpiſte nos alvos diamantes,
Sendo as Letras as luzidas Eſtrellas
Porque o teu graõ poder ſe veja nellas.

XI.

Naõ permittas, que humano penſamento,
Que o amor de vaſſallo alenta, e guia,
Abata o vôo no ſublime intento
De cèlebrar a Luſa Monarquia:
Hum Principe Gentil, que o Ceo protento
Fez de quantas virtudes nelia havia,
E huma Princeza, que he da Europa encanto,
Cantar deſejo, ſe eu podeſſe tanto.

XII.

Já deſparſia Apollo diligente
Os vivos raios, com que morre a neve,
Eis do Téjo na arêa reluzente
Os brancos Cyſnes poem o carro leve:
A receber a Mãi corre contente
O Frecheiro, que contra o Ceo ſe atreve,
Vem Nynfas, e Cupidos veladores
Beijar a maõ á Deoſa dos Amores.

XIII.

Ella nos braços tendo confiada
O cáro Filho em cuja maõ agora
Toda a ſua eſperança eſtá fundada
De illuſtrar Portugal qual nunca fora,
Amimando-lhe a face affogueada,
Mais alegre, e riſonha do que a Aurora,
Delle ſobre os progreſſos que tem feito
Com caſtas chammas n'hum, e outro peito.

XIV.

Bando alegre de Moços voadores
Hiaõ lindas capellas concertando,

Quan-

Quando os outros os finos paſſadores
Eſtavaõ ſubtilmente adelgaçando,
Ante o Sacro Hymeneo outros Amores
Vaõ alternados cantos modulando:
Em quanto o Gentil Principe goſtoſo
Á cára Tia entrega a maõ de Eſpoſo.

XV.

Eis-que de Portugal o Genio alado,
Que Venus na ſua concha conduzira,
Eſte preſagio pelos Ceos mandado.
Do Fatidico peito alegre tira:
Reſpira Portugal affortunado,
Honra, Gloria, Prazer, e paz reſpira;
Taes Principes naõ tem a Europa inteira,
Quaes os virtuoſos Principes da Beira.

XVI.

Vivei felices, juſtos, vencedores,
Sendo por Deos hum para outro dados,
Dos Eſtranhos temidos Triunfadores,
E para os voſſos Principes amados,
Suſpirem em vos vendo Imperadores,
Achilles, e Alexandres esforçados;
Leiaõ com paſmo as Gentes mais diſtantes
Voſſos Nomes em bronzes, e diamantes.

XVII

Deſſe Sacro Hymeneo ſeráõ contados
Em larga deſcendencia Reis famoſos,
Em que deixeis voſſos gentis traslados,
Eſpiritos, e feitos glorioſos:
Os Scythas, e os Parthos denodados,
E os que habitaõ Climas caloroſos,
Alegres haõ de vir, e voluntarios
Fazer-ſe ao voſſo Throno tributarios.

XVIII.

A meſma Terra, que atéqui meſquinha

Sé

Só abrolhos, e ſerpes produzia,
A cobrir-ſe de frutos, ſe encaminha,
Como o eſtá de goſto a Monarquia.
Fitos os olhos na feliz Rainha,
Mais bello naõ parece o Author do dia;
Pois aqui tendes ſeu gentil traslado
Na belliſſima Irmã, no Filho amado.

XIX.

Novas Eſtatuas ſe ergueráõ famoſas
Dignas de vós, e vós taõ dignos dellas,
Que daráõ nome, e vida as virtuoſas
Acções, que heis de fazer por merecellas;
Naõ por guerreiras palmas ſanguinoſas
Subiráõ voſſos nomes ás Eſtrellas,
Mas juſtiça, prudencia, e piedade
Vos aſſeguraõ a immortalidade.

XX.

Firmes ficaõ em vós as eſperanças
De todo o bem da Luſa Monarquia,
Dar lhe-heis voſſas formoſas ſemelhanças,
Que lhe aſſegurem paz, e alegria:
Buſcaráõ Portuguezas Allianças,
As mais Nações guerreiras á porfia;
Vendo, que o Ceo vos faz por Mar, e Terra,
Da paz modellos, arbitros da guerra.

XXI.

E depois, que dos annos prolongados,
Mais do que foraõ de Neſtor famoſo,
Gozardes cá na Terra abençoados
Hum progreſſo feliz, e número ſo;
Dos voſſos ternamente ſuſpirados
O Mundo vos verá triſte, e invejoſo,
Subir ao Ceo a ſer Eſtrellas raras
Eſtrellas das mais luzidas, e claras.

XXII.

Aſſim cantou a Nynfa ſoberana
Em doce voz a Portugueza gente;
E o Téjo vendo a fórma mais que humana
Deteve a ſua liquida corrente.
A Fama ouvindo a gloria Luſitana
Nas azas a levou de gente em gente,
Para durar na Tradiçaõ conſtante
Mais que no bronze, ou rigido diamante.

XXIII.

E tu, Sacro Hymenêo, accende os lumes
No Templo a bella Mãi, e a chamma pura
Envie ao Ceo ſuaviſſimos perfumes
Por entre o Canto, que nos ares dura.
Unio o Ceo puriſſimos coſtumes
Com tanto aviſo, e tanta formoſura.
Oh Hymenêo, oh dia venturoſo,
Eſpoſa digna de taõ digno Eſpoſo!

CANTO.

Á Rainha Fideliſſima N. Senhora, chegando de Heſpanha da amavel companhia do Rei Catholico.

NAÕ vou cantar de Ariadna, e Fedra
Os votos ás Imagens fabuloſas,
Com que inda a louca Idolatría medra,
Nem mais Canto das Syrtes perigoſas
Os negros corações de dura pedra,
A quem ſó tocaõ ſerpes venenoſas,
De que foge o Piloto ao Mar voltando,

Do curvo lenho as velas desatando.
Nem daquelles Tyrannos, que presumem
Naõ deixe Troya do que foi vestigios,
Ou que ainda as cinzas de Carthago fumem,
Que o mesmo estrago lá dos campos Frygios
Nos seus naõ vendo todos se consumem
Esquecidos dos bons santos prodigios
Dentro dos fortes Africanos muros
Só daõ cultos a Idolos perjuros.
Musa, tu me encaminha, tu me inspira
Taõ divino saber, tal suavidade
Que o Mundo se suspenda ao som da lyra;
Das Hespanhas eu canto a nova idade,
Os feitos de que a Europa se admira,
As proprias justas Leis da Sociedade,
Mas oh Nynfa, primeiro a louvar vamos
A vinda da Rainha, que adoramos.
Bem como o louro Sol a linha passa,
Os fogosos cavallos açoitando
D'hum Polo a outro Polo a luz, e a graça
Em curvo movimento assim levando
Já quando a feia noite desenlaça
O negro manto os ares enlutando,
Deixando o Mundo a suspirar saudoso
Daquella luz, que o torna venturoso.
Assim se ouvia suspirar Lisboa
Em quanto sobre a praia reluzente
Reverberar naõ vemos da alta coroa
A luz, que desejamos permanente,
Mas apenas chegou, em coro soa
Por huma, e outra parte em toda a gente
O gosto derramado em ternos peitos,
Vendo os justos desejos satisfeitos.
Chegou a Portugal do berço antigo,
Aonde o cáro Irmaõ dá Leis ao Mundo,

A Rainha da paz, que louvo, e sigo,
De quem foge a discordia, e odio immundo,
Já naõ ha coraçaõ que seja imigo,
Uniraõ-se as Nações, prazer jucundo
De Amalthea renova-se o thesouro,
Vem Lusos, e Hespanhoes, e idade de ouro.
Em Throno luminoso a Lusa gente
Respeita a Prole do consorcio Augusto,
Em quanto em duro bronze reluzente
Se grava o seu governo inteiro, e justo,
Já mais aos Portuguezes levemente
Póde assombrar o macilento susto
Tendo na Mãi a Deosa protectora,
Tendo na Filha a Augusta Defensora.
Esqueçaõ-se dos Seculos passados
Semiramis, e outras semelhantes,
De cujos feitos inda saõ lembrados
Os seus louvores pelos mais distantes;
Essas mesmas, que em vasos delicados
Bebéraõ cinzas de Hymeneo amantes,
Naõ tem seus Bustos lá no sacro Templo
Como a Rainha da virtude exemplo.
Ouvi, ó Grande Rei, meu doce canto,
Das Hespanhas Senhor em grande parte
O meu estylo ajudai (bem pode tanto
Quem déra aos seus taõ novo engenho, e Arte)
Já a louvar-vos minha voz levanto,
Thalia em coros as irmãs reparte,
Em quanto a sã Prudencia, e a Piedade
Entalhaõ vosso nome á Eternidade.
Famosos Capitães, que o Mundo inteiro
Sobjugastes a golpes denodados,
Em cujos peitos o poder guerreiro
Formou os corações mais esforçados,
Em tudo vos venceo Carlos terceiro,

Tem-

Tendo na paz os seus disciplinados,
E como sabio Rei, e Heróe valente
Vivirá respeitado eternamente.
Suspende, oh Musa, agora a doce Lyra,
Basta o Mundo a cantar justos louvores
Dos dous Irmãos, que o Orbe todo admira,
Ambos Monarcas, ambos bons Senhores,
Nem para os vindouros o seu nome espira,
Dá-lho a Igreja de justos Defensores,
Sendo nesta immortal rara memoria
De Hespanha, e Portugal igual a gloria.

PELO RESTABELECIMENTO da saude da Rainha N. S. a Senhora D. Maria I. nas vesperas do fallecimento de seu Pai o Senhor D. José I.

CANTO.

I.

EU naõ canto de Troya a guerra ardente,
Rotos muros, castellos derribados;
Nem a força de Achilles reluzente
Terror dos Capitães mais esforçados;
Só canto aos Portuguezes docemente
Venturas nunca vistas dos passados,
Aprazíveis melhoras recebidas
Do alto Ceo por dar vida a tantas vidas.

II.

Quando os cavallos lucidos bufando

Sobre o artico Pólo appareciaõ,
Em ſuave rocio transformando
O alento, que nos ares eſparciaõ:
Ao Principe das horas vem tirando
Sobre o carro de luz, q'airoſos guiaõ:
Moſtrando ſobre as nuvens prateadas
De vivo fogo as crines eriſſadas.

III.

Já ſe hia deſcubrindo o naõ maduro
Parto da Luſa gente ſuſpirado,
Quando o irſuto Inverno aſpero, e duro
Sacudia o cabello deſgrenhado:
Dourado eſtava o Oriſonte eſcuro,
E o feliz Povo Luſo alvoroçado
Ás vozes da alegria, que ſoavaõ
Os cançados dormentes deſpertavaõ.

IV.

A fama, que ſuſpenſa do alto eſteve
Mal que eſcutou a nova appetecida
Sobre as azas librando o corpo leve,
A deixou no Univerſo deſparſida,
Annunciou o bem que Lyſia teve
No feliz parto, na ſegura vida
Da que une em Auguſtiſſima alliança
Heſpanha, Portugal, Auſtria, e Bragança.

V.

Quando na Auguſta Divinal morada
Do eſtellifero Olympo omnipotente
Soltando a voz dos orbes reſpeitada
Fallava aos Deoſes Jóve omnipotente,
Crecendo vai a Prole abençoada
De Henrique vencedor da Moura gente,
Que por feitos Marciaes de immortal gloria
Gravou mil faſtos de valor na Hiſtoria.

VI.

VI.

Nos Ceos, e terras o prazer gyrava
Quando a negra moleſtia a Regia porta
Incſperadamente já trilhava
Deixando a gente de pezar abſorta:
O amado Eſpoſo as lagrimas ſoltava;
E ſó a afflicta Corte ſe conforta
Vendo que o juſto Ceo guardar devêra
O que no campo a Affonſo promettêra.

VII.

Quaes ſoltas ondas, que no Mar furioſo
Se vaõ humas, a outras ſuccedendo,
E a verde eſpalda de Neptuno undoſo
Sempre incaſadamente aos Ceos erguendo,
E depois com ruido impetuoſo
Vaõ os profundos pegos revolvendo,
Té que na ruiva arêa ſe deſata
Em brancos montes a eſpumoſa prata.

VIII.

Aſſim corriaõ Grandes, Magiſtrados
Á triſte voz, que afflictos eſcutavaõ,
Alli ſe ouviraõ referir cuidados
Com palavras que d'alma ſe arrancavaõ,
Em cryſtallinas lagrimas banhados,
Mil ais de fundo peito deſatáraõ:
Entre eſperanças vacillando o ſuſto
Em torno ſempre do Palacio Auguſto.

IX.

A Jupiter ſe inclina cuidadoſo
O coro das virtudes reverente,
Supplica terno, que olhe piedoſo,
Para a affligida Luſitana gente:
Ouvio o voto o Nume poderoſo,
E manda que Mercurio velozmente
A rogada Saude reconduza

A

A Regia ſala da Princeza Luza.

X.

De reluzentes flores coroada
A Saude gentil dos Ceos deſcia;
Como depois da negra trovoada
Apparece aos Mortaes riſonho o dia;
A pallida doença maniatada
Ao negro Orco caminhar ſe via:
Onde gema em maſmorra tenebroſa
Entre as ſombras da noite pavoroſa.

A FELIZ ACCLAMAÇAÕ *da Rainha Noſſa Senhora, a Senhora D. Maria I.*

OITAVAS.

I.

ENTRE os ſegredos da futura idade
Guardado tinha o Ceo aos Luſitanos
De Juſtiça hum theſouro, e de piedade,
Que naõ haviaõ de exhaurir os annos:
Prometteo-lhe mais alta Poteſtade,
Do que tiveraõ Perſas, e Romanos:
Tendo dado em preſagio á Luſa gente,
O abrir as roxas portas do Oriente.

II.

O claro Hyperion Thetis deixando
De Phlegon, e Pyrois as iras doma:
E o refulgente carro indireitando,
Hora huma redea ſolta, outra hora a toma,

Elles os aureos freios mastigando
Sacodem já pulando a ignea coma:
E pelas hermas, e azucis campinas
Vaõ desparcindo luzes diamantinas.

III.

Víra Protheo, que pelo vasto Argento
As Lusitanas náos empavezadas
Hiaõ rasgando cum benigno vento
De Thetis linda as líquidas moradas:
Pelas margens do Téjo em largo augmento
Gados, e sementeiras ondeadas:
Toucados de verdura os altos montes,
Os prados rindo, rindo os horisontes.

IV.

Passa veloz o Ibero Gaditano
Em cujo estreito achou hum fim ditoso
De seus trabalhos Hercules Thebano,
E onde Atlante sustenta o Ceo formoso,
E exaltando o fixo do Oceano,
O aureo Téjo busca presseroso,
Onde quiz no Occidente pôr limite
Ás suas crespas ondas Amphitrite.

V.

Sem que de estranhas forças obrigado
Fosse para a Profetica Cantiga;
O prazer de que o peito tem banhado,
A celebrar os Lusos Reis o obriga:
Voluntario soltando o doce brado,
Com que as vagas horrisonas mitiga;
Nestas vozes tirou do peito escuro
A presente ventura, ó bem futuro.

VI.

Salve, do Luso Imperio alta Cabeça,
Das Cidades Rainha Soberana,
Cujo poder permitte o Ceo, que cresça,

Mais

Mais do que coube a gente Luſitana.
Coroada de joias appareça
Competindo c'o Sol tua fronte uſana:
E com riſonho, placido ſemblante,
Glorioſa proſegue, e triunfante.

VII.

De Manoel o tempo affortunado
Renovar-ſe outra vez, verás contente:
Vem de Saturno o Seculo dourado
Com a paz, e a abundancia juntamente;
Lyras, e ſubtil plectro apparelhado
Tenha a grata Naçaõ continuamente:
Que altos feitos verá de Aſtrea, e Marte,
Mais do que cantar pode engenho, e arte.

VIII.

Naquelle Throno Auguſto, que elevado
Se deviſa em paſmoſa Arquitectura;
Co'a fé o puro amor ſerá jurado,
Que o coraçaõ de longo tempo jura,
Bem que de antigas Cortes o Sagrado
Expreſſo voto a gloria te ſegura:
Naõ fora mais prudente, ou mais ditoſa
Se foſſe livre a eſcolha venturoſa.

IX.

Aſſáz tem caſtigado o Ceo iroſo
As perverſas maldades commettidas;
Bramio da Terra o centro pavoroſo,
Que altas torres proſtrou ao Ceo erguidas,
Inflammou-ſe Vulcano furioſo,
Eiſ-que aſſoprando as chammas incendidas,
Te cobrio com ſua maõ affogueada
De parda cinza a fronte torreada.

X.

Mas faltando no tempo o incenſo puro,
E proſeguindo a feia iniquidade;

Com

Com feroz ira veio Marte duro,
Surdo ás vozes de magoa, e de piedade.
As negras margens do Averno escuro
Povoou com fatal ferocidade:
Envolvendo nas vestes luctuosas
Chorosos Orfãos, miseras Esposas.

XI

Mas naõ ficáraõ ainda assim punidas
Muitas acções que o Ceo vio criminosas,
Quantas gentes naõ foraõ sobmergidas
Nas entranhas da terra cavernosas.
Quantas perdêraõ as cançadas vidas
Nas Africanas terras estuosas.
Até que os Ceos as iras depozeraõ,
E os vossos sacrificios recebêraõ.

XII.

A nova luz do maís ditoso dia
Vai resurgir ao Povo Lusitano:
Nóvos bens ao Governo de Maria
Guardava só o Numen Soberano.
O premio da piedade em companhia
Vem animar o virtuoso Humano:
Honra-se o merito, honra-se a sciencia,
Honra-se das virtudes a excellencia.

XIII.

A liberdade quebra os ferros duros,
Que tinhaõ mãos, e pés manietados;
E os porticos dos carceres escuros
Ficaõ de algemas, e grilhões juncados.
Sobem dos corações os votos puros
Aos Numes, de onde os bens saõ derivados.
Oh fructo da Piedade Soberana,
Que recordas do Ceo a gente humana.

XIV.

Resplandece a geral Beneficencia

Dan-

Dando á Nobreza opprimida augmento,
Que imite das virtudes a excellencia
Dos que foraõ da Patria o ornamento.
Sobem á sua antiga preeminencia
Os que herdáraõ dos mais o luzimento:
Porque vejaõ no premio, que recebem,
Que as virtudes tambem herdar lhe devem.

XV.

Empunhe pois os cem clarins a Fama,
E desde o leito, onde morre o dia,
Até onde nascer, diga que acclama
Maria, e Pedro a Lusa Monarquia:
Que naõ he só a Lei, que ao Throno os chama;
Nem o Paterno voto, que o dizia:
Mas o Amor dos Póvos, que os adoraõ,
E o Imperio do Mundo aos Céos lhe imploraõ.

XVI.

Assim cantou Protheo, e o doce brado
Pelas frondosas margens resoava:
O Téjo que o ouvíra recostado
A limosa cabeça levantava.
E de fresca espadana coroado
Por mostrar o prazer, com que exultava;
Sahe elle mesmo ás nítidas arêas
A dirigir das Nynfas as coreas.

MEMORIAL

A Sua Alteza.

SENHOR, se naõ he injusto,
Que hum triste affinando a Lyra
Entre esperanças, e sustos,

As

As cançadas cordas fira
Ante vós, Principe Augusto.
Nos sons que ella der ao ar
Iráõ meus ais de mistura;
E dignai-vos de escutar
Desconcertos da ventura
Que vós podeis emendar.
Em nada á verdade falto,
A dor me aviva a memoria;
E por naõ entrar de salto,
Deixai, Senhor, que esta Historia
Tome o fio de mais alto.
Entre faxas de pobreza
Meus tristes Pais me envolvêraõ;
Desde entaõ em crua empreza
Contra mim as mãos se deraõ
A Fortuna, e a Natureza.
Da terna Mãi abraçado
Fui em silencio profundo,
Com triste pranto banhado
Já antevia que o Mundo
Tinha mais hum desgraçado.
Meu bom Pai debalde quiz
Enxugar-lhe o pranto ardente,
Que ella, alçando-me, me diz
Vem oh victima innocente
De hum amor casto, e infeliz!
Toma os tristes cabedais
Em que o teu fado te lança;
Toma pranto, e inuteis ais;
Entra na funesta herança
De teus desgraçados Pais.
Mas, Senhor, he pouco aviso
Reaes ouvidos magoar,
Mudar de estilo he preciso,

E ſe a dor me der lugar
Unirei pranto com riſo.
Colxete no cabeção
Sahi novo Adonis bello;
Figa no coz do calção,
Carrapito no cabello,
E hum biſcoitinho na maõ.
Sobre ſizudo Galego
Que vaza barril fiado,
Já aos trabalhos me entrego,
E em triſte pranto lavado
Á porta de hum Meſtre chego.
Debalde o bom mariola
Dourava razões pequenas,
Minha dor naõ ſe conſola,
Preſagio talvez das penas
De outro tempo, e de outra eſcóla.
Entre medos, e violencia
Entrar no Latim já poſſo;
E jurei obediencia
A hum Clerigo que era hum poço
De tabaco, e de ſciencia.
Dentre o ſordido roupaõ
Com a pitada nos dedos,
E o Madureira na maõ
Revelava altos ſegredos
Do Adverbio, e Conjuncçaõ.
Era em Grammatica abyſmo,
Honrava o Seculo noſſo,
Porém de tal rigoriſmo,
Que poz na rua o ſeu moço
Por lhe ouvir hum ſolleciſmo.
Entre o *Jota*, e o *I* Romano,
Que differença ſe achaſſe,
Trabalhava havia hum anno,

Obra,

Obra, que se elle a acabasse,
Feliz do Genero Humano!
Em quanto a minha alma emprego
Nestas cançadas doutrinas
Á dourada idade chego
De hir ver as vastas campinas,
Que banha o claro Mondego.
Co'as cabeças mal compostas
Vejo entre gostos, e medos,
Mãi, e irmãs á adufa postas,
Choviaõ Cruzes, e Credos,
Sobre as minhas bentas costas.
Já em rápidas carreiras
Calcava a Real estrada,
Sem chapeo, sem estribeiras,
Já a catana emprestada
Cortava o vento, e as piteiras.
A curta, pobre quantia,
Que ao despedir me foi dada,
Espirou no mesmo dia,
E fui fazendo a Jornada
Quasi com carta de guia.
Mas já vejo a branca fronte
Da alta Coimbra fundada
Nos hombros de erguido monte,
Já sobre a arêa dourada
Vejo ao longe a antiga ponte.
Povo revoltoso, e ingrato
Dentro em seus muros encerra,
Em vaõ de adoçallo trato,
He hum titulo de guerra
A chegada de hum novato.
Paõ amaçado com fel,
E envolto com pranto comia,
Levei vida taõ cruel,

Que peor a naõ teria,
Se fosse estudar a Argel.
Soffri contínua tortura,
Soffri injurias, e assintes,
Lancei tudo em escritura,
E nos novatos seguintes
Fiquei pago, e com usura.
Da bolsa os boses lhe arranco
No fresco Pateo de Sellas,
Pedindo com genio franco
Vinte duzias de tijellas
De gratuito manjar branco.
Sete annos de verde idade
Fui mettendo a dextra maõ
Em multas desta entidade,
Chamou-se boa feiçaõ,
Mas era necessidade.
Achava-me sempre o dia
No tecto os olhos pregados,
A sagaz economia
Revoando nos telhados
Ao conselho presidia.
Gemer em segredo pude,
Que o bom Pai, falto de meios,
Quanto cheio de virtude
Só mandava nos correios
Novas da sua saude.
Quiz de taes ondas sahir,
E algum Porto afferrar;
Quiz ao público servir,
E mandáraõ-me ensinar
A Arte de persuadir.
Triste enganosa Sciencia!
Daõ-lhe louvores, mas falsos,
Dizem que póde a Eloquencia

His

Hir tirar dos cadafalsos
A perseguida innocencia.
Que chega do peito ao fim
Que arranca forçado pranto,
Mas Senhor naõ he assim,
Esta que louvaõ tanto
Só me faz chorar a mim.
Pende da hora opportuna
Sem ella verá rasgadas
As soltas velas que infuna,
Adornaó vestes douradas
Huma escrava da fortuna.
Naõ a vejo em mim frustrada
Só porque pouca me coube;
De si mesma he mal fadada,
A lingua que mais a soube,
Foi em Roma retalhada.
Dezaseis annos gastados
Já no triste Officio vaõ,
Pobres versos mal limados
Puz na vossa Augusta Maõ,
Em dor, e em pranto forjados.
Nelles, Senhor, vos conteí
As minhas longas fadigas,
Hoje o mesmo naõ direi,
Nem co'as lagrimas antigas
Os vossos pés banharei.
Para nova, e justa dor
Peço hoje a vossa Piedade,
Prestai-lhe ouvidos, Senhor,
Funda-se na humanidade,
Merece o vosso louvor.
Rotos os laços do Mundo,
Entre palavras truncadas,
Que bem mostraõ d'alma o fundo,

Orfãs em pranto banhadas
Me entrega o Pai moribundo.
Filhas, já o eſpirito cae,
Já o ſangue gela, e cança,
Meus frios olhos ſerrai,
Ahi tendes a voſſa herança,
Ahi tendes o Irmaõ, e o Pai.
Eu entre tanto ſuſpiro,
Sobre o pranteado leito
Dentre os braços o naõ tiro,
Quebrou junto do meu peito
O ſeu ultimo ſuſpiro.
Senhor, de meios ſou falto,
Mas do Pai que aos Ceos ſubia,
Em nada aos preceitos falto,
Debaixo da campa fria
As cinzas me fallaõ alto.
Vai com maõ igual cortado
Entre os Irmãos infelices
Paõ com lagrimas ganhado,
Que ſem os fazer felices
Me deixa a mim deſgraçado.
Se nos officios ſe approva
Haver augmento, e progreſſo,
Naõ haja tarifa nova,
Naõ ſeja o meu duro acceſſo
Da cadeira para a cova.
Antes que me adorne a fronte
Barrete felpudo, e denço,
E ao Sol no adro do Monte
Enxugando o roto lenço,
Caſos do meu tempo conte.
Antes que as forças ſe vaõ,
E que eu viva agaſalhado
Boldrié ſobre o roupaõ,

E n'uma Botica sentado
Vendo jogar o gamaõ,
Antes que entre vís sequazes
Sendo victima irrisoria
De mil galupins vorazes,
Em lugar de palmatoria
Dê c'o bordaõ nos rapazes.
Tendo dó do meu lamento
Pois que benigno o escutais;
A piedade, e o acolhimento
Saõ das virtudes Reais
O mais honroso ornamento.
Pobres chorosos Irmãos,
Que em mim tem debil columna,
Naõ ergaõ desejos vãos,
Vejaõ na minha fortuna
A obra das vossas mãos.
Proteger a causa honesta,
Ter dos tristes dó profundo,
Trocar-lhe a sórte funesta,
Senhor, a gloria do Mundo,
Ou a naõ ha, ou he esta.
Mas já longa narraçaõ
Vai levando longe a meta,
Já parece, e com razaõ
Mais que papel de Poeta,
Ou Testamento, ou Sermaõ.
Minha dor me fez fallar,
Fiz queixas assáz compridas,
Dignai-vos de desculpàr
Que mostre o enfermo as feridas
A quem lhas póde sarar.

CARTA

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de Villa-Verde.

I.

N'UMA infeliz madrugada,
Antes que o dia esclareça,
Mettido em podre caleça
Puz peito, Senhor, á estrada;
Sahi em hora minguada,
Pois negra traiçaõ me espera,
Homens com genios de fera
Me atacáraõ sem motivo;
Por milagre fiquei vivo,
E devo pezar-me a cera.

II.

Vi revoltosos carreiros
Com duro aguilhaõ armados;
Vi nuvens de páos alçados
Pelos cumes dos oiteiros;
Roldaõ, e o bravo Oliveiros,
Que alta penna heróes declara,
Talvez voltassem a cara,
Que a tantos tremer fazia,
Se nos campos da Turquia
Vissem carreiros da Enchara.

III.

Vi os campos inundados
De gentes vagas, e incertas;
Vi as estradas cobertas

De

De caxeiras, e cajados;
Naõ valem rogos, nem brados,
Naõ valem ligeiras pernas;
A raiva, e o Deos das tavernas
Accendeo tanto os campinos,
Que cuidei que os meus meninos
Teriaõ férias eternas.

IV.

Em quanto no duro chaõ
Meu companheiro arquejava,
Eu muito humilde esperava
Tambem a minha raçaõ;
Bem me lembrou que esta acçaõ
Deslustrava a minha gloria;
Mas naõ pertende victoria,
Nem sabe mover espada
Maõ ha annos costumada
A dar só com palmatoria.

V.

Entre mortaes agonias,
Da bruta gente escapando,
Me fui na sege encaichando,
Mal dizendo as romarias;
Praguejei meus negros dias,
Dias de pranto, e de dor;
Conhecei entaõ, Senhor,
Que só me daõ meus destinos,
Ou carreiros, ou meninos,
Que Deos sabe o que he peior.

VI.

Mas a perda da victoria;
Sirva de abrandar meus fados;
Dem-vos motivo os cajados
De fallar na palmatoria;
Saiba o Principe esta historia,

Ornai-lha com viva cor,
Fazei com que em meu favor
Sentindo affectos diversos,
Lhe motivem riso os versos,
E lhe faça dó o Author.

ODE.

I.

NAÕ o vil interesse de ouro, e de prata,
Naõ a esperança de honras
A minha voz levanta: nem da plebe,
De súbitas catastrofes amiga,
As tumultuosas ondas me arrebataõ.
He só, he só a gloria,
He o amor da virtude quem me inflamma.

II.

De balde os mares túmidos c'o vento,
Que brama, e ronca ao longe,
Tentaõ com furia horrenda a immovel rocha,
Que o grosso rolo d'agua estala, e quebra,
Sobre o fixo cachopo alcantilado:
Em vaõ no ar saltando
Em crespa, e branca espuma cahe desfeito.

III.

Magnanimo Marquez, tu com sereno
Intrepido semblante:
Encarando a fortuna, rugir ouves
Da ingratidaõ o monstro abominavel:
Tu com placido espirito olhas cercado
De imposturas, e affrontas,
Satyras vís, de petulantes momos.

IV.

IV.

Assim, o sabio Socrates constante,
No meio dos algozes
Naõ perde a côr, com animo tranquillo
Empunha, e bebe a taça do veneno:
Assim, tambem o grande Belizario,
Vê, sem torcer o rostro,
Nas inimigas mãos luzir o ferro.

V.

Vós, de quem canta o Mundo heroicos feitos,
Vós, Gregos, e Romanos,
Alçai das campas as myrrhadas frentes:
Vossos premios dizei, dizei que palmas,
Que croas triunfaes vos deo a Patria,
Que em venenos, em ferros,
Em exilios crueis naõ transtornasse?

VI.

Resgai o véo, que os vossos olhos venda,
Alienados Lusos:
Quem deo a maõ á Lysia, que jazia
Em pó, e crespo fumo sepultada?
Quem a máscara rompeo da Hypocrisia?
Quem tirou dentre as trévas,
Á luz do dia, as Artes, e Sciencias?

VII.

Entre louros, e palmas, quantas vezes
Seu nome ao Ceo levaste?
Eu mesmo, eu mesmo vi luzente nuvem,
De alvos Hymnos fender, toldar os ares:
No concavo das tubas sonorosas,
Ainda os écos duraõ,
Ainda alvejaõ famosos obeliscos.

VIII.

Ó vós, nocturnas aves, que enfiadas
Andais c'os torpes bicos,

Qual

Qual a branca faraiva devaftando
As louras meffes do fagrado Pindo.
Hide, grafnai ao longe: neftes campos
Só dous Prognes voaõ,
Só brancos cifnes neftas fontes bebem.

IX.

Naõ fe efcarnece aqui do alheio vicio,
Perfuade-fe a virtude:
Canta-fe hum Peito forte, huma alma Grande:
Efta difficil méta ninguem toca,
Sem primeiro trilhar efpinhos da Arte:
Entaõ ao monte fobe,
Se activo Genio pela maõ o guia.

X.

Affim colhendo os louros... mas aonde
Fraco batel me levas
Das ondas, e dos ventos impellido?
Eftes naõ faõ os Mares, que eu fulcava?
Foi-me da maõ o leme refvelando?
Ó torna debil barco,
Aonde te moftra o rumo a fixa Eftrella

XI.

Pende Aftrea do Rei: faõ os Miniftros
Fieis executores
Das fupremas vontades do Soberano:
Aos noffos olhos faõ inacceffiveis
As Maximas fubtís do Gabinete;
E os Principes da Terra,
Ou máos, ou bons naõ devem fer julgados.

XII.

Muitas vezes o bem as feias roupas
Vefte do mal: os Homens
Naõ acertaõ em tudo: a Maõ potente:
A cujo aceno o Ceo, e a Terra
Devemos humilhar-nos: muitas vezes

Co

Como flores de abrolhos
Nascem dos grandes vicios suas virtudes.

XIII.

Tambem tem manchas triforme Deosa,
Que as ondas prateando,
Nos torna alegre a tenebrosa noite:
Naõ escapou de zoilos atrevidos
O mesmo Author do dia luminoso:
Mas ladrem cães embora
Que sempre he alva a Lua, o Sol brilhante.

XIV.

Almas eu vejo de remorsos cheias
Com as mãos tapando o rosto,
Confusas esconderem-se aos meus versos:
Com vosco fallo, ó vós ao braço ingratos,
Que ás honras vos subíra de alga, e lodo:
Tremei, tremei indignos
Ouvindo a voz terrivel da verdade.

CARTA

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. Martinho de Almeida, estando em Além-Téjo.

A VÓS, que favor me dais,
Illustre, e Sabio Martinho,
Que meu fraco engenho alçais,
E das Letras o caminho
Dentro dellas me mostrais.
Homem saõ, e sem reserva,
Que pondo sangue de parte,

Que

Que vãos respeitos conserva
Nutrido aos braços de Marte,
Com o leite de Minerva.
Vosso servo hoje se atreve
A mandar em má Poesia
Bons desejos que ter deve
Que tenhais paz, e alegria
Mais que o triste, que isto escreve.
Que nessas vastas campinas,
Que assombraõ ermos outeiros
Vivais horas mais benignas
Livres de duros Banqueiros,
Livres de ingratas Nerinas.
Em boa tarde mandai
Farpear bravo novilho,
Com o Conde passeai,
Hide adoçando c'o filho
Justas saudades do Pai.
Ensinai-lhe altas verdades
Aos nossos olhos patentes;
Mostrai-lhe nessas herdades
Os prazeres innocentes,
Que fugíraõ das Cidades.
Que ame a pura singeleza
De que os campos saõ figura,
Que naõ se fie em grandeza,
Que honra he obra da ventura,
E a outra da Natureza.
Mas voltando a nós a maõ;
Vós, Filosofo profundo,
Que conversais com Plataõ,
Vede se lhe achais hum Mundo
Que nos encha o coraçaõ.
Que este em que estamos, Senhor,
Sempre surdo a sãos conselhos,

Volve a róda a ſeu ſabor,
E dízem Pilotos velhos
Que vai de mal a peior.
Quantas vezes nós fallamos
Sobre a ſua natureza?
Quantas mazelas lhe achamos?
Porém temos a fraqueza
De amar o que condemnamos.
O bom Democrito ria
Do que a nós nos cauſa dor,
Elle mui bem o entendia,
Vamos nós tambem, Senhor,
Fazer o que elle fazia.
Dos Homens na vã loucura
Hum pouco meditaremos;
E com alquimia ſegura
Do mal alheio faremos
Para o noſſo mal a cura.
Quando vierdes entaõ,
Corrèremos a Cidade,
Huns que vem, outros que vaõ,
Acharemos á vòntade
Onde mettermos a maõ.
Veremos o vaõ Peralta
Calcando importuna lama,
Que as alvas meias lhe eſmalta
Na eſteira da eſquiva Dama
Que de pedra em pedra ſalta.
Ao Caſaca iremos vello
No moſtrador encoſtado
Sobre o curvo cotovello
Tendo á eſquerda ſobraçado
Gigante chapéo de pêllo.
Alli em regras de dança
Com outros taes converſando

Di-

Dirá que desde criança
Andou sempre viajando,
Que vio Londres, que vio França.
Que gastou grossos dinheiros,
Pois vêr com socego quiz
Cidades, Reinos inteiros:
E jura como em Pariz
Nunca achou cabelleireiros.
Exalta os môlhos Francezes
Dos banquetes que lhe deraõ,
E balbuciará ás vezes,
Fingindo que lhe esquecêraõ
Muitos termos Portuguezes.
Chamará á Patria ingrata;
Murmurará do Governo,
Que de bom gosto naõ trata,
E consente que de Inverno
Haja fivellas de prata.
Em dous minutos emenda
O Mundo que vai perdido,
E quer que com elle aprenda
Em que quadra, e em que vestido
Saõ proprios punhos de renda.
Carregando a sobrancelha
A fallar na Historia salta,
E logo da França velha
Reconta o pobre peralta
Cousas que pescou de orelha.
Faz ao bom Sully justiça,
Que os fios da espada embota
Ao Rei, que em furor se atiça,
E naõ lhe esquece a anecdota,
Que hum Reino vale huma Missa,
Falla em Saõ Bartholomeu,
E quasi que as gotas conta

Do

Do ſangue que então correo,
E ao certo as folhas aparta
Da Hiſtoria que nunca lêo.
  Riremos do ſeu eſtudo,
Porque ſó o tem moſtrado
Em ter chapeo gadelhudo,
Em ter canhaõ cerceado,
E em pôr demais hum canudo.
  Hiremos ouvir mil petas,
Quando mais o Sol ſe empina
Vendo acerrimos jarretas
Junto a Santa Catharina,
Argumentando em Gazetas.
  Hum quer á cabeça dar
Se o Conde d'Eſtaing naõ faz
Trinta Náos deſarvorar,
Outro levanta em hum mez
O cerco de Gibraltar.
  Hum riſcando a terra enſina
C'o a vengala a Geografia,
E nos diz com quem confina
Ao Poente, e ao Meio-Dia
A Georgia, e a Carolina.
  Outro aos Inglezes deſeja
Na Armada o fogo ateado,
E pinta em crua peleja
Dez Lords fugindo a nado
Sobre barrís de cerveja.
  Outro conta os graves damnos,
Que eſta Gazeta declara
Tiveraõ os Caſtelhanos:
E o triunfo Inglez compara
C'os triunfos dos Romanos.
  Ao teu partido ſe afferra
Diz que ainda c'os maſtros rotos

Ao

Ao Mundo faraõ a guerra.
Mas fica vencido em votos,
E leva a breca Inglatterra.
Daõ ao Leaõ furibundo
Gibraltar em justa guerra;
E este concilio profundo
Sem ter hum palmo de terra
Está repartindo o Mundo.
Dado em fim o Inglez a sola
Qualquer dos ditos confrades
Na rota capa se enrola,
E tendo dado Cidades
Nos vem pedir huma esmola.
Dalli, Senhor, voltaremos
Pelas Praças principaes,
Que bellas casas veremos,
Que famosos Editaes
Pelas esquinas leremos?
Chegou Monsieur de Tal
Chymico em Paris famado,
Traz segredo especial,
Hum elixir approvado,
Hum remedio universal.
Naõ pertende ajuntar fundo
C'os grandes segredos seus,
E cheio de dó profundo
Tira pelo amor de Deos
Os dentes a todo o Mundo.
Leremos a outro lado
Onde acceso os olhos puz
Em quarto grande, e estampado,
Sahio novamente a luz
Carlos-Magno commentado.
Na mesma loja haõ de achar
As Obras de Caldeiraõ

Que

Que em bom preço se haõ de dar,
E o Cavalleiro Chrisſtaõ,
E a Arte de partejar.
Deſtas ridicularias,
E de outras taes murmurando,
C'o as noſſas Filoſofias
A tarde iremos gaſtando
Té que dê Ave Marias.
Entaõ já quando em cardume
Sahe gente da Fundiçaõ
Como ſabeis que he coſtume,
E já as viſinhas vaõ
Pedir as viſinhas lume.
Quando a Dama requeſtada
Hum vulto na eſquina vê,
E diz á fiel criada
Que deſça pé ante pé,
E tome o eſcrito na eſcada.
Quando todo o ginja rico
Para caſa a prôa inclina
Por temer facas de bico,
E cuida que a cada eſquina
Lhe lança a maõ o Joanico.
Entaõ, meu Senhor, teremos
Funçaõ de mais alto preço,
A certa Aſſembléa iremos
De huma gente que eu conheço,
Onde á vontade riremos.
Feita a geral cortezia,
Pé a traz ſegundo a móda,
Daremos á Mãi, e á Tia,
E depois a toda a róda
Alto, e malo, Senhoria.
A Mãi já dragaõ formal
Eſpelho de deſenganos,

E

E que por ſeu grande mal
Ha já mais de vinte annos,
Que guarda a fé conjugal.
Poſta da róda no centro
Cruza a perna, meſtra abelha,
E de longe ver-lhe eu entro
Çapatos de ſeda velha,
Bicos de pés para dentro.
A Tia ſéria Mulher,
Que os longos veſtidos ſeus
Ao Carmo manda fazer,
E deſtas, que daõ a Deos
O que o Mundo já naõ quer.
Sente hum deſgoſto infinito,
Que o Mundo a deixe taõ ſedo,
Affecta myſtico eſpirito,
Porém ſuſpira em ſegredo
Pelas cebollas do Egypto.
L'Abbé, que encurta as batinas
Por moſtrar bordadas meias,
E preſidindo ás Matinas,
Vai depois ás Aſſembléas
Cantar módas c'o ás meninas.
He quem lhe rouba attenções,
E lhe accende hum fogo interno,
Trataõ com mil expreſsões,
Diz-lhe quanto ha de mais terno
Nos ſeus Livros de Orações.
Rircmos do tal Dragaõ,
Que tantas figuras faz,
E ſabe com habil maõ
Unir em profunda paz
Babylonia com Siaõ.
Pouco ás filhas fallarei
Saõ feas, e mal criadas,

Mas sempre conseguirei
Que cantem desafinadas,
De saudades morrerei
Cantada a vulgar modinha
Que he a dominante agora,
Sahe a moça da cozinha,
E diante da Senhora
Vem desdobrar a banquinha.
Na farpada meza logo
Bandeija, e bule apparece,
Que mordais os beiços rogo,
Pois saõ trastes que parece
Que escapáraõ de algum fogo.
Em bule chamado Inglez
Que já para pouco serve,
Lança duas folhas, ou tres
De cançado chá que ferve
Com esta a setima vez.
De fatias nem o cheiro
Por mais que ás vezes as quiz,
Que o carrancudo tendeiro
Cançado de gastar giz
Já naõ dá paõ sem dinheiro.
Sahiremos de improviso
Despedidos á Franceza,
E hiremos, pois he preciso
Na vossa esplendida meza
Largar redea á fome, e ao siso.
De tudo nos lembraremos,
A famosa digressaõ
Ao bom Marquez contaremos,
E do vermelho Monçaõ
Mil saudes lhe faremos.
Mas, Senhor, agora vejo
Quanto ao pensamento vôa

Eſtar com voſco deſejo,
Naõ podendo c'o a peſſoa,
Fui ao menos c'o deſejo.
Correo com largueza a maõ,
Eſcrevi mais do que devo,
Foi culpa do coraçaõ,
Quando vos fallo, ou eſcrevo
As horas inſtantes ſaõ:
Quem me ſeja pouco affecto,
Vendo eſtas regras ſingellas,
Dirá com damnado peito,
Que eſcrever-vos bagatellas,
He fallar-vos ao reſpeito.
Mas vós ſois ſábio, e ſois juſto,
Sabeis a quem me encoſtei,
Boileau, que eſcreveo ſem ſuſto,
Fez o meſmo ao Grande Rei,
Fez o meſmo Horacio a Auguſto.

Á Puriſſima Virgem Maria da Conceiçaõ.

IDYLLIO.

VIRGEM incomparavelmente pura,
Centro de Santidade, e de Belleza,
Em meu Canto infundi alta doçura,
Regei a minha Lyra neſta empreza:
A minha alma accendei de hum ſanto fogo,
E ſe acaſo piedoſa ouvis meu rogo
A graça me inſpirai, a ſuavidade,
Com que louvada ſois na Eternidade.

Das

Das eſtrellas a turba ſcintillante,
A roxa luz da Aurora matutina,
O louro Sol no ponto mais brilhante,
A pureza da neve cryſtallina
Raros aſſombros ſaõ de formuſura;
Mas vós, milagroſiſſimo Portento,
Muito mais bella ſois, muito mais pura,
Que quanto a Terra moſtra, e o Firmamento,
Sois eſtrella, que Sol nunca eſcurece,
Reſplandecente Sol nnnca turbado,
Pura neve, que nunca desfalece.
Ainda lá pelas portas do Oriente
O luminoſo reſplandor do dia
Naõ vinha allumiar a mortal gente,
E a morrer no pavor da noite fria
Ainda naõ era a culpa commettida,
Por quem a Graça o Homem via perdida
A culpa original de Adam herdada,
De que vós foſtes ſempre preſervada,
Quando na mente do Creador Supremo
Foſtes, oh virgem ſanta, concebida;
Mas, oh Virgem Soberana, eu paſmo, e tremo,
A idêa ſe revolve confundida,
Huma nuvem me cerra a claridade,
Que eſtrada ſeguirei ſem que tropece
Sou perdido baixel na tempeſtade,
Que ao arbitrio das ondas ſó ſe offrece,
Mas dai-me vós a maõ, e livre ſaia
Eſte flutuante na arenoſa praia.
Vós que trazendo o antidoto celeſte
Contra o funeſto, e miſero veneno,
Que a maõ de Eva eſparzio, vos involveſte
Entre os fios mortaes do véo terreno,
Naõ daquelle que a culpa fez impuro,
Mas n'outro todo Santo, e todo puro,

Pois quem ao Mundo só accender vinha
Aquella luz, que a culpa extinto tinha,
Naõ pode ser possivel que viesse
Entre as horrendas sombras do peccado,
Naõ pode ser que o mesmo Deos fizesse
Seu Sacrario Santissimo manchado.
Nesse instante feliz tremeo o Inferno,
E o Rei medonho desse abysmo eterno,
As mãos firmando no furor dos dentes
Despadaçou o Scepro das serpentes,
Abrio-se o Ceo, e sobre o Mundo impuro
Chuveiros derramou de alta piedade,
As sombras penetrou do limbo escuro
Huma confusa, e estranha claridade,
O ingrato Adam dos filhos rodeado,
Que os olhos affirmavaõ suspendidos,
Tres vezes proferio alvoroçado,
Amados filhos, somos redemidos.
Vio-se hum Throno de nuvens transparentes
Sobre os hombros dos Anjos sustentado
De aureos festões, de estrellas resulgentes,
E de outros resplandores adornado,
Sobre elle huma Matrona se sustinha
Que huma feroz serpente, e branca Lua
Debaixo de seus pés nevados tinha
De estrellas scintillantes coroada,
E da brilhante luz do Sol ornada,
Alli na mais profunda reverencia
Os Angelicos coros se humilhavaõ
Todos com suavissima cadencia,
Hymnos já mais ouvidos entoavaõ
Ao som de acordes lyras, e instrumentos
Que encantavaõ os proprios Elementos,
E entre louvores mil alli se ouvia
Soar o Santo nome de Maria.

Oh

Oh rara! oh Sacro-ſanta maravilha
De Deos omnipotente Mãi, e filha,
Extremo Mar de graça ſempre claro,
Oh Rainha dos Ceos, do Mundo amparo!
Quanto ſublime ſois, quanto admiravel,
Oh como eſtais piedoſa conſolando
Dos afflictos a turba innumeravel,
Que buſca o voſſo abrigo, e eſtais chamando
Os que cegos ſeu damno vaõ ſeguindo,
E até aos que de vós já vaõ fugindo.
Oh copioſa fonte de piedade
Que ſobre o Mundo centro da maldade,
Correntes derramou de paz conſtante,
Tanta graça, e belleza em vós ſe encerra,
Que hum prodigio ſemelhante
Nunca vio, nem verá o Ceo, e a Terra.

Ao Fideliſſimo Rei Noſſo Senhor D. Joſé I.

O D E.

QUE novo impulſo, oh Deoſes! me arrebata,
Que eſtranha, que forçoſa vóz eſcuto,
Que me aſſombra, me anima, e perſuade!
Que gentil Deoſa he eſta, que me chama.
Ornada ſó dá pompa da belleza,
Que teve a Natureza.
Oh quantas glorioſas maravilhas,
Dignas de alto louvor me eſtá moſtrando!
Ah ſim! Eu eſta Deoſa já conheço,
He a pura, e a candida Verdade,
Que me incita, e diz, que as córdas fira

Promptamente da Lyra :
Já huma nova luz me accende a idéa,
O Canto, a rouca voz ſe me transfórma,
Que eſtranho, que agradavel monte pizo!
Naõ, naõ he eſte o Menalo, os Paſtores,
Já naõ vejo as cabanas, nem os gados,
Saõ outros eſtes prados,
Outra relva, outras flores, outras plantas
Adornaõ eſtes valles, eſtes ramos
Naõ fazem ſombra, luzes reverberaõ
Eſtas flores ſcintillaõ como Eſtrellas,
Como rebenta pura aquella fonte
No mais alto do monte.
Que cyſnes nunca ouvidos vaõ cantando
Sobre as correntes! Que formoſas Nynfas
De entre as tremolas ramas vem ſabindo!
Que ſuaves Genios voaõ pelos ares!
Eu naõ ſei que eſtou vendo! Eu imagino,
Que eſte monte he Divino!
Que Eſtatuas, que Padrões de Heróes Antigos!
Mas que Varaõ he eſte portentoſo,
Que ſobre hum Regio Solio ſe apreſenta,
A quem o meſmo Jóve a fronte cinge
De hum Diadema immortal! Que variedade!
Que Heróe! Que Mageſtade!
Que eſplendor no ſemblante Soberano
Lhe ſcintilla de juſto, e de piedoſo
Como inviolavel, como igual ſuſtenta
A pezada balança da Juſtiça!
Só póde ſer Joſé, aquelle Auguſto
Sabio, prudente, e juſto:
Dous robuſtos Anciãos de longa idade
Por cujos eſcabroſos peitos deſcem
Cheias de creſpa eſcuma as cans ondoſas,
Hum de eſpadanas cinge, outro de palmas

Os

Os limoſos cabellos gotejando
Os pés lhe eſtaõ beijando,
Oh como reverentes as Virtudes
Os degráos do alto Throno vaõ ſubindo!
Já para recebellas ſe levanta,
Qual a maõ, qual o regio manto beija!
Já as manda aſſentar ao dextro lado,
Que tem de hum Sceptro ornado,
Mas que diverſo eſpanto me horroriza
Quando em tantos prodigios me elevava!
Lá n'hum profundo, n'hum diſtante valle
O medonho pavor ergue a cabeça,
E por mais que levante a negra fronte
O cume naõ vé do monte:
Já eſcuto mil gritos eſpantoſos,
Que lá do mais profundo vem ſubindo,
Que rugido de aſperrimas cadeas!
Que vejo! que horroroſo cadafalſo!
Alli gemem em aſperas correntes
Os vicios inſolentes:
Alli ſe eſtaõ punindo os torpes crimes,
N'hum patibulo infame ſe apreſentaõ
Os impios, e funeſtos delinquentes:
A enſanguentada róda do caſtigo
Move a Preguiça em pena de ſeus erros,
Ligada em duros ferros:
Já ergue a vagaroſa voz cançada,
E antes que acabe as languidas palavras
Tres vezes abre a ſomnolenta boca,
Sobre o brando leito naõ eſtende
Os molles braços, já na lida eſtranha
De ſuor o roſto banha:
Oh gente fórte? diz, quanto enganada,
Que deſprezais o placido deſcanço
Pelo terrivel pezo da fadiga!

Que

Que mudais o preciso, e doce somno
Em zeloso, e sollicito cuidado!
Oh tempo desgraçado!
Só depois que da Lusa Monarquia
O regio Sceptro impunha, as redeas move
O incançavel José, sempre opprimida
Geme em servil, e trabalhoso emprego,
Sem paz, e sem socego:
Que fruto conseguís, ou que alta gloria
Ver em ricos Altares collocadas
As Artes engenhosas, e as Sciencias,
Florecer o Commercio, e dilatar-se
Pela Regiaõ mais provida, e distante,
Ver-se o Povo abundante!
Sim esta gloria tendes conseguido,
Mas á custa talvez do vosso sangue!
Quantos! quantos no Mundo sobre o Thronó
Os Sceptros a meus pés cahir deixáraõ?
Mas que maior façanha, ou que victoria,
Que do descanço a gloria!
Que espirito infatigavel será este,
Que tem os meus Dominios abatido?
Que naõ só nega incenso a meus Altares,
Mas as minhas Estatuas atropela?
Que á abominavel sombra só se abriga
Da escarnada fadiga:
  Mas oh! Que outro espectaculo funesto!
Ao longe vendo estou hum largo campo,
Por onde ensanguentados rios correm
Coberto de cadavres palpitantes
De frios córpos, membros destroçados,
E de esquadrões armados
Saõ do Moldava, e do Danubio as margens,
Triste Danubio! Misero Moldava!
Como! como apressado vai correndo

Por

Por voſſos campos a terrivel guerra,
Nos olhos ſe lhe accendem chammas de ira,
Labaredas reſpira!
As balas pelos ares aſſoviaõ,
Retumba o ſom das armas encontradas,
Pelos diſtantes valles ſe dilataõ
Dos fortes bronzes os trovões horrendos,
Como aſſuſtadas as montanhas tremem,
Dos frios ares gemem:
Já rebentaõ as horridas bombardas,
Cahem as ſoberbas torres das Cidades,
Cahe ſobre o morto filho a Mãi ferida,
Vagaõ tremendo as timidas Donzellas,
Huns em vaõ fogem, outros cahem abſortos,
Vem ſe a montes os mortos;
Infeliz gente, miſeros vaſſallos,
Impacientes os encurvados velhos
Em vaõ ás fortes armas ſe arremeçaõ,
Em vaõ porque opprimidos ſó do pezo
Cahem por terra, lá morrem deſgraçados
Da turba atropelados:
Mas oh! que differentes vejo os campos,
Que venturoſo o Tejo vai regando!
Como nelles deſcança ſocegado,
Moſtrando lá no centro a arca de ouro,
Deſatando da urna tranſparente
A liquida corrente;
Como por alli move os brandos paſſos,
Segura a ſanta paz em toda a parte,
Voltando vai os ſeus olhos ſerenos,
Sem que aſſuſtada timida eſtremeça!
Alli naõ vê de Marte a maõ armada
Vibrando a forte eſpada:
Naõ fere, nem atroa ſeus ouvidos,
O ſom medonho da Marcial trombeta,

Do-

Doces Hymnos eſcuta ao ſom das Lyras,
Que em ſeu louvor as Nynfas vaõ cantando,
Tudo he reſpirar tranquillidade,
Oh venturoſa idade!
  Só vê a loura Ceres, que deſcança
Á ſombra de frondoſos arvoredos
Sem temer que os guerreiros inimigos
Lhe roubem, ou deſtruaõ as ſearas,
Que ondeaõ pelos campos, vê os prados
De rebanhos povoados;
  Alegre vê ſaltar na ſecca praia
De mil riquezas cheio o Commerciante,
Outro poem ſobre as ondas ſeus Theſouros,
E já ſoltar as velas manda ao vento,
Já rompe os Mares, e da Patria cára
Contente ſe ſepára:
  Vê os deſtros Artifices lavrando
Dos porfidos, e marmores precioſos
Lizas columnas, hiſtoriadas baſes,
Soberbos muros, torres levantadas,
Porticos grandes, Templos ſingulares,
Sacro-Santos Altares:
  Alli vê levantar de branco jaſpe
Eſtatuas immortaes ao Pai da Patria,
A vós, Senhor, a vós, Monarca Auguſto,
Merecedor mil vezes deſte nome,
A vós, Sublime Heróe, a quem devemos
A gloria em que vivemos:
  Vinde, Póvos diſtantes, puro incenſo
Em nuvens voe de cheiroſo fumo,
Proſtar-vos vinde aos pés deſtas Eſtatuas:
Ah Sabio Rei! que conhecer fizeſtes
O nunca viſto ſem igual Theſouro
Da bella idade de Ouro.

Á Mocidade Portugueza.

O D E.

AFASTOSA indolencia,
Tarda preguiça, e molle ociosidade
Tiveste por sciencia,
Infeliz Lusitana Mocidade.
Viste passar, cahindo de erro em erro
Barbaros dias, Seculos de ferro.
Parece naõ tocada
A arêa, que já foi por tantas vezes
Com o suor regada
Dos sabios, dos antigos Portuguezes,
Que em premio das fadigas alcançáraõ
Os verdes louros de que a frente ornáraõ.
Longe de seus altares
Jaz a Deosa, que horror! posto em desprezo.
Cobre de sombra os ares
Deos do trovaõ; hum raio de ira acceso
Vingue a filha do Ceo. Os Mundos tremem,
O Sol desmaia, o vento, os mares gemem.
A face descorada
No monte azul, c'o a propria maõ esconde
Por naõ ser coroada
A Ignorancia, que insulta, e que responde,
Que em seus annaes escreve por façanha
Ter sobjugado a generosa Hespanha.
Mas ella vê por terra
Todo o seu culto a cinzas reduzido.
Faz-lhe improvisa guerra
Raio consumidor do Ceo cahido.

Nem

Nem ha portas de bronze, ou muros de aço;
Tudo cede ao poder de Augusto braço.
Aos cegos Africanos
Vôa a superstiçaõ buscando asylo.
Fanaticos enganos
Tornai ás margens do encantado Nilo;
E o negro monstro, que se expoem sereno
Ao ferro, ao fogo, ao laço, e ao veneno.
A perfida impostura
Nem sempre ha de reinar: hum claro dia
Aparta a nevoa escura
Do teu Templo, immortal Sabedoria:
Gemem das aureas portas os ferrolhos,
E a desusada luz offende os olhos.
Aquella maõ robusta
Dos Herculeos trabalhos naõ cançada
Naõ treme, naõ se assusta!
Quando te leva aos astros adornada
Do nativo esplendor, e Magestade,
Qual já te vio de Roma a bella idade.
Assim depois que dura
Seculos mil essa ave portentosa,
Da mesma sepultura
Resuscita mais bella, e mais formosa
Para admirar de nova gloria chea
Os áridos desertos da Sabea.
Ó candida verdade,
Filha da immensa luz, que o Sol conserva
Illustra em toda a idade
Este Sagrado Templo de Minerva.
Digna-te ser, pois vens do assento ethereo,
A Deosa tutelar do nosso Impireo.
E vós, ou vos criasse
A nobre Lysia no fecundo seio,
Ou já nos convidasse

Amor

Amor das Artes no regaço alheio,
Cortando os Mares, desde as praias onde
O ouro nasce, e o Sol o carro esconde.
Pizai cheios de gosto
Da bella gloria os asperos caminhos:
Em quanto solta o rosto
O fraco, o inerto á vista dos espinhos.
E fazei que por vós inda se veja
O Imperio florecente, e firme a Igreja.
Longe do féro estrago
Os pomos de ouro colherei sem susto.
O sibilante Drago
Cahio sem vida aos pés do Throno Augusto.
E ainda tem sobre a testa formidavel
Do grande Heróe a lança inevitavel.
Enchei os ternos votos
Da nascente esperança Portugueza.
Por caminhos remotos
Guia virtude ao tempo da grandeza.
Ide, correi, voai, que por vós chama
O Rei, a Patria, o Mundo, a Gloria, a Fama.

FIM.

ERRATAS.

Pag. 199, na Nota, buscar... lea... abusar.

INDICE.

CARTA ao Editor. 3
Progresso da Navegaçaõ, e Commercio depois do descubrimento da Bussola. 10
MEMORIA ácerca das qualidades, e uso dos Salgueiros, e o melhor modo de os cultivar
— *Differentes especies de Salgueiros, e suas qualidades.* 24
— *Principaes usos para que serve o Salgueiro.* 25
— *Da cultura ordinaria do Salgueiro.* 28
— *Maneira de fazer hum Salgueiral.* 30
— *Melhor methodo de cultivar os Salgueiros para lhes tirar lucro.* 32
Plantaçaõ dos Carvalhos. 33
RECEITA *para dar á seda hum amarello côr de palha.* 35
— *Para tingir lã, ou linho de roxo, que naõ desbote.* 36
— *Para fazer huma caldeira de tinta azul, com varias observações sobre o methodo de usar della para tingir seda, ou lã.* 36
Lavagem da roupa branca. 37
Methodo de fazer variar na producçaõ das flores 44
Maquina para aprender a Arte de partejar. 46
METHODO *para fazer huma caldeira de tinta azul.* 51
— *para tingir a lã.* 52
Aviso economico para conservar o toucinho, porco chacinado, presuntos sem criar ranço. 53
Aviso economico a respeito das arvores em geral. 56
Extracto de huma Dissertaçaõ intitulada: Representaçaõ da maneira, por que o Commercio, e liber-

ber-

berdade civil se sustentaõ reciprocamente, &c. 66
Reflexões sobre o sentido da vista, e modo com que se faz a visaõ. 68
Memoria ácerca do modo de preservar o trigo da corrupçaõ, e de o conservar. 85
Questões sobre a Agricultura. 88
METHODO de tingir seda de carmesim. 91
— *para fazer excellente côr escarlate.* 92
—— *côr escarlate para a lã.* 93
Modo de tingir seda, ou algodaõ de escarlate com Fernambuco. 93
RECEITA parr tingir seda, ou algodaõ de escarlate. 94
— *outro Methodo.* 94
Da Plantaçaõ dos Carvalhos. 95
Historia da circulaçaõ do sangue, e explicaçaõ do modo com que se faz. 97
Aviso importante para a Agricultura, e economia rustica. 112
Methodo para se fazerem colchões redondos. 116
Segredo para sacar o ouro, e prata dos galões, sedas, sem queimallos, e sem quebra. 118
Reflexões ácerca dos Estados dos Piratas de Barbaria. 119
Origem do dinheiro cunhado. 123
Methodo para ter excellente semente do canhamo sem prejuizo do linho. 127
Agua para tirar toda a casta de nodoas. 129
Meio singular com que se restituio a falla a hum Doente. 130
Reparos sobre a tinturaria de carmesim, escarlate, e purpura. 131
DISCURSO sobre a educaçaõ popular dos Artistas, e seu fomento.
— *Introducçaõ preliminar.* 132

Con-

—— *Contenda, ou Dialogo entre o trabalho, e a ociosidade*, na nota. 155
—— *Discurso sobre a educaçaõ popular, e fomento dos Artistas.* 171
—— *§. I. Do aprendimento, ou ensino.* 178
DA SOCIEDADE *considerada relativamente ao seu estado exterior.* 185
—— *Cap. I. Da Agricultura.* 190
—— *Cap. II. Da Povoaçaõ.* 192
—— *Cap. III. Das Manufacturas.* 194
—— *Cap. IV. Do Commercio.* 196
—— *Cap. V. Da Marinha.* 209
Discurso recitado pelo Capellaõ do Ministro Francez na America Ingleza, quando se celebróu o Te Deum *no Anniversario da Independencia dos Americanos &c.* 215

CONTINUAÇAÕ da correspondencia de Sir Carlos Wolban com Sir Jorge Bedfort, e Sir Oliveiro Stewert.

Sir Wolban a Sir Bedfort. *Do estado florecente, e Authoridade da Musica, Dança, e Poesia no tempo dos Hebreos antigos, e da antiga Roma. Da corrupçaõ destas tres Artes, e sua actual decadencia.* 218
Sir Bedfort a Sir Wolban. *Refutaçaõ do Systema de Wolban. Defeza dos Modernos contra a mania dos admiradores dos Antigos.* 225
Sir Stewert a Sir Wolban. *Falsas ideaŝ de Wolban combatidas, e reguladas. Utilidade das Sciencias demonstrada. Parallelo dos Antigos, e dos Modernos.* 233

Sir

Sir Bedfort a Sir Wolban. *Continuaçaõ da refutaçaõ do Systema de Wolban. Falsas Noções que alguns Filosofos julgárrõ conveniente darem da vida, costumes dos Salvagens. Razaõ porque este seculo se deve preferir aos seculos passados.* 243
Sir Wolban a Sir Stewert. Do *mais prudente partido que qualquer homem cordato póde tomar entre os Antigos, e Modernos. A razaõ que faz se dê a preferencia aos Antigos, he precisamente a que segura aos nossos contemporaneos a estimaçaõ, o respeito, e a veneraçaõ de nossos vindouros.* 248

PENSAMENTOS, Reflexões, e Maximas moraes do Conde de Oxenstirn.

—— *Do Retiro.* 258
—— *Do Homem.* 260
—— *Da Fortuna.* 262
—— *Do Appetite.* 264
—— *Da vingança.* 265
—— *Da Nobreza.* 267
—— *Do Amor da Patria.* 268
—— *Do Conselho.* 269
—— *Da Economia.* 270.
—— *Do Motejo.* 272
—— *Da Reconciliaçaõ.* 274
—— *Da Calumnia.* 276
—— *Da Soberba.* 277
—— *Dos Amigos.* 278

MODO de tingir lã, cadarso, ou sedas de carmesim. 281

on-

— outro methodo 281

POESIA.

Canto aos felices Desposorios dos Senhores Principes da Beira o Senhor D. José, e a Senhora D. Maria Benedicta. 282
Canto á Rainha Fidelissima N. Senhora, chegando de Hespanha da amavel companhia do Rei Cathelico. 288
Canto ao Restabelecimento da saude da Rainha N. Senhora, nas vesperas do fallecimento de seu Pai o Senhor D. José I. 291
Oitavas á feliz Acclamação da Rainha N. Senhora. 294
Memorial a sua Alteza. 298
Carta ao Ill., e Exc. Senhor Conde de Villa-Verde. 306
Ode. 308
Carta ao Ill., e Exc. Senhor D. Martinho de Almeida, estando em Além-Téjo. 311
Idyllio á Purissima Virgem Maria da Conceição. 320
Ode ao Fidelissimo Rei Nosso Senhor D. José I. 323
Ode á Mocidade Portugueza. 329